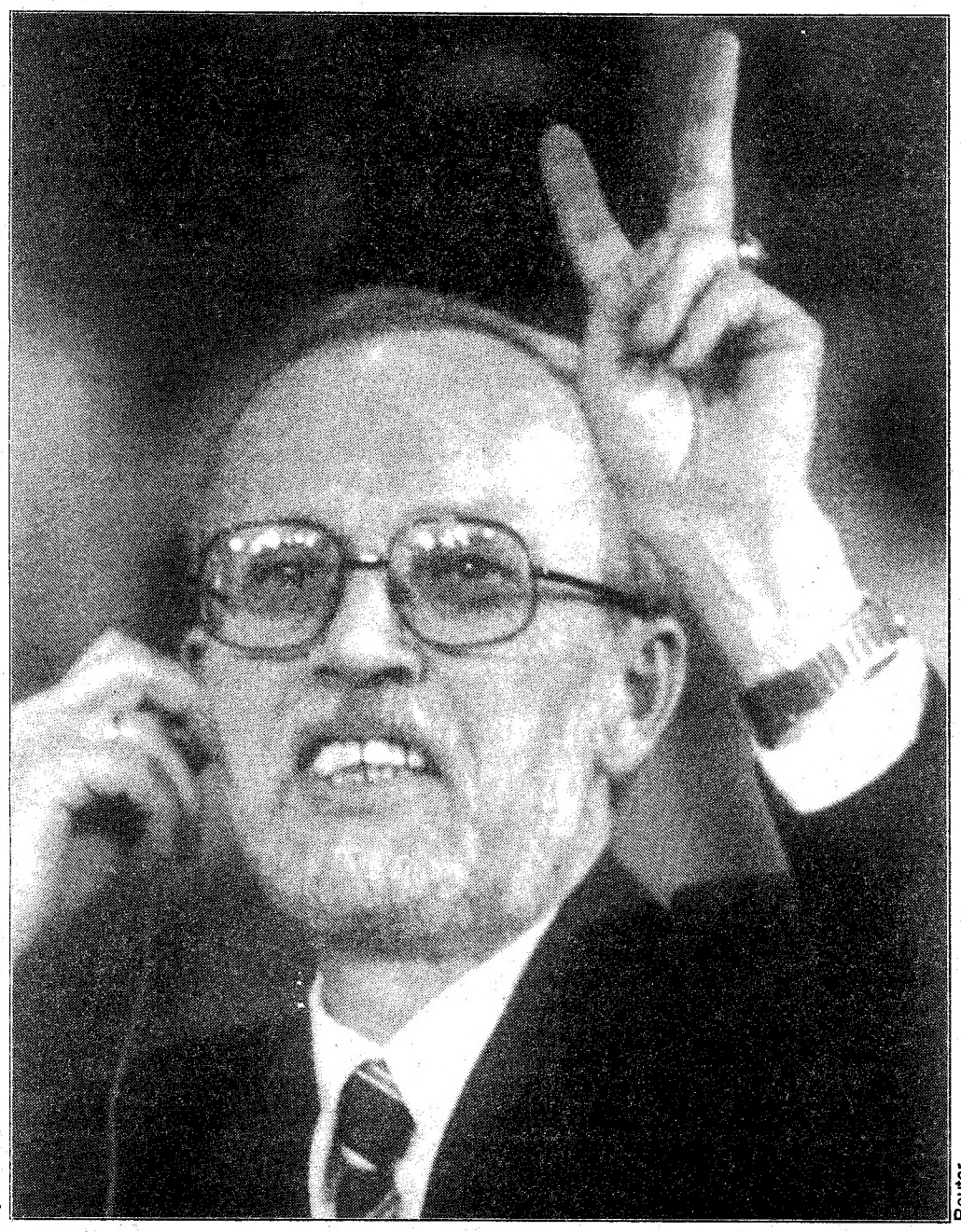
Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23202 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 19 MARÇO 90 60$00

Eleições na RDA

Venceu o Deutsche Mark



Reuter

Dos nossos enviados especiais
Paulo David e Cristina Kripahl

Comentário de
José Sousa Monteiro

A vitória da CDU nas primeiras eleições livres na RDA, em mais de 50 anos, constitui um sinal claro de que os alemães de Leste desejam que a unificação se processe o mais rapidamente possível. Por outro lado, quem efectivamente ganhou ontem, foi o marco ocidental, uma vez que Helmut Kohl já afirmou pretender que a união monetária se concretize ainda este ano. A propósito desta questão, o director da revista Spiegel disse na televisão que "não há grande diferença entre Kohl e o deustche mark". De referir que a moeda alemã federal registou hoje uma forte subida nos mercados ocidentais, segundo a France Press e a Reuter. Com esta vitória, o líder da CDU, Lothar de Maiziére (na foto) será provalmente o último dirigente da RDA.

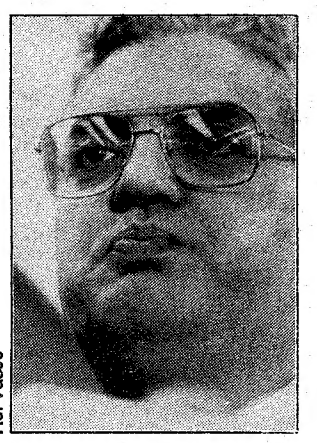
Quase metade dos votantes escolheu os conservadores

Resultado eleitoral favorece unificação acelerada das duas Alemanhas

Uniformização da moeda preocupa Jacques Delors

Descendente de huguenotes será provavelmente o último dirigente da RDA

Págs. 2, 3, 4 e 5



Rui Vasco

Freitas: novo fôlego

Freitas do Amaral conseguiu obter, este fim de semana, a autoridade que há muito reivindicava para liderar o CDS. A partir de agora, é ele o único responsável pelo futuro dos centristas. Poderá chamar a si todas as vitórias mas as derrotas também serão apenas suas.

Págs. 10 e 11

Itália: a «pantera» ganha terreno

Os estudantes italianos da «pantera» manifestaram-se este fim-de-semana em Nápoles, mas não desfilaram sozinhos. Com eles, professores, trabalhadores dos serviços públicos, desempregados e imigrantes «extra-comunitários», ao lado dos quais a «pantera» lutou, em Florença. Hoje, diversas faculdades viverão o fim das ocupações, mas o movimento estudantil averbou já várias vitórias, das quais uma das mais importantes foi a aprendizagem da solidariedade, dentro e fora dos recintos universitários

Pág. 27

DL/RAI

Estudantes, trabalhadores, imigrantes: «A pantera também tem a pele negra»

Plano Collor descontenta empresários brasileiros *Pág. 27*

80 mil contos para totalista do Estoril *Pág. 31*

Portimonense queixa-se de vigarice no futebol *Pág. 29*

Heidegger faz renascer «Filosofia» *Pág. 17*

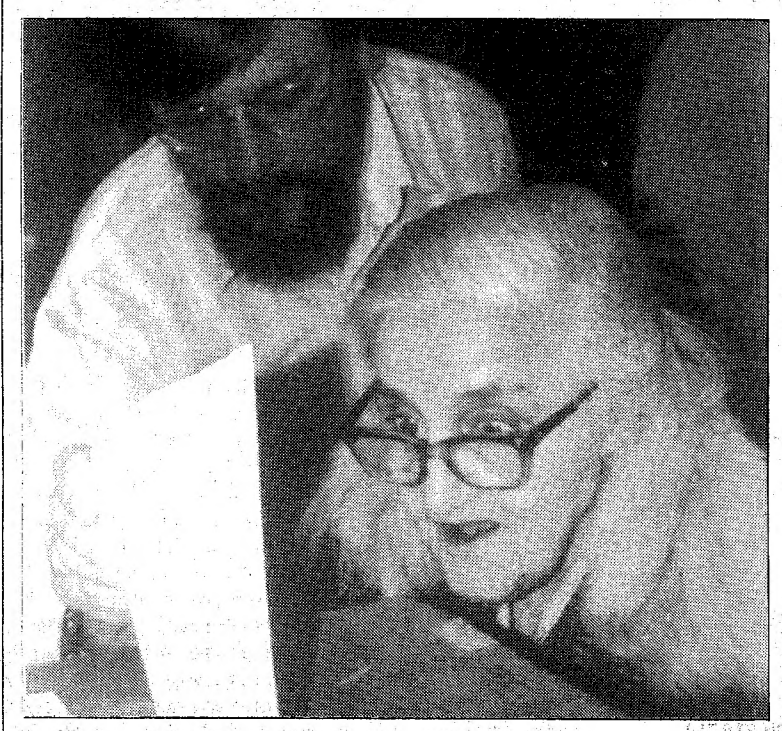
GRANDE ANGULAR

As eleições de ontem na RDA proporcionaram várias surpresas: os números da vitória da Aliança para a Alemanha, a decepção do SPD e os bons resultados dos comunistas renovados

Vitória conservadora na RDA

Lothar de Maiziére, um descendente de huguenotes de 50 anos de idade, será provavelmente o último dirigente da República Democrática Alemã. Presidente da CDU, principal partido da coligação Aliança para a Alemanha, que ontem obteve uma esmagadora vitória nas eleições da RDA atingindo quase a maioria absoluta, vai ser primeiro-ministro de um país que agora caminha rapidamente para a unificação com a vizinha e poderosa RFA.

Os observadores são unânimes em considerar que foi justamente esta rapidez no processo de unificação, proposta pelos conservadores, o factor decisivo na preferência que 48,1 por cento dos leste-alemães deram à Aliança e, dentro dela, à CDU. Os cristãos - democratas obtiveram cerca de 41 por cento, enquanto os outros dois partidos da coligação, a União Social Alemã e a Renovação Democrática, tiveram, respectivamente, 6,3 e 0,92 por cento dos sufrágios.



Uma mulher idosa, que talvez tenha votado nas últimas eleições livres em 1932, observa o seu boletim de voto a ser introduzido na urna

Favorito de todas as sondagens até poucos dias antes das eleições, o SPD foi o grande derrotado tendo apenas cerca de 22 por cento dos votos, quando no início da campanha a maioria absoluta era considerada uma hipótese viável. Mesmo assim, os sociais-democratas poderão vir a desempenhar um papel importante nos próximos tempos já que Maiziére declarou - logo após tomar conhecimento das primeiras projecções que lhe davam a vitória - a disponibilidade da Aliança para a Alemanha de se alargar a outras forças políticas, sobretudo ao SPD, cujos 87 deputados, somados aos 193 obtidos pelos conservadores, são suficientes para perfazer os dois terços necessários no parlamento (de 400 lugares) à alteração da Constituição da RDA, no sentido da unificação.

Comunistas renascem das cinzas

Se as sondagens não advinhavam os retumbantes números da vitória dos conservadores, também não previam o relativo sucesso obtido pelos comunistas, liderados pelo actual primeiro-ministro Hans Modrow, cujo Partido do Socialismo Democrático (PDS) atingiu os 16,33 por cento, bastante mais do que os previstos cinco a dez por cento. Este verdadeiro «renascer das cinzas» dos comunistas renovados, coloca-os como terceiro partido da RDA, embora a defesa de uma economia de mercado enquadrada sob o ponto-de-vista social, agora defendida, não tenha muitas semelhanças com o antigo programa do SED de total centralização aplicado ao país durante mais de 40 anos.

Se Helmut Kohl apoiava a Aliança para a Alemanha e Willy Brandt os sociais-democratas leste-alemães, o ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, o liberal Hans-Dietrich Genscher era o principal trunfo dos seus colegas da RDA. O prestígio do seu nome não foi, no entanto, suficiente para evitar que os liberais fossem pouco além dos cinco por cento. Porém, sempre com a intenção de obter os dois terços no parlamento e, neste caso, de assegurar a maioria absoluta, Maziére já se mostrou disponível a inclui-los numa futura coligação governamental, a exemplo do que acontece na RFA, afirmando que as posições dos liberais estão «muito próximas» das defendidas pela aliança conservadora.

Eleitores esquecem Novo Fórum

Também bastante penalizada nas urnas foi a Aliança 90, uma coligação liderada pelo Novo Fórum, que obteve somente 2,9 por cento, quando a meio do ano passado avultava como principal grupo oposicionista ao Governo de Erich Honecker e, posteriormente, ao de Egon Krenz. Os eleitores não demonstraram grande gratidão pela «revolução tranquila» que o Novo Fórum protagonizou e o seu futuro como agrupamento partidário parece comprometido.

Quanto à vitória dos conservadores ela é tanto mais surpreendente quanto os resultados mais elevados, ultrapassando a barreira dos 50 por cento, ocorreram justamente no sul da RDA, região de grande industrialização, onde se supunha que os partidos situados mais à esquerda, sobretudo o SPD, ganhariam facilmente.

Os sociais- democratas acabariam por obter as suas melhores percentagens nas grandes cidades do norte, principalmente em Berlim-Leste onde atingiram os 35 por cento. A «cidade dividida» seria também benéfica ao PDS, que ali alcançou os 30 por cento. Números que reforçam a surpresa destas eleições, as primeiras livres desde 1932, em que os conservadores levaram decidadamente para o capitalismo clássico um Estado que apenas há um ano era oficialmente denominado de «operário e camponês» e considerado um exemplo do monolitismo marxista-leninista.

Redacção «DL»/AFP

Bom dia, Berlim!

O dia 19 de Março de 1990 amanhece, aqui, em Berlim. Luz ainda frágil, céu limpo, ar fresco contente - já visivelmente contente... - por ir pertencer a um novo dia de calor e Primavera precoce. Em Landgrafenstrasse, no lado ocidental, onde estou, janelas acendem-se, alguns berlinenses já saem de casa, começam a ronronar os motores dos carros.

Do lado de lá da Porta de Brandenburg do lado de lá do Check Point Charlie, do lado de lá de um Muro de Berlim rasgado e morto repetem-se o novo dia, a luz, as saídas para o trabalho, o 19 de Março de 1990. Mas também do lado de lá estão ainda nas paredes os cartazes da campanha que levou às eleições na RDA, serenou e ilumina-se de sol a balbúrdia de ontem no Palácio da República, no Centro de Imprensa, nas sedes e delegações do SPD, do PSD, da AA.

Passa muito ao ar leve, quase clandestina, a memória da Berlim imperial de 1910; passam restos de clamores marciais em 14 e em 40; ouvem-se, não sei onde, ruídos de construções, reconstruções e bombardeamentos; os loucos anos 20 saem, em fantasmas, dos cafés da Avenida Kurfurstendam que já não existem mas onde, nesta noite de ontem para hoje, eles tenham talvez de novo conversado sob a luz tão amarelada da electricidade de então; vidros são estilhaçados pelas pedradas nazis; há no céu um corropio de aviões sonhando os seus vôos da ponte aérea de 49; o Muro cresce ao som das betoneiras em marcha e pelas mãos de jovens alemães, hoje tão velhos; passam muito ao de leve, quase clandestinas, a memória da cultura e a memória do Poder de Berlim, atraídas talvez, ao amanhecer desde o dia 19 de Março de 1990, pela probabilidade de que a unificação alemã faça retornar esta enorme cidade à sua plena condição de grande capital europeia e capital, talvez, da próxima Europa alargada.

Bom dia Berlim!

P.D.

O significado da banana na questão alemã

Do nosso enviado especial a Berlim Leste

Aí está, de novo, a questão alemã! Que maçada!

Napoleão III ficou todo migadinho! Os campos de Verdun foram estragados! A Paris, nem toda a altura da Torre Eiffel a impediu de ser calcada pela engraxada bota nazi! Do círculo Polar Ártico, no Norte da Noruega e à Tunísia e das portas de Moscovo até aos cumes dos Pirenéus a colossal e criadora neurose germânica aborreceu-nos a todos de 1939 a 1945, obrigando por fim, calcule-se, o Salazar a apoiar os democratas aliados e, pior ainda, estilhaçando os vidros de algumas das janelas do Palácio de Buckingham!

E, depois, por uma desastrosa falta de imaginação, ao que o teutónico é por vezes sujeito, julgaram os alemães poder imitar a Grande Muralha da China mas mais não alcançaram do que um muro em Berlim; deitaram todas as achas que puderam para o fogo da guerra fria; protagonizaram o «milagre alemão» mas só por empurrão da nossa senhora da Casa Branca; puseram Adenauer e De Gaulle aos beijinhos mas agora vêem com gosto Kohl e Mitterrand jogando à recíproca rasteirada; visitam, regularmente, como pesadelo, o sono polaco, gritando que NÃO querem passar para além dos rios Oder e Neisse mas desde logo sabendo que, para os polacos NÃO em alemão quer dizer SIM (vidée léxico de Adolfo Hitler) e ela ainda, a questão alemã, continua a aborrecer-nos porque não se sabe se a «Neue Deutschland» fica ou não na Nato, se será neutral ou terá gorda tropa para «defender a paz», como diz o chanceler Kohl, nem se sabe se essa Nova Alemanha será a de Bismarck, a de Weimar, a de Hitler, a de Adenauer, a de Willy Brandt ou a de um Gunther Grass que, sempre na sua neurose criadora de «l'enfant térrible de la Germanie», ainda na passada sexta-feira declarava, em Wittenberg, a cidade histórica de Lutero, que os alemães do Leste não devem deixar-se «devorar» pelos alemães ocidentais e que o que mais o assusta é o que a seguir se transcreve: «O que me faz mais medo são os camiões carregados de bananas que constantemente atravessam o Muro de Berlim, do Ocidente para o Leste. A RDA estará a transformar-se na República das Bananas da RFA?».

Tudo indica que sim.

A anedota do senador

Um «intermezzo» sobre o significado da banana na questão alemã.

Berlim Ocidental, Novembro de 1966. Visito, no hospital, um alemão que fugira do Leste. Electricista, 19 anos. Dias antes, com um amigo que foi ferido e preso na tentativa de fuga atirara-se ao rio Spree, que atravessa Berlim e em Novembro é, pelo menos, frio. Mergulhara, passara sob a barreira de arame farpado que o socialismo real lá instalara e chegara ao Ocidente, em estado de algidez. Embora ainda vivendo «do hospital, já pudera sair». Perguntei-lhe qual fora a primeira coisa que fizera ao chegar ao Ocidente, à liberdade. respondeu: «Fui comprar um quilo de bananas e comi-as todas». Vinte e três anos depois, volto a Berlim Ocidental: Almoço no Clube dos Jornalistas e um elemento do Senado de Berlim conta-me a seguinte anedota, passada entre dois jovens alemães, um do Leste e outro do Ocidente.

Ocidente: «Nós temos o capitalismo e temos a liberdade!»

Leste: «Nós temos socialismo e vamos ter liberdade!»

Ocidente: «Nós temos bananas!»

Leste: «Nós temos socialismo e vamos ter bananas!»

Ocidente: «Ah! Sim? Até amanhã.»

Também vinte e três anos depois, 1989, em Tallin, capital da Estónia. Junto com dois alemães do Leste que se encontram naquela República Báltica em viagem de negócios e me parecem um pouco amargurados. Conto-lhes o que ouvira ao jovem electricista fugido do Leste em 1966 e a anedota escutada no recente almoço em Berlim Ocidental. Peço comentário.

Um dos dois alemães do Leste responde, sem alegria:

- Os alemães do Leste são conhecidos, no Ocidente, por «Bananas Tigers». Quando vêem bananas, atacam. A banana é, como símbolo e em paralelo com os Direitos Humanos, relevante nesta nova fase da questão alemã.

A questão alemã? Que maçada.

Paulo David

Delors diz que Bruxelas tem uma palavra a dizer

Unificação alemã inquieta CEE

«Tecnicamente» a perspectiva de uma unificação económica entre a RFA e a RDA, a curto prazo, corresponde a uma adesão à CEE e os alemães devem consultar os seus parceiros europeus sobre esta questão, afirmou Jacques Delors, presidente da Comissão Europeia.

«A RFA deverá consultar os seus parceiros comunitários sempre que tome alguma medida sobre a RDA.(...) Durante as discussões entre os dois Executivos, os representantes» de Bruxelas «serão convocados para dizer: isto é possível ou isto não é possivel», sublinhou Delors.

O comentário do presidente da Comissão Europeia sobre as eleições na Alemanha de Leste foi feita durante o Congresso do Partido Socialista Francês, que terminou ontem em pleno desacordo. Delors manifestou-se surpreso pela derrota dos sociais-democratas Leste-alemães do SPD, liderados por Ibrahim Boehme.

«É a perspectiva de uma unificação económica rápida, talvez pouco dolorosa graças ao marco alemão, que fez a diferença» nas eleições de ontem, na RDA, comentou Delors, sublinhando, no entanto, que «as perspectivas da social-democracia na Europa são boas».

Os alemães de Leste aspiram sumultaneamente «à liberdade e ao bem estar» e a sua atracção por tudo «o que a televisão da Alemanha Federal lhes mostra foi utlizado pelos partidos conservadores e pelo chenceler» Helmut Kohl - acrescentou Jacques Delors.

As reacções do presidente da Comissão Europeia surgem numa altura em que a questão da integração económica das duas Alemanhas é já objecto de previsões dos lideres da CDU - Hemult Kohl, na RFA, e Lothar Maiziere, na RDA. Maiziere declarou inclusivamente que, se a questão da introdução do marco alemão na RDA dependesse do seu partido, ela teria lugar «antes das férias do Verão. Talvez em Junho». Mas Kohl, num debate televisivo sobre as eleições na RDA, foi mais cauteloso nas suas previsões: «antes do fim do ano» - disse.

Mas tudo vai depender, das questões técnicas que se põe a esta integração, como aliás sublinhou o ministro alemão-federal das Finanças, Theo Waigel. Waigel anunciou que a «introdução de marco alemão se fará de um dia para o outro, logo que não haja mais nada a discutir», isto é, «logo que as questões técnicas estejam esclarecidas».

Redacção «DL»/AFP

«Flashes» sobre a emissão da RTL-Plus (canal privado)

Das cinco horas de emissão, registam-se as expressões seguintes, todas em directo:

«As revoluções podem-se fazer de duas maneiras, ou pelo terror ou pela via pacífica. Na RDA e nestas eleições, tivemos a via pacífica: o caminho mais curto é o que vai directo ao dinheiro, e Kohl tem mais dinheiro».

Daniel Cohn-Bendit, *deputado dos Verdes da RFA.*

«Durante 45 anos todos falaram da unificação alemã, sem ninguém abordar as consequências financeiras, e elas agora aí estão».

H. Geissler, *ex-secretário-geral da CDU da RFA*

«Primeiro vem a democracia, tudo o resto virá por acréscimo».

Idem.

«O desporto é um elemento básico do ideal socialista da RDA, enquanto ideal não precisa de financiamentos, mas se o socialismo desaparece, alguém terá de o financiar».

Campeão olímpico da RDA

«Na RDA as rendas vão aumentar».

Otto Lambsdorf, *ex-ministro da RFA*

«Será que a colónia (a RDA) foi anexada»?

Pergunta de um jornalista

«A RFA vai pretender entrar em cheio nos negócios de terrenos da RDA».

Analista de Washington

«Foram as eleições do século, o comboio disparou acelerado em direcção à Nação Alemã, mas importa aplicar travões para que esse mesmo comboio pare em todas as estações e siga no horário previsto».

Analista de Moscovo

«No ano passado 22 milhões de alemães federais fizeram férias no estrangeiro. Os da RDA querem fazer o mesmo».

Hans Geissler, *ex-secretário-geral da CDU*

«Não foi uma campanha eleitoral, mas sim guerra eleitoral».

Jornalista

«Eu estudei muito a Revolução Francesa, foi um fenómeno da natureza e o mesmo se pode dizer da revolução na RDA. Por isso, Kohl é o chanceler que talvez melhor se adapte à RDA, ele deve adaptar-se aos fenómenos da natureza».

Rudolf Augstein, *director do Spiegel*

«A esquerda, na RDA, só terá futuro daqui a dez ou 15 anos».

Rakowski, *ex-chefe do PC da Polónia*

COMENTÁRIO

Com cheiro a leilão

Quando aqui se utiliza a palavra «leilão» de modo algum se pretende insinuar que as eleições não foram, livres, - inteiramente -, legítimas e válidas a *todos* os títulos. Mas os esquemas de «esquerda» e «direita»é que foram tão derrubados como o Muro. Vejamos: na RFA, de direita foram sempre, desde 1949, os que defendiam a unidade das duas Alemanhas; pelo contrário, de esquerda eram os situados no acampamento dos que preconizavam, primeiro, um reconhecimento oficial e formal da RDA, e segundo, pretenderam manter relações privilegiadas com esse Estado.

O chanceler Kohl ganhou, ontem, as eleições na RDA: a frase não é apenas uma fórmula jornalística levemente exagerada para vender o produto. A CDU - União Cristã Democrática - ganhou no terreno da ideologia, e a direita venceu. Porém, o eleitorado da CDU perdeu rotundamente, e eis-nos perante o primeiro paradoxo. É que, com a vitória da «via rápida» para a unificação alemã, alguém terá de pagar a factura, e esse alguém é o cidadão contribuinte - e quanto mais rico, mais paga.

Desde Janeiro deste ano até à data, seriam, segundo algumas estatísticas, 150 mil os refugiados da RDA que fixaram residência no Ocidente, segundo outras, mais de 180 mil. E a RFA terá de lhes dar telhado, lugar de trabalho, fundo de maneios em marcos sonantes e um lugar condigno na sociedade que permita aos cidadãos da nova cidadania ocidental fazer férias em Mallorca e conduzir um Mercedes. A ideologia de direita ganhou ontem, mas os eleitores da CDU da RFA perderam porque não estarão dispostos a pagar facturas que ultrapassem a tradicional sopa dos pobres.

A esquerda que perdeu ontem, paradoxalmente, ganhou milhões de eleitores na RFA para as eleições na RFA que são já «amanhã» - no início de Dezembro.

E a esquerda alemã-ocidental, que também defende a unificação, pretende, porém, que ela se faça lentamente, estruturando as etapas e segundo um plano de prioridades bem estudadas.

Temos, por isso, que os tradicionais esquemas de esquerda e direita, ontem, não se aplicaram: a direita da RFA ganhou na RDA mas perdeu nos campos económicos e financeiros, a esquerda da RDA perdeu nas urnas mas ganhou nos cofres das tesourarias.

Agora, não irá ser a esquerda a pagar as várias facturas que já se aproximam da data do vencimento.

Tivemos, por isso, umas eleições com forte sabor a leilão: quem dá mais? E nesse jogo de parada e resposta os mais ricos cobrem sempre todas as ofertas e ganham sempre. Este raciocínio seria previsível, mas o certo é que só é agora feito *à posteriori:* dez minutos antes de se conhecerem as primeiras projecções ninguém o avançou, pelo contrário, todos falavam, com as urnas já fechadas, em *fifty-fifty*.

O Rudolf Augstein, director da revista *Spiegel,* e co-autor da maratona televisiva do canal privado RTL - Plus, que através da parabólica proporcionou cinco longas horas de «noite eleitoral», mordaz e cínico (no sentido helénico da palavra), resumiu nestes termos os resultados eleitorais, na TV, em *life*: «Se eu fosse cidadão da RDA teria votado no Kohl porque estaria a votar no marco ocidental - não há grande diferença entre Kohl e o DM».

Augstein, cínico e mordaz, mas não errando pontarias: o grande vencedor foi o *deutsche mark*.

Não me recordo de noites eleitorais vividas em países ocidentais em que o dinheiro, sim, a palavra «dinheiro», nua e crua, sem disfarces, tenha ocupado um lugar de relevo tão grande como nesta noite de ontem das eleições na RDA. Ela pode mesmo ser caracterizada como *leit-motiv* do programa: todos falaram de dinheiro para explicar os mecanismos das decisões políticas, e nem sequer pretenderam usar em vez dela, outro sinónimo menos realista: economia, desenvolvimento, progresso ou reestruturação. Neste ponto, foram todos directíssimos: *geld,* dinheiro, simplesmente, *geld*. Por isso é que, estas eleições tiveram um forte sabor a leilão. Que a RFA, através destas eleições tivesse feito um *Anschluss,* da RDA, uma anexação, evocando os maus espíritos do que o Hitler em passados já distantes fez à Áustria, será um exagero inadmissível. Mas que, como afirmou sem rodeios nem tranquilizantes Otto Schilly, ex-deputado dos Verdes e agora, cabeça básica do SPD, «a CDU ocidental investindo na campanha eleitoral na RDA 20 milhões de marcos, dinheiro do contribuinte», arrematou em leilão, para a tutelar, a RDA, é uma opinião política de muito peso realista. «A RDA passou à história como uma nota de pé de página» - disse o mesmo político. Terá ele razão? Teria sido, nas eleições de ontem, a República Democrática Alemã, realmente leiloada e arrematada por quem tinha mais dinheiro nos bolsos? Eis a questão que fica, para ser respondida nos próximos meses, pelo menos até Dezembro, quando os eleitores da RFA forem chamados a ratificar ou não, a vitória de ontem do chanceler Kohl. O velho Cícero, no velho Senado romano pedia que as armas dessem lugar à política: *cedant arma togae.* Talvez ele hoje se estivesse no Palácio da República de Berlim-Leste, subisse à tribuna para defender que o dinheiro deve dar lugar à política.

José Sousa Monteiro

GRANDE ANGULAR

A explosão de uma Primavera pouco alemã

A festa foi às urnas

Enquanto na RDA se votava a favor de uma unificação rápida, milhares de pessoas (na foto) manifestavam-se por um processo mais lento em Berlim Ocidental

Especial para o «DL»

Ninguém em Berlim Leste admite ter votado pelo Partido do Socialismo Democrático (PDS), ex-partido comunista. Talvez fossem só curiosas as centenas de pessoas que se acotovelaram na Praça Karl Liebknecht, para entrar na sede do partido, que manteve ontem as portas escancaradas, no domingo de eleições. O facto é que aqueles que agitavam bandeirinhas de papel vermelho-negro-douradas, com o emblema comunista da República Democrática Alemã, evitaram os 2400 jornalistas de todo o mundo acreditados na capital.

Também os outros partidos que se candidataram às eleições não respeitaram o encerramento oficial da campanha eleitoral, na sexta-feira à noite, preferindo transformá-la numa enorme festa popular. A ela acorreram os cidadãos de Berlim Leste, encorajados por uma Primavera pouco alemã, já que não aguardou disciplinarmente a data prevista para a sua estreia.

Na sede da União Cristã-Democrata (CDU), chamou a atenção o elevado número de jovens que, através da sua presença manifestavam o seu apoio ao partido conservador. Todos afirmaram esperar que uma vitória da Aliança pela Alemanha (AA), de que faz parte a CDU, fosse a garantia de uma reunificação rápida, que consideram ser a solução para todos os males políticos, económicos e sociais do país.

«Balelas»

Paul R., enfermeiro, de 22 anos, é da opinião de que a introdução da economia social de mercado é a receita indicada para a economia moribunda na Alemanha do Leste. Nem ele nem a sua mulher, igualmente enfermeira e mãe de dois filhos, receiam perder as muito apregoadas vitórias do socialismo, nomeadamente o direito ao trabalho ou a garantia da existência de infantários financiados pelo Estado, que permitem à mulher não interromper a sua carreira profissionar. «Balelas», responde o Paul, que defende que o saneamento da economia criará automaticamente novos postos de trabalho. E a sua esposa acrescenta que nem todas as mulheres querem trabalhar e que muitas gostariam de ficar em casa com os filhos. É o meu caso, diz ela, mas a situação económica não o permite.

Para Ingrid B., de 25 anos, esta chamada «vantagem» do sistema comunista é uma medalha de duas faces. Ela própria é professora, e sabe por experiência que as crianças eram expostas a uma propaganda intensiva desde a mais tenra infância. «Prefiro pagar uma mensalidade elevada a uma creche ou a um infantário, a ter que entregar os meus filhos a representantes de um sistema que odeio», adianta.

A «couve» no Poder

Entrar em contacto com a geração mais idosa é um tanto mais difícil. Amável mas firme, o casal sentado num banco da Praça Alexandre, no coração da cidade, limita-se a abanar negativamente a cabeça quando questionado acerca do seu parecer. Num tom de voz sumido, ambos admitem ter votado, posto o que voltam a atenção para os acontecimentos na Praça Alexandre. Talvez estranhem o ruído produzido por um grupo de músicos «Heavy Metal», que se estreia no Leste com o patrocínio exclusivo de uma famosa marca de cigarros ocidentais. É difícil distinguir ao certo se a desaprovação óbvia do casal se refere à música, se à invasão dos empresários ocidentais, se a ambos.

Na parede por detrás do banco alguém escreveu «mais vale um copo de vodka Gorbatschow, do que um prato de sopa de couve». Couve, em alemão, significa Kohl, que é igualmente o nome do chefe de Governo de Bona.

Para além do centro da cidade, a presença da Imprensa torna-se notada. Tudo indica não se tratar de uma aparição frequente no bairro de Prenzlau, no Nordeste da cidade. Uma senhora idosa - 87 anos, precisamente - recusa-se a divulgar o nome do partido no qual votou. Afinal de contas, pergunta, são ou não eleições livres e secretas? Desta vez, pelo menos, ninguém a poderá obrigar a fazer o que não quer. De resto, acrescenta, o partido em que votou é secundário. O que importa é ir às urnas cumprir o dever de cidadão, sobretudo após tantos anos de opressão e ditadura.

O ex-líder da RDA, Egon Krenz, a caminho da assembleia de voto, acompanhado da mulher

Reunificação, sim, mas...

À porta do local de voto da circunscrição número 820, um condutor de camiões explica que a reunificação é inevitável e desejável. Quanto mais rápida melhor, opina, no que é imediatamente contrariado por um redactor do jornal «Thueringer Allgemeine», um dos primeiros diários a distinciar-se do regime comunista em Novembro passado. Para o jornalista, a posição dos sociais-democratas parece ser a mais sensata: a reunificação sim, mas gradual e cautelosa, para impedir que sejam prejudicados aqueles com menos defesa. Uma moça ainda nova intervém para dizer que, de qualquer modo, toda a mudança implica desvantagens para alguns, e nem o SPD poderá impedir esta realidade. O melhor seria, para ela, uma coligação dos grandes partidos, a exemplo daquela que governou em Bona no final da década de 60, e que obrigaria todos os políticos a assumirem a responsabilidade pelo futuro que se anuncia difícil.

As pessoas que vão saindo do local de voto juntam-se a este debate improvisado. Em todos os rostos se nota a alegria pelo simples facto de ser possível falar livremente, expressar uma opinião sem recear que o interlocutor seja um informador da polícia secreta. Trata-se de uma experiência nova para uma grande maioria de alemães orientais, e a necessidade de recuperação de tempos perdidos é evidente. Aqui ninguém se faz rogado, quando lhe perguntam a opinião.

Marte ou Júpiter

«Tenho muita pena de que os movimentos que estão na origem da revolução tenham sido relegados para segundo plano», afirma uma actriz de teatro. E, na verdade, grupos como o Forum Novo foram as principais vítimas da intervenção dos grandes partidos da Alemanha Ocidental na campanha eleitoral do Leste. Poucos se lembram hoje do papel primordial que eles jogaram no processo de emancipação da RDA.

Entretanto, as tendências de anexação do Ocidente fazem-se sentir na grande praça, frente à Assembleia Popular: a Polícia impede a passagem aos berlinenses, pois a área está reservada às centenas de carros de exteriores e antenas parabólicas dos meios de comunicação audio-visuais do Ocidente. Os berlinenses reagem com o seu humor característico e esta estranha invasão que sabem ser de curta duralção. O que é certo é que neste domingo de eleições a RDA é tema único e exclusivo dos canais da televisão da Alemanha Ocidental. Para 66 milhões de alemães, o que se passou nesta noite no resto do mundo poderia passar-se em Marte ou Júpiter, de tal modo reduzido foi o interesse por tudo que não tivesse directamente a ver com a Alemanha.

Cristina Krippahl

O chanceler da RFA, Helmut Kohl, líder da CDU, e o dirigente do SPD, Hans-Joachim Vogel, momentos antes de se iniciar um debate televisivo sobre as eleições na RDA

Alemães de Leste votaram no dinheiro

A vitória dos conservadores nas eleições de ontem, na RDA, é um sinal claro de que os alemães de Leste desejam "a unificação o mais rapidamente possível", afirmou ao "DL" Hans Werner Weingart, um cidadão da RFA, residente em Portugal há cerca de quatro anos.

Weingart, de 36 anos, actualmente funcionário de uma empresa alemã de prospecção de mercados,no nosso país, escolheu Portugal para viver devido à calma que aqui encontrou.

"Na RFA, a dureza das pessoas, das relações de trabalho, é má, geradora de tensões"...

A unificação, por parte dos alemães de Leste, "não é um movimento que tem como ideia propulsora a pátria", prosseguiu Weingart, acrescentando: "Não sei mesmo se os cidadãos da RDA conhecem bem o significado da palavra pátria, tantos foram os anos em que foram tutelados, impedidos de pensar por si próprios".

Segundo o nosso entrevistado, a motivação principal dos alemães de Leste, para uma rápida unificação, é a de ter a possibilidade, no mais curto espaço de tempo, de disfrutar dos bens e da prosperidade que uma economia capitalista proporciona. "A vitória da CDU foi, portanto, uma vitória do dinheiro, do grande capital".

Por outro lado, a CDU "investiu muito mais do que o SPD na propaganda eleitoral e, como é natural, colheu os seus frutos".

É convicção de Weingard de que agora o processo de unificação vai mesmo acelerar, ao contrário do que muitos alemães ocidentais pretenderiam.

Alemães ocidentais "mais reservados"

"Os alemães ocidentais, embora também pretendam a unificação, são mais reservados, e muitos deles não desejariam que ela ocorresse em tão curto espaço de tempo".

A questão é que, segundo Weingart, na RFA as pessoas pensam mais em termos pessoais e sabem que a rápida união com o Leste poderá afectá-las economicamente. Aliás, esta era a posição defendida pelo líder do SPD, Hans-Joachim Vogel.

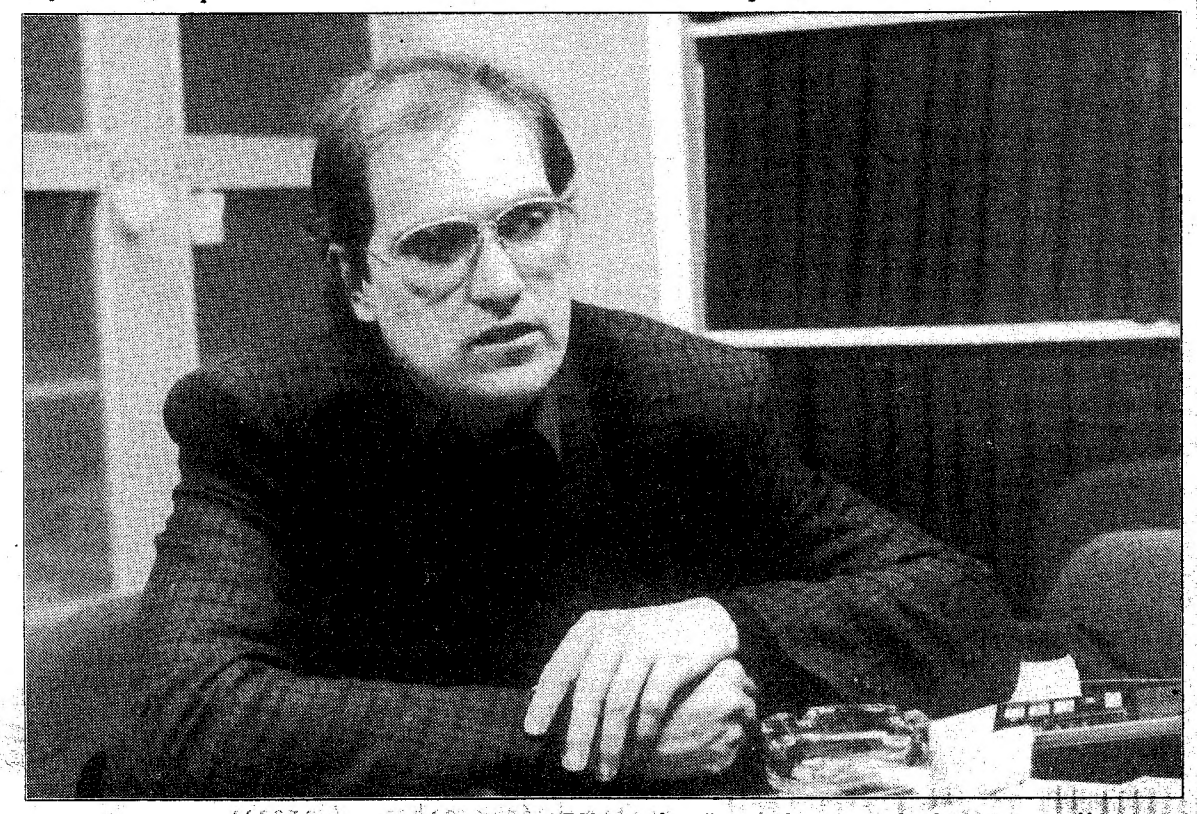
Os cidadãos da RDA, que votaram CDU não "terão moralmente o direito de reivindicar a protecção social que as anteriores autoridades dispensavam às populações. Sabem que votaram no capitalismo e que vão ter que lutar para adquirir qualquer tipo de regalias".

Na RDA, a protecção social tem sido um facto concreto: "as rendas baratas, os jardins de infância e ensino gratuitos, a carne barata". Tudo isso, com a unificação, tenderá a acabar. E só então os alemães de Leste "se aperceberão que afinal o processo não devia ter sido tão rápido".

Quanto aos significativos resultados obtidos pelo PDS (antigo PC), Keingart considerou que eles correspondem não só aos votos dos elementos ligados ao anterior regime, como também a todos os que não querem perder o seu status.

Por outro lado, "um país que durante quarenta anos teve um partido, infiltrado no modo de vida das pessoas, não perde a sua influência de um dia para o outro".

J.F.



Hans Werner Weingart: «Ao votarem no CDU, os alemães de Leste, mais do que na política, pensaram em vantagens económicas imediatas»

Socialistas discutem unidade europeia

«Temos de inverter a 180 graus a nossa estratégia de integração»

Pela primeira vez na nossa História, estamos no meio... da Europa Central», dizia ao DL o deputado João Cravinho, vice-presidente do Parlamento Europeu, no hotel de Coimbra onde depois decorreria um colóquio sobre «A União Europeia e as Mudanças a Leste», o primeiro de uma série de debates com temática afim a realizar um pouco por todo o País, Lisboa incluída, pelo Partido Socialista.

Foi no sábado passado e a sala estava à cunha, num dia de Verão a convidar mais uma ida à vizinha Figueira da Foz, facto que João Cravinho recordaria a uma assistência interessada.

Antes do colóquio, João Cravinho anunciou que se retiraria mais cedo, dada a «benesse excepcional» de uma aparição na RTP.

E regressou mais cedo a Lisboa, capital de um País em que - ainda nos termos usados por Cravinho na conversa com o DL -«há que inverter a 180 graus a estratégia de integração europeia». Declarando guerra ao estatuto de marginalidade «geográfica , política e mental» que sempre nos afastou das grandes decisões sobre o futuro do nosso Continente e afirmando que também Portugal tem qualquer coisa a dizer quando se fala de reunificação alemã.

Na mesa do colóquio estavam também o deputado europeu Luís Marinho, o secretário da Federação de Coimbra do PS, Nuno Filipe, o presidente da Assembleia Municipal de Coimbra, Romero de Magalhães, e um dirigente da Juventude Socialista local, Paulo Penedos, corresponsável pela criação de um círculo de estudos europeus dentro da estrutura regional do seu partido.

Tudo mudou em seis meses

«Em pouco mais de um semestre, tudo mudou» na Europa, reconheceu Luís Marinho antes de recordar que, na última campanha para o Parlamento Europeu, eram bem diferentes os temas que estavam em causa. Eram os países ibéricos e os pedidos de adesão da Turquia e da Áustria que ocupavam a boca de cena.

Hoje, Luís Marinho evoca a Europa dos três círculos proposta por Jacques Delors, com a CEE actual no estatuto de núcleo duro, a EFTA na segunda linha de abrangência e, no terceiro círculo, as novas democracias que se constroem a Leste, a Turquia, Malta e Chipre.

João Cravinho

Este parlamentar europeu socialista chamaria a atenção para o facto de ser necessário todo o auxílio comunitário ao Leste da Europa, sob pena de a Europa Central se polarizar toda em torno da Grande Alemanha. «Não é por acaso que se assiste a um estreitamento de relações entre Mitterrand e Gorbachov, que relembra o Séc. XVIII, quando os monarcas de França se uniam com os czares da Rússia contra a Prússia e a Áustria», evocou Luís Marinho.

O regresso dos nacionalismos

João Cravinho interviria na reunião para analisar, em primeiro lugar, as consequências do declínio do império soviético, sobretudo no capítulo do surgimento de novos nacionalismos. «A URSS perdeu o estatuto de superpotência», disse João Cravinho. Mas, assinalou, o vazio deixado pelo fim de uma superpotência não foi ocupado pela outra, que ao mesmo tempo também saía enfraquecida de um confronto permanente e mundial desde o fim da guerra de 1939/45.

Como Luis Marinho, João Cravinho salientou a necessidade de a Europa encontrar uma forma política de se assumir como uma potência nova, federada, de querer uma soberania partilhada em vez de pensar apenas em termos de supranacionalidade, atendendo ao surto da influência do Pacífico, com o Japão à frente como potência tecnológica, científica e financeira.

Ora, continuar a encarar a autodeterminação à moda do Tratado de Versalhes, é inteiramente contrário ao espírito da integração e há o perigo de «uma Alemanha neutral e não integrada na construção europeia» se transformar num «factor desestabilizador».

«Nós temos o direito de pensar que a autodeterminação do povo alemão não pode ser feita contra a segurança e contra a paz», adiantou João Cravinho que, a seguir, sustentaria que a questão alemã «é também uma grande questão nacional portuguesa».

Daqui, o vice-presidente do Parlamento Europeu partiria para uma crítica cerrada à condução da nossa política externa, no domínio da construção europeia.

Tal como dissera ao DL («não é a altura do economicismo, estamos na hora da grande política»), Cravinho declarou no colóquio que até agora «a nossa política têm sido os fundos, uma espécie de D. João V ao contrário» e que, em vez de sermos de parte inteira membros do círculo central de que Delors fala, «silenciámos, ignorámos e sepultámos a união política europeia». Daí a alternativa: «Ou somos parte central do tal primeiro círculo, ou estamos a leste do Ocidente».

Recordando que Portugal vai presidir à CEE no primeiro semestre de 1992, João Cravinho repudiou a pura e simples «presidência de calendário» em nome da consciência de «estarmos a presidir à construção do nosso próprio futuro».

João Isidro

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

FORUM

A IGREJA, O PSD E A TELEVISÃO: UMA TRILOGIA À PORTUGUESA

Verifica-se um certo sobressalto entre os democratas laicos face às intervenções repetidas dos deputados do PSD que querem convencer o Governo, já meio convencido, da necessidade de assegurar uma presença preponderante da Igreja na nova paisagem da Televisão portuguesa.

É mais do que evidente que o Estado laico devia procurar assegurar a maior neutralidade possível na atribuição e na utilização dos canais televisivos. Mas seria esquecer que o PSD ficou muito abalado com os últimos resultados eleitorais que provocam nitidamente o pânico entre as hostes dos eleitos do Partido.

A concessão feita à Igreja católica é destinada aos eleitores católicos, e procura recrutar propagandistas dos valores inefáveis do PSD entre as fileiras de um clero que não pode deixar de se manifestar muitíssimo grato e venerador.

O clero português, uma parte do qual foi alimentado, durante a II República, pelo calor tranquilizador do poder político, perdeu há muito o espírito de missão para gerir a Igreja em função de interesses que pouco têm a ver com o catecismo.

É por isso normal que, face a esta redistribuição das cartas televisivas, se tenha precipitado para ocupar um lugar proeminente, não em função da missão religiosa que é a sua, mas tendo também em vista a possibilidade de obter alguns lucros complementares, sempre para assegurar a relação frutuosa com a divindade. Para isso são precisas igrejas, paramentos, salários e *tutti quanti*.

Confesso que não compreendo o receio provocado entre alguns comentadores por semelhante situação. No fundo, a Igreja mantém-se fiel a uma orientação financeira que não é de hoje, e que a triste aventura do banco Ambrosiano veio pôr em evidência, forçando a não poucas reformas no aparelho financeiro do Vaticano.

Por outro lado, não poucos teólogos parece terem lido com a máxima atenção as demonstrações de Jean Calvin e de Max Weber, mostrando que o lucro não constitui de modo algum uma acção delituosa na relação com a divindade: muito pelo contrário, só os ungidos de Deus podem ganhar dinheiro. Tal parece ser, pelo menos em parte, uma das molas internas da famosa «ética protestante» do século XVIII que, para Weber, constitui o elemento que anuncia a chegada e a evolução do capitalismo moderno.

Nestas condições, a Igreja pretende obter lucros. A Televisão não significa apenas um instrumento mais na panóplia da intervenção da instituição, porque pode e deve tornar-se rendível, graças à máquina publicitária, que constitui - como duvidá-lo? - um lugar de frustração dos que têm pouco e não podem dispor dos fundos necessários para comprar o que vai ser anunciado.

Não estamos perante um simples paradoxo, mais ou menos divertido, mas de um mero problema de fundo: como é que a Igreja, proprietária de um canal, vai organizar os fluxos publicitários? Aceitando apenas elogiar os artigos indispensáveis, resistentes, bem fabricados e baratinhos? Ou, pelo contrário, irá ela desinteressar-se deste aspecto moral e étnico da questão para só se interessar pelos rendimentos obtidos e a obter?

É por esta via que a Igreja cede o flanco às críticas, na medida em que terá ela de fazer uma televisão que agrade aos telespectadores. Não se espera que sejam projectados os filmes eróticos *hard*, mas vejo mal como será possível assegurar uma audiência confortável, projectando filmes de má qualidade, como esse famoso *Fátima Terra de Fé*, que não posso recordar sem uma gargalhada divertida, tão ingénuo, tão canhestro, tão pouco miraculoso era ele!

Quer dizer que não devemos preocupar-nos muito com a concessão deste canal. Mas já podemos exigir que a Igreja se mostre mais capaz de assegurar a defesa dos «valores morais», como de facto lhe compete. Salvo que, se assim for, o canal estará morto, porque não haverá muitos compatriotas nossos que se dêem ao trabalho de passar os dias e as noites a aborrecer-se em nome do Juízo Final.

Digamos as coisas de maneira ainda mais peremptória: é evidente que a Igreja, ao candidatar-se a um canal, terá de avançar mais alguns passos na senda perigosa do capitalismo moderno, uma vez que se torna gestor de uma empresa que mobiliza milhares e milhares de contos. E se bem que a nossa moeda seja a vítima da erosão provocada pela inflação que o PSD não é capaz de conter, os «milhares de contos» não andam por aí a cair da boca aos cães.

De duas uma: ou a Igreja dispõe de capitais próprios e, nesse caso, terá de nos explicar que, mal-grado os casos de miséria evidente, ela prefere guardar o dinheiro nos mealheiros de não sei que banco a gastá-lo em favor dos pobres, ou terá de associar-se aos capitalistas privados: terão estes de ser católicos praticantes, ou podem ser apenas os fornecedores dos capitais indispensáveis?

Parece-me ser mais congruente interrogar a coerência dos investimentos da Igreja do que crispar-se em torno da concessão de um canal: se a Igreja se integra no sistema capitalista, tudo bem, como dizem as telenovelas. Mas, sendo assim, por que razão lhe concede o Governo um tratamento de favor, que vai recusar a outros capitalistas? Ou será que, nas teorias económicas do prof. Cavaco Silva, que deve perceber alguma coisa da matéria, há bons capitalistas, os católicos, e maus capitalistas, os não-católicos? Não estarão os dois interessados em obter lucros?

Nem se trata de um dilema, por estarmos perante uma questão de bom senso económico que, como não podia deixar de ser, apresenta algumas ramificações pseudoteológicas. E embora sabendo que a história dos últimos anos nos tem revelado as funções, tão particularmente curiosas, de monsenhor Marcinkus, que na sombra e até, às vezes, às claras, governava o já referido Banco Ambrosiano, a verdade é estarmos, hoje como ontem, no direito de nos interrogarmos a propósito da coerência manifestada pelas intervenções dos homens da Igreja no profaníssimo campo do capitalismo moderno.

Por outro lado, torna-se hoje patente que a gestão de um canal da televisão se não pode fazer sem concessões aos espectadores, uma vez que os fluxos da publicidade só poderão ser obtidos no caso de haver resultados, quer dizer espectadores. Estamos aqui perante um dos elementos mais interessantes desta questão. Não conheço o caderno de encargos deste canal, mas creio que o Governo podia e devia manifestar o seu duplo interesse pelo problema, adoptando algumas medidas que defendessem tanto a Igreja como os telespectadores.

Não seriam precisas grandes decisões, pois bastaria impor à Igreja uma utilização simplesmente catecista do seu canal, de modo a dar-lhe a função religiosa que, penso eu, deve ser a determinante da Igreja Católica. Também seriam assim preservados os interesses, quando não os direitos dos crentes, que disporiam, assim, de uma presença religiosa constante: bastaria ligar a televisão e um teólogo poderia explicar todos os elementos internos dos sete pecados capitais e por aí fora.

E talvez um dia, oh, delícia suprema, os telecpectadores do canal da Igreja pudessem gozar a infinita ventura de assistir em directo à aparição da Virgem, que se sentaria pacatamente no lugar das apresentadoras, para poder abençoar o povo de Deus. Por todas estas razões, convém insistir na orientação religiosa deste canal, que poderia prestar serviços infinitos, afastando os crentes das práticas infractoras, convencendo-os a não ir às bruxas, mesmo se a tal aconselhados pelo prof. Moisés Espírito Santo.

Já podemos começar a entrever os enormes lucros sociais e religiosos que poderiam ser assim contabilizados e que fariam deste canal um elemento tão singular como eficaz, não só no nosso panorama religioso, mas na orgânica das televisões europeias. Um ilustre deputado do PSD teve o bom senso de sublinhar que seríamos o primeiro país europeu a dar à Igreja uma possibilidade de intervir tão largamente na organização da televisão nacional. Creio que os jornalistas que entrevistaram este ilustre deputado não o deixaram completar a sua intenção que, naturalmente, não podia furtar-se à necessidade de criar e de manter o impacto religioso.

Alfredo Margarido

Penso que, neste caso, os concursos - do tipo daquele que anima o Nicolau Breyner antes de as pessoas irem às sopas, contentes por terem visto alguém ir para cima ou para baixo com as cartas de jogar gigantes - dariam, não prémios em dinheiro, como faz qualquer televisão comercial, mas prémios espirituais: não só as Bíblias, tão pouco lidas entre nós, mas também viagens teologicamente acompanhadas a Fátima, a Lurdes, ao Vaticano, e assim sucessivamente. Naturalmente, a viagem mais exaltante, o prémio absoluto, havia de ser a viagem que levasse os vencedores - interrogados sobre pontos da história ou da moral religiosa - ao Monte das Oliveiras, onde poderiam dar-se conta de que, como já dissera Fernando Pessoa, Jesus Cristo não só não sabia nada de finanças, mas também não possuía biblioteca.

Talvez haja hoje quem, no Vaticano, pense em reciclar Jesus Cristo, fornecendo-lhe um lugar de administrador no sempre famoso Banco Ambrosiano, mas, enquanto tal não acontece, sempre podia fazer uma perninha no canal português, comentando o contra-milagre da Bolsa de Lisboa, que cai todos os dias com um deleite de que devemos desconfiar: pois não seria uma óptima maneira de banalizar as questões financeiras entre nós?

Enquanto se espera, sempre podemos pensar na grelha dos programas que nos deve ser proposta pelo canal da Igreja e que não pode menosprezar as menores cerimónias religiosas, tal como não poderá proceder a selecções de padres e de missas: todas mececerão a presença de uma câmara, para permitir, senão a transmissão em directo, pelo menos as diferidas. Que alegria para os crentes poderem ver-se em plena Igreja, perante os infinitos mistérios do Senhor!

Mas haverá proveito maior do que este que a Igreja pode obter? Certamente não, e é por todas estas razões que ouso associar a minha voz mais do que modesta ao coro dos deputados do PSD: senhor primeiro-ministro, conceda o canal à Igreja Católica, mas não se esqueça de lhe impor algumas obrigações imperativas, para a impedir de se perder nos meandros do capitalismo, onde já se perdeu em tempos o banqueiro Roberto Calvi. Pois não seria desagradável saber que um membro do nosso clero fora obrigado a perder-se na noite e no nevoeiro londrinos, vítima das difíceis manifestações financeiras a que pode dar aso um canal televisivo para amanhecer gelado e frio, os pés pendendo para o Tamisa onde, em tempos, parece ter-se já afogado a loira Ofélia?

FORUM

As reformas que vêm do frio (II)

O DRAMA SOVIÉTICO

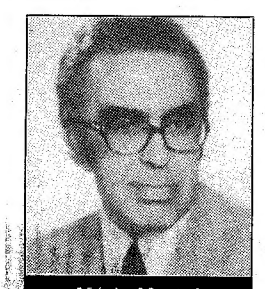
A doutrina da coexistência pacífica entre sistemas económicos não só alternativos mas também antagónicos assentava na ideia de uma competição pela eficiência económica e pela eficácia social que, para os militantes de um dos lados da competição, se encaminharia fatalmente para o triunfo do socialismo sobre o capitalismo - seria esse o curso inelutável da História. Neste quadro simbólico, a URSS representava vários papéis grandiosos: era a grande defensora da Paz (o capitalismo, não o socialismo, seria o fautor da guerra); tinha a força económica e militar suficiente para fazer o imperialismo recuar no seu domínio mundial; enfim, representava o melhor modelo praticável para os povos que escolhessem uma via não capitalista de desenvolvimento, modelo devidamente adaptado às circunstâncias de cada caso. Destas teses, só a primeira não foi flagrantemente desmentida pelos factos. Na realidade, à entrada da última década do séc. XX, é o capitalismo que parece conduzir a História (para o bem ou para o mal) e o socialismo «real», como diria Pessoa, apenas sobrevive a si próprio como um fósforo queimado.

Claro que - e é indispensável sublinhá-lo - outros projectos socialistas são concebíveis na teoria e realizados na prática. Em certo sentido, até se pode afirmar, como profetizou Schumpeter há quase meio século, que o capitalismo se transformou no «socialismo» (entenda-se, na social-democracia) não porque correu para a ruína - como Marx supunha -, mas antes por causa do seu êxito. Êxito que decorre da sua extraordinária capacidade de metamorforse, capacidade de gerar crises regeneradoras, enfim, de prosseguir indefinidamente o seu processo de «destruição criadora». Afinal, capacidade de transformar (ou reduzir?) o homem à sua medida.

Mas não me interessa agora discutir o futuro do socialismo e do capitalismo, tão-somente o da União Soviética.

É hoje manifesto que, até recentemente, a URSS ocupava na cena mundial um lugar excessivo, ou seja, desproporcionado em termos de potencial económico, tecnológico e, finalmente, ideológico. Restará saber se dadas as debilidades naqueles domínios, o potencial bélico será ainda suficiente para assegurar um *ranking* mundial de primeira ordem.

Ou será - tenderá a ser - a URSS apenas uma potência semiperiférica na economia mundial? Já não *Segundo Mundo* mas *Terceiro*, e sem o *élan* dos «Novos Países Industrializados». É que, além do mais, o «socialismo real» não tem as mesmas capacidades adaptativas e regeneradoras do capitalismo real, bem ao contrário: parece mais capaz de autodestruição do que de autocorrecção. Recorde-se que a URSS tem uma experiência muito antiga de desconexão do sistema da economia mundial - remonta, como se sabe, à segunda década deste século, enquanto países como a Hungria, Polónia ou Checoslováquia se desligaram *menos* e *mais tarde* daquele sistema: trinta anos mais tarde do que a URSS e mantendo menor grau de autocentramento (ou introversão económica) do que aquele país. O que implica maior rigidez de estruturas na URSS e, também, segundo hoje reconhecem os próprios intelectuais soviéticos, maior dificuldade de evolução ideológica e adaptação cultural.


Mário Murteira

Este aspecto é algo ignorado e merece uma atenção particular. Mesmo para um céptico cidadão natural de Lisboa, como quem escreve estas notas, é surpreendente e fascinante passear livremente em Moscovo como não conseguira fazer numa primeira viagem, dez anos antes. Mas é também insólito registar (trata-se apenas de alguns exemplos) que não existe uma lista telefónica, não é fácil tirar uma fotocópia, os computadores pessoais são raros e - não havendo anúncios nos jornais - os moscovitas afixam anúncios nas paredes de algum lugar concorrido no centro de Moscovo, tal como fazem os estudantes da minha escola, em sítios bem concorridos do ISCTE, quando querem trocar de quarto ou curso. Ou seja: mesmo sem censura ou polícia política (este ponto é, todavia, duvidoso), não é fácil as pessoas comunicarem ideias entre si, organizarem-se numa nova revista com novo projecto político e debaterem em profundidade o que lhes está a acontecer. Deambulei em Outubro último pela Rua Arbat, sobre cujos filhos escreveu Anatol Ribakov um livro célebre. Disseram-me - porque não domino o russo - que os grupos animados que observei reunidos, aqui e ali, discutiam ideias e política. Havia mesmo toscos panfletos nas paredes. Mas explicaram-me - e acreditei - que era tudo muito artesanal, mal informado e (sobretudo) carecendo da cultura económica e política actualizada que a ideologia marxista - leninista oficial substituíra, como a escolástica beata substitui e mata a vivência de qualquer fé. Quando observei que fazia falta o método do materialismo histórico para explicar o que se passa hoje na URSS, sorriram-se, e demorei algum tempo (em inglês, é certo) a explicar-me. Porventura sem êxito.

A questão que coloco é, pois, a de uma notável rigidez de estruturas económicas e sociais - capazes de se desmoronarem, mas não de se reajustarem - aliada a, digamos, profundo desfasamento cultural da sociedade, incapaz de lúcida referência ao turbulento ambiente que nos condiciona a todos, embarcados num planeta arrastado numa trajectória fulgurante de mudança em todas as direcções. Aparentemente, o que vem à tona no drama soviético - sendo legítimo e humanamente positivo o «trend» geral do movimento histórico desencadeado - apresenta-se obsoleto, em termos de ideias como de valores. São etnias, nações, religiões que despertam do seu sono (por quanto tempo?), e partidos ou movimentos sociais confusos que se nos revelam. Na organização económica, em particular, estranha-se a superficialidade ou mesmo tacanhez dos debates e a ausência duma estratégia de acção e de um modelo de referência bem definidos no curso da *perestroika*. Para quem nunca confiou ou deixou de confiar nas «leis da História», a evolução da União Soviética passou de fascinante a inquietante. Entre os vários cenários admissíveis a médio-longo prazos, a recomposição de um sistema político repressivo aliado a um sistema económico progressivamente moldado pelas estratégias de poderes transnacionais (do Banco Mundial e FMI às grandes empresas que são «global players», isto é, jogadores mundiais) é hipótese decepcionante, mas possível.

É, no entanto, a experiência soviética - vista agora retrospectivamente em toda a trajectória que percorreu e marcou este século, aliás como a experiência contemporânea dos EUA - foi seguramente mais positiva nos seus efeitos *fora* do sistema mundial que gerou do que no seu próprio interior. O capitalismo foi também forçado a adaptar-se e reconverter-se por causa da ideologia e da prática do comunismo internacional. A «social democracia» teve-o como baliza no seu percurso e o próprio Keynes (e Beveridge e muitos outros) não teriam provavelmente escrito e feito o que fizeram se não receassem que o capitalismo e a democracia soçobrassem no estalinismo. Neste sentido, a «coexistência pacífica» funcionou, embora o resultado de jogo disputado fosse uma surpresa para todos os contendores. Como um esquisito jogo de futebol em que cada uma das equipas tivesse procurado aprender com a outra para poder ganhar-lhe, a vencedora aprendesse melhor e mais depressa à custa da vencida e esta só no fim do jogo tivesse descoberto que vestia camisola errada.

Então, que será de uma futura economia mundial sem este fundo impulso de concorrência entre sistemas alternativos e antagónicos? Tratar-se-á talvez de uma competição entre poderes nacionais e transnacionais menos identificados como projectos ideológicos e societais, porém mais consistentes como alternativas culturais (em sentido amplo), num mercado mundial mais unificado e interdependente, definitivamente multipolar e não bipolar como se apresentava a meados do século. Nem o imaginário de Orwell no *1984*, nem o imaginário das duas superpotências a traçarem, conflitualmente, o trajecto da História. Tudo parece possível. E nada é certo, isto é, previsível porque predeterminado.

OS VENTRÍLOQUOS

Whu fazia questão de os colocar.

Os representantes dos patrões, à sua direita.

Os representantes dos trabalhadores, à sua esquerda.

Para que, posando todos eles, imóveis, sete dias e sete noites, para o pintor oficial do Palácio Imperial, com excepção de Whu, que se fazia substituir o tempo todo sucessivamente por três duplos, se pudesse dar, à China, o retrato do diálogo e do entendimento entre patrões e trabalhadores, sob Whu.

Pintado o retrato sobre papel de arroz, exaustos, de um lado os representantes dos patrões, do outro lado os representantes dos trabalhadores, caídos todos num sono profundo, Whu regressava, para inquirir, ritualmente:

– Estais de acordo?!

E como não houvesse resposta, porque Whu não havia perguntado em quê, mas sobretudo porque todos dormiam um sono profundo, Whu, ritualmente, inquiria:

– Vós, representantes dos patrões, estais de acordo em pagar o mesmo, e vós, representantes dos trabalhadores, estais de acordo em trabalhar o dobro?!

Nenhum, claro, respondia.

Pelo que chegava a altura da intervenção dos vinte ventríloquos do Palácio Imperial, dez de cada lado.

A um sinal de Whu, ouvia-se, do lado dos representantes dos patrões:

– Estamos, sim!

A outro sinal de Whu, ouvia-se, do lado dos representantes dos trablhadores:

– Sim, estamos!

Após o que eram todos, ritualmente, levados, pela Guarda de Whu, em padiolas.

Assim foi, sabe-o a China Imperial, até que os representantes dos patrões e os trabalhadores decidiram reunir sem Whu.

Os representantes dos trabalhadores foram direitos à questão:

– Até aqui, fomos enganados! Whu estava do vosso lado!

Os representantes dos patrões foram muito claros:

– Do vosso! Whu estava do vosso lado!

E os representantes dos trabalhadores:

– Como, se Whu nos levava a trabalhar o dobro pela paga de metade de metade?!

E os representantes dos patrões:

– É simples! Whu sabia que nós não queríamos pagar-vos metade de metade pelo dobro do vosso trabalho! Mas metade de metade de metade pelo triplo do vosso trabalho! Levando-nos a pagar metade de metade apenas pelo dobro do vosso trabalho, Whu favoreceu-vos!

Era tal a distância a que se encontravam que foram sete dias e sete noites de discussão.

No final, do lado dos representantes dos patrões ouviu-se:

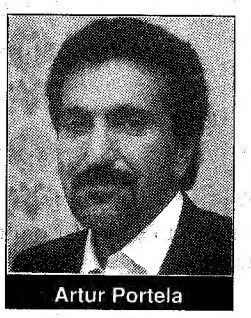
– Concordamos em pagar-vos mais dez em cada cem!

e do lado dos representantes dos trabalhadores:

– Sob que condições?!

E do lado dos representantes dos patrões:

– Sob a condição de não pararmos para comer, nem para dormir, nem para olhar para o sol! Se pararmos para comer, sofrereis a multa de dez em cada cem! Se pararmos para dormir, sofrereis a multa de vinte em cada cem! Se pararmos para olhar o sol, sofrereis a multa de cinquenta em cada cem! Notai que cedemos! A ponto de, se não pararmos, nem para comer, nem para dormir, nem para olhar o sol, vos pagarmos, em cada cem, mais dez!


Artur Portela

Os cronistas da época de Whu dizem que, disto, boa parte não podia ter sido dito, porque uns e outros, ao fim de sete dias e sete noites de discussão, só podiam estar afónicos.

Até porque o povo viu sair, deitados em padiolas, os vinte ventríloquos de Whu.

E, a enrolar uma grande folha de papel de arroz, o pintor oficial de Whu.

FORUM

CARTAS NA MESA

Raúl Castro esclarece

Venho solicitar um esclarecimento em relação ao artigo «O Sr. Presidente Dá Licença», publicado na pág. 5 do «Diário de Lisboa», de 9 do corrente.

Na verdade — e sem, naturalmente, pretender interferir no conteúdo risonho de tal artigo — faz-se ali referência ao meu nome, identificando-o com o «MDP». Ora, desde Março de 1987 que saí deste partido, integrando, desde Maio do mesmo ano, a «Intervenção Democrática — ID», pelo que a citada identificação com o «MDP» é susceptível de induzir em erro os leitores do «Diário de Lisboa», agradecendo, por isso, a respectiva rectificação.

Raúl Castro

Despeje-se o bairro das Galinheiras...

Patrono de locatários de um prédio de um bairro lisboeta — o das Galinheiras — de mais de 200 casas clandestinas, o advogado Saúl Nunes, reagindo à ordem de despejo dos seus clientes, pessoas de idade avançada há muitos anos naquela residência, algumas desde a construção, «por virtude de contratos de arrendamento legalmente celebrados», dirigiu ao presidente da Câmara a carta de que reproduzimos os seguintes bem-humorados excertos.

« (...) Têm (as inquilinas em causa) pago pontualmente as rendas devidas e as relações com o senhorio e a vizinhança são as triviais. São todas pobres, modestas e, segundo julgo, tementes a Deus. Nada portanto julgam ter feito no sentido de despertar o súbito interesse do Exmo. Vereador do Pelouro pela sua situação.

Correndo em pânico à Câmara após as notificações, foram informadas de que tinham de despejar os locais onde residem porque "a casa é clandestina". Julgo que só por modéstia, o funcionário não acrescentou que a nova equipa camarária não mais admite ilegalidades ou corrupção. Mas sucede que **o prédio já era clandestino há 26 anos** (...). E o mais caricato é que não é só o prédio em que residem que fugiu aos gabinetes técnicos camarários. É que **todo o bairro das Galinheiras é clandestino**. A dúvida portanto (...) é a seguinte: porquê escolher uma entre mais de 200 casas clandestinas e ordenar o despejo dos seus arrendatários e não mandar despejar todo o bairro? É que nem se compreende que, para execução dos programas de "habitação social" da Câmara, e por não haver (ainda) "lares" para todos, o Exmo. Vereador recorra à tombola para descobrir os felizardos a quem vai entregar uma casa. Mas será moral usar esse mesmo processo para (como é o caso), escolher à sorte meia dúzia de famílias para pôr na rua? E porquê esperar **mais de 26 anos (...)**? Será que os anteriores vereadores da habitação tinham mais profundas preocupações sociais e por isso não "agiram"? Ou será que a ordem de demolição foi emitida há mais de um quarto de século (...) mas levou 13 anos a subir do fiscal do Senhor Vereador e mais 13 a descer, sempre pela melhor via, até ao beleguim encarregado da notificação? Se é este o caso, Senhor Presidente, em nome das minhas clientes muito agradecido ficaria a V. Exª. se em vez de "modernizar os circuitos", e "libertar a máquina camarária da burocracia terceiro mundista", a mandasse emperrar ainda mais.É que algumas das minhas clientes estão velhas e doentes e se assim suceder a Natureza poderá encarregar-se de lhes resolver os problemas da habitação antes que nova notificação apareça...»

As mudanças no Leste... e no Ocidente

REINVENTAR A POLÍTICA

O eixo esquerda-direita tem vindo a tornar-se ténue, sob o efeito de uma série de mudanças que estão a desestabilizar a nossa anterior maneira de ver o Mundo. Retenhamos três, cuja heterogeneidade é evidente, mas que podemos, todavia, procurar englobar numa única sequência:

- A libertação dos povos de Leste;
- A expansão dos integralismos religiosos e, correlativamente, de diversas formas de racismo;
- Os retrocessos tecnológicos, biológicos e comunicacionais da revolução informática.

Os países de Leste, a começar pela URSS, só podem esperar manter-se entre as potências industriais de primeiro plano se conseguirem recuperar o atraso verificado nas tecnologias de ponta, o que implica, igualmente, saírem do feudalismo burocrático que herdaram do período estalinista. Mas o preço a pagar para atingir esta meta revela-se, cada dia, mais elevado: renúncia ao centralismo estatal, desarticulação do «aparelho» soviético, ressurgimento das nacionalidades oprimidas, abertura ao Ocidente...

Notemos, antes de mais, que a derrocada da «cortina de ferro», sob o extraordinário impulso dos movimentos populares, não conduzirá, necessariamente, a uma evolução «progressista». O modo de vida ocidental funcionou, para os povos de Leste, como uma verdadeira miragem. Todavia, nada nos garante que lhes será fácil alcançá-lo, e, por outro lado, as actuais visões idílicas serão certamente acompanhadas de algumas decepções, no contacto com outras realidades, tais como o desemprego, o racismo, a xenofobia, ou a poluição. Nestas circunstâncias, não podemos excluir que uma parte importante das populações libertadas do totalitarismo de Estado não venha a cair na órbita de outras ideologias totalitárias, as quais, aliás, continuam a ganhar terreno no Ocidente.

Se considerarmos, agora, a aceleração geral da informatização e do comando mecanicista, sinónimo de um aumento considerável da produtividade, teremos de admitir que, também neste plano, não se pode esperar que as evoluções se encaminhem, forçosamente, no sentido do progresso social. Em primeiro lugar, é preciso sublinhar que aquilo a que se chamou a «terceira revolução industrial» veio destruir, mais do que criar, postos de trabalho, e que deu origem a uma massa crescente de « desamparados por conta», em todas as espécies de modalidades.Devemos, também, incluir no passivo desta pretensa revolução as devastações ecológicas, ambientais, sociais e mentais que provoca, e que apontam, a médio prazo, para uma extinção da vida humana no planeta, se não for o desaparecimento, puro e simples, da bioesfera.

Parece-me que, a um nível inconsciente, o pressentimento destas catástrofes começa a emergir. Não há motivo para idealizar as antigas relações sociais, mas é preciso constatar que se encontram, hoje, laminadas por uma subjectividade mais solitária e mais infantil, em grande parte modelada pelos «mass-media» e pelos equipamentos colectivos. As relações de solidariedade - familiares, de vizinhança, profissionais, culturais, de militância, ou religiosas - são cada vez mais frouxas. Apanhados nesta espiral de «deterritorialização» generalizada - ou seja, de desarticulação dos antigos territórios existenciais -, muitos indivíduos, para fugirem à neurose, apegam-se a formas arcaicas de «reterritorialização» social, tais como os integralismos religiosos, as seitas, ou o neo-nazismo, as quais se entreajudam secretamente por detrás das suas oposições de fachada.

A crise do capitalismo

A derrocada do modelo seguido pelos países de Leste não implica, pois, automaticamente, o triunfo dos modelos ocidental e do Japão. Esta ilação simplista pressupõe que as nações ricas seriam desoneradas da sua responsabilidade pela situação desastrosa em que se encontra a grande maioria dos países do Terceiro Mundo, e pelo crescimento canceroso do «quarto mundo» da pobreza, em toda a superfície do planeta. O capitalismo contemporâneo - que qualifiquei, há vinte anos, de capitalismo mundial integrado - está, de facto, em vias de «fagocitar» os países ditos socialistas. Mas, se é verdade que arrasta na sua esteira urbanística e («mass») mediática um número cada vez maior de populações, só contribui para elevar o nível de vida de minorias relativamente insignificantes. E, se quisermos falar em termos de qualidade de vida, seria preciso reduzir ainda mais o número dos que beneficia.

Nas últimas quatro décadas, os dois blocos hegemónicos do capitalismo - o do sistema de mercado, no Ocidente, e o estatal, no Leste - conseguiram manter, melhor ou pior, uma certa ordem internacional (ao preço, é certo, de guerras atrozes, como as da Argélia, Vietname, Afeganistão...). Mas eis que, agora, o «polícia» soviético perde consistência. É, então, que o seu tradicional inimigo - e parceiro - começa a entrar em pânico. Não se deve ir demasiado longe, é preciso correr em auxílio das novas burocracias reinantes, pois, sem elas, quem poderá ter mão nessas centenas de milhões de indivíduos, bruscamente libertados das suas grilhetas políticas? A derrota do sistema, no Leste, poderia, assim, revelar-se, mais do que uma vitória para o Ocidente, uma ameaça considerável para o seu futuro. A imensa revolução subjectiva que atravessa a região será difícil de canalizar. O ramo burocrático do capitalismo mundial acaba de se desmoronar. Teremos voltado a 1917, ou a 1905? Como poderá o capitalismo adaptar-se a esta nova situação? Já carregava, nos ombros, o fardo da sua própria crise crónica: a do défice americano, a da dívida do Terceiro Mundo, problemas ecológicos cada vez mais ameaçadores; e ei-lo confrontado, como se isso não bastasse, com centenas de milhares de potenciais necessitados. Dir-me-ão que já passou por outras, este capitalismo que mostrou ser capaz de renascer após crises como a de 1929, ou após as devastações da II Guerra Mundial. É possível! Mas a que preço?

Uma outra sociedade

O extraordinário desafio que a actual situação representa não afecta, apenas, a ordem estabelecida. Também entra na esfera daqueles que desejam construir uma outra sociedade, outro tipo de relações entre os indivíduos e a produção, outras formas de valorização social das actividades humanas, que não se baseiem apenas no lucro e na economia mercantil. Mas este desafio também cai na alçada - não o esqueçamos - dos nostálgicos do fascismo e de todos aqueles que se aferram a representações arcaicas.

Os integralismos, o racismo, a xenofobia, o não reconhecimento da diferença, só serão derrotados, tanto no Ocidente como nos países de Leste, na condição de se imporem práticas sociais e políticas adaptadas aos novos problemas do urbanismo, das relações de vizinhança, da vida familiar, da educação...Os partidos socialistas e os partidos liberais continuarão a perder terreno para o extremismo de direita - e, também, felizmente, para os movimentos ecológicos - se não puserem em questão, radicalmente, a razão da sua existência. Progressivamente - mas, sem dúvida, irreversivelmente -, a opinião pública afasta-se da antiga maneira de «fazer política». O que só torna mais urgente a tarefa de reinventar novas formas de empenhamento, que tomem em consideração, simultaneamente, os novos horizontes geopolíticos que se estão a esboçar; as mutações tecnológicas, que se aceleram; a redefinição do modo de viver o corpo, o tempo, a relação com os outros, a actividade criativa, e, por fim, a transitoriedade, que é como o cursor ético de qualquer prática autêntica.

Felix Guattari,
psicanalista
Exclusivo Le Monde/DL
Tradução de Isabel Joyce

POLÍTICA

Descobrimentos têm plano a médio prazo

A exposição na Public Library de Nova Iorque sobre «Portugal e Brasil- A Era das Descobertas Atlânticas», em Junho deste ano constitui uma das iniciativas incluídas no «Plano de Acções a Médio Prazo» da Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, a que o Diário de Lisboa teve acesso.

O documento, aprovado na última reunião de Conselho de Ministros, define iniciativas a levar a efeito no País e no estrangeiro, entre os anos de de 1990 e 1998, nas áreas da investigação científica, exposições, política editorial, criação artística, comemorações no mar e actividades desportivas.

A Comissão pretende assinalar entre 1990 e o ano 2000 os «pontos fortes» do processo comemorativo. Para já, e em termos de iniciativas preparadas, o corrente ano é considerado como ponto de partida. Estão previstas por isso exposições em Bruges, Bordéus, Estrasburgo e Rio de Janeiro.

O corolário das comemorações será no ano 2000 pontuando nestas quinto centenário da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Até lá o espaço de tempo que medeia entre as duas datas será preenchido com as iniciativas do Plano a Médio Prazo, que se estende até 1995.

1992 e 1994: dois anos fundamentais

De entre as actividades que se realizarão a nível nacional e internacional a Comissão destaca para 1992, ano da Exposição Universal de Sevilha, a presença portuguesa naquele evento, bem como iniciativas inerentes ao facto de Portugal presidir à Comunidade Europeia.

Lisboa será, em 1994, a Capital Europeia da Cultura. Neste contexto, os responsáveis pelas comemorações dos Descobrimentos Portugueses propõem-se desenvolver «uma grande exposição luso-espanhola denominada 'O triunfo do Maneirismo Ibérico'» e comemorar, conjuntamente com as autoridades espanholas, o quinto centenário do Tratado de Tordesilhas.

Das revistas ao futebol

Estão ainda em preparação outras iniciativas que deverão acompanhar igualmente as datas mais sonantes. Na área da investigação científica a Comissão vai apoiar a revista «Mare Librum» e assinar contratos de investigação com instituições universitárias.

As exposições serão o prato forte das comemorações, tal como a edição de livros de autores da época dos Descobrimentos,a contratação de Philip Glass para compor uma ópera, e a realização de séries e filmes versando a temática das Descobertas.

O apoio à organização da fase final do Campeonato do Mundo de Futebol de 1988 está também nos horizontes da Comissão. Trata-se de um projecto de fôlego que não sabe se estará ao alcance das pretensões portuguesas. Não obstante, a Comissão apoiará outras manifestações desportivas, a realizar também em Portugal entre 1990 e 1991, como o Campeonato Mundial de Vela ou o Campeonato Mundial de Futebol de Júniores.

Arons de Carvalho

TV da Igreja sem concurso é decisão inconstitucional

O deputado do Partido Socialista Arons de Carvalho considerou inconstitucional a concessão de um canal de televisão à Igreja Católica sem a realização de um concurso público. Em entrevista à Rádio Comercial da Linha/Diário de Lisboa, no sábado, comentava assim a declaração de Cavaco Silva ao «Expresso» em que este afirmava que o Governo não levantaria «quaisquer obstáculos» caso a Assembleia da República considere «justo e correcto atribuir à Igreja um dos novos canais de Televisão».

Na eventualidade da declaração de inconstitucionalidade e de o Governo pretender reenviar este projecto ao Parlamento, Arons de Carvalho afirmou que a posição do PS seria, em princípio, a de se abster. Refira-se que se tornaria necessária uma maioria de dois terços dos votos dos deputados para viabilizar a proposta.

Alçada Baptista, Costa Gomes e Miguel Lobo Antunes, em depoimentos à Rádio Comercial da Linha, manifestaram-se também contra a proposta de concessão de um canal de televisão à Igreja, afirmando que esta confissão religiosa deveria concorrer em pé de igualdade com os outros candidatos. Em alternativa, poderia ocupar um tempo de antena, sem publicidade, num canal público, a exemplo do que já hoje acontece na RTP.

Arons de Carvalho teve também ocasião de se pronunciar sobre as questões técnicas que se levantam com esta liberalização, nomeadamente a rede de transmissão do sinal televisivo e a necessidade de reordenamento do espaço radioeléctrico. Afirmou-se preocupado com o atraso do Governo nas negociações com Espanha para a viabilização de uma quarta cobertura de televisão para Portugal, o que, na sua opinião, poderá invalidar a entrada em funcionamento de novos canais antes de 1992.

BREVES

PSD/Açores «chumba» voto secreto

O Conselho Regional do PSD/Açores, reunido este fim-de-semana na Horta, rejeitou uma proposta de Álvaro Dâmaso no sentido de ser adoptado no próximo congresso o escrutínio secreto, confirmando-se, assim, o cenário previsto pelo «DL». Dâmaso, que vai apresentar uma moção na assembleia magna dos social-democratas açorianos, conseguiu impôr no comunicado final da reunião a necessidade que «separar o partido e o governo regional», tese que vem defendendo. Renovação - mais de métodos do que de pessoas - será a palavra de ordem do congresso, marcado para entre 27 e 28 de Abril, em Ponta Delgada. Mota Amaral divulga hoje as bases da sua moção de estratégia.

Estatuto Orgânico fica hoje pronto

A delegação de seis membros da Assembleia Legislativa, que se encontra há dias em Lisboa, trabalhou durante o fim de semana em contacto permanente com Macau de modo a preparar o texto final do Estatuto Orgânico que deve ser hoje aprovado em S. Bento. Em reunião aprazada para hoje à tarde, os deputados macaenses e a Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias têm previsto encerrar o processo de redacção do Estatuto com a ultrapassagem das divergências sobre os artigos 31 e 41 referentes às competências específicas dos orgãos legislativos nacionais e do território e a hierarquização das leis. Segundo esse acordo, caberá ao Tribunal Constitucional dirimir eventuais litígios de competências entre o Governador e a Assembleia Legislativa, por um lado, e a Assembleia da República, por outro.

Timor-Leste na comissão ACP/CEE

Duas resoluções contra a política indonésia em Timor-Leste vão ser discutidas na primeira reunião da comissão paritária dos países ACP/CEE, em Port-Moresby.A primeira, será apresentada hoje e é proposta pelo socialista holandês Maartje van Putten. Relaciona-se com as informações sobre o desaparecimento e detenções de presos políticos no território.A segunda, subscrita por Maria Belo, pede a condenação da ocupação desta região pela Indonésia. Esta moção condena também a Austrália pelo acordo feito com a Indonésia sobre a exploração das jazidas petrolíferas do Mar de Timor.

Associação de Municípios

Surpresa socialista

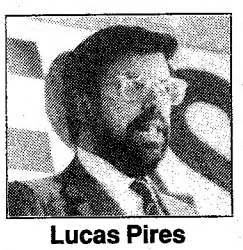
A surpreendente escolha de Mário de Almeida como candidato socialista à presidência da Associação Nacional de Municípios constituiu a única solução consensual, em face da posição irredutível tomada por Narciso Miranda - apurou o «DL».

Antes da reunião de sexta-feira do Conselho Directivo da Associação Nacional de Autarcas do PS, na qual a decisão foi tomada, a maioria dos observadores acreditava que a decisão passaria por Narciso Miranda ou Monterroso. Segundo apurou o «DL», o primeiro, melhor colocado na «corrida», tomou uma atitude «de grande humildade, na base dos interesses do partido», enquanto o presidente da Câmara da Nazaré se mostrou «irredutível e mesmo agressivo», na defesa da sua candidatura.Perante os riscos de clivagem, uma proposta de Narciso Miranda no sentido de indigitar Mário de Almeida foi assumida pelo Secretariado Executivo e sufragada por unanimidade.

Chamado à política autárquica por Fernando Gomes, actual presidente da Câmara do Porto, o homem que deverá liderar a ANMP a partir do próximo congresso, desempenhou o cargo de vereador em Vila do Conde, antes de se tornar presidente, em 1981.

PM

POLÍTICA


Lucas Pires

Adriano Moeira

Krus Abecasis

Delegados aprovaram as cinco condições postas pelo líder para continuar à frente do partido, mas não apoiaram a sua lista para o Conselho Nacional

«Veteranos» seguram Freitas e estendem mão a Monteiro

A maioria dos militantes do CDS está com Freitas do Amaral, mas encara a perspectiva de renovação. Os «veteranos» seguraram ontem de madrugada o seu líder, assegurando-lhe os dois terços de votos que exigia como condição básica para a sua estratégia. Mas estenderam uma mão a Manuel Monteiro/Ricardo Vieira, na eleição para o Conselho Nacional.

O presidente reeleito não tem de que se queixar: as condições que pôs foram satisfeitas, cabendo-lhe agora atacar três prioridades que enunciou no seu dircurso de encerramento: resolver as dificuldades financeiras, relançar as estruturas distritais e concelhias (de que afastou Luís Beiroco ao promovê-lo a vice-presidente) e preparar o programa eleitoral para 1991. Este será preparado até ao Natal, discutido no seio do partido no primeiro trimestre de 1991 e apresentado num encontro nacional na Primavera.

O respeito pelo estatuto da oposição na Assembleia da República, a desgovernamentalização da RTP, a abertura de um canal público de televisão à Igreja, segundo a proposta que Sá Carneiro e ele próprio elaboraram no primeiro Governo AD e que Balsemão confirmou, são alguns dos pontos que enformarão esse programa, a par da melhoria das pensões sociais, diminuição dos encargos fiscais e regresso à concertação social tripartida, entre outros.

Freitas do Amaral não perdeu nada neste nono congresso do CDS, nem sequer o Conselho Nacional, muito embora a sua lista para este órgão não tenha a sido mais votada. A que Manuel Monteiro e Ricardo Vieira apresentaram impôs-se na votação final, mas sem retirar ao presidente reeleito a maioria nesse órgão, como Freitas do Amaral sublinhou ao DL. A sua vitória foi clara, não passou por acordos com Manuel Monteriro/Ricardo Vieira, nem por negociações nos bastidores. «Não foi fácil, foi uma luta política», disse Freitas do Amaral, em síntese, ao nosso jornal.

O líder ideologicamente democrata cristão e metodologicamente centrista - como por mais de uma vez definiu o CDS - falou quatro vezes neste congresso: na sessão de abertura, na apresentação da sua moção, em resposta a Abecasis e outros (na madrugada de ontem que ficará histórica para o partido) e na sessão de encerramento. Estava satisfeito no final. O partido expurgou a catarse de um mal estar que nele se tinha instalado, os vencidos não serão esmagados nem afastados da «família» democrata-cristã.

Freitas prometeu mais: «não serão votados ao ostracismo», disse, contando com eles para o «esforço de unidade» necessário ao CDS.

O líder centrista foi peremptório na conferência de Imprensa que promoveu depois do encerramento dos trabalhos, ao referir-se, por solicitação do DL, à única vitória que não obteve neste congresso: a maioria da lista de Monteiro/Vieira para o Conselho Nacional. «Apresentei uma lista convencido que iria vencer.Mas ganhei todas as outras votações», acentuou.

Abecasis em forma anima plateia

Segundo Freitas do Amaral, a vitória da lista daqueles jovens não implica a divisão de poderes, porque a maioria do Conselho Nacional passa pelos cerca de 75 elementos que não são eleitos pelo congresso e que têm lugar naquele órgão por inerência.

As cinco condições que colocava para presidir ao CDS foram satisfeitas pelos congressistas, que acreditaram sempre mais nele que nos subscritores das outras moções, desde Ramada Curto (que resistiu até ao fim) a Abecasis, Juventude Centrista e Francisco Pita, os primeiros a desistirem a favor da moção de Manuel Monteiro/Ricardo Vieira, ao mesmo tempo que Correia Araújo abdicava a favor de Freitas do Amaral.

«Maioria clara» e «apoio insofismável» para os próximos dois anos, pelos vistos não lhe faltarão. O congresso decorreu com dignidade, a direcção não foi derrotada em nenhuma votação essencial, a sua moção recolheu os dois terços indispensáveis (faltaram-lhe aritmeticamente dois votos, politicamente todos reconheceram o facto) e dos trabalhos saiu também uma comissão especial para «angariar os fundos necessários para o pagamento da dívida ao Patriarcado». Quanto a esta última, a resposta foi ainda mais clara: vários cheques chegaram à comissão directiva. «A situação é difícil, os congressistas sentiram-se corresponsáveis», disse aos jornalistas.

Freitas do Amaral venceu este congresso em toda a linha, apesar da reunião magna do partido lhe ter mostrado um cartão amarelo, ao eleger Ricardo Vieira como primeiro membro do Conselho Nacional, à frente de Aventino Loureiro Beleza, o número um da lista do líder de Freitas. Observadores centristas consideram que a derrota que averbou para o Conselho Nacional é «um aviso à navegação». Basílio Horta, cujos poderes sairam reforçados, juntando as funções de secretário-geral às de vice-presidente (porque Neiva Correia não aceitou suceder no primeiros dos cargos a Luís Beiroco), considerou a vitória de Monteiro/Vieira para o Conselho Nacional «um prémio que o congresso deu a quem se bateu pelas suas ideias».

Em suma, os delegados centristas saíram dos trabalhos com mais dois nomes importantes para o futuro do partido. E se porventura apostaram em Freitas para não haver vazio de poder, o certo é que abriram caminho ao futuro. Muitos dos que ontem de madrugada não votaram na sua moção - «Novos Tempos» -, poderão fazê-lo dentro de dois anos. Estes jovens, na casa dos trinta anos, capitalizaram muito neste congresso. Há que contar com eles para a próxima vez em que o partido se tenha de pronunciar sobre a sua liderança. Não haverá mais razão para se dizer que apenas Adriano Moreira e Lucas Pires - sobre os quais Freitas fez um rasgado elogio aos jornalistas - são as únicas alternativas ao professor.

Faltaram à chamada muitos eleitos

Potenciais votantes de Freitas do Amaral, muitos dos quais lhe garantiram os dois terços que exigia para continuar à frente do partido, não vacilaram em pôr a cruz na lista de Manuel Monteiro/Ricardo Vieira. Não foi surpresa para muitos esta vitória daquele dupla, que fez do debate de ideias a sua cruzada e aproveitou habilmente o facto da grande parte dos delegados não apreciar alguns dos nomes que o líder inclui na sua lista.

Quem se der ao trabalho de atentar nas votações a que os 867 delegados - menos cerca de quatro centenas do número incialmente avançado - foram submetidos, verificará sem esforço que a lista da comissão directiva foi a menos votada de todas as que Freitas apresentou, à excepção do conselho nacional: 574 em 687 boletins. Subiu o número dos nulos, de 86 para 113. Rui Pena, que não apareceu no congresso, Luís Beiroco, muito contestado nos corredores, e em parte, Vítor Sá Machado, foram alguns dos nomes que apoiantes de Freitas criticaram. Foram, com Carlos Robalo, os que menos palmas terão ouvido nos momentos finais desta festa centrista a que Adriano Moreira, Lucas Pires, Manuel Monteiro e Ricardo Vieira conferiram grande elevação. Entre abraços e votos de sucesso, incitaram o «chefe» ao êxito.

Júlio Rodrigues

Alianças e presidenciais

Nem Soares nem subordinação

«O CDS jamais entrará num governo de coligação se o essencial das suas propostas não for aceite e incluído no programa do Governo», defendeu Freitas do Amaral no final do congresso, numa tomada de posição que a muitos pareceu ir ao encontro da preconizada pela moção de Manuel Monteiro/Ricardo Vieira.

Manter-se na oposição, formar um governo de coligação com o PS, ou com o PSD se este vencer, são as três situações que colocam os centristas para as legislativas. «Não temos nenhuma preferência», esclareceu Freitas. Para ele, o partido - que não pode ser repentinamente proclamado como de direita e ao mesmo tempo renegar a sua tradição centrista - «deve concorrer sozinho».

A moção vencedora averbou 513 votos em 867 possíveis, isto é, 66,364 por cento, dois terços à tangente. Relativamente às presidenciais, propõe que o CDS não apoie a candidatura de Soares, que esteja disponível para apoiar «uma candidatura credível e idónea», que se apresente por si própria na área não socialista e de preferência democrata-cristã.

Freitas do Amaral propôs para o Conselho Nacional Aventino Beleza, Laurentina Faria e Paulo Lopes à cabeça, para a Comissão Política o retorno de Oliveira Dias, ex-presidente da Assembleia da República, além de Morais Leitão, Carlos Robalo, Pereira Neto, Manuel Machado, Nogueira de Brito, entre outros. Para a Comissão Nacional de Fiscalização indicou Coelho dos Santos e, para a Mesa do Conselho Nacional, Martins Canaverde. João Porto sucedeu a Lucas Pires na mesa de presidência do congresso.

Vogais da comissão directiva são Narana Coissoró, Vítor Sá Machado, Rui Pena, Ferreira de Lemos, Lobo Xavier, Sousa Pinto, Alberto Baldaque, Ana Ricou e José Luís Seixas.

J.R.

Ricardo Vieira ao «DL»

«Não terminámos aqui»

Ricardo Vieira foi a grande revelação deste congresso. Praticamente desconhecido a nível nacional, o jovem líder do CDS na Madeira teve a coragem de dar rosto à moção adversária à de Freitas do Amaral. E, apesar da maioria de dois terços obtida pelo presidente do partido, Ricardo Vieira não saiu, de forma alguma, como um perdedor.

Diário de Lisboa - *Como é que surgiu à frente da lista de Manuel Monteiro?*

Ricardo Vieira - Na nossa lista existe em grande espírito de equipa. O meu nome surgiu como o mais indicado para concorrer à liderança do partido, não obstante Manuel Monteiro ser o seu líder natural, por dois factores. Em primeiro lugar, de todos os elementos ligados à lista, eu era o que tinha maior actividade e currículo políticos e com boas referências à minha actuação. Por outro lado, Manuel Monteiro invocou o facto de ser muito jovem e de não ter acabado o curso como razões para não encabeçar a lista.

D.L. - *Alguma vez pôs a hipótese de obter a maioria?*

R.V. - Nunca. Não nos candidatámos para obter a maioria mas para mostrar que há gente neste partido que pensa de maneira diferente de Freitas do Amaral que tem rosto e coragem para o assumir. A nossa moção destinou-se a preparar o futuro pois nós não terminámos aqui.

D.L. - *O resultado de 31 por cento é bom?*

R.V. - No congresso da Póvoa do Varzim apresentámos uma lista para o Conselho Nacional e, embora não nos tenhamos pronunciado contra Freitas, obtivémos 22 por cento dos votos. Agora, obtivémos 31 por cento, apesar de as pessoas saberem que isso poderia pôr em causa a própria continuação de Freitas do Amaral no CDS.

D.L. - *Quais as vossa principais discordâncias relativamente ao presidente centrista?*

R.V. - Basicamente, discordamos da sua visão estratégica. Freitas do Amaral, perspectivando um determinado resultado nas legislativas de 1991 onde o CDS poderia ter um papel fundamental, está a puxar a corda dizendo que para se coligar com o PSD este terá que mudar. Ora ele só deveria fazer isso depois das eleições, em primeiro lugar porque o nosso eleitorado não vê com bons olhos uma aliança com o PS e depois porque não é necessário anunciar isso com dois anos de antecedência . Dá a ideia de que o CDS está em leilão e de que não tem programa e objectivos claros.

Ricardo Vieira

D.L. - *E pessoalmente, o que pensa de Freitas do Amaral?*

R.V. - Freitas é um homem de Estado. Mas nem sempre tem sabido percorrer os difíceis caminhos necessários para chegar lá, nem se tem acompanhado das melhores pessoas. Desta vez, ele sai do congresso com a autoridade que queria - embora eu acho que a autoridade se conquista, não se pede - e com a lista que quis. Eu espero que essa lista lhe seja fiel e que trabalhe.

D.S.

Rui Vasco

Freitas do Amaral satisfeito com a vitória que afinal acabou por lhe sorrir

Os derrotados do último congresso da JC aproveitaram a reunião magna dos «séniores» para continuarem as sequelas com os vencedores. Quem acabou por beneficiar da guerra foi Freitas do Amaral

Jovens desavindos ajudam professor

Rui Vasco

Manuel Monteiro ganhou pontos e o futuro do CDS também passa por ele

Contrariando a tradição de «paz e harmonia» dos congressos do CDS, a Juventude Centrista resolveu, na nona reunião magna dos democratas-cristãos, assumir-se como alternativa ao fundador e líder histórico do partido, Freitas do Amaral. O objectivo, segundo os subscritores da moção «Novos Tempos», não era ganhar mas demonstrar que, caso o professor não obtivesse os dois terços que exigia, «o poder não cairia na rua». No entanto, também entre os jovens a polémica se acendeu. Tudo começou no último congresso da JC. Em foco estava a sucessão do seu dirigente, Manuel Monteiro, mas também o debate da posição que os jovens centristas iriam assumir no encontro magno do CDS. Seria também aí que surgiriam as primeiras divergências entre a juventude, expressas posteriormente durante o congresso centrista.

Inicialmente foram propostas duas moções que davam voz a duas correntes: a vencedora, liderada por Martim Borges de Freitas, e a derrotada, encabeçada por Telmo Correia. O consenso pareceu, todavia, encontrado e os dois documentos acabaram por fundir-se, com prejuízo para a sua publicitação dado o atraso com que foi entregue.

Simultanemente, os dirigentes da JC foram estabelecendo contactos com todos os subscritores das outras moções a fim de auscultarem sensibilidades e perceberem quais poderiam ser aquelas com que se poderiam, eventualmente, fundir. Tudo isto, ao mesmo tempo que Manuel Monteiro e Ricardo Vieira iam estabelecendo contactos com vista ao apoio da moção «Novos Tempos», elaborada pouco antes de o primeiro deixara liderança dos jovens democratas-cristãos com o objectivo de «dar estatuto, dentro do CDS, a pessoas que já não pertenciam à JC», como nos dizia um dos seus subscritores.

Apoio a Monteiro acentua divergências

A decisão de desistir em favor de Monteiro e Vieira só viria depois, mais precisamente no sábado à hora do almoço, durante uma reunião dos delegados eleitos pela JC. E, com ela, o acentuar das divergências.

Na referida reunião, dos 70 delegados presentes, 90 por cento pronunciaram-se a favor do apoio a Manuel Monteiro e Ricardo Vieira. A ideia estava latente há algum tempo. O brilhante discurso do antigo dirigente da JC, pronunciado durante a manhã e os apoios que já se desenhavam entre os responsáveis por outras moções terão feito o resto.

Martim Borges de Freitas e os seus seguidores venceram. No entanto, Telmo Correia, seu adversário na corrida ao cargo de presidente da JC, não se conformou, reafirmou a sua intenção de apoiar Freitas do Amaral e defendeu-a na discussão de sábado à noite.

Quando Borges de Freitas declarou a sua desistência em favor de Manuel Monteiro e Ricardo Vieira, Telmo Correia e Mário Costa Pinto (mais tarde integrados na lista para a Comissão Política elaborada por Freitas) ripostaram violentamente e acusaram Borges de Freitas de ser uma cópia pior que o original, referindo-se à sua vinculação ao seu antecessor e à semelhança de estilos entre ambos.

«Os perdedores do Penta foram os contestatários do Altis», comentava Ricardo Vieira, enquanto um elemento ligado à juventude dos democratas-cristãos afirmava ao DL: «Foi a continuação das sequelas do congresso da JC, pois eles ainda não se convenceram totalmente que perderam». A mesma fonte denunciou ainda o facto de vários elementos ligados à facção de Telmo Correia que, depois de terem subscrito a moção da JC, não apareceram no congresso vinculadas a ela mas sim à do presidente do partido.

As consequências que tal posição para o futuro da Juventude Centrista não parecem assustar os seus militantes, apesar da imagem de divisão dada no congresso. «Sempre existiu uma oposição minoritária na JC, que não se revelou na reunião magna da Póvoa de Varzim porque os seus protagonistas estiveram ausentes para não terem que apoiar Freitas do Amaral», explicou ao DL outro elemento ligado à JC.

Dina Soares

COMENTÁRIO

Um homem só

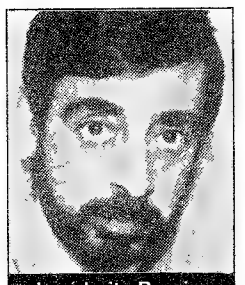
Freitas do Amaral conseguiu o que queria. À entrada para o Congresso colocava cinco condições para continuar como líder e viu-as, a todas, cumpridas. Incluindo a que estipulava o apoio de dois terços dos congressistas. Um grande vencedor? Os números das votações indicam que sim mas a política tem muitas outras condicionantes. Freitas assegurou a liderança do CDS nos exactos termos em que a exigiu mas tal facto, mais do que um vencedor, torna-o prisioneiro da própria estratégia e, como ele certamente se deu conta durante o Congresso, um homem só.

Paradoxo por paradoxo, acrescente-se, desde já, que este congresso centrista, se vencedor teve, ele terá de ser encontrado...entre os derrotados.Os jovens e os seus apoiantes saem desta reunião com trinta e tal por cento dos votos e asseguraram no Conselho Nacional uma representação com que certamente nem eles próprios contariam. Faltou-lhes alguém, uma figura, um nome sólido, que os impulsionasse na oposição a Freitas do Amaral. Abecasis deu-lhes ligeira ajuda mas parou no exacto momento em que ele próprio teria de enfrentar o líder. A tanto não chegou. Adriano Moreira, até pela sua ausência dos trabalhos, foi sobretudo o apoio moral, a inspiração, dos jovens centristas. Também não chegou. Mas se ontem, no hotel Altis, havia sorrisos de alegria, eram Manuel Monteiro e os seus pares que os ostentavam.

Mas Freitas é líder. Número um. Ele que um dia abandonou o partido porque este não servia a sua estratégia, que regressou para o retirar da penumbra em que caíra tem, agora, pesada tarefa a seu cargo. Às eleições apresentar-se-à sozinho e o futuro dirá como poderá ser penosa a contagem a que se vão submeter os centristas. Sendo previsível a bipolarização PSD-PS em próximas eleições, o CDS corre o risco de ver os seus apoiantes (continuarem) a votar noutro partido. Freitas joga abertamente no papel charneira que o partido poderá desempenhar, perdida que seja pelo PSD a maioria absoluta. E dispõe-se a alianças à esquerda ou à direita. Ao sabor das circunstâncias.

Freitas tem, no fundo, a postura de um derrotado. Durante anos ele foi o número dois de Governos AD ou mesmo PS. Quando a AD se esgotou (porque era diferente para este professor de Direito ser o segundo de Sá Carneiro ou de Pinto Balsemão) desenhou uma estratégia pessoal que visava Belém. Sabe-se como essa hipótese se esfumou. Resta a Freitas regressar ao Poder. Não o poderá fazer sozinho. Aposta em alianças pós-eleitorais. E esta estratégia tem algo de coerente com o passado do partido: passados os anos conturbados de 75 o CDS esteve sempre próximo do Poder e apenas cometeu o erro (fatal, aliás) de deixar que na AD os seus votos se confundissem com os do PSD. Acabada a aliança, os seus eleitores ficaram do lado do mais forte, na esperança de continuarem a assegurar a governação. Se conseguir que o PSD perca a maioria absoluta, além da vitória que isso significará para o CDS, Freitas marcará alguns pontos perante um dos seus actuais grandes adversários, Cavaco Silva, o homem que ajudou a desmembrar o CDS e que o abandonou, perdida que foi a batalha das Presidenciais. Com Freitas na liderança, a estratégia do partido entrecruza-se com a do seu líder. Não haverá grandes novidades, os passos que Freitas vai dar são mais ou menos conhecidos. Foi isso que lhe deu a vitória: os congressistas sabem com o que podem contar. Se não dessem os dois terços que Freitas do Amaral exigia, teriam que aceitar um líder que não desperta grandes amores (Basílio Horta), ou esperar por demoradas negociações para uma comissão administrativa até próximo Congresso extraordinário, sujeitos aos prejuízos que uma luta intestina seguramente provocaria. Freitas foi assim no Congresso a hipótese menos má, a única que não provocava um salto no vazio.

Mas, com os seus sessenta e seis por cento, Freitas é um homem só. Dos ex-líderes nenhum está consigo. Adriano Moreira passou o Congresso recolhido em casa, Lucas Pires apareceu para falar da Europa, a Europa onde granjeia o prestígio que ele gere com intenções que facilmente se descortinam. Quer um quer outro fizeram neste Congresso o mínimo essencial à manutenção das suas posições e, por meios distintos, ambos deixaram perceber que são eles que deixam Freitas do Amaral comandar o partido .



José Leite Pereira

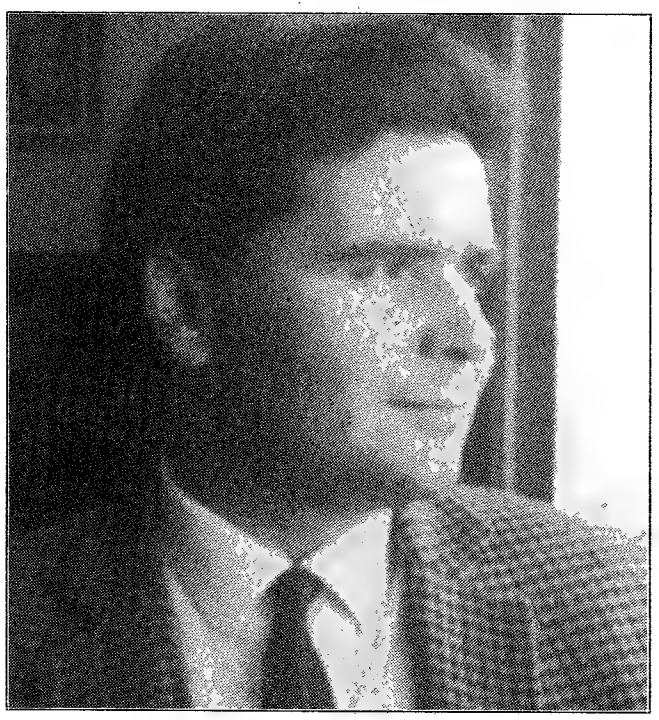
CULTURA

Mais uma sessão do ciclo de conferências «Anos 60 - Os Factores de Mudança» servirá hoje, pelo fim da tarde, para debater o tema «A criação artística, os cineclubes e o cinema novo». A iniciativa é promovida pelo Centro Nacional de Cultura, em associação com a Sedes, e do que estará em questão o «DL» antecipa algumas linhas de leitura, em exclusivo. Participam na discussão - que terá lugar como habitualmente na Fundação Gulbenkian - Eduardo Prado Coelho, Lauro António, Rui Mário Gonçalves e Hélder Costa

A vertigem do absoluto

(...) Foi no período da campanha de Humberto Delgado que surgiu a primeira grande clivagem política. Formámos dois campos: de um lado, uma cultura de tipo fascista, com o Paulo António Osório de Castro Barbieri, o Rui Namorado de Aguiar ou o Rodrigo Emílio de Alarcão Ribeiro de Melo; do outro, o campo democrático, com o Artur Maurício (...) ou o Zaluar Nunes (...). Foi muito importante ter sido aluno do Mário Dionísio. Não se tratou apenas de aprender o rigor, o método, a seriedade no trabalho, mas de perceber que a imagem do professor, ligada para nós à ideia do Poder, podia ser afinal algo que estava ligado à contestaçã do Poder, e foi com emoção que o soubemos perseguido, silenciado, marginalizado na oposição, e vimos como ele vivia tudo isso sem demagogia. Foi das pessoas que mais me marcaram pela vida fora.

O segundo episódio na formação de uma consciência política tem a ver com a Faculdade de Letras, a Associação de Estudantes e o Dia do Estudante, em Março de 62. Quando eu entrei, acho que já andavam por lá pessoas como o Cardia, a Teresa Amado, o Rodrigues da Silva, o Fernando Correia, o Passos Valente, o Gastão Cruz, a Fiama ou o João Paulo Monteiro. (...) O Dia do Estudante foi esse momento espantoso em que, por entre reuniões gerais e mais tarde RIAS (reuniões inter-associações), tomei contacto com o Jorge Sampaio, o Eurico de Figueiredo, o Vítor Wengorovius, o Medeiros Ferreira, o José Luís Nunes, o Nuno Brederode Santos, o



Eduardo Prado Coelho nos anos 60, sem barba, quando era crítico de cinema no «DL»

João Bernardo, o Abílio Mendes. Eu andava mais na vertente cultural destas coisas. O lado das revistas, a *Grafia* proibida e depois ressuscitada com o nome de *Idem*. Ou a *Antologia de Poesia Universitária*, onde eu próprio publiquei poemas rigorosamente inúteis, mas onde outros escreveram as primeiras páginas do que viriam a ser obras importantes: o Almeida Faria, o António Torrado, o Armando da Silva Carvalho, a Fiama, o Gastão Cruz, o João Rui de Sousa, a Luísa Ducla Soares (...), a Luísa Neto Jorge, o Manuel Alegre, a Margarida Losa, o Ruy Belo ou o Rui Namorado. (...)

O Dia do Estudante foi sobretudo uma experiência de confronto com a força arbitrária, com o poder policial na sua brutalidade nua. A primeira sensação foi de impotência. E daí a resistência. Em termos ideológicos, eu descobrira Mounier e o personalismo. Lia os volumes da Seuil ou o livro de João Bénard da Costa publicado na Moraes. Recebia a *Esprit*. Até que entrei para os suplementos juvenis, através do Augusto da Costa Dias ou do Mário Castrim. Foi também importante. Aí entrávamos docemente pela cultura neo-realista dentro, e descobríamos o marxismo. (...) Passado algum tempo, fui parar à Redacção da *Seara Nova* - com o Rogério Fernandes, o Alberto Ferreira, o José Fernandes Fafe. (...)

Em termos teóricos, há uma articulação óbvia entre a prosa de Almeida Faria, de *Rumor Branco* a *Paixão*, essa espécie de neo-realismo reescrito pela ideia de escrita, e portanto radicalizado, tão radical que descobre no fundo dos homens uma espécie de estrato primordial indiferente às ideologias e às classes. É uma entrega à matéria das palavras, um entrar no interior espesso dos mecanismos da linguagem: a noção de texto, a noção de estruturalidade, a noção de trabalho nas palavras, a desvalorização da função expressiva, a crítica do sujeito. Tudo isto se pretendia marxista, mas de uma outra maneira, a partir de Marx-Freud-Nietzsche, a partir de Althusser-Lacan-Lévi-Strauss, a partir de Bataille-Artaud-Blanchot.

Há um escritor que acompanha muito esta geração: Carlos de Oliveira. É preciso repercorrer as relações entre Carlos de Oliveira, Gastão Cruz, Ruy Belo, Herberto Hélder, Ramos Rosa, para perceber o peso da palavra *rigor*. Uma palavra obcessiva, esta, de *rigor*. O Eugénio de Andrade publica um livro chamado *Ostinato Rigore*. (...)

Mais tarde, este rigor vai passar, com uma conotação mais esquerdista, para o grupo da Cornucópia, para o cinema de Seixas Santos, para a revista *Crítica*, com gente tão diversa como a Eduarda Dionísio, o Salgado de Matos, o Luís Miguel Cintra, a Helena Domingos, o Jorge Silva Melo. Num dos primeiros espectáculos da Cornucópia, os gestos apareciam como que digitalizados, desaparecia a dimensão do mais ou menos, o plano analógico da emoção, para se transformarem num código em termos de sim/não, 0/1. Era cortar com todos os derrames, todas as hemorragias, reivindicar a secura, até ao puritanismo. (...)

Viveu-se uma obsessão da *teoria*. No sentido de *fazer teoria*, isto é, produzir conceitos. Isto vivia-se num clima pós-filosófico - depois da metafísica. E onde predominavam os modelos circulantes oriundos das ciências humanas. Em particular, da linguística: fonologia, linguística estrutural, transformacionismo. Tudo se configurava segundo o modelo da linguagem. Era a moda, o discurso social, o inconsciente. O sujeito aparecia como um lugar clivado onde se produzia a emergência de efeitos significantes. Um significante representava um sujeito para outro significante. E o inconsciente surgia estruturado como uma linguagem.

Mas isto, que era teoria, era também um jogo de linguagem e uma forma de vida. Tudo marcado por uma espécie de obcessão vanguardista. Era preciso ir sempre mais longe - na teoria, nos limites da linguagem, no campo do dizível. Até ao indizível, o impensado - as figuras do Outro. Se alguma coisa há de certo no pós-moderno, é isto mesmo: um desaparecimento da aceleração vanguardista, em que se perguntava a propósito de cada obra - «mas o que é que isto traz de novo?». Estávamos tão próximo dos limites que a cada passo se configurava o fim das coisas: de Deus, do homem, do romance, do cinema. O que deu origem ao grande cinema de Jean-Luc Godard. A par do puritanismo teórico e revolucionário dos Straub. (...)

Esta corrida ao novo obrigava a contorcionismos linguísticos: em poesia, tínhamos a belíssima antologia de Jorge de Sena, com intuições fulgurantes e caracterizações magistrais. Havia também uma escolha de Ramos Rosa. E depois tivemos a antologia de Mello e Castro na Moraes: já não eram *novos*, eram *novíssimos*.

Do lado da prosa, tivemos então o *Nouveau Roman*. Andava por Portugal um extraordinário conselheiro cultural francês - Robert Bréchon. Foi ele quem convidou Lucien Goldmann, Michel Foucault, quando ainda era quase desconhecido, Roland Barthes, ou Michel Butor, ou Alain Robbe-Grillet. Houve debatess entusiásticos. Tivemos então o Artur Portela e o Alfredo Margarido a tentarem transpor o Nouveau Roman para Portugal. As transposições «autênticas» ficaram um pouco «no fundo deste canal» e na «Avenida de Roma», mas os efeitos secundários foram muitos: do Namora e Vergílio Ferreira, até chegarmos à Eduarda Dionísio, que fez a tese de licenciatura sobre o Nouveau Roman, e foi muito influenciada por ele. (...)

Feito um balanço, verifica-se que este exacerbamento de tudo ia conduzir ao Maio de 68: lembro-me como vivíamos as coisas, noticiário a noticiário, jornal a jornal, mais tarde livro a livro, para percebermos o que se estava a passar, e ficávamos verdes de inveja por não estarmos lá, a viver aqueles momentos em que um fundo de autenticidade rompia o vínculo social e fazia surgir uma vertigem de absoluto. (...)

Eduardo Prado Coelho

O jogo do gato e do rato

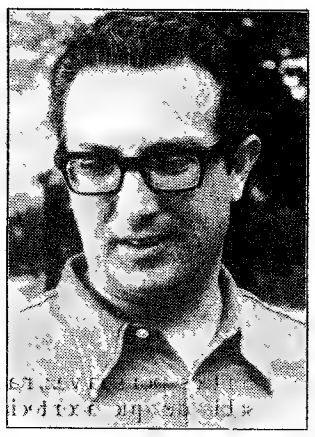
No fim dos anos 50 e, depois, ao longo da década de 60, o cineclubismo era talvez o único movimento cultural activo, organizado (ainda que informalmente) e bem implantado em todo o País. Não creio que, antes ou depois, tenha existido em Portugal uma rede de organismos culturais de malha tão apertada: além do Porto e de Lisboa, praticamente toda a província - não só as cidades mas também muitas vilas - estava coberta de cineclubes.

Esta proliferação espantosa não significava, como é óbvio, que todos os cineclubes tivessem, na escolha dos filmes que exibiam e nos textos que publicavam, os mesmos critérios de exigência cultural e a mesma criatividade. Verdade se diga que grande parte dos cineclubes se copiavam uns aos outros na programação e nos programas.

Isto porque em muitos casos os dirigentes cineclubistas eram simplesmente o que hoje chamaríamos animadores culturais sem qualquer formação cinematográfica específica, ou mesmo sem qualquer formação, guiados apenas pelas suas apetências, gostos, carolice e... antifascismo.

Porque há que sublinhar - e este está longe de constituir um dos aspectos menos importantes da questão - que o cineclubismo assumiu em Portugal, em geral e naturalmente, a tonalidade de movimento de resistência à opressão. Na escolha dos filmes como na escolha dos textos, o jogo do gato e do rato com a censura era o mesmo dos jornais, por exemplo. O movimento cineclubista era um movimento em luta contra o salazarismo - que, além do mais, se recusava a admitir a sua institucionalização federada. Era um movimento em luta pelo que então não havia: liberdade, informação, cinemateca, etc. Ao longo desses anos, o movimento preparou ou ajudou a preparar um público, alguns críticos, alguns cineastas, mas morreu, como tal, logo que findaram, enfim, as condições que o haviam feito surgir. (...)

Pedro Tamen



Pedro Tamen no tempo dos cineclubes

Uma cena de «A Ilha dos Amores», de Paulo Rocha

Muito mais bonito do que foi

Os meus anos 60 começaram um pouco antes. Cheguei a Lisboa, à Faculdade de Direito, em meados dos anos 50, onde estava em incubação o futuro «O Tempo e o Modo»: Bénard, Tamen, Bragança, A. Vaz da Silva, M. S. Lourenço, M. Lucena, Nuno Peres. Eram católicos, tinham fundado um cineclube, o C. C. C., e misturavam política, religião, artes e letras e amores tempestuosos, numa mistura explosiva e imprevisível. Tinham o dom da amizade, e graças sociais herdadas (boas famílias, falta de dinheiro, cultura, decadência...). O poder não lhes interessava, nem fazer carreira. Tinham modos elegantes, casacos esfarrapados, uma desenvoltura que eu achava «austríaca». Eram sinceros, espontâneos, sentimentais em excesso, estetas e diletantes fugidos de um romance de Musil. Alguns ficaram pelo caminho - suicídios, como o Cristóvão Paiva. Mas foram fracos, infecciosos, fecundos, desenferrujaram os carretos da família portuguesa. Encravados entre o PC e Salazar, fugiram para a imaginação, o eros, a amizade, numa finta serpentina que passava por Henry Miller, Santa Teresa de Jesus, Marx e Novalis. Não escolhiam. Queriam tudo. Avançavam em ziguezague. Seriam talvez insuportáveis, mas seduziam.

O seu exemplo foi corrompendo as gerações seguintes, entre uma mafia de admirações mútuas, colapsos depressivos, derivas sentimentais, e uma ausência de programas e de regras. No cinema cá da casa o seu veneno dura até hoje, até aos novos, qualidades e defeitos que já não se usam, e que mais parecem matéria de romance para este fundo feminino de paisagem com o rio Tejo. Não foram «grandes» como os do Orfeu, ou os surrealistas. O seu único personagem «king size» terá sido o Bragança, o Nuno, figura trágica maior. ainda na vida do que na obra. Há ainda o Bénard, actor expressionista cuja grandeza não cabe no cinema de hoje, à espera de um novo Murnau. E há também o Tamen, tão secreto.

E eu? No meio destas sereias (católicas) da capital? Eu, quando cheguei, trazia uma medonha arrogância portuense. Lisboa era a província, a capital era o Porto. Era Oliveira no cinema, o TEP no teatro, a Agustina no romance, o Távora na arquitectura, até a pintura, até a música. Só o Cesariny salvava a honra de Lisboa. (...)

Já vinha do Porto filo-japonês - um filme de Kinugasa, a cores, visto numa estreia. E a vagabundagem pelas serras, com pré-românticos alemães à mistura, vinha-me também do Porto, pela mão de um amigo, o J. Vieira de Castro. De raiz nortenha trazia ainda um populismo apaixonado, ligado às pessoas e aos lugares, e que me havia de levar ao cinema, escrevendo argumentos, numa fúria ficcional.

Desta minha primeira fase jurídica entre os bárbaros do sul, antes da minha partida para França em 1959 para estudar cinema, ficaram-me novos laços afectivos, à gente e à cidade. Da cultura lisboeta, muito menos.

Paris foi uma festa: fatais amores, vertigens japonesas, ondas da nova vaga, Mizoguchi, Fritz Lang, Renoir. A nova vaga passou... o resto ficou. Portugueses de Paris, não os via. (...) Mas no IDMEC. encontrei o Telles, o Midas, o Proteu, fugido da Mocidade Portuguesa, e que de volta a Lisboa iria inventar o cinema novo.

Nas férias do IDMEC comecei a espionar o M. de Oliveira, no seu estúdio portuense - o Pão, a Caça, o Acto. Choque imenso. O Manel estava dez anos à frente de todo o cinema europeu. O Manel era um primitivo radical, um fundador modernista. Fascinado embora, demorei muitos anos a entender o que ele trazia de revolucionário.

De volta a Portugal depois de um estágio em Viena com o Renoir, o crime chamava-me. A ressaca dos fatais amores deu «Os Verdes Anos», parente pobre do M. Matou. (...)

Muito tímido, naqueles anos, o Zé Fonseca deixou no tinteiro a sua fita mais bonita, «A Lembrança de um Inverno». Da Trindade *kimonista*, e terrorista, APV, Seixas e César, nos anos 60, ficaram apenas os textos numerosos, as obras são já dos anos 70. A nossa consciência era o Seixas, e os remorsos pecadores pelo Mudar deixaram-me calado durante anos. (...) Foi então que, com o Japão pelo meio, me virei para a vanguarda (Stockhausen, Nô, Pound, Kabuki). Os meus anos 60 foram realmente um longo estágio no Japão, com visitas frequentes e vagabundagens um pouco perdidas - Canadá, Nova Iorque, Nepal, Moçambique, México. De volta tinha sempre o Vavá à espera. Tornei-me amigo do Glauber. O Bragança foi para Paris. A viagem da Ilha começava.

Se querem revisitar aqueles anos, vejam «Agosto», do J. Silva Melo, um dos últimos discípulos da linhagem T. e o M. A fita passa-se na Arrábida, no Verão de 62, em casa do Bénard, e na pousada. É uma reconstituição miraculosa, falsa e verdadeira, mistura de Murnau e de Rosselini, com a rapariga grávida do Espírito Santo, como a Bergman no final do Stromboli, sob o vulcão. Está lá tudo, para sempre, muito mais bonito do que foi.

Paulo Rocha

Ventos da História

(...) Acerca da actividade crítica haveria que citar o «Jornal de Letras e Artes». Teve uma acção continuada, como hebdomadário, desde 1961 a 1968. Nesse jornal se reflectiu, melhor do que em nenhum outro, o que por cá se foi fazendo no domínio artístico. E foi também noticiando o qué se passava e pensava nos grandes centros estrangeiros. Já que nesses centros, por sua vez, nada se sabia do que acontecia em Portugal, foi fácil desencadear-se a «pirataria intelectual», que, se não é comercialmente correcta, é culturalmente útil. Sartre e Roland Barthes, entre muitos outros, certamente nunca souberam que alguns dos seus textos foram então publicados em Português. Declarações de críticos e de artistas estrangeiros apareceram frequentemente. Por vias tortas, informava-se direito.

Claro que, entretanto, havia revistas cheias de «esprit de sérieux». Mas, da vanguarda artística, quase nunca falavam. Um exemplo: nem na «Vértice», nem na «Seara Nova» foi possível publicar artigos em defesa da arte abstracta. Neste aspecto, o lado esquerdo das ideologias políticas não hesitaria em falar de «ventos de história», se tivesse inventado a expressão. A revista «O Tempo e o Modo» também não teve uma acção que se possa considerar relevante, no domínio das artes plásticas. À esquerda e à direita, os políticos profissionais ou profissionalizantes, quando puderam ser administradores, revelaram geralmente um demasiado apego acrítico, ou aos touros, ou aos fados, ou a Malhoa, ou ao Cardeal Cerejeira... (...)

Rui Mário Gonçalves

Um recurso à vida

Nos anos 60, o recurso à Cultura era um recurso à vida.

Contra os «becos sociais», contra as proibições ultra caricatas em relação a qualquer acto sinceramente humano, nós reagíamos com sonhos, aspirações, utopias, e também com revoltas de dentes cerrados que nos empurravam para a posição de Oposição. (...)

Nos anos 60, o teatro, que sempre tinha tido experiências lindas de valorização e de risco desde os anos 50 - por favor, que não se esqueça o TEP de António Pedro e o Trindade com o Ribeirinho! -, recebeu nessa época umas injecções de estudantes e intelectuais à procura de campo de acção e de alternativas contra a chatice dos cursoss universitários.

É o momento da grande afirmação nacional do teatro universitário - na esteira de Paulo Quintela, do TEUC em Coimbra, e de Diniz Jacinto, e de outros que, entretanto, injustamente se vão esquecendo.

Nessa época, Coimbra, Lisboa e Porto têm teatro. Os nomes são TEUC, CITAC, TUP, Grupo Cénico de Direito, de Letras e de Medicina. Em 1965, no Teatro Monumental, com preços favoráveis possibilitados por Vasco Morgado, realizou-se o I Festival de Teatro Universitário, com a participação de todos esses grupos. Foi o primeiro e o único. Como hoje se compreende muito bem, claro que foi um sucesso de comunicação, e, por isso mesmo, não podia continuar a existir. (...)

Passemos a outro campo.

Em Lisboa, de repente, criou-se o Teatro Moderno de Lisboa. Espectáculos em segunda matinée no Império. Aposta de grandes actores e encenadores. Novidade, cheiro a qualquer coisa que não pertencia ao «esquema». Resultado: êxito absoluto, paixão de vários sectores, adesão entusiástica dos estudantes, respeito pela aprendizagem do repertório, pela descoberta de novidades de encenação, afectividade muito especial por essa «equipa» (nem eles imaginam o que a gente gostava deles).

Haveria interesse político neste interesse pelo Teatro Moderno de Lisboa? Pois claro que havia. Como há sempre e sempre há-de haver. Seja livro, peça de teatro, filme, pintura, canção, ou até rancho folclórico, é evidente que uma determinada opinião estará por trás, organizando gente, criando vínculos de entendimento, gerando a unidade. Preparando, sempre, a afectividade. E depois tinhamos o grande teatro, o tal onde estava o público. Era a revista.

A revista era a revista, quer dizer, revia o que se tinha passado no nosso mundo político, artístico, social, e por aí adiante. O povo não a perdia, e os artistas também não queriam perder o povo. A censura tinha o seu trabalho, mas também era corrompível (mais barata do que é hoje - a democracia paga-se), e os empresários percebiam perfeitamente que sala cheia tinha de falar da revolta sussurrada que andava pelas esquinas.

Havia muita gente boa na revista. Actores e actrizes inteligentes, misturados com a ganga e o lixo que por lá existe, e também existe nos outros sítios muito «finos e culturais». Tinham uma vantagem: o que diziam, o que representavam, podia saír-lhes do pêlo, ali a velha piada «o perigo é a minha profissão» adaptava-se ao comportamento cénico de muitos actores e actrizes.

Foi nesta época que chegou «A guerra» do Solnado. A inteligência de um trabalho que diz tudo sem afirmar nada, e por isso mesmo, se transforma em paixão social de um ambiente de ditadura, foi um marco importantíssimo da revista, e começou a criar laços de respeito e admiração com outros sectores do teatro. Também me recordo com prazer do Teatro Nacional dirigido por Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro. «A visita da velha senhora», «As divinas palavras» de Tamayo, etc. Havia coisas. Discutíamos. O teatro servia para mudar, para fazer pensar, para criar emoção, para divertir. Apesar «deles», mesmo contra «os outros».

Em geral, nesse mundo de teatro dos anos 60, julgo que se pode pensar na inserção de uma palavra, hoje em desuso: dignidade. É que estamos a falar de um tempo em que havia perseguições, guerra colonial, Pide, boicotes profissionais, estamos a falar de um tempo em que havia muita coisa. (...)

O Governo atribuía uns prémios de teatro. Com Presidente da República a apadrinhar, fanfarras e comezainas... tudo como deve ser. Pois imagine-se que, por vezes, havia actores e actrizes que decidiam não receber o prémio porque era de um regime com que não estavam de acordo! (...)

Hélder Costa

Em três espaços portuenses, Gerardo Burmester, Rui Sanches e Sebastião Resende, propõem linguagens distintas onde a perecibilidade dos materiais questiona a intransigência da escultura

Escultura a seis mãos

Distanciadoras e inquietantes, as novas peças de Gerardo Burmester abandonam definitivamente a superfície frontal, para se mostrarem de pé.

As que *se pareciam* com quadros, foram mostradas pela primeira vez na Diferença (Junho, 1989), logo seguida de uma outra exposição na Galeria Alda Cortez. O artista revelava uma nova perspectiva da sua produção plástica, caracterizada por uma inequívoca definição dos materiais (madeira e couro) e por uma preocupação de depuração formal que, em última instância, interroga o estatuto da produção artística e os limites da sua comunicabilidade.

Libertadas da tirania dos tiques da pintura, que insistiam em comprometer uma relação com a escultura, a madeira abandona a função protectora (moldura) do couro (pintura), e juntos assumem a emoção da ordenação visual e espacial.

Transportadoras de uma herança barroca (muito cara à personalidade de Burmester), não adianta procurar ver nelas qualquer intuito em denunciar a função (também) decorativa da escultura, ou uma mera exegese do *design* e a inquirição da suposta funcionalidade gerada pelos circuitos de produção industrial.

O que acontece é a percepção de que "deixam por um instante de aborrecer", nas palavras de Gerardo, deslocando-as de um contexto reivindicativo para um ambiente contemplativo. Na Galeria Pedro Oliveira, Calçada de Monchique, 3.

A edição de Fevereiro da revista norte-americana, «Art-Forum», distinguiu a obra de Rui Sanches ao convidá-lo para a apresentar um projecto.

Consequência de aturado projecto, são as esculturas "Alguns santos mártires e uma figura pouco católica", na Galeria Atlântica, onde persegue "obras dos sucessivos neoclassicismos pós-renascentistas, não de uma forma sensorial e/ou emocional mas sim de uma *forma analítica de citacionismo*", como refere no catálogo, João Pinharanda.

Teórico da transvanguarda, Achille Bonito Oliva foi o comissário da participação italiana na «Euroarte» (Guimarães, Verão de 1989). Teve então oportunidade de alargar, e actualizar os seus conhecimentos da produção artística nacional, necessariamente limitados aos artistas que percorrem os circuitos internacionais. A curiosidade não foi a única responsável pelas suas deslocações a ateliers, como resulta da apresentação de doze esculturas de Sebastião Resende, na Galeria Fluxus (Rua do Rosário, 125): "O mérito particular do artista português consiste na superação da ênfase expressionística e no atingir as raízes daquela cultura com ímpeto linear e progressivo, como a respiração capaz de colher a *biologia da linguagem*, contendo as possíveis articulações de um alfabeto universal".

J. F.

Integrados numa política de aproximação, sete artistas portugueses contemporâneos expõem no Centro de Arte Santa Mónica, a convite do Departamento Cultural de Barcelona

Última fronteira

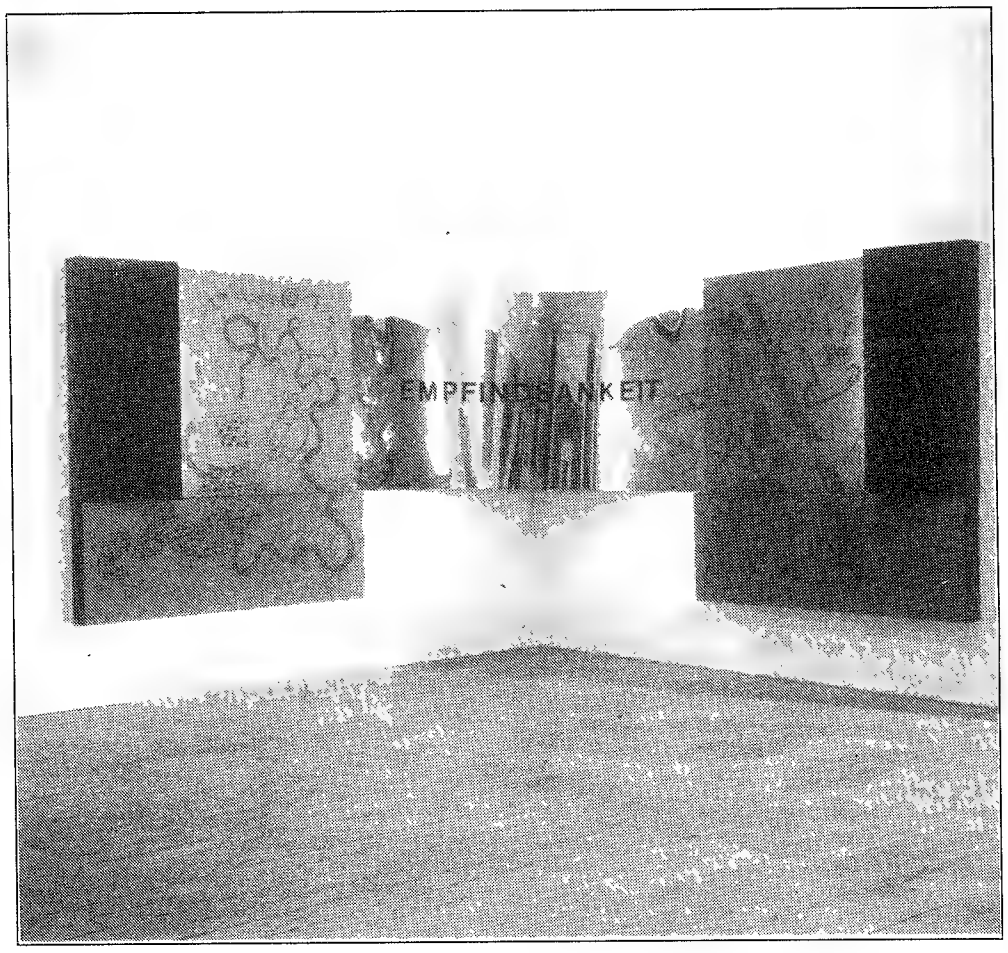
O verão passado, o director do Centro de Arte Contemporânea de Palma de Maiorca, Santiago Olmo, deslocou-se a Lisboa para contactar os artistas que, em sua opinião, e através da sua obra, poderiam ser os embaixadores de uma tentativa de aproximação entre os criadores dos dois países.

A qualidade e diversidade de disciplinas que Cabrita Reis, Jorge Molder, José Pedro Croft, Julião Sarmento, Leonel Moura, Pedro Proença e Rui Sanches oferecem, permitiram que o comissário da exposição encontrasse uma síntese entre a tradição cultural portuguesa e a arte contemporânea, na sua interligação com os movimentos universais.

Nessa mesma altura, Cabrita Reis deslocou-se a Palma de Maiorca para estudar o local onde interviria, despistando qualquer equívoco de instalação ao optar pela execução no local. Mas, se o ano passado as Baleares foram devassadas por um tufão, as alterações entretanto verificadas no poder local, impediram que a exposição "Última Fronteira, sete artistas portugueses", se realizasse para onde fora concebida: o Centro de Arte Contemporânea.

Face ao interesse que o Departamento Cultural de Barcelona manifestou em recebê-la no Centro de Arte Santa Mónica (e talvez tenham pesado, embora de pouca monta, as facilidades continentais de deslocação), a exposição calendarizou-se para 14 de Março, não sem que Cabrita Reis empreendesse nova expedição com os mesmos fins, uma vez que a peça fora destruída pelo tufão.

Por outro lado, as recíprocas deslocações à ARCO'90 facilitaram também um novo contacto entre a organização e os artistas convidados.



Pintura de Pedro Proença

A exposição não pretende tratar os critérios historicistas e a complexidade contemporânea, nem tão pouco dar exaustivamente conta das ambições dos artistas segundo classificações diversas. Preferiu centrar a atenção sobre os que (e porque diferentes entre si), souberam formular desde os anos 70 um sólido discurso estético, em diversos planos e técnicas artísticas; utilizam uma linguagem aberta; superaram os condicionalismos locais e instauraram uma sensibilidade comunicativa para a discussão dos problemas que afectam a arte actual.

A instalação de Cabrita Reis, as esculturas de José Pedro Croft e Rui Sanches, a fotografia (séries *Waiters* e *Uma narrativa*, baseada na peça Zerlina) de Jorge Molder, o trabalho conceptual de Leonel Moura e a pintura de Julião Sarmento e Pedro Proença, representam a visão plural de um dinamismo aberto que é objecto de atenção e reconhecimento.

Estes sete artistas em presença, estes sete embaixadores da arte portuguesa contemporânea, não pertencem a uma mesma geração, e muito menos se devem considerar como um movimento. Embora os una a mesma força renovadora da sua obra e a mesma inquestionável qualidade.

Não sendo estes, evidentemente, os únicos artistas portugueses (faltam do Porto!), que outros (reunidos sob o tema de "Última fronteira", de evidentes conotações cinematográficas e epopeicas) poderiam participar num momento em que desaparecem as fronteiras da arte?

Jorge Fallorca

SINDICATO DOS MÉDICOS DA ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) dos Artigos 19.º, 20.º, 21.º e 22.º do Estatuto do Sindicato, convoco uma Assembleia Geral Ordinária para o dia 28 de Março de 1990, pelas 21 horas, na sede do Sindicato sito na Rua Pascoal de Melo, 1 — 4.º Esq.º 1100 Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos;

— Discussão e Aprovação do Relatório e Contas da Direcção e do Parecer do Conselho Fiscalizador.

Lisboa, 16 de Março de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr. Aguinaldo Cabral

«Missing», um disco com música tradicional dos EUA

Viagem de retorno às origens

«The Nottinng Hillbillies» - um grupo casualmente constituído por Brendan Crocker, Guy Fletcher, Mark Knopfler e Steve Phillips - celebram a era dourada da música do sul dos EUA e os "Dias da Rádio", os discos de 78 rotações e as sessões de gravação realizadas apenas com um microfone.

Para o álbum «Missing... Presumed Having a Good Time», recentemente editado entre nós, os Notting retornaram às suas raízes musicais, aos belos sons do início do rock 'n' roll, blues, gospel, jazz-boogie, country e western. Mas acontece que os Notting Hillbillies não são meros revivalistas, porque insuflaram vida nova a velhas canções, com a utilização da moderna tecnologia e também de influências recentes.

Segundo Mark Knopfler, «Não se trata de uma "cruzada". Divertimo-nos imenso e sentimo-nos à vontade para trabalhar nos "blues" e introduzir-lhes influências do "swing" africano ou da música western».

Knopfler, Crocker e Phillips são amigos de longa data, do tempo em que se iniciaram conjuntamente na guitarra e ganharam experiência tocando "country-blues".

O projecto principiou por ser um LP de Crocker/Phillips, produzido por Knopfler com a ajuda de Guy Fletcher (membro dos "Dire Straits" desde o álbum "Brothers In Arms"); mas, como todos começaram a contribuir com as suas canções e ideias próprias, o álbum transformou-se num projecto a quatro, tendo sido gravado no pequeno estúdio doméstico de Mark Knopfler, em Notting Hill Gate, ao longo de 18 meses.

E diz, a propósito, Knopfler: «O nome resuulta de uma paródia, mas a intenção musical não. Espero que as pessoas venham a compreender a profundidade e beleza destas canções e que não se trata apenas de pegar numa guitarra, fazer umas fotos, ser falado nos jornais e ser "pop star".

A par das melodias clássicas redescobertas pelo grupo, aparece uma canção nova de cada elemento. Knopfler trata da maior parte das intervenções da guitarra, enquanto Phillips e Crocker contribuem com as vozes e um hábil entrelaçado de guitarras de apoio; o multifacetado Guy Fletcher, pelo seu lado, toca todos os teclados, ao mesmo tempo que as harmonias são cantadas por todos os elementos. Como bónus - digamos assim - Paul Franklin tem a seu cargo as guitarras eléctricas.

A seguir ao lançamento do álbum, uma edição da PolyGram, os Notting Hillbillies iniciaram uma digressão pelo Reino Unido.

Rennet e a Orquestra de S. Carlos:

Excepcional

O facto de o recinto da Aula Magna ter ficado bastante desguarnecido de audiência anteontem à noite, veio evidenciar algumas das característica do nosso público dos concertos: a pouca apetência ou falta de curiosidade quando não se trata de um instrumentista célebre, uma estrela do canto ou uma orquestra de renome.

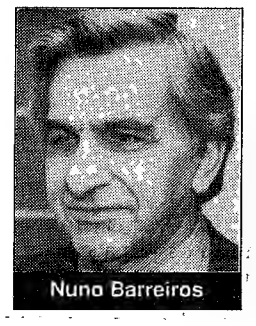
E foi pena que assim tivesse acontecido. Pois o concerto na semana passada realizado, por iniciativa (muito louvável) do Teatro de São Carlos, constituiu uma das propostas mais interessantes surgidas ultimamente entre nós. Tanto pelo carácter do programa como pela realização que mereceu.

É certo que a Segunda Escola de Viena e todo o borbulhante movimento criativo que a coteja ou lhe está subjacente permanecem uma das grandes lacunas - mas não é a única, longe disso - da actividade musical portuguesa ao longo deste século. As nossas organizações musicais e os nossos intérpretes têm-se mostrado bastante indiferentes a esta fase da evolução da arte sonora novecentista, em confronto com a relativa disponibilidade para acolher outras expressões da modernidade, nomeadamente quanto ao impressionismo francês e suas sequelas convergentes ou divergentes.

Diga-se de passagem que o fenómeno encontra paralelos em outras áreas da cultura: na literatura, no teatro, nas artes visuais, na própria filosofia. Uma situação que, também recentemente e embora com lentidão, se procura ultrapassar mediante vários passos significativos. Tal esforço - e, se possível, conjugando o terreno da música e o de outras formas de criatividade - será benfazejo e trará, sem dúvida, um alargamento muito necessário à nossa integração, de direito e de facto, na tão proclamada Europa comunitária, a qual não deverá confinar-se, de maneira substancial, apenas no plano estritamente económico e político...

Mas vamos ao concerto. Suponho que as obras ouvidas eram estreia entre nós. E, pelo menos, os autores de duas delas - Franz Schrecker (1878-1934) e Alexander Zemlinsky (1871-1942) - seriam ilustres desconhecidos para a maioria dos nossos musicófilos. Acrescente-se, no entanto, que todos eles se impuseram como figuras marcantes e notórias dos meios culturais em que se moveram, e, já agora, que Schrecker residiu durante algum tempo no Estoril, no fim da vida, quando a criminosa ideologia nazi perseguiu e pôs em fuga não poucos valores da cultura e da ciência.

As páginas executadas desta vez permitem-nos uma ideia muito concreta e expressiva de tendências estéticas cultivadas nas primeiras três décadas do século. Foi, aliás, um período não isento de contradições (como todas as época, afinal) em que certas orientações conflituaram entre si, mas rico de perspectivas, quer no que prolongavam de situações e gostos de acentuado cariz romântico-decadentista, quer no que apontavam de premissas de futuro inovador e luminoso. Porém com surtos admiráveis de criatividade, de busca inquieta de novos caminhos, de nobres aspirações.


Nuno Barreiros

Uma certa sensualidade sonora muito pronunciada está presente, como denominador comum, nas três obras ouvidas. E não é esse um dos menores atractivos do seu teor, da sua linguagem. Em Schrecker (*Prelúdio a um Melodrama*, a única peça exclusivamente orquestral do programa) com uma componente sumptuosamente decorativa, bem típica de um hedonismo «fim de século» (conforme observa com justeza Augusto M. Seabra nas inteligentes e informadas notas do programa); na «Ária de Concerto» *O Vinho* de Alban Berg (utilizando poemas de Baudelaire na versão alemã de Stefan George) com um misto de dramaticidade veemente e de rigor estrutural que não prejudica a pujança de temperamento de um compositor genial; em Zemlinsky operando com particular felicidade na criação de atmosferas de uma grande finura evanescente ou em explanações líricas, ora exaltadas ora envolventes. No belo fresco vocal-sinfónico que é a *Sinfonia Lírica* (um título bem adquado, aliás) paira discretamente a sombra mahleriana da *Canção da Terra*. Talvez menos desoladamente dramática, estas páginas de Zemlinsky (que comentam poemas de Tagore, extraídos da colectânea *O Jardineiro*) também aspiram à quietude como os textos chineses de que Mahler se serviu. O poema de Tagore que apareceu no derradeiro trecho da obra de Zemlinsky reza assim: «Paz, meu coração; deixa que a hora da separação seja doce... Espera um momento e diz as tuas últimas palavras em silêncio. Inclino-me para ti e levanto a minha lâmpada, iluminando-te o caminho».

Ana Pusar

A *Sinfonia Lírica*, que integra dois cantores (um soprano e um barítono, alternando de andamento para andamento) insere-se, tal como a *Canção da Terra*, numa tendência (bastante definidora do pós-romantismo dos primórdios de novecentos) de conjugação ou confluência da canção e da sinfonia. Os dois solistas vocais que agora ouvimos na Aula Magna afirmaram-se intérpretes categorizados, bem compenetrados do espírito dessa música e da mensagem humana e estética que ela veicula. O soprano jugoslavo Ana Pusar dispõe de uma bonita voz com um timbre claro. O seu registo agudo é mais aidivel que o registo médio (isto notou-se especialmente em Alban Berg). O órgão vocal do tenor finlandês Walton Grönroos revelou-se forte, amplo e de uma cativante formosura de timbre. Ambos se conduziram como intérpretes de classe, sabendo traduzir com propriedade e subtileza a gama diversificada de nuances expressivas que a partitura de Zemlinsky requer.

De resto não se ficaram só por aqui as excelências da versão apresentada da *Sinfonia Lírica*. A parte sinfónica teve, por igual, uma realização excelente. Não hesito dizer que a Orquestra do Teatro de São Carlos se credenciou desta feita por uma prova verdadeiramente notável e por um dos dois ou três momentos culminantes da sua trajectória, num programa de música muito exigente quanto à plasticidade de execução e ao apuramento das sonoridades. O discurso saiu fluente e com as necessárias transparência ou pastosidade - dois polos em evidência no caso das três obras programadas.

Vê-se que o trabalho foi conduzido com mão de mestre por esse grande regente que é Wolfgang Rennert. Sabe o que quer e como obtê-lo. Enquadrando-se tudo, porém, numa visão artística de superior quilate, intensamente expressiva.

Não tem faltado a Wolfgang Rennert demonstrações da sua excepcional envergadura, mesmo entre nós, e à frente da Orquestra do Teatro de São Carlos. Mas o concerto de ontem averbou uma das actuações mais exemplares. Um profissional e intérprete desta dimensão é presença que se deseja frequente entre nós. Que Rennert regresse em breve, e muitas vezes mais, são os votos que aqui se reiteram.

Valeu a pena este concerto, a experiência que ele corporizou - autêntica pedrada no charco do nosso marasmo musical. Ou talvez bem mais do que isso: um indicador de tarefas a cumprir. Mas (atenção!) que importa promover convenientemente, anteceder e acompanhar de eficaz campanha de esclarecimento, de maneira a atrair público, a criar novas camadas de público susceptível de se interessar por iniciativas desta ordem. É preciso desenvolver uma pedagogia adequada. Um concerto como o que acaba de se efectuar na Aula magna merece-o.

Tal como o merece o esforço dos seus intervenientes - o do maestro e da orquestra nomeadamente!

Crítica de teatro

As amargas, não...

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT, de R.W. Fassbinder. *Tradução:* Luísa Neto Jorge. *Responsável:* Alexandre de Sousa. *Colaboração:* José Peixoto, António Casimiro Sá e Helena Reis. *Apoio:* Eugénia Vasques (dramaturgia), José Pedro Caiado (música), Hélder Duarte (luminotecnia), José Carlos Barros (cenografia). *Interpretação:* Ângela Moura, Helena Silva, Maria de Fátima Belo, Marina de Albuquerque, Mónica Calle e Regina Paula. *Alunas do 3.º Ano do Curso de Formação de actores da Escola Superior de Teatro e Cinema.* Instituto Alemão/9-03-1990.

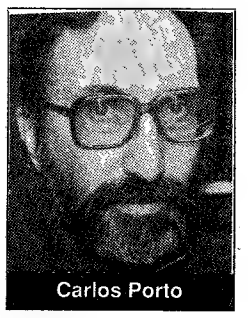
Há dias, em conversa com uma grande actriz portuguesa, comentava-se o que há de admirável na opção pelo teatro, como futuro profissional, por parte de jovens em número considerável. Dir-se-ia que num tempo em que esteticamente o teatro parece arrumado no sotão das velharias como modelo fora de moda, e em que socialmente o individualismo parece querer dominar e por isso tornar inviável uma forma de acção e de expressão que tem como base o colectivo, o teatro devia encontrar grandes dificuldades em dispor de novos valores para continuar como arte viva. No entanto, é o contrário que se passa. E esse fenómeno, que aqui tenho assinalado, tem a ver, creio, com o novo afluxo de jovens ao teatro como se a velha arte voltasse a concitar o entusiasmo das novas gerações.

São fenómenos cíclicos que não é possível estudar até porque não há no nosso país estatísticas, inquéritos, sondagens que nos habilitem a fazer esse estudo com um mínimo de consistência e rigor. Registemo-los, ao menos.

Vem isto a propósito do espectáculo que esteve em cena na sala do Instituto Alemão apresentado por alunas do 3.º ano do Curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema, com a peça de R. W. Fassbinder, «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant», estreada em Portugal pelo Teatro Hoje («DL»/2-10-1986). Chamei-lhe espectáculo, devia chamar-lhe exercício de tal maneira, de facto, a função surgiu marcada por esse carácter escolar de exercício, com as virtudes e limitações que tal implica, e que, de resto, era o seu objectivo.

Um aspecto curioso deste exercício consistiu na escolha de uma peça só para intérpretes femininas como se se quisesse demonstrar ao vivo a superioridade quantitativa (não será também qualitativa?) das actrizes sobre os actores que se verifica no teatro português, como noutros teatros. No entanto, a escolha foi demasiado arriscada. É que «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant» é uma peça muito exigente sob o ponto de vista da sua encenação e da sua interpretação. Com a acção a decorrer num «atelier» de alta costura, ambiente naturalmente sofisticado, difícil de reproduzir num exercício deste tipo. Houve aqui um bom aproveitamento do espaço do palco e de parte da plateia da sala do Instituto Alemão e que permitiu o desnivelamento do espaço que a marcação pede (veja-se como Marlène utiliza sempre as mesmas escadas, sinal da sua situação submissa).

Alexandre de Sousa, responsável pelo trabalho, não conseguiu criar a rede de tensões dramáticas em que a conflitualidade da peça assenta e o texto fragilizou-se, tornou-se inoperante. O que temtudo a ver com a incapacidade das jovens actrizes, insuficientemente dirigidas, em exprimir o que nas personagens é primordial: a intensidade dos sentimentos que as dominam. Personagens complexas, vivendo num tempo breve uma crise grave de relações, exigem um conhecimento vital, ou a técnica de o fingir, que estas jovens não poderiam ter. Desse modo, este trabalho resultou demasiado frouxo, longe das virtualidades de um texto por onde passam delírios, lágrimas e suspiros, gritos e êxtases, desesperos e solidões, amarguras e doçuras, aparentemente inalcansáveis. O que caracterizou este exercício como prova de trabalho foi o facto de não permitir, com um mínimo de razoabilidade, conhecer ou reconhecer as possibilidades destas jovens na carreira que escolheram. Se exceptuarmos o trabalho de Mónica Calle que interpreta a personagem silenciosa de Marlène no dia em que vi espectáculo (representando Petra em dias alternados, com Maria de Fátima Belo), trabalho certo mas que não permite um juízo firme sobre as capacidades da jovem, todas as outras interpretações me pareceram insuficientes, débeis, sem energia dramática. No entanto, um certo rigor na composição das personagens, no seu relacionamento físico e psicológico (troca de olhares), a seriedade do exercício bastaram para tornar aceitável este trabalho que visou demasiado alto. Mais vale isso, no entanto, do que a desambição que tantas vezes observamos.


Carlos Porto

P.S. «As amargas, não...» como diria o cronista brasileiro Álvaro Moreyra.

Falar de cinema

«Nascido a 4 de Julho»: Um «corpo» de elite

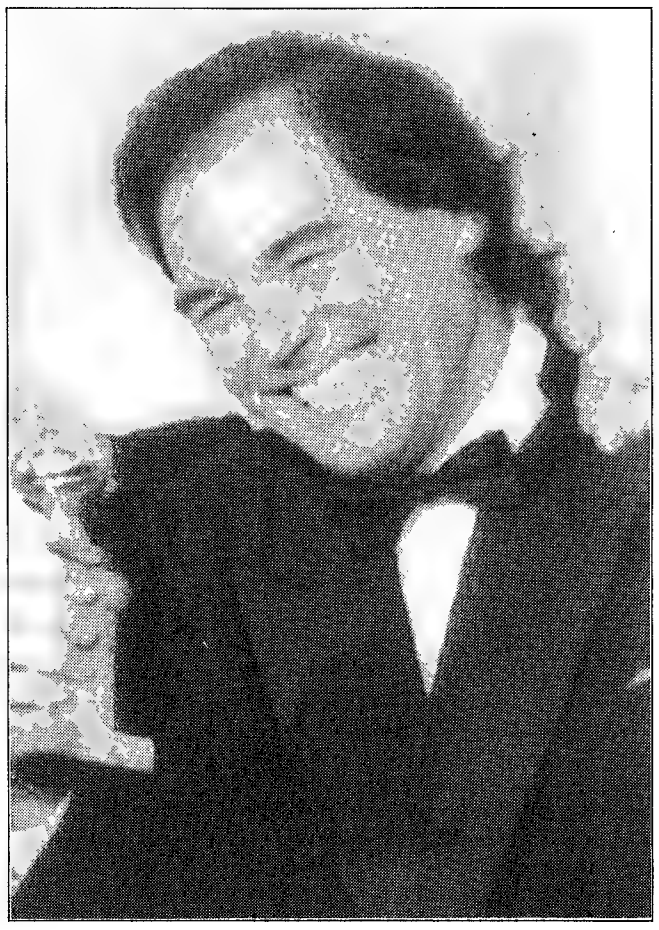
NASCIDO A 4 DE JULHO (Born on the Fourth of July) R: Oliver Stone (EUA, 1989); A: Oliver Stone e Ron Kovic, segundo livro do último; F(Cor); Robert Richardson; M: John Williams; Mont: David Brenner e Joe Mutshing; Dir. art: Bruno Rubeo; P: A. Kitman Ho e Oliver Stone/ Universal Pictures; I: Tom Cuise, Willem Dafoe, Tom Berence, Caroline Kava, Kyra Sedgwick, Raymond Barry, Jerry Levine, Frank Whaley, etc. D 145 m; Dist: Filmes Lusomundo; Est: Alfas, Amoreiras, Berna, Mundial, Fonte Nova, Império, S. Jorge, Plaza; Cl: ***** (M/16 anos).

«Ama-a ou deixa-a», dizia-se sobre a América no período mais conturbado da contestação à guerra do Vietname e a frase parece adaptar-se ao mais recente filme de Oliver Stone. A crítica tem-se dividido violentamente, sendo aliás Portugal um terreno fértil para críticas tremendas sobre esta obra. Devo confessar até que adiei por dias a visão do filme, um pouco por causa de alguns textos lidos entretanto. Apesar de não acreditar muito que quem fizera *Platoon*, *Salvador*, *Wall Street* ou *As Vozes da Ira* pudesse ter descido tão baixo quanto o proclamavam as bolas pretas dispersas por aí, a verdade é que temi que houvesse pelo menos alguma parte de verdade no que se dizia. Visto o filme, a minha opinião é bem diferente.

Ron Kovic nasceu a 4 de Julho de 1946. Essa data é o dia nacional dos EUA e sobre essa coincidência se constrói grande parte do filme de Oliver Stone, que adapta uma obra autobiográfica do próprio Ron Kovic (que aliás já estivera na base do belo filme de Hal Ashby. *(O Regresso dos Heróis)* para nos traçar um painel épico de um período ainda recente da história da América e do mundo: a guerra do Vietname, mas numa perspectiva americana, isto é, vista do interior dos EUA, pelos olhos de quem a viveu no terreno da batalha.

Há já meia dúzia de títulos de filmes indispensáveis para se ter uma leitura dessa guerra e dos tempos que ela atravessou: *Apocalipse Now*, de Coppola, *O Caçador*, de Michael Cimino, o já referido *Regresso dos Heróis*, *Platoon*, do mesmo Oliver Stone, entre alguns mais, menores ao lado destes. *Nascido a 4 de Julho* vem colocar-se por direito próprio ao lado desses monumentos, sobretudo por aquilo que mais tenho visto negativamente criticado no filme: a sua visceral adesão ao corpo do protagonista (que é como quem diz a própria América). O que me parece realmente genial neste filme é a maneira como ele agarra num jovem de desassete anos, que foi educado para «servir a Pátria», para «honrar os valores tradicionais», para «combater a ameaça comunista», para «vencer em todos os combates», quer sejam o baseball (seu mito de criança, ao lado da guerra), a luta livre ou a guerra, e o eleva a protagonista de uma tragédia, desenvolvida ao longo de três actos, onde o seu corpo ocupa lugar primordial. Ron Kovic é desde criança levado a deificar o corpo. Tom Cruise é, na adolescência da personagem, uma espécie de apolínea estátua, um jovem que cuida do corpo, que emagrece quilo e meio com dieta rigorosa, que se inscreve nos «mariners», «corpo» de elite das forças armadas, onde só cabem «os melhores entre os melhores», aqueles que «passam pelo inferno e sobrevivem», como o explica o sargento recrutador (Tom Berenger, numa sequência notável). Ron Kovic é preparado, moldado, formado para ser o «herói». Os «heróis» querem-se no campo de honra, no terreno da luta, por onde passaram gerações de americanos (em todas as famílias há os que fizeram a I Guerra Mundial, a II Guerra Mundial, a Coreia, o Vietname — uma guerra para cada geração!). Ron Kovic irá perseguir esse passado glorioso. Oferece-se como voluntário. Não resiste ao apelo. E surge a guerra...

Segundo Acto. A guerra é somente a iniciação. Matar mulheres e crianças e abandonar os feridos às rajadas da aviação que vem a seguir limpar o terreno. Matar os próprios camaradas de armas, num momento de total absurdo, quando se não sabe quem é quem. E sentir no corpo as feridas físicas, que rasgam a carne, que a dilaceram, que abrem golfadas de sangue, que castram, que destroiem o corpo e o espírito. Aqui começa a segunda fase por que passa o corpo do herói: a dessacralização, num movimento inverso ao que entronizara o mito. Agora, Ron Kovic é uma ruína presa à cama de um hospital. Nada é já idealista, como pareciam anunciar os *ralentis* das brincadeiras de infância, das paradas do 4 de Julho, dos bailes de finalistas, dos combates entre liceus. Agora verte-se sangue, sentem-se as algálias penetrar e sair do corpo, olha-se o vomitado durante horas, dá-se pela falta do sexo inutilizado, da perna que parte com fractura exposta, vêem-se morrer na cama ao lado «heróis» adiados sem honra nenhuma. A lição que Ron Kovic ouvira na infância e adolescência não o preparara para esta vida. Não fora isso que lhe disseram em casa e na escola. Será através do seu corpo, carne, sangue, ossos, que descobrirá uma outra verdade. Esta descida ao inferno, que fica bem vincada no seu corpo, marcá-lo-á também na consciência. Ron Kovic irá ser um outro homem, irá iniciar uma nova aprendizagem.



Oliver Stone

Terceiro Acto. Trazer a guerra para dentro da própria América. Evocando os movimentos contestatários dos anos 60, onde lentamente o novo «herói» se instala, *Nascido a 4 de julho* prepara a redenção desse homem novo, amputado, castrado, que viaja por bordéis mexicanos, organizados para veteranos do Vietname, que assiste a manifestações de hippies contra a guerra, que invade a convenção republicana para dar pública voz ao seu corpo, que integra «marchas de paz» de veteranos destroçados como ele... Na convenção democrática, onde quatro anos depois é saudado como um «herói», Ron Kovic é realmente um outro homem e um «herói» de uma outra coragem. Pelo seu corpo passaram de novo cargas de Polícia, quedas da cadeira de rodas, bebedeiras de desespero, mulheres de aluguer e lágrimas de impotência. e tudo isto é gritado, sofrido, pautado pela agressividade das ordens de comando que o marcaram desde criança. Ron Kovic é outro homem, a América é outra América. Ambos nascidos a 4 de Julho...

Creio que esta rápida evocação de uma leitura deste filme de Oliver Stone dá uma ideia do porquê das imagens que se vêem e do estilo adoptado. Existe uma enorme coerência em todo o projecto que legitima todas as utilizações, todos os efeitos. Oliver Stone serve-se do corpo do herói (Tom Cruise é impressionante como matéria moldável ao serviço das ideias do cineasta!) para descrever uma experiência única e, através dela, metaforicamente falar de um outro corpo, a América. Donde essa identificação que se faz entre o rosto do Tom Cruise e a bandeira dos EUA, ambos signos utilizados por Oliver Stone para bisturizar uma mitologia bélica.

Numa época em que o cinema norte-americano parece abandonar parcialmente as comédias cor-de-rosa e as aventuras espaciais a troco de um novo empenhamento social, *Nascido a 4 de Julho* fica como um marco, que daqui a alguns anos todos (enfim, quase todos) irão reconhecer. Se alguns *Oscars* confirmarem desde já este juízo, eis uma atitude que só reverterá a favor da Academia que os atribuir.

Oliver Stone

Nasceu em 1946 (15 de Setembro) em Nova Iorque. Esteve no vietname, em 1967, cumprindo serviço militar, durante catorze meses. Foi condecorado com a Estrela de Bronze, por actos de bravura em combate.

Esta experiência pessoal aplicou-a em *Platoon*, que lhe valeu vários *Oscars*. formou-se em cinema pela Universidade de Nova Iorque. Começou a actividade como argumentista, em obras como *O Expresso da Meia-Noite*, de Alan Parker, *Conan, o Bárbaro*, de John Milius, *O Ano do Dragão*, de Michael Cimino, *8 Milhões de Maneiras Para Morrer*, de Hal Ashby, *Scarfase*, de Brian de Palma, etc. Tem vários *Oscars* e Globos de Ouro premiando argumentos e realizações suas.

Filmografia:

1974: *Seizure* (no Canadá); 1981: *The Hand*; 1985: *Salvador* (Salvador); 1986: Platoon *(Os Bravos do Pelotão)*; 1987: *Wall Street* (Wall Street); 1989: *Talk Radio* (As vozes da Ira); 1989: *Born on the Fourth of July* (Nascido a 4 de Julho). Prepara um filme sobre The Doors.

«A Ementa do Dia»

*****

Nascido a 4 de Julho, de Oliver Stone

****

O Clube dos Poetas Mortos, de Peter Weir
Valmont, de Milos Forman
O Bando das Quatro, de Jacques Rivetti
Os Fabulosos Irmãos Baker, de Steve Kloves

***

O Processo do Rei, de João Mário Grilo
Querida,eu Encolhi os Miúdos, de Joe Johnston
Flores de Aço, de Herbert Ross
Negócio de Família, de Sidney Lumet
Miss Daisy, de Bruce Beresford
Corações de Aço, de Brian de Palma

**

Que Fiz eu para Merecer Isto?, de Pedro Almodóvar

*

Ciúmes de Morte, de Nick Broomfield
Os Deuses Devem Estar Loucos, II, de James Uys

Ciúmes em «suspense» de morte

CIÚMES DE MORTE (Diamond Skulls) - R: Nick Broomfield (Inglaterra, 1989); A. Tim Rose Price; F (cor): Michael Cautler; Mont: Rodney Holland; M: Sidney Meyers, Richard Harvey e Hans Zimmer; P: Working Title; I: Gabriel Byrne, Amanda Donohue, Struane Rodger, Douglas Hodge, Peter Sands, etc.; D: 90 m; Dist: Ecofilmes; Est: Quarteto (9.3.1990); Cla: * (M/12 anos).

Totalmente desinteressante este *Diamond Skulls*, pretencioso «suspense» psicológico assinado por Nick Broomfield e em má hora desencantado nos cofres de uma qualquer produtora britânica. Um argumento sem consistência, uma realização medíocre e totalmente falhada nos seus efeitos de montagem e na sua articulação, uma denúncia da hipocrisia e da corrupção na aristocracia inglesa que nunca chega a ser convincente, uma interpretação muito fraca, com excepção de Gabriel Byrne, uma boa presença, sempre mal aproveitada (raras vezes vi um filme em que os actores ficassem tanto tempo, em grande plano, a olhar no vazio, pensativos, recordativos, inquietos, ébrios, alarmados, etc., etc.).

Lord Hugo anda na farra com seus antigos camaradas de regimento, tem ciúmes da ex-modelo com quem casou, atropela uma loura igual à mulher, precisamente defronte da casa onde vive o suposto amante, e daí em diante vive perseguido pela consciência, pelo erro de não ter assassinado quem devia, e também pela justiça... Para o ilibarem, os companheiros de viagem acusam, e sacrificam sumariamente, quem entre eles «deu com a língua nos dentes». As aparências estão salvas e a justiça mais uma vez não é deste mundo... No campo dos crimes por ciúmes já se viu muito e melhor.

Quanto à crítica social, «implícita e explícita», a inépcia dos resultados cinematográficos torna-a totalmente ineficaz. Fica apenas o pretenciosismo de quem pouco sabe e procura passar por «mestre», atirando areia aos olhos dos espectadores.

«Filosofia» evoca centenário do nascimento de Heidegger

O homem: ser e ser-se

Há mais de ano e meio que «Filosofia», publicação periódica da Siciedade Portuguesa de Filosofia (Avenida da República, 37), não aparecia nas livrarias. Era já um título quase esquecido nos meios universitários. Na passada sexta-feira, porém, em sessão-debate na Livraria Barata, eis que «Filosofia» surgiu, em número duplo, integralmente dedicado a Martin Heidegger, evocando o centenário do nascimento do filósofo alemão (Outono de 1889).

Apresentada ao público que por completo enchia o auditório da Livraria (público constituído, essencialmente, por professores, assistentes e alunos de Filosofia), a revista, editada pela Editorial Comunicação (da responsabilidade de António Melo), foi apresentada pelos docentes António Marques e José de Sousa e Brito (este último jurista e membro do Tribunal Constitucional), ambos directores do titulo em referência, e Nuno Nabais, coordenador do presente número, e ainda José Bragança de Miranda, colaborador.

Como disse um dos apresentadores, «Filosofia» surge «renovada» e dá início a uma série de números que se encontram já elaborados, assim se prenunciando uma regularidade de todo desejável. Que se adiante desde já: o próximo número, a sair brevemente, aborda o tema «Justiça e Acção»).

Sumário

O número agora apresentado (capa de Henrique Cayatte), tendo Heidegger, como dissemos, por assunto, apresenta o seguinte sumário:

«Pensar depois de Heidegger» (Nuno Nabais), «A filosofia alemã ocidental depois de 1960» (Alfred Berlich, Universidade de Saarbrücken, RFA); «Heidegger e a poesia» (Mafalda de Faria Blanc, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); «Hölderlin e a essência da poesia» (Martin Heidegger, 1889-1976); «Heidegger: a arte como epifania» (Irene Borges Duarte); «Já só um Deus nos pode ainda salvar» (entrevista concedida pelo filósofo à revista alemã "Der Spiegel" em 23 de Setembro de 1966, traduzida e anotada, na sua versão completa, pela já mencionada Irene Borges Duarte); «Heidegger e a política» (José Bragança de Miranda); «Heidegger em Português - contribuição para um repertório bibliográfico» (ainda Irene Borges Duarte); «Entrevista a por Jorge Pires a Kuno Lorenz (professor na Universidade de Saarbrücken, uma das principais referências do pensamento lógico e filosófico alemão actual); Sentidos para o ensino da Filosofia: continuação de um debate» (António Franco Alexandre e Maria Luísa Ribeiro Ferreira, ambos da FL da Universidade de Lisboa, com, respectivamente, «Três observações» e «Dois pontos não finais»); «Actividades da Sociedade Portuguesa de Filosofia» (Ciclo de sessões de 1986: Viriato Soromenho Marques, «Nietzche e o niilismo»; Adriana Veríssimo Serrão, «A razão estética»; Maria Crisrina Beckert de Assunção, «Fichete e o começo da Filosofia»; Carlos João Nunes Correia, «Schelling e o conceito de existência»; e Pedro Calafate, «A crise das filosofias da História e as imagens do seiscentismo em Portugal»). Os cinco últimos nomes são também do corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lição

De grande interesse (porque nos dá o filósofo em todo o seu perfil) é a entrevista de Heidegger à revista "Der Spiegel".

Aliás, Nuno Nabais, elogiando embora todos os estudos e artigos do presente número de «Filosofia», não se coibiu em afirmar que a dita entrevista valorizava enormemente a publicação.

Martin Heidegger

Aí se lêem as razões que levaram Heidegger até ao nacional-socialismo, bem com certos actos seus (protecção aos intelectuais judeus, docentes e estudantes, por exemplo) que, como é óbvio, não agradavam às autoridades hitlerianas. As palavras do filósofo nada escondem, pelo que, na verdade, a entrevista se reveste de claro interesse e nos leva a pensar sobre o «é» e não «é» do longo discurso que dá pelo título de «O Ser e o Tempo».

Efectivamente, aquela obra máxima de Martin Heidegger depara-se-nos (e vamos resumir) como uma tese que afirma uma só coisa por três lados:

I) O Ser (a existência) é o Mundo; II) O Ser é desvendamento original de si mesmo num "aí" (o ente) que nós somos e que, no entanto, não é o homem mas o ser do homem (a sua subjectividade); e III) O ente é finitude - «finitude no homem», expressão kantiana - enquanto compreensão do ser (objectividade).

Face a estes três pontos, o ser e o ser-se manifestam-se unos e contraditórios, pelo que, segundo Heidegger, se torna impossível uma tomada de posição no âmbito do senso comum ou (juízo nosso) da lógica humanista. Tudo «é», ou melhor, tudo está voltado para a existência (recorde-se, aliás, o filósofo como um dos diversos pilares do existencialismo).

Para boa compreensão do exposto, leia-se o começo da parte 3 do §1 de «O Ser e o Tempo»:

«O "ser" é o mais compreensível dos conceitos, Em todo o acto de conhecer, enunciar, em movimento conducente relativamente a um ente, conducente a si(nós) próprio(s), usa.se o termo "ser", e o termo é compreensível "sem mais". Toda a gente compreencde isto: "o céu é azul"; eu sou uma pesssoa de bom humor; etc. Mas esta compreensibilidade do "termo médio" leva-nos à sua incompreensibilidade (...).»

Ou por outras palavras (agora nossas): quando se diz "é" afirma-se de maneira natural o que nos surge ante os olhos, mas não sabemos o fundo do "ser" (existência), quer se apresente como "é", "será" ou "seria". Em resumo: a conjugação de todo o verbo "ser" mostra-nos, de acordo com Heidegger, que há milénios nos esquecemos de estudar o "ser" com toda a prioridade. «O Ser e o Tempo" (e aqui terminamos) começa precisamente pela seguinte frase: «Há muito tempo que deixámos cair no esquecimento o verdadeiro ser...»

Pedro Alvim

B R E V E S

Festival Internacional do Estoril inicia-se hoje

O Festival Internacional de Cinema da Costa do Estoril é oficialmente inaugurado hoje, às 20 horas, com a ante-estreia de «Longa Vida Senhora» de Ermanno Olmi. As sessões iniciaram-se, no entanto, às 9.15 com os filmes consagrados ás crianças e prolongam-se durante a tarde com «Juliana» de Fernando Espinoza e Alejandro Legasapi. As sessões para adultos iniciam-se às 19 horas com «Os Esquecidos da Liberdade» de Guy Deslauriers e com «O Regresso de Falcão» de J. Herskovic, a exibir na sala de cinema do Casino do Estoril.

Amanhã , iniciar-se-ão as homenagens a Rock Demers e ao realizador brasileiro Walter Lima Júnior, com a projecção do filme «Lira do delírio» às 21.45.

IPC nomeia júri para concurso 1990

O Secretário de Estado da Cultura nomeou, sob proposta do Instituto Português de Cinema, o juri que avaliará os projectos apresentados ao «Concurso Geral» de 1990 - Assistência Financeira à Produção Cinematográfica».

Nos termos de regulamento em vigor, o júri é composto por personalidades representativas da cultura e actividade cinematográficas e por um elemento indicado pela Radiotelevisão Portuguesa. Integram o júri Miguel Cunha Ferreira, Simão Fernandes, Francisco Peresterlo, Salvato Teles de Meneses e António Reis, indicado pela RTP.

Academia Britânica atribui prémios de cinema

A Academia Britânica concedeu ontem o prémio ao «melhor actor» de 1989 a Daniel Day-Lewis, pelo seu papel «My Left Foot».O filme, candidato ao "oscar" de Hollywood, ainda não foi exibido em Portugal. Com esta distinção, os britânicos vêem aumentadas as suas possibilidades de vir a conquistar um dos "oscar" de Hollywood.

Pauline Collins, também candidata ao "oscar", foi nomeada «melhor actriz», pelo seu papel no filme «Shirley Valentine»,a história de uma dona de casa que, fugindo ao tédio, encontra finalmente paz algures na Grécia.O filme encontra-se presentemente em cartaz de estreia em Lisboa.

A tragicomédia norte-americana «Clube dos Poetas Mortos» foi distinguida como «melhor filme» e recebeu o prémio da melhor banda sonora, da autoria de Frances Maurice Jarre.Este filme prossegue a sua carreira em Lisboa, com uma das melhores bilheteiras da temporada.

O prémio do «melhor realizador» coube a Kenneth Branagh, pelo seu primeiro filme, «Henry V» onde igualmente participa como actor. Este filme, que tem duas nomeações para os "oscares",(melhor filme e melhor actor) , inexplicavelmente ainda não estreou no circuito comercial português.

Obras-primas roubadas em museu de Boston

Onze obras-primas de Rembrandt, Degas, Manet e Vermeer, foram roubadas do Museu Gardner, de Boston, na noite de sábado para domingo, segundo a Agência France-Press.

Corey Cronin, porta-voz do museu, disse que os ladrões se disfarçaram de polícias para iludirem os vigilantes. No entanto, não encontra uma explicação para a impunidade com que arrecadaram as telas.

As obras furtadas são «O Concerto», de Jan Vermeer, «Senhora e senhor de negro», «Tempestade no Mar da Galileia» e um «Auto-retrato», todos de Rembrandt, cinco quadros de Degas, «La sortie du pesage», «Cortège aux environs de Florence», «Trois jockeys à cheval», «Programme pour une soirée artistique», um Manet, «Chez Tortoni», bem como «Paysage avec un obélisque», de Govaert Flinck, escola holandesa do século XVII.

Elba entre nós para três espectáculos

Elba Ramalho chega hoje a Portugal para, logo na quarta-feira, iniciar no Coliseu do Porto a série de três espectáculos que depois a traz a Lisboa, onde se apresenta nos dias 23 e 24 no Coliseu dos Recreios.

Elba, nesta sua «volta ao aconchego» das melhores salas do nosso país, vem acompanhada da sua banda habitual, composta por Zé Américo Bastos (teclados), Marcelo Carvalho (teclados e sanfona), Zepa (guitarra), Arlindo Pipiu (baixo), Elber Bedaque (bateria), Firmino (percussão), Marcelo Neves (sax e flauta), Paulinho (trompete) e Moisés (trombone).

Ao longo das quase duas horas de espectáculo, Elba será servida por cerca de 15 mil watts de som e por um total de mais de 200 mil watts de luz.

No palco, acompanhando o ritmo e a movimentação deste «Elba - Popular Brasileira», estarão quatro bailarinos , «craques» no frevo, no forró e na lambada: os irmãos Tânia, Nadia e Tony Nardini e ainda Carlinhos de Jesus.

Nos bastidores, uma vasta equipa da "Dulcério Lima Produções" cuida de tudo para que, na hora exacta, nada falhe.

Como curiosidade, dizem-nos que integram a dita equipa 5 camareiras, o número achado necessário para proceder às trocas de roupa, que um total de 140 fatos exigem. Será possível? Obviamente que só vendo...

«Os Papa-Léguas» iniciam 4 novos cursos em Abril

Tecelagem, Joalharia Criativa, Danças Populares Internacionais e Azulejaria são os novos cursos que, com início em Abril, vai promover a Cooperativa de Animação Cultural «Os Papa-Léguas», na sua Oficina de Artes, em Benfica.

A Oficina de Artes tem já em funcionamento ateliers permanentes - para todas as idades - de Expressão Dramática, Pintura, Modelagem, Tecelagem e Bonecos, Impressão, Expressão Musical, Viola e Flauta de Bísel, sendo a sua duração equivalente a um ano escolar.

Os novos cursos, segundo «Os Papa-léguas», correspondem à necessidade de proporcionar aos adultos o contacto com ambientes artísticos e técnicas educativas, que permitam a expressão enriquecida das capacidades pessoais, o desenvolvimento das capacidades de sonho e de criatividade emanadas da riqueza interior do ser humano.

Paralelamente, «Os Papa-Léguas» prosseguem a representação da peça para a infância «Hoje sou rei... Amanhã não sei», um espectáculo com características de animação que já foi visto por mais de 3 mil espectadores, em Lisboa.

Actualmente está a decorrer uma série de representações desta peça, com o apoio da Fundação Gulbenkian e destinadas às crianças de 14 estabelecimentos de ensino oficial na freguesia de Benfica. Ainda este mês, o grupo deslocar-se-á a Ferreira do Alentejo.

«Hoje sou rei... Amanhã não sei» pode ser visto na sala de «Os Papa-Léguas» em Benfica (junto à Av. do Uruguai) ou pode ser contactado, para deslocações a qualquer ponto do país, através dos telefones 7141823 ou 7142366.

Curso de fotografia

A Fundação Gulbenkian vai organizar, em Maio, um curso sobre a conservação da fotografia. Com a duração de uma semana, as aulas contarão com a presença de alguns mestres da área, especialmente chegados dos Estados Unidos: James Reilly, Grant Romer e Michael Hager. Entre os temas abordados, conta-se a história das técnicas fotográficas, as várias épocas, a conservação de fotografia a cores e de microfilme, etc. O curso inclui, ainda, uma visita guiada a um arquivo fotográfico lisboeta . Dirigido fundamentalmente a pessoas que têm a seu cargo e lidam com colecções de fotografias, o curso decorrerá de 14 a 18 de Maio. As inscrições estão abertas até ao final deste mês.

Sábado, no Casino Estoril, houve blues

King arma Veloso cavaleiro

Nem oito nem oitenta. O concerto de B.B. King e Rui Veloso, no Casino Estoril, não foi a consagração de um nem a decadência do outro. Durante muito tempo vivemos do miserabilismo e snobeira do que é nacional não presta. Hoje, o novo-riquismo é outro: somos os melhores, ou pelo menos tão bons como os melhores.

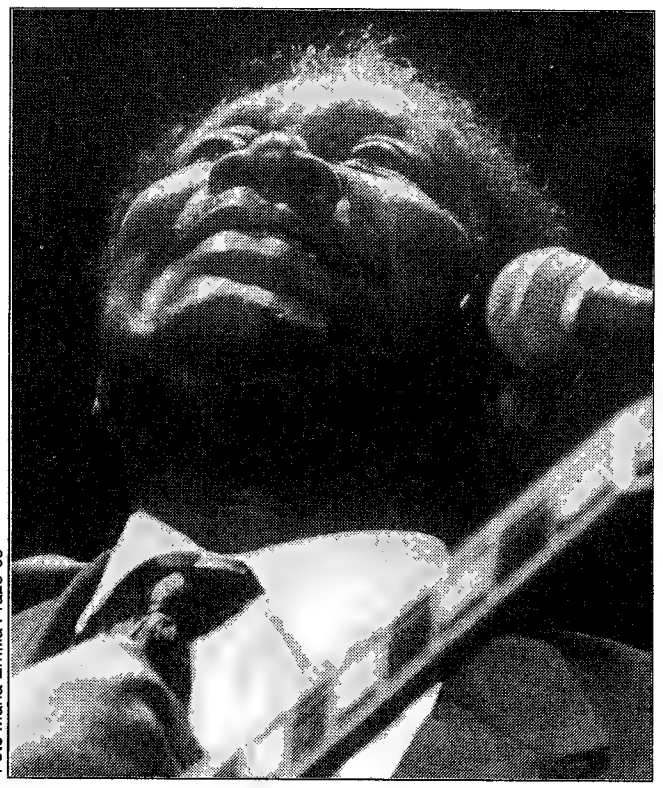


Foto Maria Emília Prazeres

B.B. King: a sabedoria de um velho senhor

O professor...

Sábado à noite, no salão prata e negro, assistiu-se a um excelente espectáculo de virtuosismo musical de um *monstro* chamado B.B. King que, independentemente de estar reduzido ao papel de *entertainer*, e já muito pouco ter do sentimento de raíz dos *blues*, não deixa de ser um guitarrista espectacular e uma voz de timbre único e capacidade de improvisação que os 50 anos de experiência forçosamente fizeram ganhar.

Uma noite de *rhythm'n'blues*, muito mais do que a intimidade dos *blues*, foi o espectáculo possível para o espaço onde se realizou, contagiando toda a plateia que, com mais ou menos ginástica, recordava sentada alguns passos de *rock and roll* ou de *swing*. King conhece o seu *métier*, por isso faz-se acompanhar por um septeto, que a par das suas carícias à Lucille (a guitarra do rei), provou que a comercialidade e os anos não são impeditivos de grande competência. É que, de facto, se um e outros não fossem excelentes músicos não transmitiam o prazer de ver e ouvir boa música, e de bom gosto. Quem esteve presente no Casino Estoril e, melhor ainda, devido às características do espaço, este fim-de-semana no Coliseu do Porto, não negará ter ficado, durante uma hora e meia, com os ouvidos cheios por um acontecimento musical de importância, do qual se guardarão na memória os solos de trompete, a voz rouca de B.B. e uma base musical de uma segurança e energia raras.

Já chega de denegrir, só porque os anos não perdoam e ninguém é fisicamente eterno, os *monstros* da música negra norte-americana, que infelizmente em Portugal só conseguimos ver como figuras de museu, ou seja, tarde de mais. Apesar do tempo, com eles transportam a experiência, o conhecimento e uma técnica apurada, que foram acumulando ao longo de anos e quilómetros e quilómetros de tábuas de palcos. Com as devidas diferenças de estilos e genialidade assistimos a exigências irreais, nos últimos tempos, a Miles Davis, Nina Simone e, há uns anos, a Duke Ellington. Agora foi a vez de B.B. King. Mas porque o talento esse existe ou não, e ele temno, o velho senhor - interpretando alguns dos seus sucessos mais antigos, como o lindíssimo "Darling You Know I Love You", e outros mais recentes - deu uma lição de música na sua passagem por Portugal, provando que a idade e os interesses comerciais de uma carreira não fazem esquecer a qualidade.

... e o aluno

Há sonhos que se realizam, e outros que nem uma vida inteira chega para levar à prática. Rui Veloso, era do conhecimento de todos, sempre sonhou poder confrontar-se, ou melhor, subir a um mesmo palco, com qualquer dos nomes grandes da música negra norte-americana, ou do *rock* internacional. Era vê-lo organizar *jam sessions* com quase todos os músicos estrangeiros destas áreas que pisaram terra lusa, ou à porta dos camarins pedindo autógrafos em discos e oferecendo os seus. Prova que não tem complexos, nem tão pouco vergonha do seu trabalho.

Desta vez o sonho realizou-se, só que Rui não teve cavalo à altura. A sua participação, em pé de igualdade, e tendo-lhe o *mestre* King dado todas as condições, puxando pelo público e pondo a servir-lhe a sua banda como se para si próprio, não o envergonhou. Contudo, está ainda muito longe do seu anfitrião, notório no diálogo de frases curtas (malandrice do rei) entre as guitarras do músico português e do norte-americano, em "Everyday I Have the Blues". Assistiu-se a um aprendiz a receber apoio dum mestre. E desta experiência guarda-se a humildade do *monstro* e a coragem de um jovem aqui nascido, bom músico e amante de *blues*.

De certeza que nunca Rui Veloso imaginou estar ao mesmo nível de King, quem o pensou, a favor ou desfavor, cometeu por certo um erro, porque só lhe foi permitido ganhar experiência com um mestre e realizar um sonho.

Pela sua coragem e, principalmente, porque não fez má figura nem se deixou cair no ridículo, o aplauso a Rui Veloso.

Maria José Belo Marques

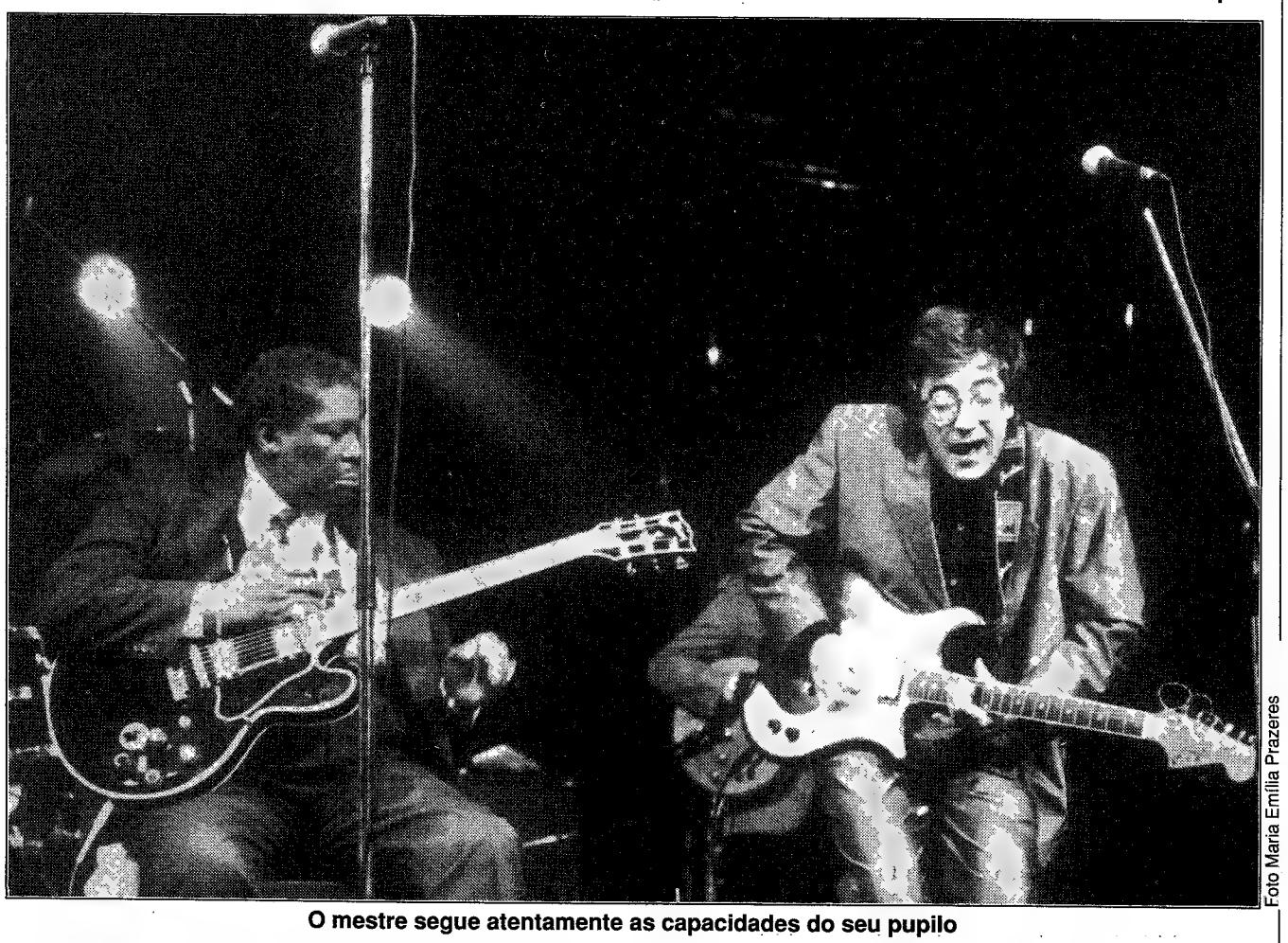


Foto Maria Emília Prazeres

O mestre segue atentamente as capacidades do seu pupilo

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Camilo Castelo Branco: o centenário da morte

Escreveu no cárcere, em quinze dias gerou «O Amor de Perdição» e partiu com um tiro há 100 anos.

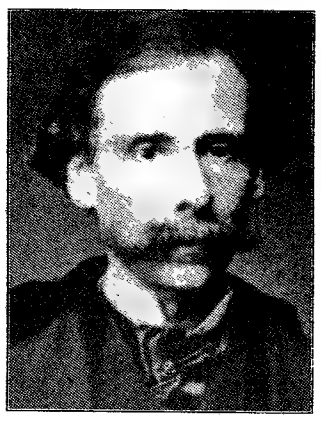
Chamava-se Camiló Castelo Branco, cujo nascimento há 165 anos foi assinalado sexta-feira, dia 16, e a morte há um século no dia 1 de Junho próximo, e não há povoação portuguesa que possa assegurar ter sido a mais significativa da sua vida e escrita.

Camilo tinha pouco mais de dois anos quando deixou a casa da Rua da Rosa, ao Bairro Alto, e na Lisboa velha geraria o seu primeiro romance, «Anátema».

Também na Rua da Oliveira, de cuja residência Camilo não se poderia recordar dada a sua tenra idade, acabaria por ser situada *in* «Memórias» — «A Fome», 1850, quando escreveu que «da Calçada do Carmo à Rua da Oliveira é um tiro de pistola».

Decorria o ano de 1828 quando se mudou para a Rua dos Douradores, mais dentro da Baixa pombalina, este lisboeta que viria a escrever mais de duas centenas de livros onde se reconhecem o poder da descrição, do retrato e, principalmente, do diálogo.

As primeiras memórias reais residem na Rua dos Douradores e na escola que então existia na Rua dos Calafates, sendo que daí lhe emerge a primeira de uma sucessão de momentos trágicos, ou angustiantes, ou ainda rocambolescos, que lhe desenharam para a posteridade um retrato de homem pobre e sujeito a provações só colmatadas por uma intensa e profissional criação literária.



Quando o pai lhe morreu na Rua dos Douradores, tinha Camilo 10 anos, a cidade transmontana de Vila Real passou repentinamente a incluir-se num rol de lares, porventura tranquilos, mas instáveis.

Foi para casa de tios que até então desconhecia e sobre a transição haveria de escrever em «Duas horas de Leitura»: «aos meus dez anos, levantou-se uma tempestade no seio da minha família. Uma vaga levou meu pai à sepultura; outra atirou comigo de Lisboa, minha pátria, para um torrão agro e triste no Norte.»

Chegou a fugir para Lisboa mas, como tivesse de pedir a familiares que o vestissem, acabaria recambiado num ápice para Trás-os-Montes.

Em todos estes anos errantes seria acompanhado pela meia-irmã Carolina, quatro anos mais velha, que viria a casar em Vila Real e a incluir Camilo no seu lar, em Vilarinho de Samardã, da qual o escritor recordaria «os primeiros e únicos felizes anos» da sua mocidade vivida nesta «aldeia sobranceira ao rio Côrrego; no desfiladeiro de uma serra rodeada de barrocais».

O seu quarto de aldeia seria repartido durante dois anos com o padre António de Azevedo, que lhe ensinou latim e música de canto, e as pedras e as encostas poderiam agora constituir motivos cénicos para recordar os lugares onde o «incorrigível rapaz de catorze anos ia à venda da serra do Mésio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada, muitas vezes».

Friume, aldeia de Ribeira de Pena, albergou-lhe os primeiros amores aos 15 anos, porque foi nessa altura que Camilo aí se deslocou para um casamento, aí alinhou em tempo de estada os traços originais de diálogos incisivos em pequenas peças teatrais, aí conheceu Joaquina Pereira com quem casaria.

Friume foi de pouca dura porque os versos de escárnio que criou por encomenda, no que foi porventura o seu primeiro gesto profissional, o obrigou a fugir «com o *Magnum Lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que aquela terra ingrata me queria comer».

Voltou à Samardã, apaixonou-se pela Margarida que haveria de envolver na escrita como Maria do Adro e, num repente do ano de 1843, nascia a filha do casamento olvidado e instalava-se no Porto para se inscrever na Escola Médica e na Academia Politécnica.

Foi bom estudante de química e péssimo de anatomia, morava então «na Rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto», e o tempo era pouco para estudar, os amores e a pena preenchiam-lhe o espírito.

Regressou à Samardã, mas Maria do Adro estava morta, voltou ao Porto, os amores levaram-no à cadeia e, em 1848, uma tentativa de suicídio augurava-lhe o fim ainda distante.

Em 1850 surgiu a personagem fulcral das paixões de Camilo, Ana Plácido, que estava noiva e era de família abastada, mas que embora o casamento se realizasse, não haveria de fugir ao destino de uma vida camiliana.

O escritor recolheu amargurado a Lisboa, escreveu num cubículo da Rua do Ouro o primeiro romance, «Anátema», e, entre um episódico e poético refúgio conventual, regressou ao Porto para arrebatar Ana Plácido e o jovem filho desta, e para, em golpe combinado se instalarem na Rua de Cedofeita.

São estes, também, marcos biográficos que a lista de efemérides não esquece, pois a Rua de Cedofeita foi alcova e o Bom Jesus do Monte, esse, fresta entreaberta para uma vida minhota, tanto mais que aí acordaram a fuga entre afagos.

Viveram no Porto, no Arco do Cego de Lisboa e, finalmente, iniciavam estadias em São Miguel de Seide, mas o pai de Ana não desistia, sentia a honra ferida em assunto que nesse tempo era por de mais grave.

Ana Plácido acabaria episodicamente na cadeia, enquanto Camilo fugia para Lisboa e depois se entregava para cumprir 384 dias passados a escrever no cárcere da Relação.

Na cela traduziu Fanny e redigiu o drama «Abençoadas Lágrimas» e, sobretudo, num fôlego de quinze dias gerou «O Amor de Perdição».

Libertado e vivendo no Porto, em Lisboa, e muito mais agora e sempre em São Miguel de Seide rodeado de «pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas», Camilo já era um verdadeiro profissional da escrita.

É curioso escutar hoje o poeta Herberto Hélder dizendo que Camilo e Ana Plácido se divertiam imenso, riam abertamente com as graças que cada um largava no dia-a-dia, no mesmo quotidiano em que o escritor contrapunha personagens na escrita que, aos olhos do leitor atento, mais não serão do que amostragens do ridículo e tantas vezes da canalha social. Com humor ou sem ele, ou com humor camuflado na tragédia que os leitores gostariam de consumir? Foi Camilo quem escreveu: «O melhor romancista em Portugal, por enquanto, há-de ser o que tiver mil leitores que lhe comprem o livro e o aplaudam, contra dez que o leiam de graça e o critiquem no folhetim a dez tostões.»

Com humor ou sem ele, Camilo já escrevia no «Amor de Salvação»: «amaria tudo; mas amo muito mais a morte».

O drama da sua própria vida, não só por virtude das provações financeiras mas também da morte de entes queridos, da loucura do filho Jorge, dos suicídios contagiantes de amigos, e ainda atingido pela cegueira que já o ameaçara na cadeia, Camilo resolveu-se por um tiro na cabeça.

O tiro, o final do homem e da panóplia editorial, tem sido de tantos modos descrito, mas, talvez, raramente tão conciso como em «Os Caminhos de Camilo», editado por Maria do Carmo Vaz, a propósito das comemorações do centenário da morte do escritor:

«São três horas e um quarto e ouve-se um tiro. Às 5 horas dava o último suspiro. O homem partira. O poeta prometera: «Quando a acácia do Jorge inda outra vez inflore/ chamai-me que eu d'Abril nas auras voltarei!».

Rui Cabral, serviço exclusivo Lusa/«DL»

Informação

ALTERAÇÃO AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 00.00 HORAS DO DIA 90/03/12 E AS 24.00 HORAS DE 90/03/21, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS E DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS FERROVIÁRIOS

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 00.00 horas do dia 90/03/12 e as 24.00 horas do dia 90/03/21, a CP concretizará um programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. **Comboios a realizar no eixo LISBOA/PORTO/BRAGA e BRAGA/PORTO/LISBOA**
   1.1 Comboios especiais rápidos
   São suspensas todas as circulações Alfa e Intercidades deste Eixo.
   A CP vai realizar neste percurso os seguintes Comboios Especiais rápidos (T 130) com paragens em Pombal, Coimbra, Aveiro e Gaia, e as seguintes horas de partida e de chegada:

Lisboa	Porto	Braga
7.20	10.55	
17.05	20.40	22.00
20.25	24.00	
Braga	**Porto**	**Lisboa**
	7.20	10.55
15.50	17.15	20.50
	20.30	00.05

   Estes comboios especiais realizam o percurso Lisboa-Porto em 03.35 h
   O comboio especial com partida de Lisboa-P às 17.05 h tem seguimento até Braga.
   O comboio especial que tem passagem no Porto às 17.15 h tem a sua origem em Braga às 15.55 h.
   1.2 Comboios Inter-Regionais
   A CP assegura a realização dos comboios inter-regionais 824 e 828 com partidas do Porto às 12.00 h e 18.45 h e, também, os comboios 825 e 827 com partidas de Lisboa às 11.35 h e 15.25 h.
   1.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis
2. **Eixo LISBOA/GUARDA**
   2.1 São suprimidos os comboios Intercidades 510 e 511.
   2.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Coimbra e Guarda, com paragem em Celorico da Beira, Mangualde, Nelas, Oliveirinha/Cabanas, Santa Comba Dão e Pampilhosa, com partidas da Guarda às 07.15 h e 17.40 h e de Coimbra às 10.15 h e 19.45 h.
   2.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.
3. **EIXO LISBOA/COVILHÃ**
   3.1 São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542 e 543.
   3.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Lisboa e Covilhã, com paragem em Entroncamento, Abrantes, Alferrarede, Ródão, Castelo Branco e Fundão, com partidas de Lisboa às 08.30 h e 19.00 h e da Covilhã às 07.10 h e 15.00 h.
   3.3 Serviço regional
   Realizar-se-ão as criculações que se revelarem possíveis
4. **EIXOS LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/TUA E PORTO/VIANA DO CASTELO/VALENÇA**
   4.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Leiria 500 e 501, assim como os Intercidades Porto/Régua 560 e 561 e Porto/Viana 550 e 551.
   4.2 Comboios Inter-regionais e Regionais
   Serão realizados nestes eixos as circulações que se revelarem possíveis.
5. **EIXO LISBOA/FARO-LAGOS**
   5.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Faro 580 e 585 e Lisboa/Faro-Lagos 582 e 583.
   5.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Barreiro e Faro, com paragens em Tunes e Albufeira, e com partidas do Barreiro às 15.00 h e 18.50 h e de Faro ás 07.30 h e 14.05 h.
   As ligações de e para Lagos são asseguradas por comboios regionais.
   5.3 Serviço Regional
   Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.
6. **EIXO LISBOA/ALENTEJO**
   Serão realizados os comboios Inter-regionais e regionais que forem possíveis.
7. **LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**
   Serão asseguradas todas a ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo, que será suprimida neste período.
8. **RESTANTES LIGAÇÕES DE LONGO CURSO**
   Nos restantes itinerários de Longo Curso serão asseguradas as ligações possíveis.
9. **SERVIÇO SUBURBANO**
   9.1 Zona suburbana de Lisboa
   9.1.1 Linha de Sintra
   Prevê-se a supressão de grande parte dos comboios entre as 06.00 e as 09.00 horas da manhã, pelo que o Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia nas seguintes origens e destinos:
   de Amadora (Câmara Municipal) e de Queluz (Estação) ambos em direcção à Estação do Metropolitano do Colégio Militar e de Barcarena (Estação), Cacém (Estação), Rio de Mouro (Estação), Mercês (Estação), Algueirão (Colégio Afonso V) e Sintra (Estação) em direcção ao Marquês de Pombal, serviço que se prolongará ao longo do dia, caso se justifique.
   Entre as 21.00 e as 02.30 h haverá igualmente um transporte complementar Rodoviário entre Lisboa-Rossio (Teatro D. Maria II) e os locais de origem anteriormente indicados.
   Todos os comboios têm paragem em Campolide.
   9.1.2 Linha de Cascais
   Prevê-se que seja praticado, com algumas surpressões, nomeadamente nas horas de ponta (manhãçtarde) o horário dos comboios que vigora aos Domingos.
   Todos os comboios têm paragem em Santos, sendo o primeiro comboio de Cascais às 05.15 horas da manhã.
   A CP desenvolve também a partir das 06.00 horas e ao longo de todo o dia um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em:
   Cascais / S. Pedro / Parede / Carcavelos / Oeiras / Paço D'Arcos / Cais do Sodré
   Não haverá circulação de comboios no sentido ascendente (Cais do Sodré/Cascais) nos períodos entre as 12.30 h e 14.10 h e entre as 21.20 h e as 24.00 horas.
   No sentido descendente (Cascais/Cais do Sodré) não haverá circulação de comboios nos períodos entre as 13.30 h e as 15.00 h e entre as 22.00 e a 01.00 horas.
   Nestes intervalos só haverá pois serviço complementar rodoviário.
   9.1.3 LISBOA-AZAMBUJA
   Prevê-se a realização do serviço normal.
   9.1.4 BARREIRO-SETÚBAL-PRAIAS DO SADO
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.1.5 VIA FLUVIAL
   (LISBOA-T-BARREIRO)
   Será praticado o serviço normal.
   9.1.6 CACÉM-TORRES VEDRAS
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.2 Zona suburbana do Porto
   9.2.1 PORTO-MARCO, PORTO-PÓVOA-GUIMARÃES, PORTO-AVEIRO
   Prevê-se a realização de parte do serviço normal o qual é complementado por rodovia, com origens e destinos de Cete, Recarei, Póvoa do Varzim, Oval, Espinho, Porto-S. Bento, Porto-Campanhã, V.N. Gaia (Jardim do Morro), Porto-Boavista (Rua de Agramont).
   9.3 Zona suburbana de Coimbra
   COIMBRA-FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA-SERPINS)
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
10. Solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem as Estações ou Secções de Informações da CP para a obtenção de esclarecimentos complementares sobre a evolução dos serviços a prestar.

90 Março 09

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

Democracia representativa

Discutir as diferenças, complementaridades e origens da democracia representativa e da democracia participativa constituiu o objectivo do terceiro encontro do Grupo de Trabalho/DL sobre Política Nacional, no qual participaram **António Mendonça**, economista e professor auxiliar do Instituto Superior de Economia e Gestão, **Manuel de Lucena**, investigador do Instituto de Ciências Sociais, **Victor Cunha Rego**, director do «Semanário», **Maria José Stock**, politóloga, **Teresa Ambrósio**, especialista em Ciências da Educação, **Alberto Costa**, advogado, **José António Pinto Ribeiro**, advogado e **Juan Mozzicafreddo**, professor do ISCTE e especialista em sociologia política além do director do DL, **Mário Mesquita** e dos jornalistas **António José Teixeira** e **Dina Soares**

A primeira questão lançada para a mesa foi a de saber se os instrumentos de concertação social são ou não a continuidade do Estado corporativo existente antes do 25 de Abril. **Manuel de Lucena** considerou que depois daquela data se esboçou um novo comportamento autoritário, análogo ao imposto por Salazar, e que pretendia conservar ao serviço da «construção social» o essencial da organização corporativa. «Observei-a de perto ao estudar a extinção dos Grémios da Lavoura. De acordo com os projectos oriundos do PCP estes grémios seriam transformados em pré-cooperativas, controladas pelo Estado e até, se necessário, criadas por ele. Nessas pré-cooperativas a classe dos pequenos e médios agricultores teria de colaborar com o proletariado agrícola das UCP e ambos com os poderes públicos, claro está. Outro projecto da mesma veia - e da mesma mão - foi o da Intersindical unicitária sobre o qual não é preciso insistir. Em 1975 só os grandes industriais eram excluidos da 'concertação', mas esses estavam a ser expropriados» - acrescentou.

Finalmente, **Manuel de Lucena** também se referiu ao que se passou após o País ter entrado no regime constitucional, no qual logo começaram a surgir toda uma série de organismos neocorporativos, comissões ou conselhos do Plano, de rendimentos e preços, do comércio, da agricultura (regionais e nacionais), «Conselhos Gerais» em certas empresas públicas, comissões de conciliação e julgamento, etc. «Boa parte destes organismos não funcionou, mas as necessidades que ficaram por satisfazer eram reais. E em 1984 veio o Conselho de Concertação. Tudo isto aponta para um corporativismo voluntário e consensual, análogo ao que existe em muitos países europeus.»

«Tudo o que seja democracia directa ou participativa tem uma origem teórica e política que não reside na insuficiência da democracia representativa, mas se apresenta como alternativa.»

Juan Mozzicafreddo

José António Pinto Ribeiro explicou o surgimento de novas formas de concertação social pela a ausência, durante 50 anos, de mecanismos de mercado capazes de garantir o, mais ou menos automático, ajustamento de interesses dos agentes económicos. «O mercado, como quadro, era substituído por uma intervenção directa do Estado alegadamente na procecussão de um interesse nacional superior», considerou acrescentando, contudo, que o problema da subsistência de macanismos para-corporativos no domínio da economia enquanto o mercado não funciona plenamente é muito diferente da sua subsistência a nivel político numa democracia representativa».

Juan Mozzicafreddo, por seu turno, afirmou que existe uma lógica corporativa no funcionamento do Estado e do Governo que não se resume a uma lógica económica. Em seu entender, podem ser considerados três tipos de corpos intermédios: «Os clássicos, caso das Forças Armadas e da Igreja, os novos, onde se inserem as rádios locais, a Ordem dos Médicos ou as elites sindicais e ainda os difusos, nos quais se podem integrar as associações de defesa do consumidor e do ambiente, entre outras».

Tal lógica corporativa surge, em sua opinião, das distorções da democracia representativa, que exige uma certa homogeneidade de interesses, enquanto os corpos intermédios poderão representar outros, deixados de fora pelos partidos. «A lógica de funcionamento do Estado baseia-se num papel importante na regulação através do equilíbrio de poderes dos grupos sendo, ao mesmo tempo, uma forma de autonomizar o próprio Estado», afirmou, acrescentando que isso faz com que a predominância dos corpos intermédios na sociedade aumente.

«A valorização dos corpos intermédios é uma evolução natural ou impõe-se face à complexidade das situações?», interrogou **Teresa Ambrósio**. Na sua óptica, a própria organização do Estado permite a existência de vários locais onde o cidadão pode participar. «No entanto» - questiona - «será que eles actuam através do diálogo ou não passarão, muitas vezes, de formas de influenciar?».

Para **Alberto Costa**, a tradição da democracia participativa é uma tradição crítica em relação à democracia representativa. «A primeira parte da ideia de que o tipo de intervenção dos cidadãos nos procedimentos da segunda é insufuciente, seja para assegurar

«A nossa democracia não é verdadeiramente representativa embora continuemos a chamar-lhe assim. No Parlamento os deputados falam pela nação e não pelos distritos que os elegeram.»

Manuel de Lucena

genuinidade a essa representação, seja para transformar a sociedade. Portanto reclama mais, reclama outros instrumentos e legitíma outras práticas». Em seu entender, é o carácter alegadamente insuficiente dos mecanismos que identificamos com a democracia representativa que leva os defensores da democracia participativa a pedir mais para finalidades diferentes.

«No estado moderno encontramos uma série de instrumentos que parecem filiar-se em diferentes tipos de tradições críticas da democracia representativa. Estes instrumentos pretendem resolver insuficiências do mecanismo daquele regime e, intencionalmente, visam mais qualidade e racionalidade nas decisões politicas, ao mesmo tempo que resolvem problemas de legitimação», afirmou, acrescentando que isto conduz a decisões tendencialmente melhores porque mais informadas e porque quem está implicado no processo de decisão está mais comprometido na sua aceitação.

Juan Mozzicafreddo discordou. «Acho que foram ideias criadas em alternativa da democracia representativa e não devido às suas insufuciências». Para ele, «tudo o que seja democracia directa ou participativa tem uma origem teórica e política que não reside na insuficiência da democracia representativa mas se apresenta como alternativa».

Esta situação foi apelidada pelo sociólogo de «espaço de participação», e citou exemplos: «A acção popular ou o Conselho Económico e Social são espaços de participação mas dentro da lógica da democracia representativa que complementam mas que não se põem como alternativa».

Teresa Ambrósio considerou que se este espaço traz muito mais informação mas traz também muito mais dificuldade no tratamento dessa informação muitas vezes contraditória entre si. «A decisão com muita informação não dará provavelmente uma decisão mais racional nem melhor. O que vai dar é uma rede arborescente de decisões, que se completam e se corrigem umas às outras porque não é possível tratar a gestão dos interesses de todos esses grupos estrategicamente numa decisão que é racional e a que toda a gente vai obedecer», frisou, considerando ainda que o facto de haver muita gente na mesa das negociações permite corrigir rapidamente os erros.

Para **Manuel de Lucena** é preciso discutir, antes de tudo, o próprio conceito de democracia representativa. «A nossa democracia não é verdadeiramente representativa embora continuemos a chamar-lhe assim. No Parlamento os deputados falam pela nação e não pelos distritos que os elegeram. O mandato que exercem não está imperativamente vinculado aos programas que defenderam em campanha e muito menos a instruções dos eleitores, que os não podem substituir. Claro que as eleições são livres, em regime de concorrência pluripartidária. Com o sistema proporcional obtem-se uma Câmara que, de algum modo, reflecte as tendências políticas do País. Nessa medida poderá dizer-se que o representa, mas a verdadeira representação não é um simples retrato.»

Este regime tem, na sua óptica, disfunções, que tanto podem ser compensadas ou agravadas pela democracia participativa: «Com a tendência das organizações para a oligarquia tendem a ficar sobrerepresentados determinados interesses, os de quem fala mais alto».

Para **Maria José Stock** a problemática actual da democracia representativa consiste na sua flexibilização, na premeabilidade das suas estruturas por forma a incorporar mais indivíduos e grupos sociais em termos de uma maior e mais activa participação.

«A democracia representativa e a democracia participativa são duas faces da mesma moeda. Ambas se desenvolvem paralelamente, em complementaridade e em conflito», disse **António Mendonça**. Em seu entender, a democracia participativa é uma expressão do desenvolvimento social e da crescente complexidade das sociedades. «Há conflito ou complementariade consoante a democracia representativa é capaz de compreender o dinamismo social (e actuar em consonância com ele, inclusivemente acentuando-o e promovendo-o) ou, pelo contrário, procura controlá-lo e subvertê-lo», acrescentou. Será no fundo - interrompeu **Maria José Stock** - a diferença entre o controlo da autoridade dos governantes e a passagem deste controle à acção, reclamando a iniciativa e o poder. Esta acção pode, contudo, ser mediatizada e aí existe uma complementaridade.

«Se o poder continuar a funcionar a nível legislativo, administrativo, judiciário, com a mesma opacidade, podem estabelecer todos os mecanismos de sistema eleitoral directo que, no fundo, nada muda.»

José António Pinto Ribeiro

Esta ideia de complementaridade é aceite por **Juan Mozzicafreddo**. «Os corpos intermédios são complementares sempre que não têm o predomínio da alternância do poder». Em sua opinião, o principal antagonismo entre a democracia representativa e, quer a democracia participativa quer os corpos intermédios, é que os dois últimos são particularistas e o primeiro é tendencialmente universalista.

Mozzicafreddo citou, então, o caso português: «Em Portugal têm sido criados ultimamente vários organismos que pretendem complementar a insuficiência que há na democracia representativa e há alguma. Uma delas é precisamente o predomínio de grupos internos, sobre o Parlamento, do Grupo Parlamentar sobre os deputados, aí sim falaria de insuficiências».

José António Pinto Ribeiro aproveitou, então, para introduzir uma nova questão: «Será que a necessidade de corpos intermédios se deve à insuficiência teórica ou absoluta da democracia representativa, ou à insuficiência da democracia representativa portuguesa?». Para ele, há um conjunto de corpos intermédios que se tornam necessários na sociedade portuguesa porque há um conjunto de mecanismos da democracia representativa que não funcionam.

«As pessoas tentam resolver os seus problemas através de grupos de pressão, porque orgãos que deveriam garantir a solução rápida e eficiente desses conflitos, concretamente os tribunais, não funcionam. Na ausência de tribunais ou na paralisia destes, as pessoas têm tendencia para dizer que mais vale um mau acordo que uma boa sentença. E se se trata de um acordo, então, há que pôr toda a força do nosso lado para se ter maior poder negocial», frisou.

Pinto Ribeiro questionou-se ainda sobre se esse corpos trarão mais informação para o processo. «Se calhar trazem mais informação mas distorcida, porque veiculada por interesses dominantes ou particulares. Chamo a atenção, por exemplo, para a paralisia na solução de conflitos, a dois níveis: ao nível do conflito inter-privado e do conflito político, isto é, a inexistência de orgãos que assegurem que a lei se aplica igualmente a todos».

Manuel de Lucena aludiu, por seu turno, a outro factor que talvez potencie a acção dos chamados corpos intermédios na sociedade portuguesa. «Trata-se da dificuldade que temos de aceitar que um Governo saído de eleições nos governe até às próximas e sem re-

CONCESSIONÁRIOS
TOITORRES TOYOTA
Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

OL SOBRE POLÍTICA NACIONAL

va e democracia participativa em Portugal

al (e
ele,
-o e
rário,
ê-lo»,
do -
ck - a
auto-
pas-
recla-
Esta
diati-
men-

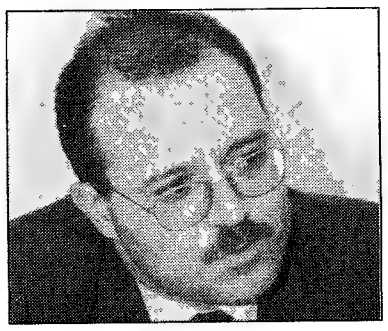
ntari-
ozzi-
édios
que
a al-
opin-
entre
quer
ler os
dois
o pri-
ersal-

ão, o
l têm
vários
com-
há na
e há
nente
ernos,
o Par-
os, aí

beiro
duzir
a ne-
ios se
u ab-
senta-
nocra-
esa?».
orpos
n ne-
guesa
lecan-
senta-

ver os
rupos
s que
ápida
ncret-
fun-
unais
essoas
e mais
a boa
e um
oda a
se ter
u.
ou-se
trarão
cesso.
nação
tulada
u par-
o, por
na so-
eis: ao
o e do
inex-
gurem
e a to-

u, por
talvez
nados
edade
difi-
ar que
es nos
em ne-



«Não seria bom que as decisões do Estado fossem partilhadas com associações que não têm legitimidade em sede democrática para serem autoras ou co-autoras de decisões.»

Alberto Costa

cessidade de as antecipar. Mesmo com um governo maioritário como o actual isso acontece. Parece que para os portugueses só são legítimas as maiorias frescas. Ao cabo de uns meses sabem-nos a requentadas e achamos que novas eleições as não reconduziriam. Os parceiros sociais extraiem disto frequentemente muita genica para contestar a acção do Governo na esperança de que ele ceda ou acabe por caír. Mas, também é verdade que o actual não gosta muito de os ouvir nem de se comprometer honestamente com eles.»

Juan Mozzicafreddo estabeleceu uma relação entre corpos intermédios e partidos políticos. «Os primeiros surgem devido ao facto de os segundos não representarem interesses sectoriais», considerou, perguntando em seguida: «Porque é que hoje em dia há uma forte aposta nos corpos intermédios?».

A sua resposta para tal questão prende-se, em primeiro lugar, com a insuficiência dos partidos em diminuir a sua procura de representar interesses diferenciados uam vez que a conquista do poder faz-se através da homogeneização das propostas, reduzindo a especificidade.

«Em segundo lugar» - continuou - «é poque o Parlamento está sujeito ao funcionamento dos próprios partidos e tem muito pouca autonomia. Há ainda outra razão que tem a ver com a cultura portuguesa, caracterizada por uma lógica corporativista. As sessões funcionam por pressão e faz parte da cultura política não aceitar as decisões quando não convém».

«As associações que têm surgido ultimamente jogam um papel de sobrevivência, um papel fiscalizador, um papel de dinamizador de uma política?», perguntou **Teresa Ambrósio.** Na sua óptica, «os corpos intermédios são muitas vezes olhados como fiscalizadores do poder político quando poderiam jogar na manutenção do dinamismo social e económico».

«Sob o ponto de vista mais jurídico da organização dos mecanismos da democracia, muitas vezes analisamos a posição dos corpos intermédios como qualquer coisa que fiscaliza a democracia representativa ou de que os seus orgãos podem utilizar-se para conterem conflitos. Podíamos também pensar no papel que poderiam jogar e que não jogam porque são manipulados pelos próprios partidos, pelos orgãos do poder», afirmou.

Pinto Ribeiro voltou então ao problema do mau funcionamento dos tribunais. «Gostaria que houvesse associações efectivas de defesa do consumidor porque os tribunais funcionam tarde e mal, como gostava que existissem associações de defesa do cidadão porque acho que os Tribunais Criminais funcionam ainda pior. Porque é que acho importante que os sindicatos e as associações patronais se entendam? Porque os Tribunais do Trabalho não funcionam. Porque é que existem grupos tão empenhados em se pronunciarem sobre a constitucionalidade das leis? Porque o Tribunal Constitucional não tem a credibilidade e a qualidade do Tribunal Constitucional alemão ou sequer do espanhol, e é particularmente permeável às pressões políticas uma vez que é muito partidarizado».

Na sua opinião, para tudo isto contribui o facto de o processo legislativo em Portugal ser completamente opaco, tanto a nível da Assembleia da República como do Governo. «Para qualquer conflito que exista entre o Estado e os particulares - ver a legislação iníqua sobre expropriações - ou entre particulares, empresas ou não, não há nenhum mecanismo que, rápida, eficiente e credivelmente o resolva» - disse - «Está por instituir em Portugal uma democracia cívica representativa minimamente séria pois a actual não é séria e por isso recorremos aos corpos intermédios. Talvez se deva pensar nisso como razão para a existência de muitos desses ditos corpos intermédios que numa democracia representativa a sério não faria sentido existirem».

Maria José Stock atribuiu esta opacidade do processo legislativo ao funcionamento deficiente do processo de escolha dos representantes e à própria lei eleitoral. «Alguns exemplos são a obrigatoriedade de os independentes fazerem parte das listas dos partidos, a impossibilidade de existência do mecanismo do voto de preferência, tal como se faz por exemplo em Itália, ou do voto singular transferível a nível de escolha dos candidatos, a total incapacidade de controlo dos deputados eleitos por parte dos cidadãos, a falta de uma ligação efectiva entre os deputados e os cidadãos que eles representam, a inexistência do exercício do veto popular, a frágil incidência que o referendo tem entre nós, bem como a falta de usos sociais cívicos fortemente enraizados que flexibilizem as instituições e as engrenagens políticas».

«A democracia plena é um ideal que passa pelas diversas técnicas de escolha das formas de representação ou delegação do poder. É aí que nos situamos entre a democracia meramente representativa e a participação política.»

Maria José Stock

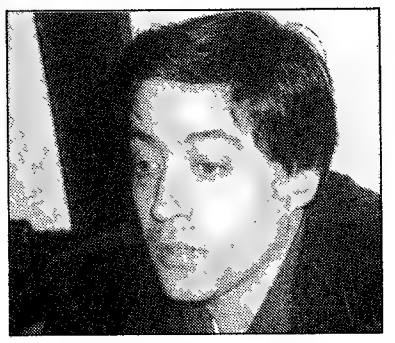
Para ela, tudo isso dificulta uma coisa essencial para a democracia que é o desejável envolvimento na generalidade do processo político dos cidadãos. «A democracia participativa é isso. Estas são algumas medidas, mais simples, que talvez pudessem obviar em parte aos efeitos eventualmente perversos da democracia representativa». E acrescentou, «a democracia plena é um ideal que passa pelas diversas técnicas de escolha das formas de representação ou delegação do poder. É aí que nos situamos entre a democracia meramente representativa e a participação política».

«Com esta lei eleitoral isso não é possível», afirmou, por seu turno, **Manuel de Lucena**. «Para quem cultiva o mito da representação o melhor sistema é o proporcional, pois é o que melhor retrata o País dando voz no Parlamento a maior número de correntes de opinião, mas tem um efeito preverso: dificulta a formação de maiorias obrigando os partidos a alierem-se com outros cujos programas são incompatíveis com os seus ou a apresentarem ao eleitorado propostas ambíguas, na esperança de se tornarem maioritários sozinhos. Resultado: é frequente os cidadãos votarem uma política e verem depois que o seu voto serve para promover outra muito diferente ou até oposta.»

Mostrando-se também preocupado com a lei eleitoral e com o referendo, **Victor Cunha Rego** questionou **Alberto Costa** sobre os limites do sistema representativo, nomeadamente sobre a sua interferência no sistema económico e social.

Alberto Costa mostrou-se de acordo com grande parte das críticas que foram feitas ao funcionamento da democracia representativa entre nós e particularmente as que se referiam ao processo legislativo e ao funcionamento dos tribunais. «Em todo o caso, resolver os problemas através de eleitos e não através dos directamente interessados traz enormíssimas vantagens», afirmou, considerando ser duvidoso que através de formas de participação directa se pudessem solucionar numerosos problemas que são solucionáveis através dos eleitos.

«O papel de muitas associações deve reduzir-se à criação de um espaço público de discussão, de



«A democracia representativa e a democracia participativa são duas faces da mesma moeda. Ambas se desenvolvem paralelamente, em complementariedade e em conflito.»

António Mendonça

introdução de informações que a democracia política deve considerar e introduzir nos seus processos de decisão. Não seria bom que as decisões do Estado fossem partilhadas com associações que não têm legitimidade em sede democrática para serem autoras ou co-autoras de decisões», disse.

Teresa Ambrósio é de opinião de que a democracia pode ter também como referencial a concertação dinâmica de interesses, a orientação de dinamismos, o que sob o ponto de vista económico é uma outra forma de referenciar a democracia. «Normalmente, as decisões e as medidas de ordenação conduzem a uma certa ordem que é estabilizadora da evolução da sociedade. Porém, não sei é se este referencial é suficientemente rico para nele próprio se equacionar a dinâmica de uma economia» afirmou.

«Não tendo a ver o dinamismo social e económico a depender demasiado de decisões imputáveis à democracia. Portanto, não tendo a colocar isso como um encargo do sistema político onde coloco fundamentalmente a questão da democracia. Não melhoraremos o sistema político se lhe pedirmos demasiado em relação ao dinamismo social e económico», discordou **Alberto Costa.**

Este advogado sublinhou ainda «a falta de paciência em relação à democracia representativa, que faz com que a crítica ao desempenho governativo passe a ser rapidamente uma crítica à democracia representativa. E em vez de as críticas serem metodicamente canalizadas para a obtenção de uma alternativa governativa, patrocina-se a criação de uma série de elementos de pressão tendendo a interromper ou a compensar o exercício governativo em curso».

Pinto Ribeiro expressou algumas dúvidas em relação à questão do melhoramento do sistema político, essencialmente pelo estabelecimento de um mecanismo de representatividade do eleito. «Isso pode ser alcançado pela obrigatoriedade da não opacidade do funcionamento do poder. Se o poder continuar a funcionar a nível legislativo, administrativo, judiciário, com a mesma opacidade, podem estabelecer todos os mecanismos de sistema eleitoral directo que, no fundo, nada muda», considerou. «Mas como é que deixa de ser opaco?» - interrogou **Victor Cunha Rego.**

Em seu entender, o sistema pode deixar de ser opaco no dia em que os instrumentos de aplicação da lei foram totalmente autónomos do poder executivo, isto é, quando os tribunais forem eficientes a nível penal e a nível judiciário: «Nessa altura, se eles não cumprirem a lei - por exemplo a lei sobre rendimentos e bens dos titulares de cargos públicos ou políticos, ou a lei sobre as contas dos partidos - e forem punidos, começarão a perceber que têm que cumprir as leis que fazem».

António Mendonça voltou à sua ideia de que o desenvolvimento da democracia representativa leva necessariamente, ou deve levar, ao desenvolvimento da democracia participativa porque ambos estão profundamente ligados ao desenvolvimento social e económico, à necessidade de novas formas políticas que derivam da complexidade social.

«Não vejo uma situação em que a um desenvolvimento da democracia representativa corresponda um desaparecimento da democracia participativa. Acho que ambas vão evoluir até porque as próprias instituições do Estado se vão alterar radicalmente tendo em conta as mudanças da sociedade», acrescentou.

«Os corpos intermédios são muitas vezes olhados como fiscalizadores do poder político quando poderiam jogar na manutenção do dinamismo social e económico.»

Teresa Ambrósio

Juan Mozzicafreddo reforçou mais uma vez o seu conceito de espaços de participação, em vez de democracia participativa. «Um mecanismo democrático não é para todos decidirem sobre tudo e um dos problemas da democracia portuguesa é que está muito próxima das exigências da população, porque os partidos são muito fracos e não têm capacidade para se distanciarem, programando uma política a longo prazo», afirmou.

Na sua óptica, tem que haver um saudável distanciamento entre o que se deseja e aquilo que é possível: «Uma das funções dos partidos é racionalizar os desejos numa direcção política eficaz».

A.M.A. ®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

Consórcio cooperativo interessado em Portugal

Habitação social, gasoduto e TGV (combóios de alta velocidade) são três das grandes áreas de construção e obras públicas na mira do Euroc, um consórcio formado por 14 cooperativas de construção civil e obras públicas de Itália, nove de França, um consórcio de Espanha e a empresa portuguesa Cabouco.

O conselho de administração do Euroc esteve reunido em Lisboa para analisar possibilidades de negócios em Portugal. Álvaro Pato, da Cabouco, afirmou que «há amplas perspectivas» em vários domínios: estradas, auto-estradas, barragens, caminhos-de-ferro, edifícios e construção social.

Os dirigentes das cooperativas estrangeiras aproveitaram a sua presença em Portugal para entabularem contactos com várias autarquias, entre as quais a de Lisboa e a de Matosinhos.

Constituído há um ano, o Euroc é formado por cooperativas especialistas nas áreas de construção civil, obras públicas, recuperação urbana e saneamento e ambiente, que possuem um volume de negócios global de 250 milhões de contos.

Várias das suas integrantes estão a actuar na África Austral e, em particular, uma delas, a italiana CMB, está a construir uma barragem que é a maior obra pública em curso em Moçambique.

Sedeado em Roma, o Euroc tem uma sede operacional em Lyon e escritórios de representação em Bruxelas, Paris, Barcelona e Lisboa.

O seu objectivo é facilitar aos associados a execução de obras de grande envergadura na Comunidade europeia, em particular, e no mundo, em geral.

Austríacos apresentam-se

Formar empresas com base em *joint-ventures* e entrar nos concursos públicos é, entretanto, o objectivo da visita que 18 empresas austríacas estão a realizar a Portugal.

Durante esta visita, promovida pela Câmara Federal de Economia da Áustria e pela delegação comercial da Áustria em Lisboa, os empresários austríacos contactarão cerca de 150 representantes de empresas portuguesas.

A missão económica da Áustria é formada por dois tipos de empresas: o das empresas de obras públicas e construção civil, que pretendem cooperar com firmas iguais em Portugal para realizar concursos públicos, e as produtoras de materiais de construção modernos, com novas técnicas e com *know-how* desconhecido em Portugal, que querem constituir consórcios para produzir os mesmos materiais, para reduzir os custos de produção.

Redacção "DL"/Lusa

Portugal melhora comportamento

Falta de ambição dos Doze perante Mercado de 1993

Do nosso correspondente em Bruxelas

«O ano charneiraB é como a Comissão europeia designa o actual, considerado decisivo para o êxito ou fracasso do Mercado Único Europeu de 1993. A falta de ambição dos Doze, na perspectiva do executivo de Bruxelas, verifica-se sobretudo nos domínios da fiscalidade (onde o importante está por fazer), veterinário e fitossanitário.

Em Setembro último, apenas sete medidas das 21 comunitárias foram transpostas para as legislações nacionais. A Itália destaca-se pelo atraso desta operação e uma melhoria de comportamento ocorre em relação a Portugal e Espanha.

O relatório da Comissão sublinha que o sector privado é quem, na generalidade dos Estados membros, acompanha com maior facilidade o ritmo do comboio europeu, rumo a 1993. As empresas estão a corresponder ao desejo de uma adaptação tendo em conta as exigências do Mercado Único, realidade muito perceptível nos dois países ibéricos. Os investimentos ultrapassaram os 10 por cento, valores acima dos verificados no conjunto da CEE: 8,3 em 1988 e 6,9 no ano passado.

Por outro lado, verifica-se o interesse de investimentos no espaço comunitário de capitais provenientes dos Estados Unidos, Japão e países da EFTA (Suíça, Áustria, Noruega, Finlândia, Suécia e Islândia). O caso do Japão é típico deste interesse: 500 empresas estão actualmente estabelecidas na CEE.

Pouco tempo

Na opinião do comissário Martin Bangemann, 60 por cento das decisões necessárias à construção do mercado interno foram já adoptadas, mas o tempo começa a escassear para ser possível suprimir o controlo nas fronteiras até ao fim de 1992. E isto, segundo o responsável da Comissão, patenteia uma certa falta de ambição que toca a generalidade dos doze Estados membros. A três anos do Mercado Único, a Comissão estima que os benefícios decorrentes da abolição de fronteiras interiores no seio da Comunidade serão mais importantes do que se previa. Por outro lado, a União Económica e Monetária permitirá reforçar ainda as vantagens inesperadas.

Aliás, uma reflexão sobre esta matéria permitiu uma «grande convergência de pontos de vista» entre os comissários e um texto relativo à União Económica e Monetária será discutido pelos ministros das Finanças dos Doze, no Ashford Castle (Irlanda) nos próximos dias 31 de Março e 1 de Abril.

Embora o conteúdo do documento permaneça confidencial, fontes da Comissão referem que ele não diverge, na sua essência, das propostas avançadas até aqui

Jacques Delors

pelo chamado «Comité Delors». Este comité, presidido por Jacques Delors, é constituído pelos governadores dos bancos centrais dos países comunitários e preconiza a construção da UEM em três etapas, com o estabelecimento de paridades fixas entre as moedas e a criação de um sistema europeu de bancos centrais. O projecto propõe igualmente a criação de uma moeda única, neste caso o ECU, num espaço de tempo mais curto. No entanto, este capítulo da moeda única não é considerado imprescindível pelo relatório do presidente da Comissão.

O projecto do texto incluía a tese das políticas monetárias nacionais concorrentes, uma proposta da Grã-Bretanha como alternativa ao relatório Delors, mas com idêntico objectivo: a União Económica e Monetária. As fricções latentes entre a Comunidade e o Japão, quanto às restrições mútuas, conheceram novo episódio, desta vez pouco favorável aos japoneses: na fábrica de Silver Reed, na Grã-Bretanha, só as embalagens eram produzidas no local. Em seis das nove unidades de produção de fotocopiadoras, 99,2 por cento dos componentes eram japoneses. Recorde-se que o Japão defende que os produtos fabricados em território comunitário não deve ser reconhecido como importado, não fazendo parte, portanto, da contingentação imposta às exportações daquele país. Aliás, esta tese é igualmente defendida pela Grã-Bretanha, que alberga fábricas de automóveis japoneses, e por outros países da Comunidade. No entanto, a descoberta dos investigadores, em Silver Reed, agrava a desconfiança com que a Comissão europeia encara o comportamento dos japoneses. Recorda-se ainda que, há poucos dias, o Japão obteve uma pequena vitória, ao conseguir que uma arbitragem do GATT condenasse as medidas restritivas da CEE em relação a alguns produtos fabricados nas unidades europeias, designadamente máquinas de escrever, balanças electrónicas e fotocopiadoras.

As conclusões a que chegaram os investigadores de Bruxelas põem em causa a «boa fé» japonesa e constituem uma espécie de vingança dos peritos da Comissão.

José Rui Cunha

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$00	54$00
ALEMANHA FED. (marco)	87$45	88$65
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$016	4$266
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$65	128$15
(notas de 5 a 1000)	126$15	128$65
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA (peseta)	1$326	1$446
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$45	151$95
(notas de 5 a 1000)	148$95	152$45
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$90	26$60
HOLANDA (florim)	77$70	78$80
IRLANDA (libra)	233$95	237$95
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$933	$988
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	240$70	245$20
SUÉCIA (coroa)	24$10	24$60
SUÍÇA (franco)	98$25	99$75
VENEZUELA (bolívar)	2$960	3$760

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Liberalização financeira com mais fiscalização

«Uma maior liberalização em qualquer ramo do sector financeiro não pode deixar de ser acompanhada de um reforço da capacidade de supervisão da autoridade competente», afirmou o secretário de Estado do Tesouro, Carlos Tavares, no primeiro de vários seminários, integrados no Forum da actividade seguradora, que ontem terminou em Lisboa.

Neste seminário, subordinado ao tema "Os meios de poupança ao dispor dos particulares", Carlos Tavares considerou que o «financiamento dos sistemas de segurança poderá ser feito numa base voluntária e menos através dos impostos».

A propensão à poupança, disse, é afectada negativamente por factores como o rápido desenvolvimento dos mercados monetários e financeiros ou como o papel do Estado nas áreas sociais. Decorre daqui a importância de se desenvolverem instrumentos financeiros atractivos que fomentem a renúncia voluntária ao consumo.

Por outro lado, Carlos Tavares referiu-se ao aumento da ligação entre os sectores bancário e segurador na maior parte dos países da Europa. Neste ponto, defendeu que um banco não deverá exercer funções que caibam às seguradoras e que estas não deverão ter funções próprias das instituições de crédito.

Sobre a aproximação dos quadros normativos, o secretário de Estado considerou que se «torna imprescindível a aproximação dos níveis de fiscalidade e parafiscalidade aos concorrentes de outros Estados comunitários» e recordou que « já foi assumida a necessidade de uma revisão global do quadro fiscal do sector segurador».

Lusa

BREVES

Inflação volta a subir em Portugal

O índice de preços no consumidor, habitação excluída, atingiu um aumento de 12,7 por cento em Fevereiro em acumulação com os últimos 12 meses. Em Jameiro esse valor era de 12,6 por cento, o qual se mantinha nos últimos três meses de 89. Significa isto que a inflação retomou a sua tendência para se agravar.

Construção: financiamento de custos controlados

O Instituto Nacional de Habitação assinou no Porto escrituras de financiamento à construção de habitações que envolvem mais de um milhão e 200 mil contos. Trata-se de uma iniciativa que se integra na política de construção a custos controlados para o corrente ano e que envolverá cerca de 12 mil habitações.

Ibéria aproxima mais Lisboa de Madrid

A partir do próximo dia 25 a Ibéria eleva para três os seus voos diários entre Lisboa e Madrid: às 9.50, 17 e 20.30 horas. No sentido inverso os horários de partida são: 8.55, 16.05 e 19.30 horas. A Iberia é considerada a segunda transportadora europeia e tem vindo a desenvolver uma política comercial de aproximação mais intensa entre as principais cidades da CEE.

Moçambique expulsa jornalista português

Na opinião de António Mateus, a medida de que foi alvo reflecte a insegurança das autoridades de Maputo

António Mateus, o jornalista da agência Lusa expulso de Moçambique na sexta-feira, por se ter recusado a fornecer a identidade de uma fonte de informação, disse hoje, ao DL, que a decisão do Governo de Maputo reflecte «a insegurança do poder face ao clima de tensão social que se está a viver» naquele país.

O delegado da Lusa foi intimado a abandonar Moçambique, no prazo de 24 horas, na sequência da divulgação de uma notícia sobre a detenção de 12 pessoas, na cidade de Maputo, durante operações policiais «de prevenção». Chamado ao Ministério da Informação, António Mateus recusou revelar a identidade do «oficial da sala de operações da polícia» que lhe forneceu dados contidos no despacho que viria, curiosamente, a ser utilizado pela televisão moçambicana. Com efeito, aquele órgão de Comunicação Social emitiu, quinta-feira, uma reportagem sobre o incidente noticiado por António Mateus, incluindo um apontamento com um elemento dos mercados onde ele ocorreu. Essa pessoa confirmou a detenção de várias pessoas no decorrer da operação.

Nas declarações prestadas esta manhã, ao DL, o jornalista disse que «se alguma lacuna pudesse ser apontada à notícia é que ela peca por defeito, pois as medidas de prevenção decididas pelas auoridades foram muito mais extensas do que eu descrevi». António Mateus afirma que a situação social em Maputo é, realmente de grande tensão, referindo já ter tido oportunidade de presenciar uma violenta carga policial sobre uma manifestação de professores primários que protestavam contra o elevado custo de vida.

O ex-delegado da Lusa em Maputo - que deverá vir a ocupar idênticas funções na delegação que a agência vai abrir em Joanesburgo - admite a possibilidade de a Renamo estar por detrás de algumas das manifestações que se tem vivido. «As informações de que disponho é que eles estão muito bem informados sobre o que se passa no interior das cidades, tendo já feito ameaças de passar a actuar directamente nos centos urbanos'', acrescentou.

A nota do ministro da Informação, Deodato Hunguana, que determina a expulsão de António Mateus refere que «o despacho em causa não tem qualquer fundamento, traz grave prejuízo à imagem do país no exterior, traduz-se em desinformação activa a partir de Maputo». Neste sentido, as autoridades afirmaram «não ter outra alternativa senão retirar-lhe a acreditação como delegado da agência Lusa».

Solidariedade oficial e profissional

António Mateus, de 29 anos, era delegado da Lusa em Maputo desde Agosto de 1987. A sua expulsão motivou protestos de toda a ordem e manifestações de solidariedade significativas.

Na realidade, à partida de Maputo, no aeroporto, o jornalista foi saudado pelo embaixador de Portugal, Francisco Knopfli; pelo Cônsul-Geral, Aristides Gonçalves e pelos delegados das principais empresas portuguesas sediadas em Moçambique. Estiveram ainda na aerogare outros funcionários diplomáticos e correspondentes da imprensa estrangeira acreditado em Maputo, entre os quais os representantes do «Washington Post» e do «The Independent». Desta vez, a reacção oficial do Governo português foi enérgica. Uma nota assinada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros sublinha a gravidade da decisão tomada pelo Ministério da Informação de Moçambique. Para João de Deus Pinheiro este procedimento «atenta contra o clima de confiança recíproca estabelecido entre os dois países». Destaque-se que a expulsão de António Mateus se verifica a poucas semanas da prevista visita oficial a Portugal do presidente moçambicano, Joaquim Chissano, que se encontra presentemente em viagem na Europa.

O Sindicato dos Jornalistas, que enviou um telegrama à embaixada de Moçambique em Lisboa, protestou contra a expulsão e salienta que «as razões que estiveram na origem da decisão» constituem «uma violação do direito dos jornalistas de não revelarem as suas fontes de informação».

«É inadmissível que, seja qual fôr o governo, use formas de pressão como esta para obrigar jornalistas profissionais a violarem os códigos éticos, morais e legais que regem a actividade jornalística», conclui o sindicato.

Incêndio em fábrica de velas assusta moradores do Loreto

O Regimento de Sapadores Bombeiros desconhecia ainda, esta manhã, qual a causa do incêndio que ontem deflagrou na Fábrica de Velas Loreto, perdo do Largo de Camões, em Lisboa, destruindo parcialmente uma residência e dois estabelecimentos comerciais.

Duas corporações de bombeiros deslocaram-se ao local e procederam à evacuação dos inquilinos, impedindo que se registassem vítimas. Segundo os moradores, o fogo terá tido início no forno a lenha da fábrica que se encontra permanentemente aceso. A temperatura da cera derretida dificultou o trabalho dos bombeiros que só ao fim de duas horas deram por controlado o incêndio. Grandes quantidades de lenha são semanalmente descarregadas na centenária fábrica que não dispunha de um sistema de detecção de incêndios mas que de futuro, depois de sujeita a vistoria dos Sapadores, deverá ser obrigada a adoptar as normas de segurança mínima.

Helena Roseta critica Centro Cultural de Belém

A verba atribuída este ano ao Centro Cultural de Belém (CCB) é maior do que o orçamento global para a Secretaria de Estado da Cultura (SEC). A afirmação é da deputada Helena Roseta que, sexta-feira à noite, participou num encontro promovido pela Junta de Feguesia Santa Maria de Belém, sobre a edificação deste centro naquela zona.

«O CCB tinha no orçamento de Estado de 1989 um crédito global de seis milhões , sendo um milhão para o ano corrente. Para 1990, o crédito para a obra é de 14 milhões, sendo três para este ano. Isto é mais do que a verba para a SEC. Houve alguém que se enganou a fazer as contas» - disse a arquitecta.

Helena Roseta criticou ainda o facto de ser a Sociedade Gestora de Investimentos Imobiliários do CCB a gerir esta verba sem qualquer controlo. «É um erro fazer o CCB naquela zona e nestes moldes» - referiu. Para os moradores, que tiveram neste debate a oportunidade de colocar as suas apreensões, a grande preocupação é o impacto socio-ambiental que a construção do CCB vai provocar em Belém.

Segundo o presidente da junta, Carlos Cosmelli, os efeitos já se começam a sentir. A especulação e a descaracterização do bairro são as principais ameaças. «Casas que se vendiam há pouco tempo por cinco ou seis mil contos são agora vendidas por 20 ou 25 mil. Todos os dias nos chegam pedidos de autorização para cafés, bares e casas de jogos. E, não temos um notário ou uma livraria. Mas vamos ter um centro cultural» - afirmou.

Emoção em homenagem A acção meritória de Maria Madalena Perdigão foi recordada através do descerramento duma placa alusiva, no Centro Médico da União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social (associação de reformados), em Lisboa. A cerimónia suscitou um sentimento de profunda emoção a Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian

Associação de Magistrados tem nova direcção

Castelo Paulo, conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo, é o novo presidente da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais Portugueses. Orlando Afonso transitou da anterior direcção, mantendo o cargo de secretário-geral.

Apenas uma lista se apresentou à votação de sábado, tendo obtido 380 votos, 11 abstenções e dois votos nulos. A eleição foi antecidida de alguma polémica, em torno do antigo presidente da Associação, Rodrigues Simão.

«O antigo presidente terminou o seu mandato e a nova lista entendeu não o integrar para nova eleição, por não ser a pessoa indicada para continuar», afirmou ao DL Orlando Afonso.

BREVES

Praias de Albufeira menos poluídas

O emissário submarino de esgotos da zona da Galé, em Albufeira, foi inaugurado sábado, terminada a obra, orçamentada em 150 mil contos, que resolverá os problemas de saneamento de toda a zona poente do concelho, onde vivem cerca de 35 mil pessoas.

Fica assim completa a primeira fase do projecto iniciado em 1985, cujo investimento total é superior a um milhão de contos. O emissário tem um comprimento de mil e 800 metros, e segue-se à instalação de três outros exuctores submarinos implantados nas zonas do Inatel, Baleeira e Praia de Santa Eulalia.

Aniversário do «Correio da Manhã»

O «Correio da Manhã» entra hoje no seu 12º ano, comemorando a efeméride com um suplemento especial onde faz um balanço da sua actividade, desde o dia em que apareceu nas bancas.

Ao seu director, Vítor Direito, e a todos quantos ali trabalham o «DL» apresenta as mais cordiais saudações e votos de muitos êxitos.

Algarve homenageia entidades

A Universidade do Algarve, a Escola de Pescas de Olhão, a Associação de Desenvolvimento e Valorização da Alfarroba, o Clube de Tiro de Vilamoura e a delegação da agência Lusa foram algumas das 23 entidades que na sexta-feira o Algarve homenageou numa noite de Gala, no Casino de Vilamoura, por iniciativa do grupo hoteleiro Vila Magna.

Leis de aborto entre os Doze

No texto que o DL publicou sexta-feira, com as diferentes leis de aborto nos países da CEE, inlcuimos a Suécia, que não faz parte da Comunidade e, por lapso, não foi referido o Luxemburgo. Aqui fica a rectificação, com pedido de desculpa aos leitores que, de qualquer forma, ficaram a conhecer a lei sueca, uma das mais liberais de toda a Europa.

Luxemburgo - Uma emenda ao Código Penal despenalizou o aborto em Novembro de 1978; é permitido por motivos sociais e médicos, em casos de violação ou outros crimes sexuais; quando a gravidez põe em risco a vida da mãe, ou se houver risco de malformação; é necessário um certificado médico; o período permitido para interromper a gravidez varia entre 12 semanas (motivos sociais) e seis meses (todos os restantes casos); os custos são reembolsados; muitos médicos são objectores de consciência o que dificulta a aplicação da lei; milhares de luxemburguesas vão abortar à Holanda.

FAUSTO CORREIA
LEITE
(poeta/escritor)

Faleceu

Familiares e amigos participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, dia 20, às 15 horas de local a determinar, para cemitério a determinar.

FUNERÁRIA CAPUCHOS, LD.ª
54 34 44

Pai p'ra dar

Há cérebros ditos empreendedores que transformam a mais singela lembrança desinteressada num filão inesgotável de cifrões. Descoberta a mina, lançam-se na reprodução do abençoado gesto, adaptam-no a novas circunstâncias e investem na criação de complexos de culpa em quem não aderir ao rigoroso plano lucrativo.

Para o que vem ao caso, tudo começou com o Dia da Mãe, invento católico votado à celebração ritual da maternidade. O comércio apercebeu-se rapidamente das infinitas possibilidades assim abertas ao progresso dos negócios e organizou-se para instilar na mente de meio mundo a noção de que o afecto só pode ser mostrado através da dádiva - não dele, mas de um objecto adquirido. E como os alvos desejáveis do afecto são múltiplos, não tardaram a inventar o Dia do Pai e a reinventar o Dia dos Namorados (lembro-me de um comerciante expedito anunciar prendas para oferecer às mães com um *post-scriptum* verberando a discriminação do pai por aqueles filhos que no dia «dela» não tivessem também um presentinho para «ele»); e outros Dias por certo aparecerão - as sogras talvez não venham a ser contempladas, apenas devido a um preconceito mitológico.

Ora, hoje é o Dia designado para amar especialmente o nosso progenitor, seja ele temível ou adorável, tutor ou companheiro, irresponsável ou adulto. As montras ostentam lembranças para todas as bolsas, a publicidade preparou campanhas específicas, as mães andam há que tempos a impedir que os filhos mais velhos se esqueçam da gravata ou da caneta embaladas a preceito e a substituir-se aos mais novos, comprando elas próprias os botões de punho. Circula muito dinheiro e, entre os que têm pai p'ra dar, existem comovidos filhos felizes de todo o ano. Deixemos o aproveitamento rendoso da festa e enterneçamo-nos com os cultores de um dia como os outros onde há sempre pretexto e tempo e razão para um gesto, um olá, um beijo - hoje acompanhados de uma coisa, por obediência ao calendário e aos hábitos comuns. Quem não condescende com este apelo consumista? Há quem, há quem, eu sei. Os órfãos de pais amados, certamente. Tristemente.

João Paulo de Oliveira

Há quem tenha vícios de percepção na leitura de obras de arte... Por isso, os artistas que quiseram agitar plasticamente as estações da CP ficaram a olhar para o ar

O mistério da Linha do Estoril

Perante grande indiferença do público, tem estado patente, desde Setembro de 1989, uma exposição conjunta de pintura e escultura, da autoria de Fernando Manuel Gomes e João Soares Santos, em várias estações da Linha do Estoril.

A exposição, temporária (e que está neste momento a terminar), insere-se no âmbito da comemoração do centenário da chegada do comboio a Cascais e resultou de uma proposta apresentada pelos autores à CP.

Para os artistas, como nos diz João Soares Santos, o objectivo era «proporcionar uma alteração na rítmica diária (espera na estação, viagem), que a repetição vai descaracterizando».

A CP visou, como afirmou ao «DL» Américo Ramalho das relações públicas daquela companhia, conjugar dois aspectos da actividade da empresa: considerar que o caminho de ferro e os locais que ocupa são espaços de convívio social privilegiados; apoiar as iniciativas dos jovens.

Os seis meses de silêncio e desinteresse que rodearam a exposição - comunicação social incluída - colocam algumas interrogações.

Quisémos, através do contacto com as mais variadas pessoas, todas elas utentes da Linha do Estoril e algumas ligadas ao mundo da arte, tentar responder a algumas daquelas questões.

Desde já, podemos adiantar dois dados objectivos: por um lado, é (quase) impossível passar pelas obras sem dar por elas, dado o seu «gigantismo»; por outro lado, a falta de informação é patente e pode dar-se conta dela através de todos os depoimentos que recolhemos.

Desinteresse e indiferença

Para os autores, se a principal atitude do público perante os seus «mamarrachos» (a expressão é de Cristina de Azevedo Tavares e encontra-se exposta no folheto de apresentação da exposição, «Arte na Linha») é de indiferença, então tudo falhou. Isto porque se empenharam em «produzir atitudes que, de alguma forma, sirvam de desafio cultural, de desobediência cultural, com um significado crítico», afirma João Soares Santos.

No desdobrável de apresentação da exposição, o mesmo artista escreve que entende aquela intervenção plástica no sentido de «alterar a rotina diária», «de deixar cair um estímulo como uma pedra deixa círculos ao cair na àgua», de provocar uma espécie de eco, com devida ressonância na natureza individual», de «agitar» («Agitar? Mas eu penso que não há agitação nenhuma!», afirma, em jeito de resposta um dos nossos interlocutores).

Aliás, os artistas confessaram ao «DL» que esperavam uma recepção negativa à exposição, mas nunca o desinteresse e a indiferença que atribuíram, essencialmente, a dois factores: a já referida falha informativa e os vícios culturais de que sofre o público em geral.

Quanto a este último aspecto, Fernando Gomes referiu, em conversa com o «DL», que «realmente, as obras devem ter criado pouco impacto. As pessoas estariam à espera de um trabalho mais óbvio, mais figurativo». João Soares Santos acrescenta que «as pessoas têm vícios de percepção, de leitura das obras. Daí que perante o facto de deixarem de ter referências, de os trabalhos não obedecerem a uma lógica de identificação pela semelhança, se coloquem na atitude mais fácil que é a da rejeição».

Não houve ajuda da CP

Quanto ao aspecto da deficiente informação, os jovens autores afirmaram-nos que apesar de toda a boa vontade da CP, houve a falta de uma oportuna inauguração, de uma sintonização na montagem das obras em todas as estações, da existência de um catálogo, de uma melhor e mais oportuna divulgação. Estes factos criaram, segundo os artistas plásticos, a situação de mistério que rodeia a exposição. «A CP, praticamente, não nos ajudou», concluem.

Nada disto é pacífico pois Américo Ramalho afirmou-nos que, «obviamente, a CP não pagou nada aos artistas. Limitou-se a facultar os espaços, para serem utilizados para a colocação de determinadas soluções estéticas.

«Não sei se não teremos contribuído para a aquisição de materiais. Mas isso, se aconteceu, foi coisa insignificante.

«Os jovens limitaram-se a dizer-nos que gostariam de ver editado um pequeno folheto, um desdobrável, sobre a exposição e nós fizémo-lo».

Esta exposição suscitou reacções críticas não só às obras em si, mas também à própria CP. Muito do público anónimo insurgiu-se contra esta iniciativa perguntando se a CP não teria nada mais útil em que gastar dinheiro, ou questionando-nos sobre se o conselho de gerência da empresa não faria melhor se pagasse aos maquinistas para este terminarem as greves. Aliás, este apontar para aspectos materiais não surpreendeu os artistas, como se verá adiante.

Carlos Pimenta, actor e gestor das artes, morador em Oeiras, reagiu à exposição afirmando que acha bem que «os artistas ganhem dinheiro à custa de um qualquer pseudo-promotor da CP. Por isso, aquilo que vejo não me surpreende. Ainda há neste país pessoas cujos critérios de qualidade são como os comboios. Lá andam.... atrasados e a querer armar em TGV»

«Mas deu a "louca" nesta gente!»

João Soares Santos disse-nos que a experiência negativa desta exposição marcava muito mais do que se ela tivesse sido positiva. Daí que considere a rejeição por parte das pessoas como uma atitude muito mais interessante do que a adesão ou, pior ainda, do que a indiferença.

Por isso, atitudes emotivas como a de Margarida Atouguia, que trabalha numa conhecida galeria de arte de Lisboa e frequenta a linha do Estoril, serão, por certo, consideradas «positivas» pelos autores: «Acho horrível. É de morrer. Como trabalho numa galeria de arte e sei o que é bonito e o que é feio, acho aquilo um horror.

«Não faz bem à vista de ninguém, a não ser à dos autores, coitados.

«A primeira vez que vi aquilo, disse: - Mas deu a "louca" nesta gente!»

Concepção elitista da arte?

Para Fernando Gomes, de acordo com aquela concepção «a arte deve confinar-se às galerias. Quando se tenta criar arte numa escala mais «monumental» (e, portanto, sair das galerias), como nós tentámos, as pessoas têm esse tipo de rejeição».

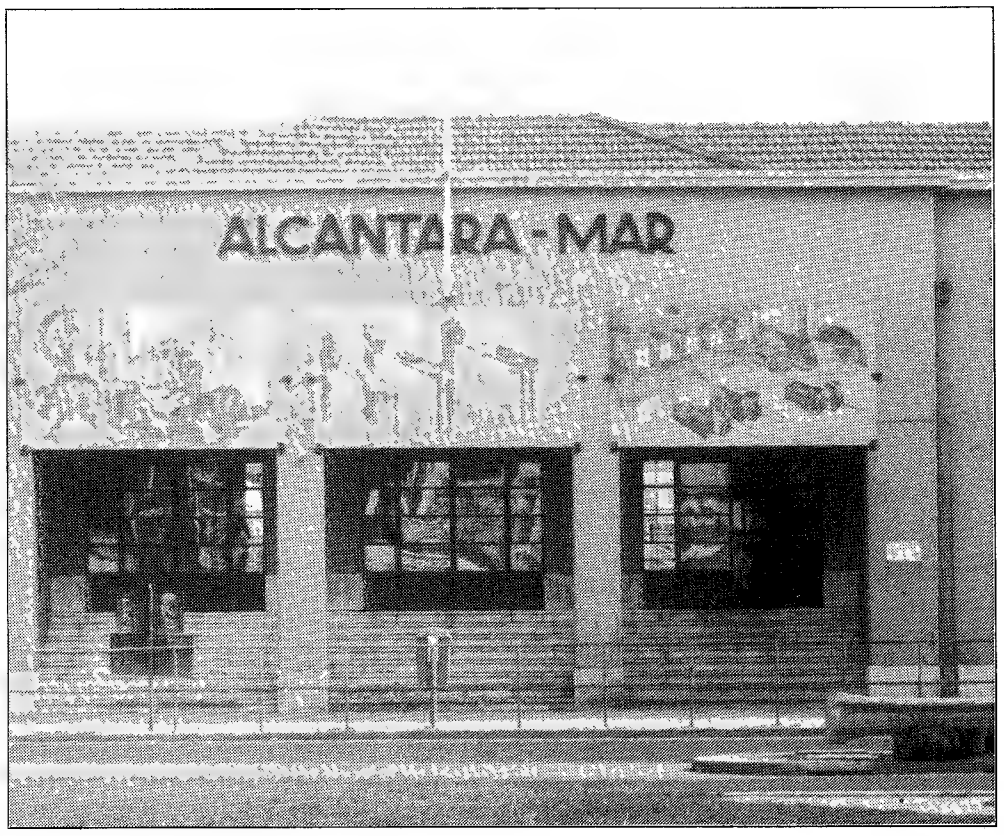
Anabela Mendes, directora artística da galeria Espiral, em Oeiras, refere que «existem galerias e galerias. Há coisas mais elitistas que outras. As galerias têm uma responsabilidade social importante». Acrescenta, no entanto, que a atitude da CP é extrememente louvável ao animar aqueles espaços com obras de arte. Mas, afirma, «as pessoas estão muito indiferentes».

Para aquela galerista, as obras são muito agressivas, tendo em vista o espaço a que se destinam. As pessoas não aderem porque não há uma apologia do belo e as obras estão mal resolvidas tecnicamente. Mas, disse-nos, «não houve, também qualquer tipo de divulgação: as pessoas não sabem que projecto é aquele. As pessoas não comentam. A opinião não foi conduzida».

Exposição pouco cuidada

Germano Santo, assiste para artes plásticas da galeria Viragem, em Cascais, afirmou ao «DL» que apenas conhecia as pinturas, cuja qualidade considera má: «Não estão integradas, não são envolventes. Para comemorar o centenário da Linha Lisboa-Cascais devia ter

«Frequentadores» pouco habituais da estação de Paço de Arcos



Fachada «engalanada» para festejar os cem anos da Linha do Estoril

sido escolhida uma coisa mais séria. Parece que andaram para ali meninos da escola a pintar (coisa que, aliás, eu teria preferido). São más pinturas para comemorar seja o que for».

O assistente da galeria Arcada, Carlos Carvalho, considera que, de um modo geral, a exposição não foi má de todo: «Podia ser bem melhor, a nível de qualidade. Falhou um pouco na divulgação e informação. Acho, também, que devia haver um maior critério na escolha dos artistas a integrar».

Foi díficil encontrar artistas plásticos disponíveis para apreciarem criticamente a exposição. Alguns desconheciam, por deficiência na divulgação, a mostra de arte (casos, por exemplo, de Pedro Cabrita Reis e de Lagoa Henriques); outros preferiram não se pronunciar pedindo ,inclusivamente, para manter o anonimato.

Mesmo assim conseguimos ouvir Délio Abrantes e Mateus Lorena.

O primeiro, pintor e residente em Oeiras, afirmou ao «DL»: «Pelo que me parece, a exposição foi pouco cuidada. A intervenção plástica não está conseguida. As pessoas não foram devidamente informadas: acho que devia ter havido um catálogo».

Para aquele artista plástico, a linguagem utilizada é muito hermética e a indiferença é devida à dificuldade da sua compreensão e, sobretudo, à falta de informação. As obras tinham um aspecto rude , estavam mal acabadas. Dá a impressão que aquilo foi feito à pressa. Por outro lado, Délio Abrantes considera que os materiais poderiam ter estado mais próximos do tema: poderiam ter sido utilizados materiais dos estaleiros da CP, por exemplo.

Mateus Lorena considera a iniciativa feliz mas parece-lhe que «o trabalho era grande demais para apenas dois artistas». Considera média a qualidade das obras: «se tivesse que classificar, numa escala de 0 a 10, daria um 5».

Quanto ao público anónimo, em especial aquele que utiliza com certa frequência os comboios, as suas reacções foram umas de ironia e de brincadeira, outras de indiferença, muitas de referência (como já dissemos) aos aspectos materiais. Este último aspecto é comentado pelos autores da seguinte forma: «Quando estávamos a proceder à montagem, as pessoas passavam e ficavam pelos contornos da exposição. Estavam mais preocupadas com o custo dos trabalhos, em termos financeiros, do que nas obras em si».

A reacção mais curiosa veio da parte das pessoas que, em plena estação, com o ar mais sério deste mundo, afirmavam que desconheciam de que obras de arte estávamos a falar.

Mário Rocha

Ilhas à venda

O anúncio de um quarto de página é sugestivo: «Island in Portugal for sale». Sem tirar nem pôr, publicita que há ilhas à venda no nosso País: Fico arrepiado! Será que Alberto João Jardim resolveu... Não, a Madeira nunca, só podem ser alguns ilhéus nos Açores, ou as Berlengas que já estiveram quase a passar de mãos. Mas nem isso, pois o direito consagra que só as ilhas do interior, nos rios e albufeiras podem ser transacionadas.

Reli o reclame - publicado numa revista especializada em maquinaria - e aumentou o meu desespero porque se afirma que os terrenos estão aprovados para a construção de projectos turísticos.

É com sentida resignação que telefono para o número 11 de Eccleston Square, em Londres. Se tudo se vende em Portugal, as acções, as quintas, o património, porque não aceitar, também, que as nossas belas ilhas passem a ser propriedade estrangeira?

O funcionário da empresa britânica que me atende é eficiente e discreto. A Vervlime Ltd entra imediatamente em contacto com a direcção que lhe forneci, dado haver todas as possibilidades de ser potencial cliente. E indicam-me o nome da pessoa que conhece o assunto, em Lisboa, aconselhando-me a entrar em contacto com ela.

Escritório na António Maria Cardoso

Advogado, José Ramalho Ortigão tem escritório montado na rua António Maria Cardoso, 15 - 3º C. Recebe o meu recado, não dá sinal de vida, até que abro o jogo. A minha identidade, a profissão e o interesse.

Tenta dar a volta ao assunto: o direito do seu cliente à privacidade, o facto de «o segredo ser a alma do negócio». Por fim, uma resposta - a ilha já não será vendida por desinteresse de um dos seus coproprietários. Assume, no entanto, conhecer a firma britânica que publicou o anúncio, mas apenas porque um dos seus clientes é parte interessada no caso. Repete, duas vezes, se a minha curiosidade é «jornalística» ou de outra ordem, e a única informação fornecida é de a que ilha se situa «no centro do país». Fica aborrecido com o meu interesse e distrai-me com outra ilha, «vendida a ingleses».

Um paraíso britânico no Minho

Trata-se da bela estalagem da Boega, na Quinta da Outeira, no bonito Minho desta terra. O estabelecimento foi modernizado recentemente e, segundo as informações dos seus serviços, pratica preços elevados, mesmo na época baixa. São muitos os espanhóis que passam a fronteira para visitar a região, comprar marisco na lota de Viana, acompanhar a procissão de Nossa Senhora da Agonia que faz honras à igreja e ao negócio no verão, para gosto de todos.

A estalagem da Boega não fica no leito do Minho, apesar de estar a pouco mais de 56 quilómetros de Orense, no coração da Galiza. Qualquer um pode alugar um quarto por seis mil escudos, mas, para visitar o pequeno pedaço de terra isolado pela água é preciso ter barco próprio. «Não há qualquer outro impedimento porque a ilha nos pertence», assegura-nos a recepcionista da estalagem.

O estabelecimento da Boega é modesto ao lado do da ilha do Lombo, na albufeira da barragem do Castelo do Bode, pertinho de Tomar, no Zêzere. Os preços são altos e o serviço nem sempre corresponde, mas vale só pela vista, garantia do sucesso comercial que os seus proprietários esmiuçaram até à medula, porque o direito consuetudinário é matéria mais complicada do que a herança de mortos ricos em família pobre. E, entretanto, lá se vai outra ilha.

Pereira de Almeida

«Arte na Linha»

O projecto de expor obras de arte nas estações da linha do Estoril não surgiu por acaso. Ele deve-se ao facto de a linha ser, pelo seu posicionamento e pela arquitectura dos apeadeiros, favorável à criação de uma nova ambiência com que as pessoas se teriam de confrontar na rotina do seu dia-a-dia, afirmaram-nos os artistas Fernando Manuel Gomes e João Soares Santos.

A iniciativa foi apresentada à CP, que a manteve em estudo durante cerca de um ano.

Logo que surgiu a autorização e o material, os artistas começaram a trabalhar. As obras foram realizadas entre Julho e Setembro de 1989 e expostas de seguida.

Os materiais empregues foram o acrílico e a tinta plástica, nas pinturas de Fernando Manuel Gomes. Por seu turno, João Soares Santos utilizou o plástico e a borracha sobre paineis de madeira nas estações de Cascais e Santo Amaro, e acrílico, areia e palha sobre aglomerado de madeira em Caxias; nas esculturas usou suporte de metal e madeira e cobertura de gesso.

Apesar da sua juventude, Fernando Manuel Gomes e João Soares Santos têm já um currículo interessante. O primeiro nasceu em 1957 e possui o curso de Artes Decorativas da Escola António Arroio; o segundo nasceu em 1963, é finalista do curso de escultura da ESBAL e dirige a «Revista de Estética». Para além das várias exposições individuais que ambos realizaram, há a referir uma outra mostra conjunta, denominada «Arte na Padaria», realizada na Padaria Central do Rato, em 1986, e um projecto de exposição que deveria ter tido lugar no mercado de Alcântara, em 1987, mas que foi inviabilizado por motivos financeiros.

Diz o pintor Fernando Manuel Gomes: «Fica alguma tristeza porque uma pessoa realiza um projecto cuja mensagem não passa. Mas há, também, uma certa consolação pessoal por fazer coisas diferentes. Penso que o importante é isso. São as chamadas "pedradas no charco".

«As pessoas estão na estação (dos comboios) mas querem estar lá o menos tempo possível. Nós queríamos apelar para um estado de lazer, de contemplação, mas elas não aceitaram essa mensagem».

Mas apesar desta experiência não muito «positiva», o seu parceiro, João Soares Santos, sublinhou que ambos tencionam continuar a trabalhar em projectos deste tipo.

M. R.

MUNICÍPIO DE LISBOA

Edital n.º 15/90

HASTA PÚBLICA PARA A VENDA DE SUCATA E OUTROS MATERIAIS SEM UTILIDADE PARA O MUNICÍPIO, EXISTENTES NA REPARTIÇÃO DE ARMAZÉNS E IMPRENSA MUNICIPAL DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL — DAG, DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

Faz-se saber que no dia 10 de Abril de 1990, pelas 10.00 horas, terá lugar na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal — Departamento de Aministração Geral — DAG, Av. 24 de Julho, 171-D (Alcântara), a Hasta Pública acima referida, cujo processo tem o número 1/HP/90/DAG.

O programa de concurso e respectivas condições serão publiocadas no «Diário Municipal».

O processo encontra-se patente na Repartição acima indicada, todos os dias úteis, dentro do horário do expediente, a fim de ser examinado.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/03/06

O Vereador,
A. Anselmo Aníbal

QUOTIDIANO

Em defesa da Várzea de Setúbal

Ecologistas plantam laranjal em estrada clandestina

Às sete da manhã, o barulho de uma retroescavadora sobressaltou os moradores sobranceiros à Várzea do Livramento. Pouco tempo depois, a estrada de terra batida estava intransitável e a polícia apareceu no local. Um punhado de membros da Quercus de Setúbal, munidos de pá e enxada, esburacou a estrada, a toda a largura e na enorme vala plantou quinze laranjeiras. Enxertadas. De indiscutível qualidade, já se sabe, pois que até um dos agentes se dispôs a levar uma para plantar no seu quintal....

"Estrada ilegal encerrada» liase, no placcard que o grupo ecologista colocou pouco antes de iniciados os trabalhos. Depois, mais nenhuma viatura cruzou a estrada de terra batida que rasga a Várzea. Um gesto simbólico,dizem, de duplo objectivo: o dia mundial da árvore está a chegar e há que comemorá-lo. Quanto à estrada, é «totalmente ilegal» e não pode ser mantida. José Manuel Palma, um dos dirigentes do núcleo distrital de Setúbal da Quercus explica o porquê: « Para já, a Várzea de Setúbal -Palmela é uma zona protegida, legalmente integrada na Reserva Agrícola Nacional, pois dispõe de solos tipo A e B, ou seja, os de melhor qualidade agrária. Para além disso, é uma zona permanentemente ameaçada pelas cheias. Há que delimitá-la, para que se evite a repetição de situações como as de 83 e 89, mas há também, sobretudo, que desimpedi-la da constante acumulação de entulhos.»

E a estrada que atravessa a Várzea não facilita, em nada, a desobstrução da área. Com uma extensão de quase um quilómetro, com cerca de doze metros de largura, segundo afirma o dirigente da Quercus, a estrada que liga Ciprestes à Quinta das Amoreiras vem aguçar ainda mais o «apetite» imobiliário. A Câmara de Setúbal, na pessoa do seu recém-empossado vereador do Ambiente, Ilídio Guerreiro, enjeita qualquer responsabilidade. A verdade é que a estrada existe já há cinco anos e, dentro da «ilegalidade» tacitamente aceite, nada de bom augura para a Várzea. A Quercus não se cansa de reclamar contra os atentados que nela têm sido cometidos, lançando campanhas de defesa ambiental do zona. Em vão, afirmam.

Até que o desafio surgiu, um dia, quando lhes foi dito que «não faziam nada para impedir a degradação da zona». Das palavras passaram então aos actos e a «ilegalíssima» estrada da Várzea está agora cortada.

José Manuel Palma garante que «o diálogo intensamente mantido com a Câmara Municipal de Setúbal, desde Dezembro de 88, não tem dado quaisquer frutos. A Quercus apresentou alternativas para a Várzea, endereçou mesmo a todos os candidatos às eleições autárquicas um dossier completo e fundamentado de algumas das suas propostas, cuja urgência se impõe, sejam aplicadas na Várzea.

Uma quinta de educação ambiental e o incentivo ao aparecimento de hortas sociais para a Várzea do Livramento, a criação de um parque público na Várzea dos Arcos e a ligação de todos os espaços verdes da cidade ou mesmo a salvaguarda do patrimònio edificado nas Quintas das Várzeas foram (e são ainda) medidas que a Quercus gostaria de ver corporizadas na área protegida da Várzea setubalense.

Mas, «apesar de todos os esforços e promessas verbais trocadas, a verdade é que a pressão negativa sobre a Várzea se continua a acentuar». A acumulação de entulhos responsáveis pela degradação paisagística e pela obstrução das ribeiras, a expansão de loteamentos em áreas sensíveis ou a polémica estrada agora cortada lá estão, ameaçando tornar-se eter-nos.

O Ministério da Agricultura e do Ambiente foram já alertados. O primeiro- ministro anunciou, entretanto, a criação de um Plano Nacional de Política do Ambiente. Talvez haja ainda uma possibilidade de salvar e devolver a Várzea aos cidadãos. A Várzea de Setúbal- Palmela agradece

EmíliaTrindade

A Quercus meteu mãos à obra e interditou a estrada clandestina, em plena Várzea. Plantou laranjeiras, à espera que dêem o desejado fruto

Confúcio, o mestre

Não têm mais de dez , doze anos, qualquer deles. No sábado, com ou sem brinco na orelha, os rapazinhos ofereceram-se como voluntários para, arduamente, pegarem na «sachola». Ao lado de alguns jovens, (bem menos jovens e bem mais sabedores do que eles), ajudaram a defender a Várzea, interditando a estrada que a esventra e aí plantando laranjeiras. Desconhecem o valor da simbologia, ainda, mas acreditam já na sua saudável irreverência.

Das 7 da manhã às 12 horas, não arredaram pé, portando-se como verdadeiros heróis. São os ecologistas de palmo e meio, os defensores do ambiente próximo-futuro (mais deles do que nosso) e desconhecedores de Confúcio, seguem-lhe já os ensinamentos: depois de uma década de existência, são quase completos. Falta-lhes tão-só, fazer um filho e escrever um livro. Uma árvore, já eles plantaram...

E.T.

ANÚNCIO

TRIBUNAL JUDICIAL DE LEIRIA

Faz-se saber que no dia vinte seis do mês de Abril, pelas 14 horas, no Tribunal desta Comarca, no processo de Carta Precatória extraída dos autos de Inventário Obrigatório n.º 7/87, a correr termos no T. Judicial do Seixal, a que se procede por óbito de António Eduardo Gonçalves e desempenha as funções de cabeça de casal Maria Alcina André M. Nunes de Sousa, residente em Rua Sociedade Filarmónica Operária Amorense, Lote 20 — 4.º Esq.º, na Amadora — 2840 SEIXAL, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes — Veículo Ligeiro de mercadorias, da marca TOYOTA, DINA DIESEL, de matrícula SP-98-23, de caixa aberta, a qual vai à praça pelo valor de 650 000$00 (seiscentos e cinquenta mil escudos).

O referido veículo encontra-se em casa de VITOR PEDROSA FRIAS, conhecido pelo filho de Maria do Outeiro, residente em Sismaria-Monte Redondo-Leiria.

Leiria, 1 de Março de 1990
O Juiz de Direito,
(António Joaquim Piçarra)
A Escrivã adjunta,
(Maria Preciosa Marques Oliveira)

«DL» 19/3/90 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

ANÚNCIO

FAZ SABER que na Acção de Divórcio Litigioso que correm seus termos nesta secção e Juízo e registados sob o n.º 464/89 em que é autora, MARIA DO ROSÁRIO ALMEIDA MARTINS, residente na Rua da Bela Vista, Lote 3 - 5.º D, Pragal — Almada, move contra EMANUEL DE JESUS TAVARES RIBEIRO, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Carvalho Araújo, 106 - r/c — Lisboa, é este réu citado para contestar, querendo, a referida acção devendo apresentar a sua defesa no prazo de 20 dias, que começará a contar da última publicação do anúncio e de tudo o melhor consta da petição inicial, cujo duplicado lhe será entregue quando solicitado.

Almada, 6 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito,
José Inácio Manso Rainho

O Escrivão Adjunto,
João Manuel Machado Fouto

«DL» 1.ª Pub. — 19/3/90

BREVES

Jorge Miranda preside Direito do Ambiente

O professor Jorge Miranda foi eleito presidente da direcção da Associação Portuguesa para o Direito do Ambiente, substituindo Augusto Ferreira do Amaral, o qual, por seu turno, é o novo presidente da assembleia-geral. Criada em 1986, com a finalidade de dar a conhecer e sensibilizar entidades públicas e privadas para aquele novo ramo de Direito, a associação levou a cabo nos últimos dois anos uma série de iniciativas de que se destacam a conferência internacional sobre «A Garantia do Ambiente» e o «Primeiro Curso de Direito do Ambiente».

Um só médico em hospital das Flores

A assistência médica na ilha açoriana das Flores, de cinco mil habitantes, está presentemente a ser assegurada apenas por um médico no Hospital de Santa Cruz. Segundo o deputado regional Rogério Serpa (PS), o clínico «nada mais pode fazer que atender às urgências». Acrescenta que o quadro do hospital é de quatro médicos. A unidade hospitalar «encontra-se, porém, há largos meses, com apenas dois médicos, um dos quais adoeceu, tendo de ausentar-se da ilha», refere ainda o parlamentar.

Setúbal pode ser entreposto de mercadorias chinesas

A cidade de Setúbal poderá vir a servir de entreposto a vários produtos específicos chineses, entre a China, a Europa e o resto do Mundo, anunciou o município sadino na sequência duma reunião realizada entre o presidente da Câmara, Mata Cáceres e o embaixador da China em Portugal, Guo Jianding. «No sector têxtil, onde a colaboração se mostra de maior interesse, os produtos semi-acabados seriam finalizados e embalados em Setúbal para depois serem exportados para o exterior», diz uma nota emitida pela Câmara.

Os dois responsáveis acordaram a efectuação, em breve, de encontros formais destinados a concretizar projectos, nomeadamente investimentos nas áreas da aquicultura e dos têxteis, com a criação de *joint-ventures*.

Promessa de contrato na Suíça tenta oito madeirenses

Oito madeirenses, de ambos os sexos, foram burlados este mês, em Lisboa, sob promessas de obtenção de contratos de trabalho nos sectores da construção civil e da hotelaria, na Suíça. Segundo o «Diário de Notícias», do Funchal, constituiu factor de aliciamento a promessa de realização de contratos mensais de 320 mil escudos. Os burlados denunciaram o caso às autoridades policiais de San Sebastian e ao cônsul português nesta cidade espanhola, quando os contactos prometidos pelo engajador não se concretizaram. O consulado garantiu alojamento no Centro Municipal de Acção Social, pagando as viagens de regresso a Lisboa. O engajador é agora procurado pelas autoridades.

INTERNACIONAL

Medidas económicas viram o Brasil de cabeça para baixo

Plano Collor: perplexidade geral

Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

O Presidente Collor disse que, em 30 dias, deixaria «a esquerda perplexa e a direita indignada». Pois não precisou nem de 24 horas: na sexta-feira, dia seguinte à sua posse, o Brasil estava virtualmente de cabeça para baixo, surpreendido pelo plano económico mais violento de que se tem notícia. Entre as medidas previsíveis para acabar com a inflação, como a extinção do cruzado novo, a liberação da taxa de câmbio do dólar e o congelamento de preços e salários, veio a grande bomba, limitando os saques em todas as aplicações financeiras, dos malemolentes fundos ao portador às sacrossantas cadernetas da poupança.

Foi um Deus nos acuda, tanto mais que a explicação desta barafunda foi feita durante uma entrevista colectiva em que nem os jornalistas sabiam o que perguntar, nem a ministra da Economia ou o presidente do Banco Central sabiam o que responder - a professora Zélia pela total incapacidade de traduzir o jargão economés para uma linguagem clara, e o turco Ibrahim Eris porque, pura e simplesmente, não domina direito o idioma português. O país entrou em pânico. A televisão cancelou a programação normal, e virou a noite em debates, produzindo economistas com a velocidade de um mágico tirando coelhos de uma cartola. Ninguém jamais teria imaginado que houvesse tantos e tão sábios economistas no Brasil - embora, até ao momento, não tenham ainda aparecido dois em comum acordo.

No domingo à noite, finalmente, depois de dois dias inteiros de discussões, explicações, interpretações, debates e entrevistas, o pacote começava a ficar claro. A essa altura, já se sabia, e bem, que tudo o que existe nas contas correntes e nas cadernetas de poupança, tirando Cr$ 50 mil (equivalentes a cerca de 90 contos), foi confiscado pelo Governo; das aplicações no overnight salvaram-se Cr$ 25 mil ou 20% (o que for maior), assim como dos fundos ao portador - desde que o portador possa justificar a origem do fundo ou disponha-se a pagar, no acto, 25% de imposto. O governo rejeita a palavra confisco, e diz que todo este dinheiro (estimado em 95 mil milhões) será devolvido daqui a 18 meses, com juros e correcção monetária; resta saber que correcção monetária.

«Nem o Lula faria igual»

As primeiras sondagens de opinião indicam que o público, de modo geral, está a favor do pacote, mesmo porque 90% das cadernetas e contas correntes têm saldos inferiores a Cr$50 mil, e nem todo mundo, evidentemente, faz operações no overnight. O confisco ou, como prefere o Governo, «aplicação junto ao Banco Central», atinge em cheio os banqueiros e os grandes especuladores - e, como previa o Presidente, deixou a direita indignada. Os líderes dos partidos conservadores, que apoiaram Collor durante a campanha, estão numa posição de absoluto desconforto; a esquerda, que reluta em apoiar, agora, o homem que atacou tão duramente, não está muito melhor, porque ir frontalmente contra o pacote é, na verdade, tomar o lado das elites. Aloízio Mercadante, principal assessor económico de Lula, elogiou as medidas e disse que o PT teria feito a mesma coisa; mas, para o deputado federal César Maia, economista do PDT de Leonel Brizola, «nem o Lula faria igual». E não faria mesmo. O grande trunfo de Collor para apresentar, com alguma chance de sucesso, um plano tão radical é, justamente, não ser de esquerda: se Lula ou Brizola ousassem pôr as mãos nas cadernetas de poupança, uma instituição sagrada da vida brasileira, o país vinha abaixo.

A equipa económica do Governo jura que não pretendia mexer nas cadernetas, mas diz que não teve outra saída depois do volume de depósitos verificado nos dias imediatamente anteriores à posse: só na agência da Caixa Económica instalada no Congresso, por exemplo, o número de novas cadernetas pulou de 30 para 120. Por dia! A questão crucial, porém, não está no remédio aplicado - e sim na sua dosagem. Ao estipular um patamar tão baixo para os saques, o pacote pegou também uma parte considerável da classe média - aquela que cresceu ouvindo La Fontaine, e a quem ensinaram, a vida inteira, que é preciso poupar. Para esta parcela nada desprezível da população, o sequestro do rico dinheirinho das cadernetas representa uma reversão total da expectativa: é a vitória incontestável das cigarras sobre as formigas.

Cora Ronai

Este cartoon, gentilmente cedido pelo autor ao «DL», foi a maneira como o conhecido humorista Millôr Fernandes reagiu ao inesperado «pacotaço» de Collor

Imponente manifestação dos estudantes italianos em Nápoles encerra a semana de agitação

Onde vai a Pantera?

Com uma imponente manifestação, encerrou-se este fim-de-semana, em Nápoles,a semana de mobilização promovida pela Convenção Nacional dos Estudantes Italianos, que há quase três meses contestam, com a ocupação das faculdades e outras formas de luta, a aprovação de uma lei sobre a autonomia universitária . Debaixo de uma chuva incessante e acompanhados pelas buzinas insistentes dos automobilistas enraivecidos pelo descomunal engarrafamento provocado, quarenta mil estudantes, provenientes de todas as partes de Itália, voltaram a manifestar-se contra a lei do ministro Ruberti, mas também contra aquilo que definem como uma estrátegia mais geral de privatização dos serviços - correio, caminhos de ferro e saúde. Ao lado dos estudantes universitários desfilaram, também, os estudantes do ensino secundário, os professores do ensino primário (em luta contra uma reforma nesse sector) , os trabalhadores dos serviços públicos «ameaçados pela privatizações» e ainda os «sem-tecto» e desempregados napolitanos, protagonistas de dois dos mais graves problemas daquela região da Itália.

A manifestação terminou no parque municipal da cidade e aí continuou pela noite dentro, com a realização de comícios e espectáculos espontaâneos, além do maxiconcerto organizado com a participação de muitos jovens cantores da cidade do Vesuvio. Depois desta nova injecção de entusiasmo, hoje,segunda-feira, as faculdades deverão ser desocupadas, com o retomar das lições e exames. Porém, muitas incertezas pairam ainda sobre o destino do movimento com o nome do felino.

A «Pantera», que começou a arranhar em Palermo com a ocupação da universidade a 5 de Dezembro do ano passado, não parece estar disposta a largar a presa. Os universitários das nove faculdades sicilianas, no seu centésimo dia de ocupação, já decidiram, em assembleia geral, continuar com as ocupações até ser elaborada uma plataforma reivindicativa e programática mais unitária do que a que saiu da Convenção de Florença . Em vista disso, hoje, os universitários de Palermo reúnem-se novamente para discutir os pontos de uma outra plataforma que, defendendo os interesses da universidade mais carente do país, consiga acertar as agulhas com as posições, evidentemente mais flexíveis, apresentadas pelos estudantes florentinos. Os estudantes romanos, também não tomam a data de hoje para a desocupação como uma imposição, mas a maioria das faculdades do resto do país já se declararam dispostas a voltar a normalidade das actividades académicas.

O que restará então deste movimento que durante mais de três meses atraiu sobre si os *media* , provocando polémicas, debates,mas também muitas simpatias, entre os italianos ? Onde vai e o que fez de concreto a «Pantera»? - perguntam jornais e telejornais.

Corridos à cacetada aqui e acolá, alvo de reacções violentas por parte de organizações ne-fascistas, acusados de conluios com terroristas e ex-68, ameaçados pela anulação do ano académico, os estudantes da «Pantera» já podem cantar algumas vitórias palpáveis. Ainda antes da manifestação de sábado, a Comissão Parlamentar da cultura aprovou o artigo 9º da reforma dos regulamentos didácticos, alterando de 3 para 10 o número de estudantes presentes no Conselho Universitário Nacional , o órgão que dará o parecer obrigatório sobre os novos cursos de licenciatura e sobre a didáctica a seguir.

Ainda no âmbito dos resultados «sérios» obtidos pela contestação estudantil, passou no Parlamento um pedido avançado pelos Verdes e Democracia Proletária para a anulação da reforma dos estatutos universitários, um dos pontos mais reivindicados pelos estudantes. Com a anulação do artigo 16º dessa lei, que fixava o termo máximo da entrada em vigor da reforma universitária para 5 de Maio deste ano,os estudantes universitários ver-se-ão livres do projecto Ruberti, alongando o prazo dentro do qual poderão organizar a sua participação numa reforma onde paradoxalmente não foram chamados a pronunciar-se.

Fora das paredes dos Ministérios e do Parlamento, a «Pantera» declara-se satisfeita e anuncia já futuras manifestações. Em Florença, onde os estudantes acompanharam até o quinto e último dia de greve da fome dos senegaleses, que chegaram, sábado, a um acordo com o presidente da Câmara, sobre os lugares que lhe são destinados para o comércio ambulante (quatro praças nos limites do centro histórico em regime rotativo e o mercado central das «Logge del Porcellino» das 21:00 às 24:00) , os universitários cunharam um novo slogan : «A Pantera também tem a pele negra» . Será essa a palavra de ordem e o título do maxiconcerto que, quarta-feira, promete invadir Florença com 100 mil pessoas provenientes de todas as partes da Itália, em comboios especiais, para ouvir música Rock , Punk, New Wave , grupos africanos e ainda o baluarte da música *engagée* dos anos 60 - Francesco de Gregori .

O concerto declaradamente anti racista, transmitido em directo e com audiência nacional pela cadeia de televisão especializada Videomusic, é paradoxalmente financiado pela Região, preocupada em recompor a imagem da mais visitada cidade da Itália, recentemente rebaptizada de «Pretória» e racista.

Porém e vistas bem as coisas, as maiores vitórias da «Pantera», como respondeu uma estudante a um jornalista de «La Repubblica», não estão nas leis nem nos artigos que se conseguirem fazer anular, mas no ter passado uma esponja sobre o individualismo, a solidão dos estudantes, com a criação de um movimento que aprendeu o que é ser solidário e participar. Resta desejar longa vida à Pantera, e muitos filhotes por esse mundo fora ...

Alessandra Balsamo

DESPORTO

Nacional de futebol da I Divisão

Porto, Benfica e... paisagem pálida

Vendo bem as coisas, não haverá grande admiração geral ante o painel que ficou para a história no tocante aos desfechos dos jogos respeitantes à rodada 24 de um campeonato classificado de português quando, perante o espelho nada deformador, mais se apresenta como torneio internacional com emblemas cá do burgo, tantos os intérpretes que desaguaram neste extremo da Europa para, entre nós, ganharem (melhor ou pior) a sua vidinha.

O facto é que se marcaram 21 golos, apenas o benfiquista Mats Magnusson a bisar, dando maior credibilidade ao cidadão sueco na conquista de bom lugar no pódio para a *bota de ouro* e, como apontamento insólito, a repetição do que víramos há largos anos, no Restelo, e então foi tema caricato glosado em vários motes: um guarda-redes fazendo golo, em lance de bola coridda, nas malhas contrárias.

É frequente um guarda-meta defender grandes penalidades e logo, na tentativa de conversão de outro máximo castigo, conseguir desfeitear o atleta também com acamisola n.º um, tal como sucedeu em Moscovo, quando assistimos a Manuel Bento (face ao Torpedo) defender um *penalty* e ir imediatamente chutar certeiro outro pontapé livre do mesmo calibre. Mais recuado no calendário, lá pelas andanças de 40/50, havia um suplente sportinguista de João Azevedo que era chamado a marcar penalties e, na mesma era guarda-redes: chamava-se Dores, estamos em crer que o Henrique Parreirão, um dia destes, nos dará notícia dele no seu «Record». Todavia, ontem, na cidade aveirense, foi gargalhada de todo o calibre: Quim repõe o couro em acção, a esfera apanha vento de popa e vai por aí fora, cai à frente de um defesa bracarense que pareceu encolher-se para ela continuar a viagem e, vai daí, ante um atarantado Lúcio (que parece cumprir a sua pior temporada dos últimos anos) enfia-se nas malhas, certamente gozando à brava. Era o triunfo beira-marense, mais que justificado mas em outros lances melhor construído. Braga recolheu a penates com um episódio para lembrar por muitos e bons tempos. Coisinha precisamente igual à que, numa tarde, à beira-Tejo, o guardião portista Acúrsio enfiou no carregamento de culpas do belenenses José Pereira, «magriço» que, antes de voar de poste a poste, gritava para o desaparecido Vasco de Oliveira, reporter-fotográfico honorário do clube de Pepe e Matateu: «*tira agora, que aí vou eu*». Dessa vez não foi: e, mais tarde, fartou-se de discutir com o árbitro: «*atão aquilo é golo? aonde?*».

Foi mesmo, é evidente. Como ontem, em Aveiro.

Na bela Penafiel, no «25 de Abril», o juiz João Simãozinho tramou os alunos de Vítor Manuel, dando (possivelmente sem ter arrancado para o compromisso com essa ideia) uma mãozinha aos comandados por José Augusto. Já agora: também apenas por um tentinho, no neutral palco de Lamego, o Boavista foi aos bigodes do Vitória de Guimarães e obrigou a moçada de Paulo Autuori a mais perder de olhar o dueto que esgrime pelo trono.

Também somente um disparo vitorioso (um único!) provocou faísca em Alvalade. A proeza pertenceu ao flaviense Miranda e, apesar de brecha ter sido colmatada com o belíssimo espectáculo de Cadete no golão da paridade, torna-se obrigatório referir que persiste, em casa do leão, um fatalismo, uma rotina, um trivialismo que implicaria ir à bruxa se (realmente e como parece) essas ilustres senhoras existissem nestas paragens terrenas. Será que, uma vez mais, qualquer mudança de técnico vai melhorar o panorama cinzento que envolve (de há muito) o símbolo de Stromp e Travaços? Ou, pelo contrário, a varridela terá de se orientar em outros sentidos?

Adiante. Nas Antas, o comum: estava ainda o conclave a aconchegar-se nas cadeirinhas quando o Marítimo deu ar de graça. Ficou caro o preço de ousadia no diálogo com possantes e bem animados «dragões». E, por falarmos em gente da nossa Madeira: quem adivinhou que o União conseguia desembarcar no Bonfim e, apesar da saraivada de golpes dos sadinos, resistir quase heroicamente e voltar a casa com equitativa divisão pontual?

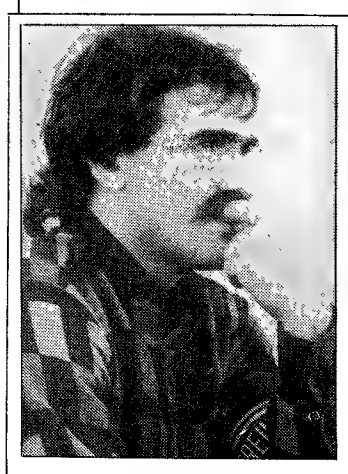
Mais: como classificar a clara suplantagem do Nacional ao portuguesíssimo Feirense? Será pecado ter ao serviço apenas artistas com nossa plena nacionalidade ou torna-se obrigatório alinhar na linha geral e aceitar como obrigatório pé-de-obra todo o recruta vindo de outras paragens?

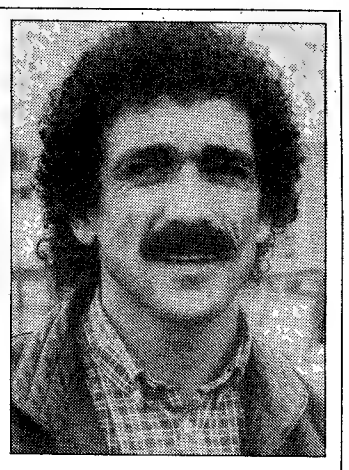
Estivemos (lá mesmo) em dois espectáculos: sábado, na noite setubalense, seguindo a par e passo aquilo que a RTP poderá (ou não) ter ofertado com tons amáveis a vasta clientela, como no cair de dia dominical que, no parque resteliano, assinalou a resistência amadorense a belenenses pouco afoitos para grande façanhas. Aqui para nós: Rosa Santos ofertou, de mão beijada, um *penalty:* calhou a graça da sorte ao Benfica, com o Portimonense (muito justamente) inquirindo-se da culpa que terá no cartório no juiz alentejano mais uma vez ter ficado nas covas para um voo mundial. Sucedeu junto ao grande rio quando o portuense Miranda de Sousa também deitou tinta esquisita na pintura ao não marcar uma claríssima falta máxima, que seria favorável ao Belenenses e, daí a pouco, permitiria um claro pontapé de Ricky em trabalhador de outro emblema. Não se coloca a dúvida: o Benfica foi mais equipa que o «team» de Manuel Oliveira, que esteve muito bem até à saída de Guetov. Ninguém ondula a tábua: em casa do estandarte de Acácio Rosa e Mário Freire, igualmente apenas um vencedor avançava para o tablado. E, se não fora o excelente cuidado de Duílio, mais penoso seria o regresso dos «estrelinhas» à Reboleira.

Em brusco voo de pássaro: no território de seu domínio absoluto ninguém baixou completamente a bandeira. Começou a tocar para unir no rés-do-chão, enquanto na alta escada do edifício os directos parceiros de guerrilha com vimaranenses batem passo. Uma vez mais, vão embora na espuma das águas os prometidos feitos em princípio de arrancada. Como vai sendo leitura antiga, Porto e Benfica aparecem como únicos pretendentes a uma coroa que, nem por um instante, sai do seu olhar. Tudo o mais é conversa fiada.

Neves de Sousa

O Chaves foi a Alvalade atrapalhar a vida ao Sporting





João Alves e Pietra no Boavista 90/91?

Quase decidido por João Alves: deixando o Estrela da Amadora em confortável lugar da tabela pontual do campeonato de futebol, deve regressar ao comando técnico do Boavista na próxima temporada. Com uma novidade: o próximo adjunto será o antigo companheiro Pietra, que tem estado afastado do futebol e apenas entregue à sua actividade comercial.

Alves e Pietra, que já estão procurando dois andares num prédio próximo do Estádio do Bessa, para irem ali morar com os familiares directos.

Eskilsson e não Eriksson

Uma lamentável troca de nomes, na peça sobre a assembleia geral do Sporting, publicada nas nossas edições da passada 6.ª feira, deixou o nome Eriksson onde deveria estar *Eskilsson.* Como obviamente se entenderia, embora ambos suecos, o técnico do Benfica nunca foi contemplado com um automóvel pelo Sporting: esse empréstimo coube ao compatriota Eskilsson, que desfilou fugazmente por Alvalade. O seu a seu dono.

Trangeste

Sociedade de Transportes e Trânsito, Lda.

LISBOA: AV. D. CARLOS I, 45-2.º ESQ.
1200 LISBOA
Tel. 609305/600676
Fax. 678166
Telex 42816
PORTO: RUA ALFREDO DA CUNHA, 125 — SALA 9
Apartado 241
4453 MATOSINHOS CODEX
Tel. 936893/9371577/9370657
Fax. 933008
Telex 20243

TEM O PRAZER DE COMUNICAR QUE FOI NOMEADA AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR:
UNION-TRANSPORT GmbH & Co. •HG — ALEMANHA
INCLUINDO O GRUPO ALSTER

UNION - TRANSPORT GmbH & Co. oHG ALEMANHA

Incluindo o **Grupo Alster** têm o prazer de comunicar que nomearam seu agente exclusivo em Portugal a:

TRANGESTE

Sociedade de Transportes e Trânsitos, Lda.
LISBOA: Av. D. Carlos I, 45-2.º Esq.º
1200 LISBOA
Tel. 60 93 05/60 06 76
Fax 67 81 86
Telex 42816
PORTO: Rua Alfredo da Cunha, 125 — sala 9
Apartado 241
4453 MATOSINHOS CODEX
Tels. 93 68 93/937 15 97/937 06 57
Fax 933008
Telex 28243

Portimonense, 2-Benfica, 3

Um pequeno inferno antes da viagem à URSS

Boa fatia dos 22 jornalistas que seguem hoje com o Benfica para terras soviéticas, estiveram no Bonfim, para observarem o último ensaio de conjunto da turma de Eriksson, antes do duelo uefeiro com o Dniepr. E, embora, seja conveniente lembrar que o emblema da *águia* alinbou longe do seu melhor potencial (o cansaço muscular implicou repouso de Thern e Valdo, o apelo a Aldair e Vata apenas chegou por desespero de causa, Vítor Paneira estava castigado pela Federação mas igualmente atravessa um deficiente momento de forma) certa verdade ficou no palco: um Portimonense, que mora no rés-do-chão do campeonato, várias vezes deu a ideia de (tranquilamente) ensarilhar as armas ao parceiro e embolsar todo o pecúlio pontual que estava equacionado.

O espectáculo teve duas fatias completamente opostas. Sol e brilho naquele período inicial em que, para além dos quatro golos, houve jogadas para alto aplauso. Sombra, a cada vez mais escurecer quando, no retorno do balneário, metade dos artistas mostraram que já não tinham força para segurar um gato pelo rabo, e outra boa quota de profissionais, virada para o esforço que pode valer saboroso prémio em casa do Dniepr, a resguardar forças para o exame europeu.

Os portimonenses estavam preparados para festa rija: completava 30 anos o «capitão» Skoda. E isso esteve bem à vista, logo que Matos (sem qualquer oposição) centrou, lá da esquerda, para o golpe de misericórdia de Luciano. Ainda havia plateia a sentar-se e poucos imaginariam que, passando qualquer distorcida visão pelo olhar de Rosa Santos, o juiz alentejano apitaria para «penalty», quando Magnusson, já escapado a Major, caiu na área de rigor. Evidentemente que o sueco não iria desaproveitar essa benesse tombada dos céus, mas logo a maioria do conclave (massa associativa do Vitória bem incluída) desatou num tal coro de vaias e assobios a Rosa Santos que, dali em diante, sucederam-se erros em torrente, com várias compensações dadas «ad hoc», por a consciência estar dando pulos no peito..

Diamantino: um mestre

Enfim: vieram mais dois golos, por sinal belíssismos. Primorosas fintas de mestre Diamantino e endosso calibradinho para a cabeça de Magnusson fazer o 2-1 e majestático pontapé livre de Guetov, que vergou completamente Silvino, o guarda-redes que frequentemente teve de ir por aí fora, em galopada, tentando (e conseguindo) colmatar as brechas deixadas em aberto pelos defesas, pois José Carlos, Samuel e Veloso estavam muitos graus abaixo do suficiente rendimento de Ricardo.

Por último, já no lavar dos cestos, veio o «canto» soberbamente atirado por Diamantino e, quando parecia que a bola estava ao pleno alcance de um soco de Figueiredo, o guarda-meta algarvio falhou rotundamente: Lima, que ia a passar, limitou-se a empurrar a esfera para a caixinha.

Assim, com defesa altamente permeável, mas meio campo onde Diamantino foi professor, Hernâni o guerreiro e Pacheco o mais veloz, o Benfica lá conseguiu sair menos mal de um pequeno infernnho criado pela boa ordenação de Manuel Oliveira às suas pedras, muito especialmente porque o labor de Matos, Skoda, Vado, Luciano e Guetov ficou comprometido pelo incrível erro de Figueiredo, enquanto na bandeira rubra a entrada de Aldair e o constante apego de Magnusson davam o toque de classe que bem ligava com o talento esclarecido de Diamantino, até aqui injustamente relegado para uma subalternidade que ninguém entendia.

Bastidores explosivos

No final do jogo, havia um cacharolete de opiniões, quase todas convergentes. O presidente portimonense Manuel João, coração ainda aos pulos, lamentava a arbitragem e fazia duríssimas críticas a Rosa Santos. O técnico Manuel Oliveira virava-se mais contra Guetov:

— *Porque é que o substituí? Comigo, só joga quem trabalha, quem entra nos lances com determinação e força. Começo a perceber porque é que foram embora o Torres e o Quinito, mas, comigo, não: mesmo que Guetov, seja um grande «internacional» pelo seu país, quem faz o «team» e dá a táctica sou eu. Quando isso deixar de acontecer, passem muito bem!*

Daniel do Adro, presidente do Louletano, virava a conversa para outra agulha:

Embora seja grande amigo do Guerreiro Cavaco, presidente da Assembleia Geral do meu clube, não vou dar apoio para a sua candidadura à presidência da Associação de Faro. Andou comigo 20 dias no Brasil, perguntei-lhe várias vezes se o que se dizia era verdade, se ia candidatar-se à Associação: respondeu sempre que não tinha esse propósito. Agora aparece com posição diferente: continuarei a ser seu amigo, mas não conta com o voto do Louletano. E, parece-me que o Portimonense também não estará ao seu lado...

Hernâni falava com o dirigente setubalense Rui Salas:

— *Não me espantei nada com o empate que vocês fizeram com o União. Se calhar, estiveram todos atirados para o golo e, em vez de irem fazendo o vosso joguinho, foram por ai fora...No Benfica, o «mister» passa a vida a dizer-nos: calma, que o golo tem de aparecer. Não queiram jogadas individuais, porque o futebol é colectivismo».*

Chalana abre-se

Fernando Chalana dava dentadas numa maçã:

— *Veja bem: ainda não sabemos quem vai à URSS. Amanhã (ontem) vamos fazer um treino na Luz e depois é que me dizem se volto (ou não) ao campo onde, pelo Bordéus, já ganhei aos soviéticos, tendo contribuído com a marcação de uma grande penalidade para a sua eliminação uefeira.*

Abre-se com certa tristeza:

— *Acabo o meu contrato em Julho: tenho de começar a pensar no futuro. Esta situação (suplente sem utilização) não pode agradar a ninguém e eu sinto que posso ainda dar muito ao futebol desde que (evidentemente) seja posto a jogar. Estas últimas três épocas estão a ser diabólicas para mim...*

Duas pernas partidas. Cinco operações. Que mais estará para acontecer ao *pequeno genial?*

Chalana não larga a maçã:

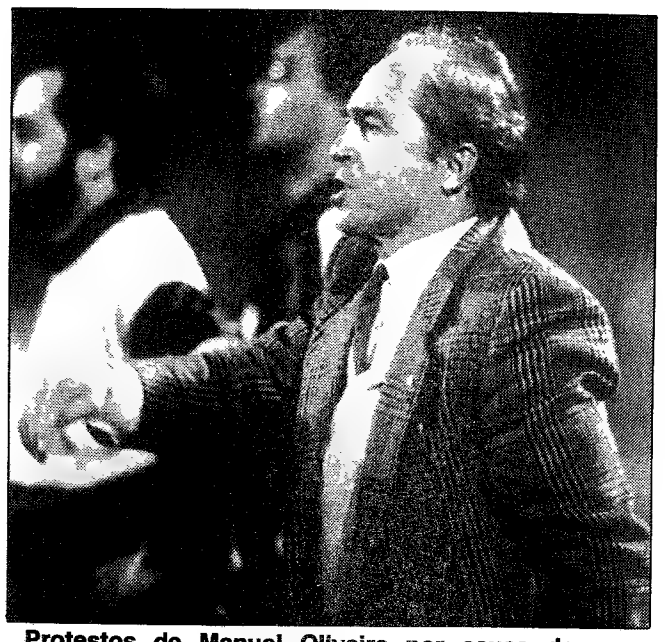
— *Apareceram-me lesões em momentos importantes da carreira. Parece que me deitaram mau olhado quando fui para o Bordéus. Depois, aconteceram coisas estranhas: o afastamento da final de Estugarda, ando na minha que a política está demasiado metida no futebol, que se joga mais fora do campo que em cima da relva. Estão a acontecer coisas muito estranhas: doping, subornos, desconfianças, lutas entre dirigentes, ofensas pessoais a torto e a direito. Este não é o futebol que eu sempre sonhei jogar.*

A seguir:

— *No final deste mês vou perguntar ao Benfica o que deseja de mim. Estou com força e muita vontade para jogar. Note: o que me acontece, sucede com outros jogadores. Os técnicos têm as suas opções, pontos de vista que muito respeito: mas eu não nasci para estar fora do campo.*

Conclui:

— *Por vezes fico a pensar: será que existem tantos bons jogadores no nosso futebol que eu, fulano, beltrano e cicrano não somos precisos para nada? Pois é: mais duas semanas e resolvo o assunto. Quero jogar: se o Benfica não precisar de mim, tenho muita pena, mas vou à vida. Ainda não chegou a hora de arrumar as botas!*



Protestos de Manuel Oliveira por causa de um «penalty»

Manuel João inclemente

No átrio do parque setubalense, o presidente algarvio Manuel João continua outros desabafos:

— *Hoje, no futebol, é a hora da vigarice. Ora, como eu não sou capaz de cinismoss, digo logo o que entendo, sou capaz de estar a mais e a prejudicar o Portimonense. O melhor é ir embora...*

Para quantos o rodeavam:

— *A Federação é o que se sabe: foi feita de arranjos a qualquer preço. A arbitragem é o que se vê: os senhores são tão bons juízes como o resto do país. Com a invenção da Divisão de Honra, vão obrigar-se diversos clubes a irem recrutar mais estrangeiros, porque o preço dos portugueses com alguma jeiteira está a ser incompatível com as finanças dos clubes.*

Quase num desmaio:

— *Não sei o que fazer. Há muito má gente que já escolheu os clubes que serão obrigados a descer de divisão: e o Portimonense está marcado com um traço muito negro...*

Neves de Sousa

«Penalty» inventado por Rosa Santos

Defraudando a verdade do jogo (ao marcar uma inexistente grande penalidade que deu o 1.º empate ao Benfica) o árbitro bejense Rosa Santos (que também esteve mal acompanhado pelos auxiliares Carlos Vidonho e Marcolino Baptista, especialmente por este último) acaba por justificar o afastamento do bloco de juízes que vão actuar na fase final do mundial, em Itália. As equipas:

PORTIMONENSE: Figueiredo; Aurélio, Major e Matos; Bezinsky e Flóris; José Pedro, Skoda e Vado; Guetov (Voynov aos 60 minutos) e Luciano.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Samuel (Aldair na 2.ª parte) Ricardo e Silvino; Hernâni; Abel (Vata, aos 62), Diamantino e Pacheco; Lima e Magnusson.

Golos: Luciano (2m), Magnusson na cobrança do «penalty» decretado por Rosa Santos (23), novamente Magnusson (37), Guetov (42) e Lima (82). Cartão amarelo para Vado, Samuel, Diamantino e Voynov.

DL com o Benfica na URSS

Jogo em directo pela TV

Numa linha de tradição que faz parte do nosso processo de trabalho e atendimento ao gosto dos leitores, uma vez mais o «Diário de Lisboa» acompanha no estrangeiro uma equipa que representa (oficialmente) o futebol português, neste caso o Benfica que, na URSS, perante o Dniepr, discutirá (4.ª feira, pelas 19 horas locais, 17 em Portugal) com o Dniepr a passagem às meias-finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

A comitiva partiu esta manhã (9 horas) do Aeroporto da Portela em direcção à cidade soviefica de Lvov, onde haverá uma escala técnica e se procederá às obrigatórias formalidades alfandegárias, seguindo-se depois para Dnepropetrovsk, na Ucrânia, onde mora o opositor benfiquista. A chegada está revista para as 18 e 30 locais (15 e 30 em Portugal).

Na embaixada portuguesa viajam o nosso companheiro de trabalho Neves de Sousa (que fará a reportagem para o «DL») e Miguel Prates, que está encarregado dos comentários para a RTP, pois o jogo será dado directamente para Portugal, dado que a nossa Televisão concordou em pagar os 7500 contos exigidos pelos soviéticos para a transmissão. O regresso de dirigentes, técnicos, jogadores e dos 22 jornalistas que seguiram para a URSS processa-se após o jogo, com chegada prevista a Lisboa pelas 3 horas da madrugada de 5.ª feira. Os futebolistas que viajam para a URSS são os seguintes: Silvino e Dias Graça (guarda-redes), José Carlos, Aldair, Ricardo, Veloso, Samuel e Paulo Madeira (Defesas), Vítor Paneira, Valdo, Thern, Hernâni, Abel, Diamantino e Pacheco (médios), Magnusson, César Brito e Lima (avanaçados).

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL 5P 1237 cc	1986
Renault 5 GTR 3P 1237 cc	1988
Renault 5 GTL 3P 1108 cc	1985
Seat Ibiza 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Renault 25 GTS	1984

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: um golo de porta a porta

Nomes e números

Guimarães, 0-Boavista, 1

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

GUIMARÊS: Sérgio; Nando (Carvalho 73), Germano (João Baptista 62), William e Bené; N'Dinga, Soeiro, Roldão e Chiquinho; Caio Júnior e Silvinho.

BOAVISTA: Alfredo; Casaca, Valério, Valdir e Garrido; Marcos António, Jaime, Isaías e Walter, Forbs (Jorge Silva 73) e Jorge Andrade (Armando 82).

Golo de: Forbs (12 m).

Acção disciplinar: amarelo para N'Dinga.

Sporting, 1-Chaves, 1

Árbitro: João Mesquita (Porto).

SPORTING: Ivkovic; João Luís, Paulo Torres (Carlos Manuel 57), Venâncio, Ali Hassan (Amaral 73), Carlos Xavier, Oceano, Marlon, Paulinho Cascavel, Silas e Cadete.

CHAVES: Jesus; Vicente, Filgueira, Jorginho, Rogério, Manuel Correia, David, Diamantino, Miranda, Slavkov (Rudi 74) e Tanev (Gilberto 58).

Golos: Miranda (14 m) e Cadete (16).

Acção disciplinar: amarelo para David e Carlos Manuel.

Porto, 4-Marítimo, 1

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Demol, Geraldão e Branco; Bandeirinha, Jaime Magalhães, Jorge Couto e André; Semedo e Águas.

MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira, Teixeirinha, Oliveira e Andrade; Carlos Jorge, Artur Semedo, Esquerdinha e José Luís (Tó Zé, aos 64 minutos); Vando e Wawa (Paulo Ricardo, aos 72).

Acção disciplinar: amarelo — Andrade, Carlos Jorge e Oliveira, Vermelho — Vando.

Golos: Jorge Couto (3 m), Wawa (9), André (10), Águas (68) e Bandeirinha (89).

V. Setúbal, 0-U. da Madeira, 0

Árbitro: Serafim Alvito (de Santarém).

VITÓRIA DE SETÚBAL: Jorge Martins; Figueiredo, Quim, Jorge Ferreira (Crisanto 46 m) e Dito; Quinito, Serra (Lufemba 60 m), Jaime Pacheco e Aparício; Mladenov e Makukula.

UNIÃO DA MADEIRA: Valente; Nelinho, Ramos, Mota (Jorge Costa 71 m) e Casimiro; Ricardo Jorge, Jairo, Markovic e Renato (Monteiro 60 m); Edilson e Hajry.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Jorge Costa.

Portimonense, 2-Benfica, 3

Jogo disputado no Estádio do Bonfim por interdição do Estádio do Portimonense, arbitrado pelo bejense Rosa Santos.

PORTIMONENSE: Figueiredo; Matos, Bezinski e Major; Vado, Floris, Guetov 59) e José Pedro: Skoda e Luciano.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Ricardo, Samuel (Aldair 45) e Veloso; Hernâni, Abel (Vata 62), Pacheco e Lima; Magnusson e Diamantino.

Acção disciplinar: amarelo para Vado, Samuel, Diamantino e Voinov.

Golos de: Luciano (2 m) e Guetov (43) pelo Portimonense e Magnusson (aos 24 de g.p. e aos 38) e Lima (82 m).

RESULTADOS

BELENENSES	**2-1**	E. DA AMADORA
V. SETÚBAL	**0-0**	U. MADEIRA
V. GUIMARÃES	**0-1**	BOAVISTA
BEIRA MAR	**1-0**	TIRSENSE
NACIOANL	**3-0**	FEIRENSE
PENAFIEL	**1-0**	BRAGA
PORTO	**4-1**	MARÍTIMO
PORTIMON.	**2-3**	BENFICA
SPORTING	**1-1**	CHAVES

Próxima jornada: Chaves - Belenenses, Estrela da Amadora - Vitória de Setúbal, União da Madeira - Vitória de Guimarães, Boavista - Beira Mar, Tirsense - Nacional, Feirense - Penafiel, Sporting de Braga - Futebol Clube do Porto, Marítimo - Portimonense e Benfica - Sporting.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

		J	V	E	D	G	P
1.º	**F.C. PORTO**	24	19	4	1	53- 9	42
2.º	Benfica	24	16	7	1	60-11	39
3.º	V. Guimarães	24	14	7	3	35-15	35
4.º	Sporting	24	13	8	3	29-15	34
5.º	V. Setúbal	24	12	6	6	34-23	30
6.º	Belenenses	24	11	3	10	21-26	25
7.º	Chaves	24	8	9	7	26-31	25
8.º	Boavista	24	8	7	9	33-23	23
9.º	E. Amadora	24	8	7	9	28-22	23
10.º	Braga	24	7	8	9	22-26	22
11.º	Tirsense	24	5	11	8	14-22	21
12.º	Beira Mar	24	7	6	11	14-27	20
13.º	Marítimo	24	4	11	9	17-30	19
14.º	União	24	4	8	11	17-32	17
15.º	Penafiel	24	6	5	13	18-39	17
16.º	Nacional	24	2	12	10	19-36	16
17.º	Portimon.	24	4	4	16	17-42	12
18.º	Feirense	24	3	6	15	15-43	12

Belenenses, 2-E. Amadora, 1

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

BELENENSES: Mihaylov; Galo, José António, Edmundo (Carlos Ribeiro 32) e José Mário; Juanico, Jaime, Rui Gregório e Saavedra (Paulo Sérgio 50); Gonçalves e Chiquinho.

ESTRELA DA AMADORA: Melo: Rui Neves (Elias 45), Duílio, Barny e Caetrano; Rebelo, Bobó; Nelson Borges (Paulo Bento 55) e Ricky; Baroti e Paulo Jorge.

Golos de: Saavedra (21 m); Ricky (50) e Chiquinho (83).

Acção disciplinar: amarelo para Bobó e Galo.

Penafiel, 1-Braga, 0

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

PENAFIEL: Cerqueira; Vinhas, Martins, Vasco e Artur; China, Secretário (Djão, aos 45 minutos), Rui Manuel e Amâncio; Coelho e Rebelo (Nunes, aos 88).

BRAGA: Hélder; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte e Maroni; Santos, Quim II, Rui Manuel (Radi, aos 57) e Eskilson: Fernando Pires e Vinícius (Serrinha, aos 56).

Acção disciplinar: amarelo para Coelho e Eskilson.

Golo de: Coelho, aos 67 minutos.

Beira Mar, 1-Tirsense, 0

Árbitro: Sepa Santos (Lisboa).

BEIRA MAR: Quim; Redondo, Petrov, Carvalhal e Ivan; Sousa, Freire (Jarbas 62), Bozinoski e Penteado: Abel Ghany e Mário Jorge (Carlos Miguel 78).

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro e Sérgio; José Maria, Eusébio (Borges 58), Quim e César; Tueba e Vitinha (Dreyffus 46).

Acção disciplinar: amarelos para José Maria e Bio.

Golo de Quim (44 m).

Nacional, 3-Feirense, 0

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Paulito, Leiz (Rui Duarte, 87) e Ladeira, Cristiano, Edmilson, Sylvanus e Dinis; Paulo Sérgio e Dino (Murphy, 73).

FEIRENSE: Ricardo; Licínio (Morgado, 74), Pina, Miguel e Marcelino; Couto, Manuel António (Carlos Rui, 67); Artur e Pedro Martins; João Luís e Ribeiro.

Acção disciplinar: amarelo para Dinis, Murphy, Pedro Martins e Miguel.

Golos de: Edmilsson (44 m), Dinis (620 e Murphy (79).

Magnusson: mais dois remates certeiros

O benfiquista Magnusson foi o único futebolista a bisar nos remates certeiros da jornada que rendeu 21 golos, com a curiosidade de um deles (o que ditou o triunfo do Beira Mar frente ao Tirsense) ter sido rubricado com «despacho directo» feito pelo guarda-redes Quim. O sueco ao serviço do Benfica lidera a pauta dos melhores rematadores com 26 tentos no activo, seguindo-se o búlgaro Mladenov, do Vitória de Setúbal com 15, Rui Águias (FC Porto) soma 14, Guetov, do Portimonense e Ricky, do Estrela com 11, o portista Demol rubricou 10 e Monteiro (União da Madeira) e Quiquinho (Guimarães) têm nove golos marcados.

II Divisão: Farense o único fora do «embrulho»

Zona Norte

Freamunde - Rio Ave, 1-0; Joane - Maia, 0-2; Infesta - Vianense, 3-1; Gil Vicente - Vizela, 1-0; Desportivo das Aves - Fafe, 2-0; Marco - Felgueiras, 0-0; Trofense - Famalicão, 1-4; Leixões - Paços de Ferreira, 2-2 e Varzim - Bragança, 0-1.

		J	V	E	D	G	P
1.º	**FAMALICÃO**	22	12	7	3	37-16	31
2.º	Freamunde	22	11	8	3	30-18	30
3.º	Gil Vicente	21	13	3	5	32-20	29
4.º	Maia	21	10	8	3	30-17	28
5.º	P. Ferreira	22	11	4	7	37-25	26
6.º	D. Aves	22	11	4	7	29-19	26
7.º	Varzim	22	10	5	7	32-22	25
8.º	Leixões	22	9	5	8	33-30	23
9.º	Rio Ave	22	8	7	7	28-27	23
10.º	Bragança	22	9	4	9	28-32	22
11.º	Infesta	22	7	7	8	23-32	21
12.º	Fafe	22	7	6	9	22-19	20
13.º	Felgueiras	22	6	6	10	16-27	18
14.º	Joane	22	6	5	11	18-30	17
15.º	Vianense	22	6	4	12	23-37	16
16.º	Vizela	22	5	5	12	17-31	15
17.º	Trofense	22	4	6	12	18-37	14
18.º	Marco	22	2	6	14	13-36	10

Próxima jornada: Bragança - Freamunde (1-3, na primeira volta); Rio Ave - Joane (1-2); Maia - Infesta (2-2); Vianense - Gil Vicente (0-2); Vizela - Desportivo das Aves (0-4); Fafe - Marco (1-0); Felgueiras - Trofense (1-2); Famalicão - Leixões (7-3) e Paços de Ferreira - Varzim (0-3).

Zona Centro

Mirense - Caldas, 2-0; Académica - Salgueiros, 1-0; Guarda - Covilhã, 1-2; Académico de Viseu - Espinho, 2-0; União de Lamas - Mangualde, 3-0; Oliveira do Bairro - Marialvas, 0-0; Benfica de Castelo Branco - Lousanense, 2-1; Oliveirense - União de Leiria, 1-0 e Peniche - Águeda, 0-2.

		J	V	E	D	G	P
1.º	**ESPINHO**	22	16	1	5	41-15	33
2.º	Salgueiros	22	13	5	4	49-17	31
3.º	U. Leiria	22	12	6	4	42-12	30
4.º	A. Viseu	22	12	6	4	31-20	30
5.º	Académica	22	13	4	5	43-24	30
6.º	Águeda	22	10	6	6	29-20	26
7.º	Mirense	22	10	6	6	30-23	26
8.º	U. Lamas	22	11	0	11	32-30	22
9.º	Covilhã	22	10	1	11	26-31	21
10.º	B.C. Branco	22	7	6	9	22-27	20
11.º	Marialvas	22	6	7	9	13-24	19
12.º	Caldas	22	9	1	12	18-34	19
13.º	Mangualde	22	9	1	12	29-35	19
14.º	Guarda	22	7	4	11	19-31	18
15.º	Oliveir.	22	7	3	12	24-30	17
16.º	O. Bairro	22	2	10	10	17-41	14
17.º	Lousan.	22	3	5	14	18-42	11
18.º	Peniche	22	3	4	15	12-39	10

Próxima jornada: Águeda - Mirense (1-1, na primeira volta); Caldas - Académica (3-3); Salgueiros - Guarda (0-0); Covilhã - Académico de Viseu (1-2); Espinho - União de Lamas (2-0); Mangualde - Oliveira do Bairro (1-2); Marialvas - Benfica de Castelo Branco (0-1); Lousanense - Oliveirense (3-1) e União de Leiria - Peniche (0-1).

Zona Sul

Estoril - Silves, 1-0; Olivais e Moscavide - Olhanense, 1-0; Sintrense - Louletano, 1-1; Portalegrense - Lusitano de Évora, 0-0; Juventude - Samora Correia, 2-2; Torreense - Barreirense, 4-0; Lusitano de Vila Real de Santo António - Atlético, 1-0; Farense - Seixal, 5-1 e Alverca - Elvas, 2-1.

		J	V	E	D	G	P
1.º	**FARENSE**	22	17	4	1	54-15	38
2.º	Louletano	22	12	7	3	33-14	31
3.º	Estoril	22	10	10	2	25-13	30
4.º	Barreirense	22	13	3	6	38-19	29
5.º	Torreense	22	11	6	5	35-17	28
6.º	«O Elvas»	22	10	7	5	27-17	27
7.º	Alverca	22	11	5	6	33-28	27
8.º	L.V. Real	22	8	10	4	25-15	26
9.º	Juventude	22	9	7	6	26-28	25
10.º	Olhanense	22	7	6	9	23-27	20
11.º	Silves	22	6	8	8	22-20	20
12.º	Lusitano	22	5	8	9	27-31	18
13.º	Moscavide	22	5	5	12	21-36	15
14.º	Sintrense	22	5	4	13	18-38	14
15.º	Seixal	22	4	6	12	14-38	14
16.º	Portalegr.	22	3	7	12	19-52	13
17.º	Atlético	22	4	3	15	25-35	11
18.º	Samora	22	1	8	13	16-40	10

Próxima jornada: «O Elvas» - Estoril (0-0, na primeira volta); Silves - Olivais e Moscavide (2-0); Olhanense - Sintrense (1-0); Louletano - Portalegrense (1-1); Lusitano de Évora - Juventude (0-0); Samora Correia - Torreense (1-4); Barreirense - Lusitano de Vila Real de Santo António (1-2); Atlético - Farense (0-3) e Seixal - Alverca (0-0).

III Divisão: Oriental e «Fó Fó» não descolam

Série A

Ribeirão - Ponte da Barca, 1-2; Maria da Fonte - Lanheses, 1-1; Amares - Mirandela, 0-0; Prado - Caminha, 1-0; Vieira - Santa Maria, 3-0; Valpaços - Moreirense, 1-1; Macedo de Cavaleiros - Esposende, 1-1; Vila Pouca - Delães, 3-1; e Valdevez - Celoricense, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPODENSE	24	13	10	1	38-16	36
2.º Moreirense	24	12	9	3	30-18	33
3.º Mirandela	24	10	8	6	44-25	28
4.º Caminha	24	10	7	7	28-17	27
5.º Delães	24	11	5	8	33-33	27
6.º M. Cavaleiros	24	10	6	8	28-28	26
7.º Valpaços	25	10	6	9	31-27	26
8.º M. Fonte	24	6	13	5	21-19	25
9.º S. Maria	24	10	5	9	28-33	25
10.º Celoricense	24	9	7	8	29-23	25
11.º Amares	24	8	8	8	23-22	24
12.º Vieira	24	8	6	10	25-26	22
13.º Valdevez	24	4	13	7	21-23	21
14.º P. Barca	24	7	7	10	19-23	21
15.º Lanheses	25	7	6	12	24-31	20
16.º Prado	24	7	5	12	14-25	19
17.º V. Pouca	24	5	5	14	18-35	15
18.º Ribeirão	24	3	8	13	16-46	14

Próxima jornada: Celoricense - Ribeirão (1-2, na primeira volta); Ponte da Barca - Maria da Fonte (0-0);Lanheses - Amares (0-1); Mirandela - Prado (2-1); Caminha - Vieira (3-0); Santa Maria - Valpaços (0-2); Moreirense - Macedo de Cavaleiros (2-1); Esposende - Vila Pouca (0-1); Delães - Valdevez.

Série B

Amarante - Cinfães, 1-0; Lixa - Sandinenses, 2-0; Rio Tinto - Leça, 1-0; Sanjoanense - Paredes, 1-1; Vila Real - Pedrouços, 2-0; Penaguião - Valonguense, 0-0; Ermesinde - Lusitânia, 1-0; Valadares - Lousada, 1-4; e Paivense - Régua, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	24	16	4	4	46-24	36
2.º Amarante	24	12	9	3	34-15	33
3.º Paredes	23	11	8	4	39-21	30
4.º V. Real	24	11	6	7	37-22	28
5.º Valonguense	24	10	8	6	29-21	28
6.º Lixa	24	10	7	7	28-20	27
7.º Lourosa	24	9	9	6	28-20	27
8.º Sanjoanense	24	10	6	8	33-27	26
9.º Leça	24	8	9	7	34-27	25
10.º Ermesinde	24	10	5	9	26-21	25
11.º Pedrouços	24	8	8	8	36-38	24
12.º Sandinense	24	8	8	8	19-25	24
13.º Régua	24	8	6	10	24-26	22
14.º Rio Tinto	24	6	5	13	24-42	17
15.º Cinfães	23	5	6	12	23-48	16
16.º S. Marta	24	5	5	14	21-36	15
17.º Valadares	24	2	11	11	18-43	15
18.º Paivense	24	2	8	14	15-38	12

Próxima jornada: Régua - Amarante (0-1, na primeira volta); Cinfães - Lixa (0-5); Sandinense - Rio Tinto (1-0); Leça - Sanjoanense (0-3); Paredes - Vila Real (2-2); Pedrouços - Santa Marta de Penaguião (1-1); Valonguense - Ermesinde (0-0); Lusitânia - Valadares (0-0); e Lousada - Paivense (1-0).

Série C

Anadia - Mealhada, 0-2; Tabuense - Gouveia, 2-1; Santacombadense - Valecambrense, 4-0; Argus - Alba, 1-0; Valonguense - Oliveirinha, 0-0; Oliveira do Hospital - Mortágua, 1-1; Ovarense - Sabugal, 8-1; Seia - União de Coimbra, 3-0; e Luso - Estarreja, 0-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	24	17	2	5	27- 9	36
2.º Anadia	23	15	3	5	37-18	33
3.º Estarreja	24	12	6	6	35-17	30
4.º Ovarense	24	10	9	5	32-15	29
5.º Valonguense	24	10	8	6	30-22	28
6.º Mealhada	24	10	7	7	28-26	27
7.º Luso	24	8	10	6	21-16	26
8.º Gouveia	24	8	10	6	23-14	26
9.º O. Hospital	24	9	8	7	28-24	26
10.º U. Coimbra	24	10	5	9	41-26	25
11.º Oliveirinha	24	8	8	7	26-25	25
12.º Argus	24	8	8	8	30-29	24
13.º Alba	24	7	7	10	21-22	21
14.º Tabuense	23	7	5	11	21-26	19
15.º Mortágua	24	5	8	11	18-34	18
16.º Seia	24	5	5	14	30-36	15
17.º Sabugal	23	3	5	15	20-67	11
18.º Valecambr.	23	3	3	17	15-57	9

Próxima jornada: Estarreja - Anadia (1-2 na primeira volta); Mealhada - Tabuense (101);Gouveia - Santacombadense (0-1); Valecambrense - Argus (2-3); Alba - Valonguense (1-1); Oliveirinha - Oliveira do Hospital (0-0); Mortágua - Ovarense (1-0); Sabugal - Seia (1-2); e União de Coimbra - Luso (1-1).

Série D

Mirandense - Marrazes, 4-0; Torres Novas - Ferrel, 4-1; Castelo de Vide - Marinense, 1-0; Alcobaça - Alcains, 0-0; Naval Primeiro de Maio - Nazarenos, 4-2; Sertanense -Estrela, 3-0; Bombarralense - União de Tomar, 0-0; Alfeizerense - Alcanenense, 1-1; e Fátima - União de Santarém, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	24	15	9	0	32- 7	39
2.º Mirandense	24	16	5	3	42- 7	37
3.º Naval	24	13	7	4	42-21	33
4.º Fátima	24	11	9	4	46-19	31
5.º U. Santarém	24	13	5	6	35-15	31
6.º Alcobaça	24	8	11	5	23-18	27
7.º T. Novas	24	10	7	7	35-30	27
8.º Sertanense	24	6	14	4	24-21	26
9.º Alcanenense	24	6	12	6	28-20	24
10.º Marinhense	24	5	12	7	23-27	22
11.º Alcains	24	5	9	10	27-31	19
12.º E. Portalegre	24	5	9	10	19-37	19
13.º Bombarralense	23	2	14	7	14-25	18
14.º C. Vide	24	7	4	13	19-38	18
15.º Nazarenos	24	5	7	12	24-36	17
16.º Marrazes	24	5	7	12	15-33	17
17.º Alfeizerense	24	3	8	13	19-39	14
18.º Ferrel	23	5	1	17	15-58	11

Próxima jornada: União de Santarém - Mirandense (0-0 na primeira volta); Leiria Marrazes - Torres Novas (1-3); Ferrel - Castelo de Vide (0-2); Marinhese - Alcobaça (0-0); Alcains - Naval 1.º de Maio (0-3); Nazarenos - Sertanense (1-1); Estrela - Bombarralense (1-0); União de Tomar - Alfeizerense (4-1); e Alcanenense - Fátima (0-0).

Série E

Odivelas - Futebol Benfica, 0-1; Cartaxo - Vilafranquense, 1-2; Lusitânia - Sacavenense, 1-0; Borbense - Portosantense, 0-0; União de Almeirim - Praiense (vitória do 1.º por falta de comparência); Camponaiorense - Cacém, 6-0; Fronteirense - Câmara de Lobos, 1-2; Santa Clara - Loures, 3-2; e Oriental - Fanhões, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ORIENTAL	24	11	8	5	29-16	30
2.º F. Benfica	24	11	8	5	31-24	30
3.º Sacaven.	24	10	9	5	28-15	29
4.º C. Maior	24	12	5	7	37-18	29
5.º S. Clara	24	11	7	6	37-33	29
6.º U. Almeirim	24	11	6	7	41-21	28
7.º Portosant.	24	8	9	7	29-22	25
8.º Fanhões	24	8	8	8	20-22	24
9.º Vilafranq.	24	8	8	8	23-21	24
10.º Praiense	24	8	7	9	15-21	23
11.º Loures	24	7	9	8	27-31	23
12.º C. Lobos	24	6	11	7	18-20	23
13.º Lusitânia	24	8	7	9	21-21	23
14.º Borbense	24	7	8	9	20-32	22
15.º Odivelas	24	8	5	11	28-28	21
16.º Cartaxo	24	4	9	11	24-42	17
17.º Fronteir.	24	5	6	13	14-34	16
18.º Cacém	24	4	8	12	17-37	16

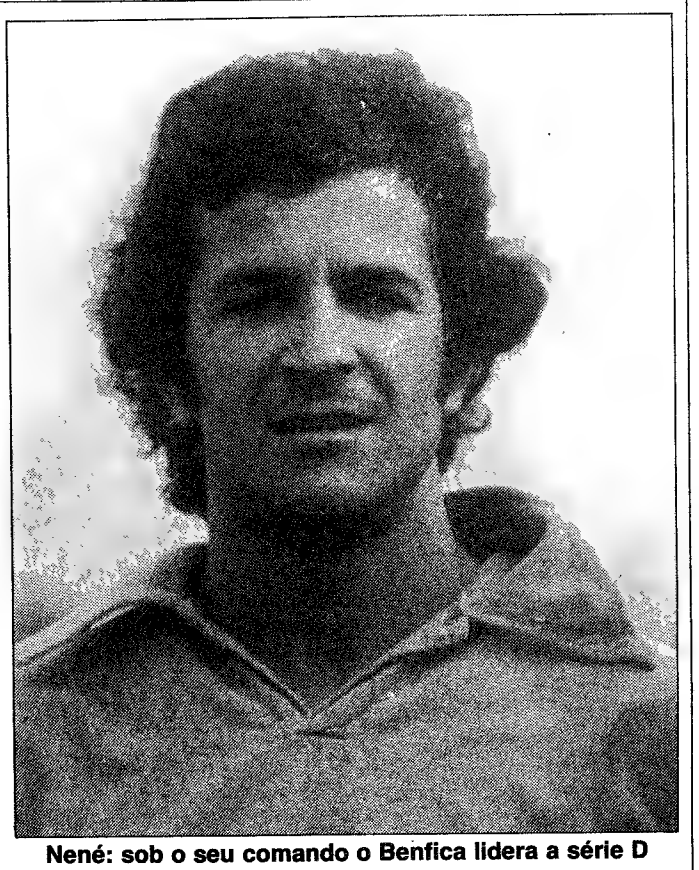
Próxima jornada: Loures - Odivelas (2-2 na primeira volta); Futebol Benfica - Cartaxo (1-1); Vilafranquense - Lusitânia (0-1); Sacavenense - Oriental (2-1); Fanhões - Borbense (0-2); Portosantense - Almeirim (2-1); Praiense - Campomaiorense (1-0); Cacém - Fronteirense (0-1); e Câmara de Lobos - Santa Clara (1-1).

Série F

Estrela de Vendas Novas - Amora, 1-0; Quimigal - Imortal, 0-0; Beja - Esperança de Lagos, 1-1; Vasco da Gama - Leões, 0-0; Trafaria - União de Santiago, 1-1; Almancilense - Moura, 2-0; Quarteirense - Palmelense, 7-0; Sesimbra - União de Montemor, 1-4; e Montijo - Pescadores, 4-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	24	16	6	2	52-18	38
2.º Quarteir.	24	12	9	3	55-22	33
3.º Amora	24	14	5	5	39-23	33
4.º Almanc.	24	12	7	5	28-19	31
5.º U. Santiago	24	10	9	5	45-27	29
6.º V. Gama	24	11	5	8	29-30	27
7.º Moura	24	8	10	6	29-26	26
8.º U. Montemor	24	12	2	10	40-25	26
9.º E. Lagos	24	9	8	7	37-29	26
10.º Quimigal	24	6	11	7	21-23	23
11.º Palmelense	24	7	8	9	29-34	22
12.º Leões	24	6	9	9	15-19	21
13.º Imortal	24	6	9	9	33-37	21
14.º Caparica	24	7	5	12	26-43	19
15.º Beja	24	6	6	12	19-38	18
16.º E. V. Novas	24	5	7	12	22-35	17
17.º Trafaria	24	1	10	13	22-65	12
18.º Sesimbra	24	3	4	17	17-45	10

Próxima jornada: Pescadores - Estrela (1-1 na primeira volta); Amora - Quimigal (2-1); Imortal - Beja (2-2); Esperança de Lagos - Vasco da Gama (1-2); Leões - Trafaria (1-1); União de Santiago - Almancilense (2-0); Moura - Quarteirense (0-1); Palmelense - Sesimbra (0-1); e União de Montemor - Montijo (0-1).



Nené: sob o seu comando o Benfica lidera a série D do Nacional de Juniores

Juniores: Benfica «encalha» na Costa

Série A: Merelinense-Braga, 1-1; Gil Vicente-Famalicão, 1-0; Vianense-Chaves, 2-1; Vila Real-Guimarães, 2-1; Mãe de Água-Taipas, 0-0; Ponte da Barca-Vizela, 1-0. **Guia**: Guimarães, 33 pontos; **B**: Águeda-Maia, 2-0; Lamego-Varzim, 1-3; Salgueiros-Espinho, 3-2; Beira-Mar-Rio Ave, 1-1; Boavista-Viseu e Benfica, 6-2; Leixões-FC Porto, 2-3. **Guia**: FC Porto, 39 pontos; **C**: U. Leiria-Guarda, 7-1; A. Viseu-Mangualde, 1-1; U. Coimbra-U. Tomar, 0-0; Naval 1.º de Maio-Académica, 0-4; Nazarenos-Estação, 2-1; Gouveia-Marrazes, 2-1. **Guia**: Académica, 36 pontos. **D**: U. Santarém-Bombarralense, 0-2; Casa Pia-Sporting, 0-2; Pescadores da Caparica-Benfica, 0-0; E. Amadora-Almeirim, 10-1; Estoril-Belenenses, 1-1; Caldas-O. Moscavide, 1-2. **Guia**: Benfica, 37 pontos; **E**: Farense-Amora, 1-0; Zona Azul-E. Vendas Novas, 4-1; Olhanense-L. Évora, 0-3; V. Setúbal-Elvas, 3-2; Quimigal-Seixal, 2-0; Portimonense-Barreirense, 1-2. **Guia**: V. Setúbal, 34 pontos.

Juvenis

No «nacional» de juvenis, Benfica e Sporting venceram fora. Os resultados completos de cada **Série A**: Paços Ferreira-Varzim, 1-2; Salgueiros-Braga, 1-1; Torre Moncorvo-Guimarães, 0-4; Vianense-Chaves, 1-0; Leixões-Rio Ave, 1-1; Vizela-Freamunde, 2-6; **Guia**: Guimarães, 34 pontos; **B**: Lourosa-Águeda, 1-1; A. Viseu-Boavista, 1-0; Beira Mar-Mangualde, 6-0; FC Porto-BV Almeida, 11-0; Feirense-Académica, 0-0; Tabuense-Estação, 1-0. **C**: Casa Pia-U. Santarém, 6-1; U. Coimbra-U. Leiria, 6-0; E. Amadora-Sporting, 0-2; Estoril-Benfica, 0-3; Benfica C. Branco-Damaiense, 1-1; Torreense-Belenenses, 1-3. **Guia**: Sporting, 43 pontos; **D**: Oriental-Farense, 2-2; V. Setúbal-E. Vendas Novas, 1-1; Pescadores-Almodôvar, 6-1; Barreirense-Louletano, 0-1; O. Moscavide-Portimonense, 6-1.

TOTOBOLA

A chave		A nossa aposta	
Portimon. - Benfica	2	Braga - Porto	2
Guimarães - Boavista	2	Benfica - Sporting	1
Sporting - Chaves	X	U. Madeira - Guimarães	2
Belenenses - Amadora	1	Chaves - Belenenses	1
Setúbal - U. Madeira	X	E. Amadora - Setúbal	X
Beira Mar - Tirsense	1	Boavista - Beira Mar	1
Nacional - Feirense	1	Tirsense - Nacional	1
Penafiel - Braga	1	Feirense - Penafiel	2
Trofense - Famalicão	2	Marítimo - Portimon.	1
Académica - Salgueiros	1	Bragança - Freamunde	1
A. Viseu - Espinho	1	Vianense - G. Vicente	2
Oliveir. - U. Leiria	1	Caldas - Académica	2
Torreense - Barreirense	1	Atlético - Farense	2

TOTOLOTO

4 - 5 - 19 - 32 - 38 - 47 (8)

Chama-se Vítor Pais o único apostador do Totoloto que acertou no «pleno» pelo que irá receber a bonita soma de 79 693 814$00 Para os restantes prémios, as previsões são as seguintes: 2.º (5+o n.º suplementar) três a cinco concorrentes cabendo a cada 4400 contos, 3.º prémio (5) deverão registar-se 400 acertantes com direito a 140 mil escudos, o 4.º prémio (4 números certos) contemplará 25 000 e 28 800 recebendo cada um pouco mais de dois mil escudos e com direito ao 5.º prémio (3 números certos) deverão registar-se 600 mil matrizes sendo o prémio de 160$00.

Totobola

Com 13 resultados certos prevêem-se 11 a 13 matrizes devendo cada acertante receber cerca de 1527 contos, com 12 resultados poderão surgir de 365 a 390 aos quais caberá o prémio de 60 contos e com 11 a estimativa aponta para 5600 apostadores que receberão 3500$00.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAL DE CURRY CABRAL
SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
Rua da Beneficiência
1000 LISBOA

(ANÚNCIO)

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-2-117/90
FORNECIMENTO DE MATERIAL DE OSTEOSÍNTESE

Recebem-se propostas até às 16 horas do dia 9 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Aprovisionamento) — Rua da Beneficiência, 1000 Lisboa, todos os dias úteis das 9 às 12 horas e das 13,30 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições (Aprovisionamento) do Hospital de Curry Cabral, em 12 de Março de 1990.

O ADMINISTRADOR DELEGADO
Carlos da Costa Nicolau

Liga dos Clubes: a união dos anjos

A Liga dos Clubes voltou a congregar os seus membros e o «cachimbo da paz» foi fumado por todos os presentes, tudo indicando «*que estão reunidas as condições para a clarificação sobre as posturas que os clubes devem optar dentro e fora da Liga*«. Este foi o entendimento do dr. Guilerme Aguiar, dirigente do FC Porto, e nem o facto de o presidente do executivo vimaranense (Pimenta Machado) se ter retirado da sala, quando foi apresentado o «pacto de não agressão» (o visado diria seguidamente que saíra apenas porque havia muito fumo na sala) alterou os objectivos em agenda. No final da sessão foi emitido o seguinte comunicado:

«1 — A Assembleia Geral tomou conhecimento de um telex dirigido à direcção da Liga Nacional de Clubes pela direcção da Federação Portuguesa de Futebol, através do qual esta informa que realizará no próximo dia 23 do corrente uma reunião com todas as Associações de Futebol para apreciação da exposição de sequência da Assembleia Geral anterior, que lhe foi enviada pela direcção da Liga e da qual se afirmava a disposição de assumir o papel de liderança do futebol profissional no quadro federativo e de acordo com a Lei de Bases do Sistema Desportivo.

2 — A Assembleia Geral deliberou que nesta reunião das Associações de Futebol e a FPF assumam de forma clara e inequívoca o seu acordo, a reclamação pública da Liga, de esta assumir as funções próprias de organismo encarregado do desporto profissional no seio da FPF.

3 — A Liga pretende que logo após a reunião entre Associações e FPF, a direcção desta designe um dia para um encontro com a direcção da Liga a fim de imediatamente se estudar e concretizar as medidas necessárias para o cumprimento de tais objectivos.

4 — A Assembleia congratulou-se com a informação comunicada pelo sr. secretário de Estado da Administração Interna de que o problema do policiamento iria ter uma resolução breve.»

Vitória de Setúbal: elenco reconduzido

O actual presidente da direcção do Vitória de Setúbal, Fernando de Oliveira, foi reeleito para o mandato de 1990/1991, no decorrer do acto eleitoral em que estiveram presentes 318 associados dos 22 mil que o clube sadino tem.

A lista apresentada a sufrágio somente difere da anterior em dois nomes, tendo entrado para tesoureiro Bernardino Primo, e para director António Portela Sousa Castro.

Além de Fernando de Oliveira (presidente), o Vitória de Setúbal tem como vice-presidentes Rogério Vaz Carvalho, José Luís Cunha Silva, Josué Monteiro, Fernando Sobral Albino e Rui Bento Salas, que continua com a chefia do departamento de futebol.

O presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Mata Cáceres, mantém-se como presidente da assembleia geral, sendo vice-presidente o deputado do PSD Fernando Cardoso Ferreira e Henrique Soudo é o presidente do conselho fiscal.

Sporting em assembleia

Cintra venceu em toda a linha

Muita gente na assembleia leonina

A assembleia geral do Sporting, aprovou por maioria, e com apenas cinco votos contra e 12 abstenções, um orçamento de 2,1 milhões de contos, com vista à gestão do clube no corrente ano. A assembleia geral, que contou com a presença de mais de 1100 associados, representando 6600 votos, aprovou ainda um orçamento extraordinário de 846 mil contops.

O orçamento corrente do clube prevê um total de recebimentos de 1 599 212 contos, sendo o total de aplicações da ordem dos 21 082 546 contos, o que corresponde a um défice de tesouraria de 483 334 contos. Para compensar este défice a direcção «leonina» elaborou um orçamento financeiro extraordinário que prevê receitas de 846 mil contos e a aplicação de 356 mil contos, o que corresponde a uma diferença positiva de 490 mil contos.

Da síntese dos dois orçamentos, o Sporting totaliza um saldo positivo de tesouraria da ordem dos 6666 contos na gerência de 1990. No entanto, o clube prevê, para realizar os 846 mil contos, previstos no orçamento extraordinário, a cedência de jogadores e alienação de património.

Entre os pressupostos apresentados para a justificação dos orçamentos, Correia Leal, vice-presidente para a área financeira baseou-se nas receitas e custos verificados em 1989, e ainda em encargos financeiros da ordem dos 218 mil contos, inerentes a responsabilidades perante o sector público estatal, sistema bancário e credores vários.

Durante o seu discurso de apresentação do orçamento, Correia Leal, informou que o Sporting espera receber do Estado 96 mil contos, que deverão ser utilizados em obras de recuperação do Estádio José Alvalade.

O vice-presidente para a área financeira, salientou ainda que o plano financeiro perspectiva a consolidação de passivo ultimamente acumulado, na ordem dos 1200 milhões de contos, e que se prevê seja reembolsável em cinco anos.

O primeiro ponto da assembleia geral constava da discussão e votação do relatório e contas relativo ao exercício de 1987/88, do ex-presidente Amado de Freitas. O relatório e contas foi aprovado por maioria, sem votos contra e cinco abstenções.

No final da assembleia Amado de Freitas, afirmou: *Tratou-se de uma resposta clara a insinuações torpes que visavam a nossa dignidade. A aprovação do relatório e contas sem votos contra representa o reconhecimento ao esforço e dedicação da direcção que presidi.*

Por seu turno, o ponto três do plenário, que constava da análise e decisão da questão relativa ao contrato-promessa de compra e venda do lote da Cipriano Dourado, acto da gerência do ex-presidente Jorge Gonçalves foi considerado «ruinoso» pelo actual líder leonino, Sousa Cintra e a assembleia geral aprovou, por maioria (com oito votos contra e oito abstenções) uma proposta da direcção para que esta fosse autorizada a renegociar o contrato.

A polémica sobre os terrenos da Rua Cipriano Dourado remonta à gerência de Jorge Gonçalves, que celebrou com a empresa Sopimar, por intermédio de Mateus Marques, um contrato-promessa de compra e venda, firmado em 235 mil contos. Desde logo, alguns sectores do clube «leonino» contestaram o contrato, considerando que o valor real do lote era bastante superior ao que havia sido negociado.

A decisão do plenário sportinguista baseou-se no facto de o referido contrato não ter validade, pois foi celebrado sem receber voto favorável do conselho fiscal e disciplinar e pela anterior direcção não estar autorizada pela assembleia geral a firmar o acordo.

à decisão agora tomada, que torna o Sporting credor de Mateus Marques, a direcção do clube fica autorizada a renegociar o contrato, com a Sopimar ou com outra qualquer firma ou associado interessado, por uma verba superior a 700 mil contos (valor previsto pelo conselho fiscal para o custo real do terreno).

Outro dos temas quentes da assembleia constava da análise e decisão sobre a situação dos lotes B3 e B4, designadamente a autorização de celebração de contratos de venda ou de associação em participação. Novamente por maioria com um voto contra e sete abstenções, foi aprovada uma proposta da direcção que lhe permite negociar com as firmas interessadas o desbloqueamento da hipoteca sobre o terreno que totaliza actualmente mais de 209 mil contos ao Crédito Predial Português, e a autorização da construção do prolongamento da banda de prédios da chamada Aldeia Olímpica.

Por último, o ponto cinco em discussão, que previa a autorização para a participação do Sporting no capital de sociedades comerciais, foi aprovado por maioria, com nenhum voto contra e nove abstenções.

Sousa Cintra aproveitou para frisar que esta autorização da assembleia Geral prevê a formação de uma agência de viagens do Sporting, *e não para a alienação do património.*

Violência em palco romano

Dezasseis pessoas ficaram feridas e seis adeptos foram detidos, na sequência de confrontos violentos com a Polícia no decorrer do encontro Lazio - Roma para o campeonato italiano de futebol.

Um porta-voz da Polícia italiana informou que a maioria das detenções tiveram lugar antes do final da primeira parte do jogo, quando efectivos policiais tiveram de intervir nas bancadas do estádio.

A intervenção das forças policiais ficou a dever-se a actos violentos dos adeptos do Lazio, que arremessaram pequenas bombas incendiárias e vários objectos contra os agentes que patrulhavam a pista do estádio.

No final dos confrontos, 11 polícias necessitaram de assistência hospitalar, tendo dois responsáveis do estádio e três adeptos sofrido ferimentos.

Quando faltavam poucos minutos para o fim do jogo, adeptos do Lazio e do Roma envolveram-se em agressões, moedas e objectos contundentes, tendo os tumultos prosseguido após o termo do desafio, que terminou com a vitória do Roma, por 1-0.

Dniepr derrotado em Minsk

O Dniepr Dnepropetrovsk, adversário do Benfica nos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus, perdeu (fora) com o Dínamo de Minsk, por 2-0, na 3.ª jornada do campeonato soviético de futebol.

O Dniepr, que quarta-feira recebe o Benfica, após ter perdido por 1-0, no jogo da primeira mão, em Lisboa, ocupa agora o 3.º lugar da tabela, em igualdade pontual com os dois primeiros, mas com mais um jogo.

Itália

Resultados: Ascoli-Fiorentina, 2-1; Bari-Atalanta, 4-0; Cesena-Génova, 1-1; Cremonese-Lecce, 1-1; Verona-Bolonha, 3-2; Juventus-Udinese, 1-1; Lazio-Roma, 0-1; AC Milão-Inter Milão, 1-3; Sampdoria-Nápoles, 2-1.

Classificação: AC Milão, 42 pontos; Nápoles, 41; Sampdoria, Inter Milão e Juventus, 38; Roma, 34.

Espanha

Resultados: Tenerife-Real Sociedad, 2-2; Celta-Rayo Vallecano, 0-0; Logroñes-Barcelona, 1-2; Atlético de Madrid-Mallorca, 2-0; Sporting Gijon-Castellon, 0-0; Cadiz-Osasuna, 0-0; Málaga-Valladolid, 0-1; Sevilha-Saragoça, 4-0; Atlético de Bilbau-Real Madrid, 1-1.

Classificação: 1.º, Real Madrid, 49 pontos; 2.º, Barcelona, 40; 3.º, Atlético de Madrid, 40; 4.º, Valência, 40; 5.º, Sevilha, 36.

RFA

Resultados: Bayern Munique-Eintracht Frankfurt, 1-0; FC Nuremberga-FC Homburgo, 2-0; Bayer Uerdingen-Estugarda, 4-1; Borussia Dortmund-Karlsruhe, 2-0; Bayer Leverkussen-Hamburgo, 1-0; FC Kaiserslautern-VFL Bochum, 2-1; Fortuna Dusseldorf-Borussia Moenchengladbach, 0-1; Werder Bremen-FC Colónia, 4-0; FC St. Pauli-Waldhof Mannheim, 2-1.

Classificação Bayern Munique, 36 pontos, Eintracht Frankfurt, Bayer Leverkusen e FC Colóniua, 32; Estugarda, 29.

França

Resultados: Lyon-Brest, 4-0; Marselha-Toulon, 3-0; Metz-Montpellier, 1-0; Mulhouse-Caen, 0-0; Nantes-Lille, 1-0; Nice-Racing Paris, 2-0; Paris Saint-Germain-Cannes, 5-1; Toulouse-Sochaux, 0-0; Auxerre-Saint Etiènne, 2-1 (quinta-feira); Bordéus-Mónaco, 0-0.

Classificação: 1.º, Bordéus, 42 pontos; 2.º, Marselha, 41 (menos um jogo); 3.º, Mónaco, 35; 4.º, Sochaux, 33; 5.º, Lyon, 32.

Inglaterra

Resultados: Arsenal-Chelsea, 0-1; Charlton-Nottingham Forest, 1-1; Coventry-Shefield Wednesday, 1-4; Derby-Aston Villa, 0-1; Everton-Crystal Palace, 4-0; Luton-Manchester City, 1-1; Norwich-Millwall, 1-1; Queen's Park Rangers-Tottenham, 3-1; Wimbledon-Southampton, 3-3.

Classificação: 1.º, Aston Villa, 58 pontos; 2.º, Liverpool,53; 3.º, Arsenal, 47; 4.º, Chelsea, 46; 5.º, Nottingham Forest, 44.

BREVES

Andebol: Selecção partiu

Depois de cumprido um pequeno estágio, a selecção nacional de seniores, partiu ontem para França onde iniciará uma série de encontros visando a preparação para a sua presença na fase de qualificação europeia a realizar entre o dia 31 do corrente e oito de Abril na Finlândia. A equipa nacional portuguesa jogará hoje com o Racing de Estrasburgo, amanhã defrontará o Moulhouse e na quarta-feira, o Selerstai. Depois (na RFA) terá como opositores os germânicos do Wallau-Massensheim (dia 26), Leuters (27), e TV 08 Niedewursbach (28). Seguiram viagem os seguintes elementos: João Correia (vice-presidente da FPA), prof. Carlos Cruz (director técnico nacional), Mircela Costache (seleccionador nacional), prof. João Prudente (treinador), prof. Francisco Baptista (secretário), José Luís (fisioterapeuta), e os jogadores: Santa Bárbara, José Luzia, Carlos Resende, José Santos e Rui Manuel Ferreira (FC Porto); Miguel Fernandes, Armando Pires e Luís Gomes (Benfica); Carlos Ferreira, António Figueiredo e Manuel Pastor (Académico de Braga); Paulo Carneiro (Francisco de Holanda), Mário Macedo (Académica de Coimbra); Alberto Cabaço e António Leite (Sporting); Luís Galamba e Duarte (V. Setúbal).

José Pinto para a Europa

José Pinto, do Belenenses, venceu a prova dos 50 quilómetros dos VI Campeonatos de Portugal de Marcha Atlética, disputados em Viseu, ao gastar o tempo de 4:02.26 horas para percorrer a distância.

Com esta marca José Pinto alcançou os mínimos para os campeonatos da Europa de atletismo, que se realizam em Agosto, na cidade jugoslava de Split.

Na segunda posição ficou José Magalhães, do Alfenense, com 4:24.44 horas, enquanto a terceira posição coube a Bartolomeu Konde, do Loures, com 4:54.10.

Nos 10 quilómetros marcha, femininos, triunfou Isilda Gonçalves, do União do Montijo, com o tempo de 51.42 minutos, marca que ficou a apenas dois segundos do recorde nacional da distância.

Golfe em Vilamoura

Ricardo Oliveira e a espanhola Sonia Navarro venceram os campeonatos internacionais amadores de Portugal em golfe, realizado ao longo da semana no novo campo de Vilamoura.

Na final masculina, Ricardo Oliveira, do Lisbon Sports Club de Belas venceu o inglês John Surtees, por 6-4, concluindo o torneio no 32.º buraco da final, que durou cerca de oito horas.

Na final feminina, o triunfo pertenceu à espanhola Sonia Navarro, que bateu a italiana Isabella Calogero terminando no 33.º buraco. Sonia, de 18 anos, amadora de Valência, era a favorita ao triunfo deste início.

A Taça Consolação, destinada aos jogadores eliminados na fase de «match-play» dos campeonatos, foi para o belga Amaury D'Ogimont, que derrotou na final o seu compatriota Christian Naeghel por 2-1, enquanto na final feminina o triunfo pertenceu à holandesa Nan Holst, que derrotou a inglesa Joanna Gillings.

Nestes torneios internacionais destacou-se a excelente participação dos jovens portugueses, especialmente de Filipe Salazar de Sousa e António Castelo, vencedores do Torneio das Nações, António Sobrinho (que atingiu os quartos de final) e Ricardo Oliveira, vencedor do «internacional» de Portugal, segunda prova do calendário de 1990 da Associação Europeia de Golfe (EGA).

Voleibol: Sporting cede

Ao ser derrotado, em Alvalade, pela Académica de Espinho, o Sporting terá ficado arredado da corrida para o título nacional, enquanto o Benfica e o Leixões cumpriram a sua «obrigação» ao vencerem, respectivamente, a Grundig e o Sp. de Espinho. Resultados: Sporting, 1-AA Espinho, 3; Leixões, 3-Sp. Espinho, 2 e Benfica, 3-Grundig, 0. Na liderança estão o Benfica e a Ac. Espinho com 25 pontos, seguindo-se Leixões (24), Sporting (23), Grundig (20) e Sp. Espinho (18).

Hóquei em campo

Disputaram-se os encontros correspondentes à 3.ª e 4.ª jornada do campeonato nacional, tendo-se verificado os seguintes resultados: 3.ª jornada: Ramaldense, 1-F. Benfica, 0; Benfica, 1-Canelas, 0; Belenenses, 2-Lousada, 2 e U. Lamas, 0-Viso, 0. Para a 4.ª jornada: Benfica-Lousada; Belenenses-Canelas; U. Lamas-Ramaldense e Viso-F. Benfica.

Basquetebol

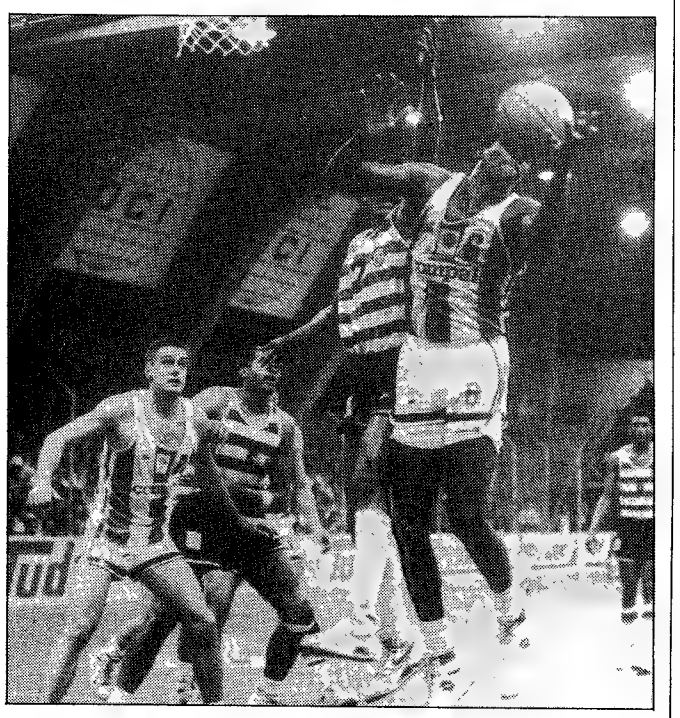
«Leões» saltam a barreira

Embora pela margem tangencial (77-76), o Sporting averbou excelente triunfo frente ao Barreirense, permitindo-lhe a quase certeza de acesso ao «play off», enquanto o clube do Barreiro se vê forçado a entrar no grupo das equipas que irão discutir a continuidade na Primeira Divisão. Nos demais confrontos confrontos não houve surpresas e o Benfica continua em posição de destaque para a corrida para o título mais cobiçado.

Resultados: Sporting, 77-Barreirense, 76; Beira Mar, 83-Imortal, 90; Ginásio Figueirense, 94-Esgueira, 95; Ovarense, 107-Guifões, 85; Estrelas da Avenida, 72-Benfica, 81; FC Porto, 95-Illiabum, 82.

A classificação é a seguinte:

	J	V	D	P
BENFICA	20	19	1	39
FC Porto	20	14	6	35
Beira Mar	20	12	8	32
E. Avenida	20	12	8	32
Ovarense	20	11	9	31
Sporting	20	10	10	30
Esgueira	20	10	10	30
Imortal	20	10	10	30
Illiabum	20	8	12	28
Barreirense	20	7	13	27
G. Figueirense	20	4	16	24
Guifões	20	3	17	23



Ciclismo: GP «Correio da Manhã»

Pedro Silva foi o mais veloz

Pedro Silva, da Recer/Boavista, foi o vencedor do Grande Prémio «Correio da Manhã» em ciclismo ao ganhar a quarta e última etapa da prova, entre Caldas da Rainha e Lisboa, na distância de 149 quilómetros.

Afectado por um furo ao quilómetro 56, Pedro Silva recuperou bem e venceu a etapa ao «sprint», em 3.44,58 horas, seguido do seu mais directo adversário, paulo Pinto, da Avibom/Valouro/Lousa, com o mesmo tempo. O ciclista do Boavista concluiu a prova com o tempo total de 15.07,48 horas, menos nove segundos do que Paulo Pinto.

Fernando Valente, da Ruquita/Feirense, foi terceiro na última etapa, seguido de Carlos Marta, da Orima/Cantanhede, ambos com o mesmo tempo de Pedro Silva, que além de vencer a prova, foi primeiro na classificação geral por pontos e nas metas volantes.

José Santiago, também da Recer/Boavista, foi primeiro no Prémio da Montanha, e Paulo Ferreira, da Tensai/Sontec/Etiel/S. Marta venceu o Prémio Juventude. A Orima/Cantanhede venceu a classificação geral por equipas, com 136 pontos.

Classificação geral: 1.º Paulo Silva, Recer/Boavista 15.07,48 minutos; 2.º Pedro Pinto, Avibom/Valouro/Lousa 15.07,57; 3.º Carlos Marta, Orima/Cantanhede 15.08,17; 4.º Fernando Valente, Ruquita/Feirense 15.08,20; 5.º José Dias, Alguerra Componauto/Ara. 15.08,21; 6.º Paulo Ferreira, Tensai/Sontec/Etiel/S.M. 15.08,23; 7.º José Santiago, Recer/Boavista m.t.; 8.º Marco Chagas, Orima/Cantanhede 15.08,28; 9.º José Rodrigues, Alguerra Componauto/Ara. m.t.; 10.º Jorge Henriques, Alguerra Componauto/Ara. 15.08,29.

Geral por equipas: 1.ª Orima/Cantanhede 136 pontos; 2.ª Landimar/Salgueiros 144; 3.ª Ruquita/Feirense 159; 4.ª Recer/Boavista 190; 5.ª Avibom/Valouro/Lousa 191.

Geral por pontos: 1.º Pedro Silva, Recer/Boavista 44 pontos; 2.º Paulo Pinto, Avibom/Valouro/Lousa 35; 3.º Carlos Marta, Orima/Cantanhede 21.

Prémio da Montanha: 1.º José Santiago, Recer/Boavista 21 pontos; 2.º Paulo Pinto, Avibom/Valouro/Lousa 13; 3.º Vítor Gamito, Troiamarisco/Mar e Sol 10.

Juventude: 1.º Paulo Ferreira, Tensai/Sontec/Etiel/S. Marta; 2.º Jorge Henrique, Alguerra/Componauto/Aramolce; 3.º Alexandre Rodrigues, Troiamarisco/Mar e Sol.

Metas volantes: 1.º Pedro Silva, Recer/Boavista 12 pontos; 2.º Paulo Pinto, Avibom/Valouro/Lousa 12; 3.º José Dias, Alguerra/Componauto/Ara. 11.

Hóquei em patins

Porto, Benfica e Óquei de Barcelos continuam na «integração europeia»

Com toda a naturalidade o FC Porto (ainda que através do desempate pela marcação de grandes penalidades), Benfica e Óquei de Barcelos, superaram os seus opositores na primeira eliminatória das competições europeias, passando à fase seguinte e aos quais se juntará o Paço de Arcos (nosso representante na Taça das Taças). Pelo caminho ficou a turma de Oliveira de Azeméis que, depois de anular a diferença de quatro golos trazida de Italia, baqueou na marcação de grandes penalidades não transformando nenhuma das cinco regulamentares enquanto o Seregno teve um remate certeiro.

Os resultados: FC Porto, 3-Monza, 2 (6-2 após as g.p.), Cronenberg, 3-Benfica, 11; Barcelos, 28-Nantes, 0 e Oliveirense, 7-Seregno, 3 (7-4 após as grandes penalidades).

Perante estes resultados o FC Porto segue na Taça dos Campeões e o Benfica e o Óquei de Barcelos não arredaram pé da Taça CERS, e já se sabe que o clube da Luz terá como próximo adversário o Réus, e o FC Porto jogará com o Walgum, da RFA.

Destes encontros fica o nome e os marcadores:

FC PORTO: Franquelim; Realista, Alves (1), Vítor Hugo, Tó Neves (1), Diego (2), Vítor Bruno (2) e Rui Félix.

BENFICA: Rui Fernandes; Vítor Fortunato (2), Paulo Almeida (2), Luís Ferreira (3), Carlos Garção (1), Rui Lopes (1), Jorge Conceição (2), João Carlos e Paulo Zeferino.

BARCELOS: Domingos Guimarães; Alfredo (1), Paulo Jorge (6), Serginho (9), Pedro Alves (4), Domingos Carvalho (1), Pedro Mendes (5), Carlos Gil (1) e Zé Querido (1).

OLIVEIRENSE: Armando; Mário Rui (1), Rui Baptista (3), Zeca, Licínio (1), Gentil (1), Vargas (1) e Rui Pinto.

Campeonato nacional

Entretanto, completou-se a 18.ª jornada do campeonato inerno com a curiosidade da Sanjoanense ter averbado contundente vitória (16-6), perante o Sp. de Tomar e os demais visitados terem vencido. Resultados: Paço de Arcos, 7-Valongo, 2; Académica, 5-Parede, 1; Grundig, 6-Quimigal, 1; Sanjoanense, 16-Sp. Tomar, 6 e Oliveirense, 6-Turquel, 3. Concluída mais esta ronda, a classificação está assim esquematizada:

	J	V	E	D	P
BARCELOS.....	18	16	1	1	51
FC Porto	18	16	0	2	50
Benfica	18	15	1	2	49
Sporting	18	11	2	5	42
Sanjoanense	18	11	0	7	40
P. Arcos	18	9	2	7	38
Oliveirense	18	8	3	7	37
Turquel	17	8	1	8	34
Académica	18	6	2	10	32

TRIBUNAL DE CÍRCULO DE PORTIMÃO

ANÚNCIO

O Doutor Juiz de Direito do Tribunal de Círculo de Portimão — FAZ SABER que nos autos de Acção Ordinária 807/89, pendentes na Secretaria deste Tribunal, que a autora, MARIA ANTONIETA NEVES DOS REIS, residente na Av.ª S. João de Deus, 40-1.º Dt.º em Portimão, faz mover contra os réus MARIA NINAZ BEGAM AHAMADE POPAT, solteira, AHAMADE ALI e mulher MALEQUE SULTANA, todos com última residência conhecida nos Apartamentos Velamar — Forte de S. João — Albufeira, SADRUDIN ALIBHAI SANGY e MUNIRA SADRUDIN ALIBHAI, ambos com última residência conhecida na Rua José Buissel, 69 em Portimão, todos actualmente em parte incerta, são estes réus citados para contestar o pedido, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de SESSENTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, pedido esse que consiste em serem os ora citandos condenados a pagar à autora a quantia de 6 275 373$00 (seis milhões, duzentos e setenta e cinco mil, trezentos e setenta e três escudos) e ainda os juros legais vincendos após a citação, a liquidar em execução de sentença, com a cominação de, não contestando, se virem a considerar confessados os factos articulados pela autora.

Os duplicados da petição inicial encontram-se na Secretaria deste Tribunal à disposição dos citandos.

Portimão, 13 de Março de 1990

O Juiz de Direito,

(Álvaro da Cunha Gomes Rodrigues)

A escrivã-adj. int.ª,

(Maria dos Reis Matos)

«DL» 1.ª Pub — 19/3/90

I Série N.º 65
Dia 19 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para o ano de 1989 no montante de 2 722 987 contos.

Ministérios das Finanças e da Educação

Portaria n.º 196/90:
Cria um lugar de técnico superior principal no quadro único dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 93/90:
Revê o regime jurídico da Reserva Ecológica Nacional (REN), estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 321/83, de 5 de Julho.
Portaria n.º 197/90:
Cria as Comissões Coordenadoras de Investigação de Ciências Exactas e Naturais e Ciências Naturais e Ciências Sociais e Humanas da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Despacho Normativo n.º 23/90:
Revoga o Despacho Normativo n.º 102/83, de 30 de Abril.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 198/90:
Aplica aos concursos de habilitação e de provimento abertos na área dos cuidados de saúde primários os regulamentos aprovados pelas Portarias n.ºs 231/86, de 21 de Maio, e 211/88, de 4 de Abril. Revoga a Portaria n.º 502/86, de 8 de Setembro.
Portaria n.º 199/90:
Nomeia a composição do júri dos concursos de assistente hospitalar da carreira médica hospitalar dos Hospitais Civis de Lisboa.
Portaria n.º 200/90:
Cria a época de Julho para a realização de exame final dos médicos do internato complementar.

Região Autónoma dos Açores
Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 10/90/A:
Aprova a Lei Orgânica da Secretaria Regional da Administração Interna.

I Série N.º 64
Dia 17 de Março

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 10/90:
Lei de Bases do Sistema de Transportes Terrestres.
Rectificação:
À Lei n.º 1/90, de 13 de Janeiro (Lei de Bases do Sistema Desportivo), publicada no *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 11, de 13 de Janeiro de 1990.

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 7/90:
Prorroga o prazo para a elaboração do relatório a apresentar pela Comissão de Reestruturação do Instituto Geográfico e Cadastral. Altera a Resolução do Conselho de Ministros n.º 40/89, de 14 de Novembro.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 91/90:
Confere ao Banco de Portugal competência para estabelecer as normas de contabilidade aplicáveis às instituições sujeitas à sua supervisão.
Portaria n.º 192/90:
Aprova os anexos C e C-1 à declaração de rendimentos modelo n.º 2 do IRS.

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 193/90:
Actualiza a tabela das remunerações base e diuturnidades dos trabalhadores das administrações e juntas autónomas dos portos.
Portaria n.º 194/90:
Actualiza a tabela de remuneração dos cargos de direcção e chefia das administrações e juntas autónomas dos portos.

Ministérios do Planeamento e da Administração do Território e da Indústria e Energia

Despacho Normativo n.º 22/90:
Altera os n.ºs 1 e 2 do artigo 7.º, o n.º 2 do artigo 8.º e o n.º 1 do artigo 11.º do Regulamento aprovado pelo Despacho Normativo n.º 83/89.

Ministério da Justiça

Decreto-Lei n.º 92/90:
Regulamenta a carreira de conservador e notário e a carreira de escriturário dos registos e do notariado.

Ministérios da Educação e da Saúde

Portaria n.º 195/90:
Regulamenta o curso de bacharelato em Enfermagem, a que se refere o Decreto-Lei n.º 480/88, de 23 de Dezembro.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado por nuvens altas e vento fraco ou moderado de Sueste.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequerna vaga a cavado com ondulação Sueste de 3 a 4 metros na Costa Sul.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu muito nublado e vento moderado de Nordeste, rodando para Sudoeste fraco a moderado durante a manhã. Períodos de chuva fraca durante a manhã.

Grupos Central e Oriental: -Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Nordeste. Aguaceiros especialmente no Grupo Oriental.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros. Norte de 3 metros.

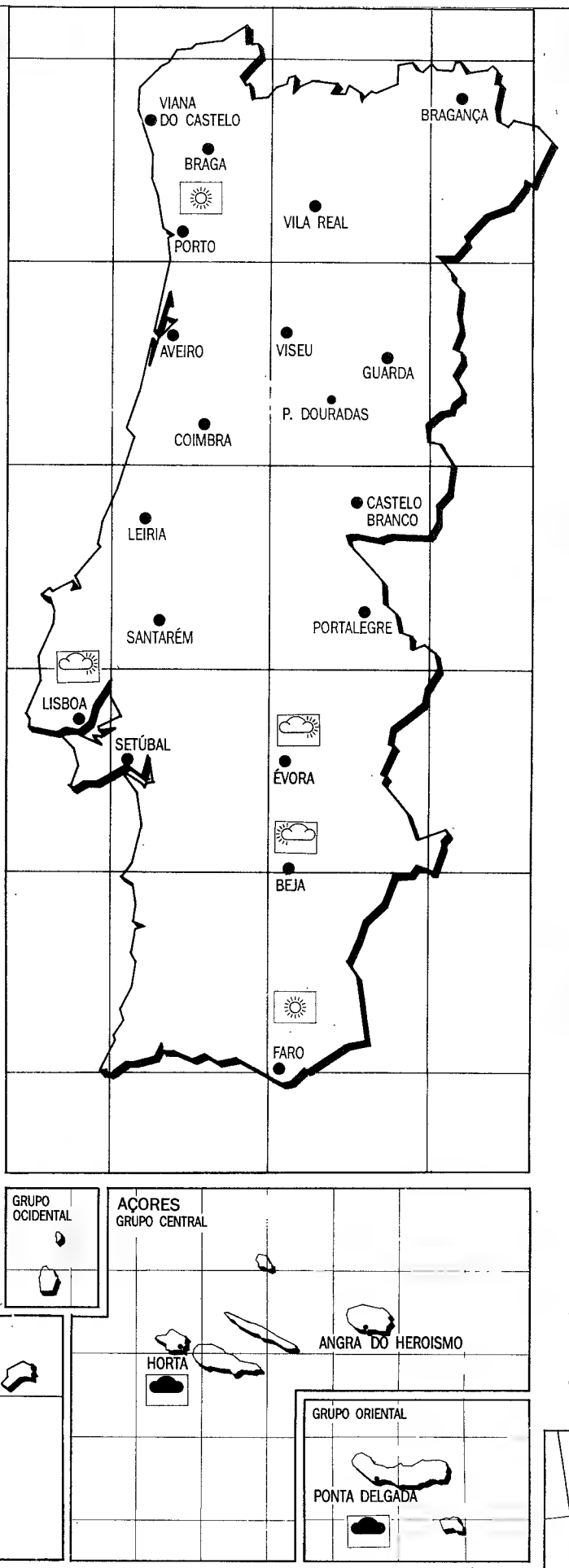
MADEIRA

Céu muito nublado e vento geralmente fraco de Sul. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas

Amanhã
No Continente:
Céu pouco ou limpo. Vento geralmente fraco nas regiões do Norte e Centro e moderado de Sueste nas regiões do Sul.

Depois
No continente:
Céu pouco nublado. Vento geralmente fraco nas regiões do Norte e Centro e moderado de Leste nas regiões do Sul.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.39	2,7m	01.0	41,5m
20.17	2,7m	13.27	1,7m

Amanhã

09.19	2,6m	02.26	1,7m
22.03	2,7m	15.03	1,8m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	6	7	M. nub.
V. Castelo	9	9	Neblina
Vila Real	9	10	P. nub.
Porto	11	13	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	16	17	P. nub.
C. Carvoeiro	14	14	Limpo
C. Branco	10	10	P. nub.
Portalegre	14	15	M. nub.
Lisboa	13	13	Neblina
Évora	11	12	Limpo
Beja	10	10	P. nub.
Sines	11	12	P. nub.
Faro	14	14	P. nub.
Sagres	15	15	Limpo
P. Delgada	11	13	M. nub.
Horta	10	11	M. nub.
Funchal	18	21	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 22; Faro, 20; P. Delgada, 14; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	4	4	Limpo
Londres	12	13	Buma
Paris	8	8	M. nub.
Bruxelas	1	2	Limpo
Amesterdão	10	12	Bruma
Genebra	3	4	Neblina
Roma	6	6	Nevoeiro
Oslo	6	7	Neblina
Copenhaga	4	5	Neblina
Estocolmo	8	8	Bruma
Berlim	7	7	Limpo
Viena	1	4	Bruma
Varsóvia	0	1	Limpo
Atenas	14	15	Limpo
Moscovo	2	4	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-5	4	Limpo
Houston	13	22	Aguaceiros
Los Angeles	11	23	Limpo
Montreal	-4	0	P. nub.
Nova Iorque	6	10	Chuva
S. Francisco	10	18	Limpo
Toronto	-4	1	Limpo
Vancover	4	11	Limpo
Washington	1	10	P. nub.
Hong Kong	16	20	M. nub.
Melbourne	11	28	Limpo
Pequim	3	14	Limpo
Perth	16	27	Encoberto
Singapura	26	32	Limpo
Sydney	15	25	Aguaceiros
Tóquio	6	15	Limpo
Wellington	7	17	Limpo

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 66-A, Tel. 882368; **Avenidas - Saldanha:** Império, Rua António Enes, 10, Tel. 548002; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 544000; **Baixa:** Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 124-126, Tel. 873875; **Benfica - Atrás do Califa:** Rebocho, Rua Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lote 221, Loja 133 - Zona 2 - Chelas, Tel. **8593720; Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso Baixo, 23-A, Tel. 381136; **Mercado do Chile:** Corvo, Rua Ângela Pinto, 32 B-C, Tel. 549756; **Radiodifusão - Ex. Em. Nacional:** S. Nunes Simões, Rua Quelhas, 1-3, Tel. 661275; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Arco Cego - Estefânia: Palma, Av. Duque D'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56 B-C, Tel. 895370; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua de Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388 - Cruz. com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha França - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16, Tel. 880703; **Rato - Marquês Pombal:** Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28-30, Tel. 520536; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Até às 22 h; **Oeiras:** Sacor. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, Rua 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conie Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. **Permanente; Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 980027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 229664. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Tel. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — BARRACAS DE LISBOA

UMA NÓDOA A EXTINGUIR

— segundo o novo presidente do Município

MILHARES DE ALEMÃES ORIENTAIS ACLAMARAM BRANDT E STOPH

O papel da iniciativa privada na expansão económica

Barracas de Lisboa - uma nódoa a extinguir

«O caso das barracas que, em grande medida, é consequência de um afluxo dos campos à cidade por causas estranhas ao Município e à política municipal, e que não cessará enquanto o desenvolvimento geral não fizer reencontrar o perdido equilíbrio demográfico do País, carece de uma acção mais abundante dos meios e mais energécia na determinação. Há que preparar os trabalhos preliminares...» (Palavras do eng. Santos e Castro, na sua primeira reunião da Câmara Municipal de Lisboa).

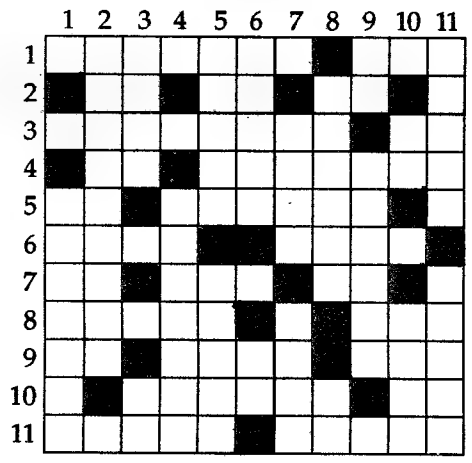
Alemães orientais aclamam Brandt e Stoph

Willy Brandt, chanceler da República Federal da Alemanha, avistou-se hoje com o primeiro-ministro da República Democrática Alemã, Will Stoph, na primeira sessão da conferência de alto nível entre os chefes de Governo das duas Alemanhas. Em Erfurt, local do encontro, milhares de alemães orientais, mantidos á distância, aclamaram os estadistas gritando «Willy, Willy» à chegada do chanceler da Alemanha Ocidental.

Carteiros em greve

Os carteiros americanos afirmaram a noite passada que desafiariam uma ordem judicial que os intima a acabarem com a primeira greve nos correios dos Estados Unidos, que suspendeu já todas as entregas de correspondência na área de Nova York.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17880

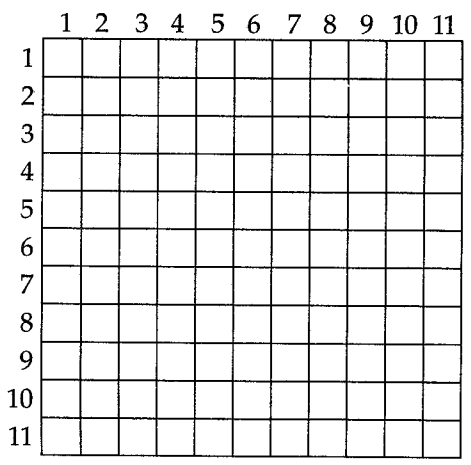
HORIZONTAIS:

1 - Separar. Ente.
2 - Isto é (abrev.). Caminhar. Preposição e artigo.
3 - Aguçadas. Nota musical.
4 - Ósmio (s.q.). Picaria com o bico.
5 - Frâncio (s.q.). Guardara segredo.
6 - Rancor. Remedeia.
7 - Escarnece. Iniciais de República Democrática Alemã. Sentidas condolências.
8 - Taberna. Ferro temperado.
9 - Artigo indefinido. Organização do Tratado do Atlântico Norte. (sigla). Rente.
10 - Adianta. Gálio (s.q.).
11 - Equipas. Tostas.

VERTICAIS:

1 - Artigo definido. Riqueza.
2 - Censuravam.
3 - Curso natural e abundante (pl.). Antes do meio-dia.
4 - Corcunda.
5 - Deusa da caça. Pões a data em.
6 - Astúcia. Prefixo de privação.
7 - Bolsa (inv.). Quadril.
8 - Guarneceras de asas. Carta de jogar.
9 - Solitário. Ganhar ranço.
10 - Tempo do verbo ser. Prefixo de negação (inv.). Invisual.
11 - Fronteiras. Nome de flores.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16690

HORIZONTAIS:

1 - Porto do Japão. Actínio (s.q.).
2 - Iguaria feita com massa de feijão especiarias e azeite de palma. Cavaleiro do exército alemão ou austríaco, armado de lança.
3 - Em a. Voejai. Sufixo que designa estado.
4 - Pronome relativo. Personagem mitológica.
5 - Cidade da República Federal da Alemanha. Interjeição brasileira. Moderato.
6 - O mesmo que ion. Estado da América do Norte, que faz parte da Comunidade Britânica.
7 - Nota musical. Cabelos brancos. Planta do pé.
8 - Ecoaram.
9 - Cidade do Egipto. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
10 - Naquele lugar. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros.
11 - Ilha do golfo Pérsico que comunica com o mar de Omana. Guarneço de asas.

VERTICAIS:

1 - Cidade da China. Cabo na costa de Marrocos.
2 - Arredondais.
3 - Gálio (s.q.). Almirante veneziano que se distinguiu na luta contra os piratas barbarescos. Descanso.
4 - Arara. Designação das plantas herbáceas.
5 - Matizariam com pintas.
6 - Duas vogais desiguais. Guarnecer de asas.
7 - Deus japonês, personificação da Compaixão e da Caridade Moderato.
8 - Refutavas.
9 - Domesticava.
10 - Tarado. Fúteis.
11 - O mesmo que alcorão. Meto em atoleiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 879

HORIZONTAIS: 1 - DE. NOITE. Fé. 2 - Aloiraras. 3 - Gas. Avá. Arc. 4 - Or. Jaó. 5 - Namíbia. 6 - Maré. Apã. 7 - Sirgo. Tar. 8 - Cara. Arrã. 9 - Dia. Atolado. 10 - Obra. Ocaso. 11 - Soares. Rosa.
VERTICAIS: 1 - Dágon. TODOS. 2 - Elaram. Ibo. 3 - OS. Mascara. 4 - Ni. Síria. Ar. 5 - Ora. Berra. 6 - Vai. GATOS. 7 - Trajano. Oc. 8 - Ea. Alar. 9 - SÃO. Atraso. 10 - PARDOS. Escamarão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 689

HORIZONTAIS: 1 - Paval. Salém. 2 - Afine. Amara. 3 - Saros. Perro. 4 - Gana. Alia. 5 - Sora. Acra. 6 - Fie. 7 - Mu. Marga. Ma. 8 - Arras. Assar. 9 - Tais. Sona. 10 - Aser. Ir. 11 - Assas. Asava.
VERTICAIS: 1 - Pás. Samatra. 2 - Afago. Ura. 3 - Virara. Rias. 4 - Anona. Massa. 5 - Lesa. Fãs. És. 6 - Sir. Pr. 7 - Sapa. Ega. 8 - Amela. Assis. 9 - Larica. Sora. 10 - Errar. Man. 11 - Mão. Aparava.

PROVÉRBIO: DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS.

EFEMÉRIDES

1796

•Em França, é estabelecida a liberdade de imprensa.

1969

•Tropas britânicas desembarcam, sem deparar com resistência, na ilha de Anguilla, Caraíbas, que se tinha revoltado.

1978

•Tropas israelitas tomam o controlo, quase na totalidade, do sul do Líbano.

1984

•Portugal é admitido como observador na conferência sobre desarmamento em Genebra.

•Um comunicado emitido após o encontro em Havana entre o presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, e o dirigente de Cuba, Fidel Castro, refere que os dois países concordam na retirada das tropas cubanas daquele país africano, desde que as forças sul-africanas retirem de Angola e da Namíbia, que se realizem eleições para a independência deste território e que cesse o auxílio de Pretória à UNITA.

1985

•O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, sofre complicações pós-operatórias.

1989

•Entre tensão e violência, decorrem eleições presidenciais em El Salvador, que dão a vitória a Alfredo Cristiani, 41 anos, candidato da Arena (direita).

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2
MISS DAISY
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
MISSÃO NO FUTURO
Filme de David Chung
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? — **PUB**
Em exibição — **SALA 4** — **Quarteto** — **M/16 anos**

MALTÊS?
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
FLORES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O ÚLTIMO DRAGÃO
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

«Shirley Valentine», com Pauline Collins

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ACADEMIA DE DEVASSAS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
O QUE É O VIBRADOR
Filme de Mark Donskoi, às 18.30 horas.
O MAIS PERIGOSO HOMEM VIVO
Filme de Allan Dvan, às 21.30 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
O CASAL ORLOV

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
ROCK DE FOGO
Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

.FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

«Querida eu Encolhi os Miúdos»

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
LIMPO E SÓBRIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
ROCK DE FOGO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4

CARTAZ

Telef. 326283
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
AMOR DE ALTO PREÇO
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ROCK DE FOGO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
PHOENIX - A GUERREIRA
Filme de Robert Hayes
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
ESCORPIÃO VERMELHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30

«Miss Daisy»

«O Bando das Quatro»

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
LIMPO E SÓBRIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
RIO DA MORTE
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
ROCK DE FOGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
PROFISSÃO DURO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
ROCK DE FOGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA
De Natália Correia, com encenação de João Mota, música de José Mário Branco e interpretação de todo o elenco da Comuna
Em cena até ao final do mês.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

JE *EST* UN AUTRE - Exaltação do*ego* numa exposição internacional de auto-retratos que, pelas características museológicas, coloca a actividade da galeria acima dos imediatos conceitos de mercado. Boyd Webb, Chuck Close, Cindy Sherman, Clegg & Guttman, John Coplans, Lucas Samaras, Jorge Molder e Thomas Ruff, encontram nos limites da fotografia o veículo da auto-representação. Numa segunda fase, a apresentar em Junho, no Museu de Arte Moderna (Casa de Serralves), Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos. Até dia 24)

FRANCISCO ROCHA - Instalação que, se ainda encontra na linguagem conceptual como dizer, afinal pouco diz. 15 pratos mais 15 pratos estabelecem o diálogo com um rodapé de três quadros a contraplacado legendados **natureza morta/paisagem/paisagem**. É a palavra a fazer figura. No chão, Francisco Rocha encaixota frases dos Diálogos de Platão, juntamente com a paisagem (?) fotografada. Quanto à mesa, construída a partir da indisponibilidade das cadeiras, e assente num xadrez monocromático (amarelo) muito à Leonel Moura, duvidamos que se sentasse Eugénio Cano. Não se comprende como é que o autor embala em excessos (folclóricos) depois do equilíbrio conseguido na parede.
Biblioteca Nacional - Campo Grande (10 às 18 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

MARTIN DISLER - Para a primeira incursão no circuito internacional da arte contemporânea, a opção pela obra gravada de um dos últimos "resistentes" da *bad painting*, permitirá compreender a

«A Pécora», em cena no Teatro da Comuna

CARTAZ

estratégia que a galeria defende. A litografia, em Martin Disler, é o veículo de um *transfer*: "Quando desenhei pela primeira vez uma pedra, como num espelho, surgiram-me os rostos dos que antes de mim tinham criado uma litografia sobre a mesma pedra. Depois de um período de trabalho como gravador, cada vez que regressava à pintura, sentia-me limpo, animado de um movimento novo".
Pedro e o Lobo - Rua do Salitre, 169 (15 às 20 horas, excepto domingos. Até 7 de Abril)

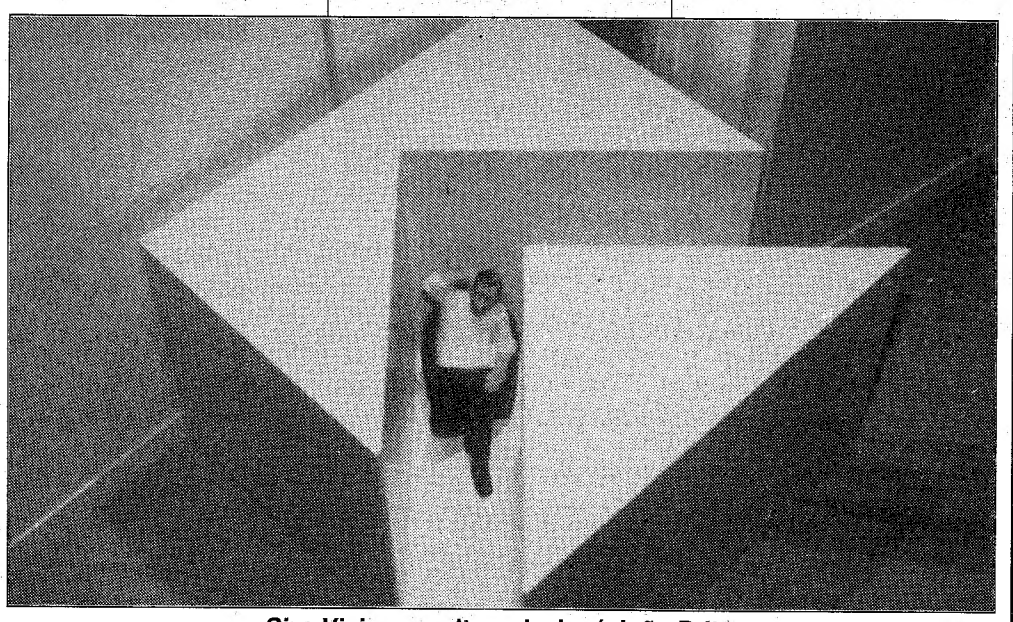
COLECTIVA - Devorada pelas chamas, os artistas que trabalham com a galeria, associaram-se à inauguração do espaço recuperado. José João Brito é um deles. Altamira - Rua Filipe Folque, 48 (10 às 19 horas, excepto domingos. Até 3 de Abril)

ARREDORES

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes. **Galeria Municipal de Arte** (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 30)
ESTORIL
HOMENAGEM A LUÍS DOURDIL - Exposição heterógenea de 70 artistas, apenas animados pela intenção. O volume de obras, face ao espaço expositor, transformam esta exposição numa montagem desordenada, salva apenas pela oportunidade de criar um espaço autónomo para mostrar Dourdil. Paradoxalmente, pelo número de visitantes que convoca, poderá ter a vantagem de os mesmos aproveitarem a deslocação, para verem a primeira exposição individual de Emília Morais. Essa sim, além de permitir uma melhor, e mais justa avaliação das propostas em trânsito, o confronto da própria artista com a autonomia conseguida, não deixará de se reflectir em outras desejáveis oportunidades. **Galeria do Casino Estoril/Espaço 2** (Todos os dias, entre as 15 e as 24 horas. Até dia 18)

OEIRAS
COLECTIVA - José Faria, Max Sachs, Manuel Peres, Stefan Oncken e Tom Bund, directores de agências de publicidade, expõem desenhos e pinturas. **Galeria Espiral** - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas, excepto domingos. Até dia 3 de Abril)

J.F.



***Siza Vieira*, escultura de José João Brito**

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no estádio; **20.15:** Musical; 20.30: O som dos negócios; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Uma obra de Charles-Marie Von Widor. I Sinfonia para órgão, n.º 5, em fá menor, op. 42 n.º 1, de Widor; **17.33:** Música de Câmara de Joseph Haydn; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 3 ciclos de canções de Schubert; **19.28:** Álbum Musical. Obras de Beethoven, Rossini, Wagner, Mozart, Verdi, Mussorgsky e Stravinsky; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto da Noite - o maestro Herbert Von Karajan. Obras de Joseph Haydn, Paganini e Anton Bruckner; **23.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **00.00:** Grandes Intérpretes - o flautista Jean-Pierre Rampal; **01.00:** A pianista Marta Argerich interpreta: Cenas Infantis, op. 15 e Kreisleriana, op. 16, de Robert Schumann; **01.54:** Maria Callas termina a noite interpretando «Casta Diva» da ópera «Norma» de Bellini; **02.00:** Música na Madrugada . Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00**: Contacto; **19.00**: Jornal; **19.30**: Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00**: Religiosos; **22.15**: Desporto; **23.00**: 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00**: Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00**: Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00**: Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

VOZ DO MINHO

16.00: Linha do Minho; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Hora Regional; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Noites do Minho.

SIESI
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Camarada,

De acordo com o Regulamento da Assembleia de Delegados (artigos 3.º, 4.º e 5.º) convoca-se a Assembleia a reunir em sessão plenária no próximo **dia 28 de Março** (quarta-feira), **às 14.30 horas,** na sede do Sindicato.

A Assembleia de Delegados reunir-se-á primeiro em **sessão ordinária,** para cumprimento do art.º 3.º do Regulamento, alínea a) e, extraordinariamente, a pedido da Direcção Central, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1. Apreciação, discussão e votação do Relatório de Actividade do Sindicato e Contas de 1989.
2. Contratação.
3. IV Congresso da União de Lisboa.

Lisboa, 19 de Março de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia de Delegados
(Manuel Garcia Correia)

C.A.S.B.A Centro de Apoio Social de Bom Sucesso e Arcena
Contribuinte N.º 500 879 117
Tel: Escritório 258 58 48
J. Infância 258 26 57

INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL
ALTO DA BOAVISTA
BOM SUCESSO
2615 ALVERCA
DO RIBATEJO
CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 31.º, número (2), Alínea (b) dos estatutos convoco a Assembleia Geral do C.A.S.B.A — Centro de Apoio Social do Bom Sucesso e Arcena, para reunir em Sessão Ordinária a realizar no dia 30 de Março pelas 20.00 horas, nas instalações do Jardim de Infância, no Alto da Boa Vista — Bom Sucesso, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Aprovação do Relatório e Contas de Gerência 1989.
2 — Informações.

Às 21.00 horas, do mesmo dia e no mesmo local, a Assembleia reunirá com qualquer número de sócios presentes.

Alverca, 13 de Março de 1990.
O Presidente
da Assembleia Geral
Paulo Jorge Casimiro
Ferraz Almeida

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

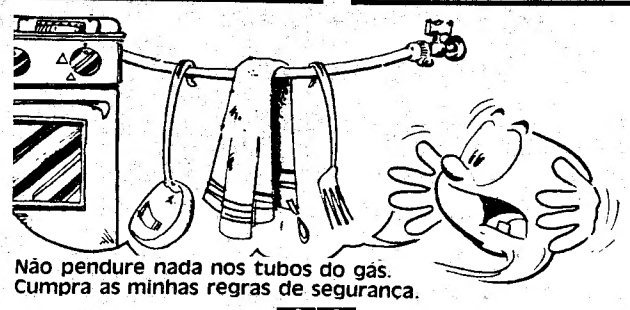
FAZ SABER que por esta Secção e Juízo correm termos uns autos de Acção Ordinária, registados com o n.º 5468, nos quais são Autor FERNANDO JOSÉ PEREIRA GALHARDO, residente na Rua Fialho de Almeida, n.º 17-4.º-Esquerdo, 1000 LISBOA e Réus INCERTOS, correndo éditos de trinta dias, após a data da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus, para no prazo de vinte dias, contestarem, querendo, a presente acção, na qual o Autor pede que a acção seja julgada procedente e provada, reconhecendo-se-lhe o direito de propriedade sobre o Jazigo com o n.º 1387, sito na Rua 27-D do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, como de tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria à disposição dos citandos.

Lisboa, 8 de Março de 1990

O Juiz de Direito,
Joaquim Manuel Cabral
e Pereira da Silva

A Escrivã Adjunta,
Maria Ondina Barbosa Pereira

«DL» 1.ª pub — 19/3/90



Não pendure nada nos tubos do gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

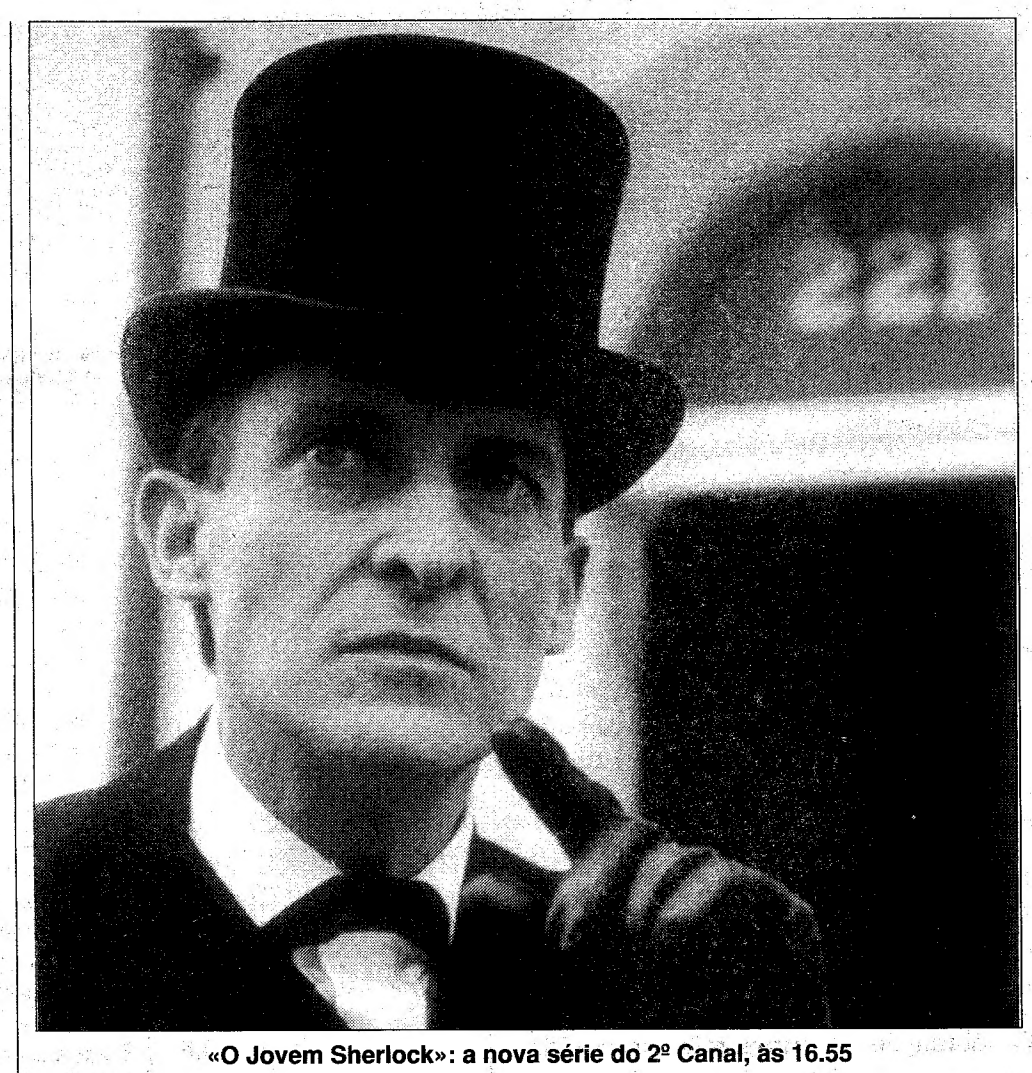
SNOOPY POR SCHULZ

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
128º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
96º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
72º episódio
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
9º programa: Gradívia não se espanta por a a filha lhe dizer que está à espera de um «jaquinzinho», fruto da sua ligação com Cachucho. Mas, Natascha é que fica pior que uma «pescadinha de rabo na boca» quando a mãe lhe confessa ter tido uma outra filha. Pasmada, a espia soviética não acredita no que ouve: a pupila que Gradívia diz ter é uma jovem anarquista que Celeste educou entre muitos «cafezinhos com leite», como se se tratasse do seu próprio rebento. Como irá Ivete Carina reagir ao saber que não é filha de Royal? Conseguirá celeste escapar das artimanhas da «mata hari» francesa? Entretanto, e como anacronismo atrai anacronismo, Lena d'Água sobe ao palco do Casino Royal para interpretar uma bela melodia dos anos 40.
23.05 - QUASE ADULTOS
9º episódio
23.55 - 24 HORAS

Rita Blanco e Victor de Sousa em «Casino Royal": 1º Canal às 21.40



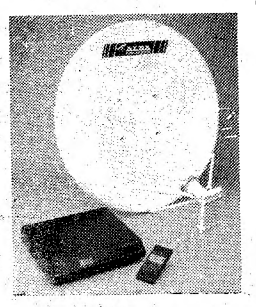
«O Jovem Sherlock»: a nova série do 2º Canal, às 16.55

00.25 - UM DIA
1º programa: Padre Vítor Melícias
00.30 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

16.55 - O JOVEM SHERLOCK
Concebida e escrita por Gerald Frow, a série inglesa «Young Sherlock» tem oito episódios e conta a história dos primeiros casos desvendados pelo famoso detective britânico Sherlock Holmes. Trata-se de uma reconstituição ficcionada do que poderá ter sido a juventude do investigador, a partir do diário que ele terá legado a Watson para ser aberto após a sua morte. O diário explica as razões que despertaram em Holmes o interesse pela morte dos criminosos e que o fizeram dedicar a sua vida à investigação policial. Guy Henry, June Barry, Tim Brierley, Heather Chasen e Eva Griffith são alguns dos intérpretes da série que a RTP-2 tarnsmite a partir de hoje.
17.25 - HISTÓRIA
DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
63º episódio
18.35 - O CASAMENTO DE FINALISTAS
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66»
20.30 - O ELOGIO DA LEITURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.35 - BAILADO
«Choreographer at Work» e «Sinfonic Variation and Facade»: a primeira parte do programa é preenchida com um documentário sobre o trabalho do coreógrafo McMiller. Na segunda parte, são exibidos os bailados «Variações Sinfónicas», com música de César Franck, e «Facade» com poemas de Edith Sitwell e música de William Walton. Duração: 100 minutos.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

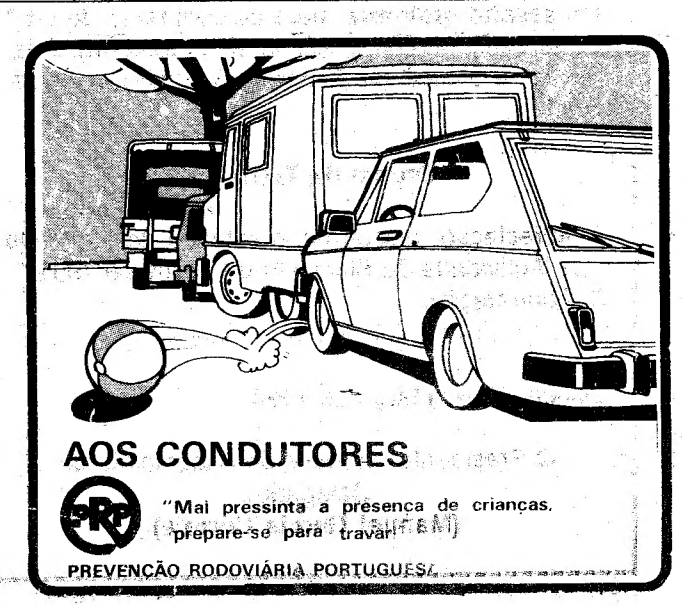
09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.00 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.10 - CRÓNICA DO CRIME
23.00 - 24 HORAS
23.30 - UM DIA
23.35 - REMATE
23.40 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.31 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HISTÓRIA
DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - MUSIC BOX
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - CINEMAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«O Último Domicílio Conhecido»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

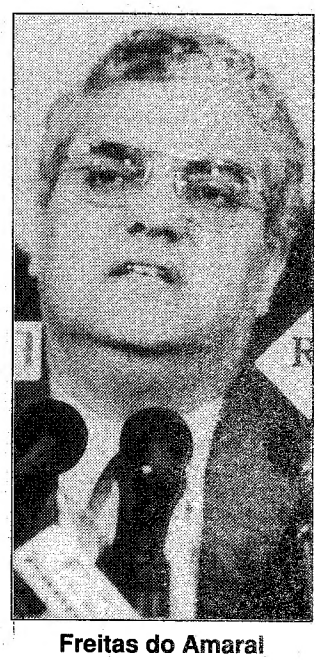
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



«O único político que tem obrigação moral de não apoiar a recandidatura de Mário Soares é Freitas do Amaral»

Paulo Portas, «O Independente», 16.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Freitas do Amaral presidente do CDS

Morais Cabral afirmou no Congresso do CDS que se a moção apresentada por Manuel Monteiro ganhasse, o problema financeiro do partido ficaria resolvido. Isso poderá significar que os empresários confiam mais nele do que em si?

«Isso significa que ele tem demasiada confiança em si próprio. Eu já lhe disse que, se essa disponibilidade existe realmente, ela deverá ser posta à disposição do partido pois não estamos perante dois partidos mas apenas um. Ele respondeu que pretendia encontrar-se comigo para discutirmos esse assunto. Aliás, se Manuel Monteiro tivesse ganho, eu também faria tudo para o ajudar a resolver o problema financeiro do CDS».

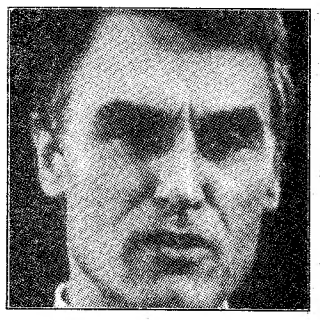
APLAUSOS A...

Luís Salgado de Matos, por se manter à frente do Instituto Português de Cinema, apesar de já ter sido «demitido» pelo «Expresso». Dando conta do «mau comportamento» do presidente do IPC, aquele semanário anunciou ainda que a notícia da demissão deveria ser comunicada a Salgado de Matos na passada quarta-feira. Que se saiba, tal não aconteceu, mas... acredite se ler no «Expresso»...

Margarida Prieto, por ser tão imenso. Em entrevista à última edição do «Tempo Revista», esta «mulher famosa da vida portuguesa» - como é descrita no texto - revela que é imensamente feliz, que faz imensas coisas, imenso regime, que se preocupa imenso com a estética, que as suas compatriotas têm imenso valor, que todas nós devemos olhar imenso para os espelhos. Realmente, não podia ser mais janota...

& PATEADAS A...

António Ramalho Eanes, por continuar a manter uma posição ambígua em relação ao PRD. Durante o almoço com Pedro Canavarro, na passada segunda-feira, o antigo Presidente da República admitiu colaborar na reflexão que antecederá a Convenção dos renovadores, mas reafirmou a sua intenção de se manter afastado da vida interna e da acção política do partido. Para quando uma posição clara e inequívoca?



Cavaco Silva, pela areia que atirou para os olhos dos portugueses ao anunciar que o Governo não levantará quaisquer obstáculos «se a Assembleia da República considerar justo e correcto atribuir à Igreja um dos novos canais de Televisão». Como se o Executivo tivesse que levantar obstáculos ao Parlamento! A menos que se estivesse a referir apenas ao Grupo Parlamentar do PSD. Só que, colocar a Igreja num «novo canal» não parece ser a ideia dos deputados social-democratas...

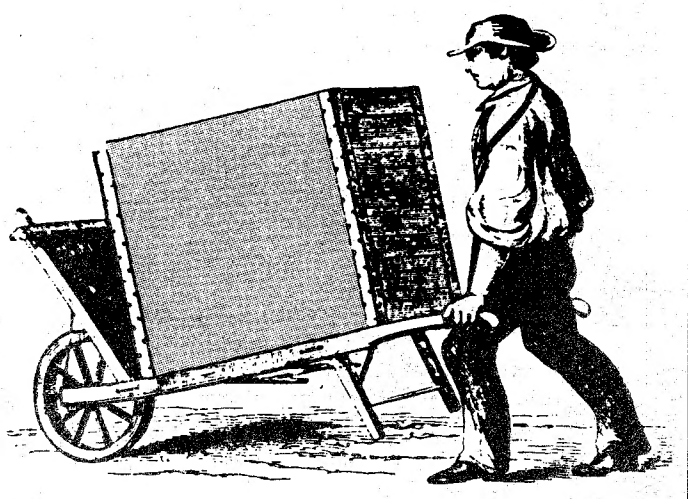
meteorologia

Um conto quase

Os acasos que nos habitam...

Na Rua da Escola Politécnica encontro um meu antigo aluno que soube acompanhar com gosto as aulas de Antropologia um tanto experimental, *Antrolopogia do Quotidiano* e *Antropologia do Artefacto*. Efusivo, saudoso do nosso trabalhar concreto, do campo, hoje na aviação, encanto de pessoa, generoso, oferece-me um embrulho, lembrança do Brasil, de onde há algumas horas chegara em serviço, prenda evidentemente pensada para outrem, mas que o encontro fez mudar de destinatário. E foi-se. O encontro privilegiado acabou. O seu sorriso voltará num outro dia, num outro ano, noutra circunstância, quem sabe, noutro planeta.

Não precisava de abrir o saco de plástico: Cheirava a magnífico café brasileiro, apesar



de ainda não moído. E nesse preciso momento encontro-a. Uma bela mulher, há pouco ainda numa importante missão pública, hoje livre do fardo. Levei algum tempo a perceber que prefiro os amigos *antes* e *depois* de terem os lugares importantes. Não quero amigos para as ocasiões... Feliz com a sua readquirida liberdade, com o beijo de despedida, o café brasileiro mudou de dono, dádiva da dádiva, distâncias encurtadas.

À noite vou aconselhar-me a casa do arquitecto com vista à hipotética futura Escola de Teatro; oferece-me à escolha, gin, wodka wyborowa, o uísque acabou, então chá ou café. Café. Cheira magnificamente.

– É brasileiro. Oferta de X, faço para ela um projecto e hoje veio ver-me ao «atelier». Ofereceu-o como primeiro sinal, sorri.

Bebo o mesmo café dos vários acasos.

Jorge Listopad

Terça-feira no DL

Diário de Lisboa

A independência da Namíbia em Grande Angular

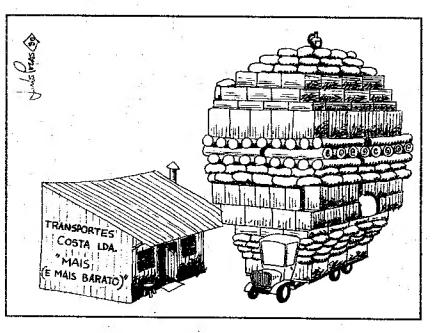
Litoral alentejano em riscos de algarvização

Crónica de Umberto Eco

Artigo de Luís de Sttau Monteiro

Transportes de mercadorias rodam em plena mudança

Modernização das frotas, cabotagem livre a começar em Julho no âmbito da CEE, as estradas (más) que Portugal tem e a concorrência desleal de empresas de vão-de-escada em análise



Leia amanhã no DL

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

A.M.A. Auto Monumental do Arcevo S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW AUDI
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75